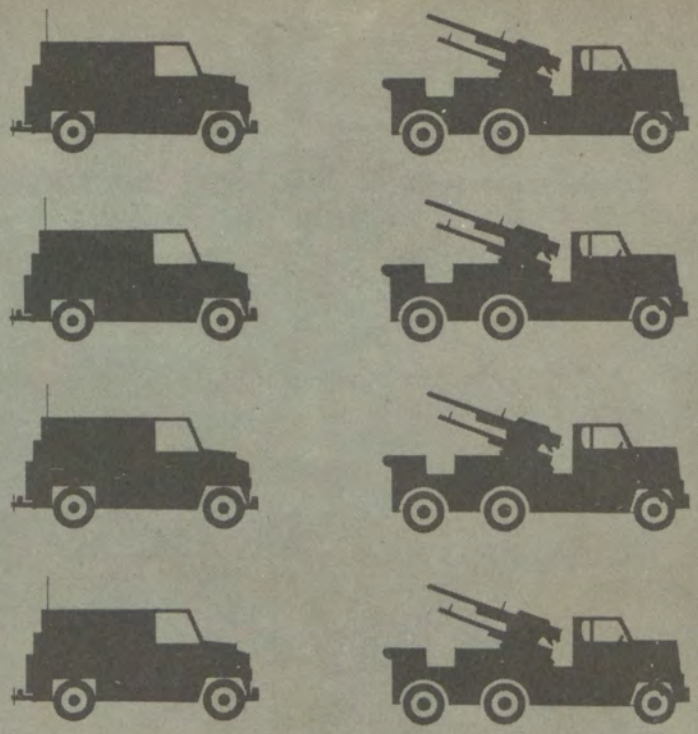
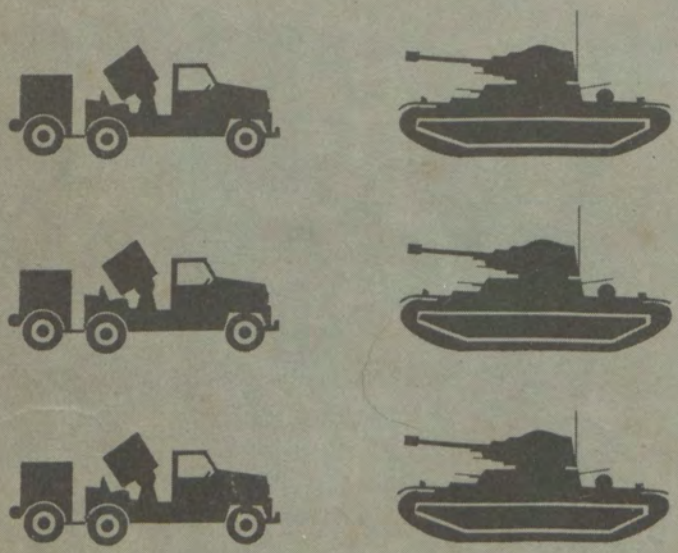
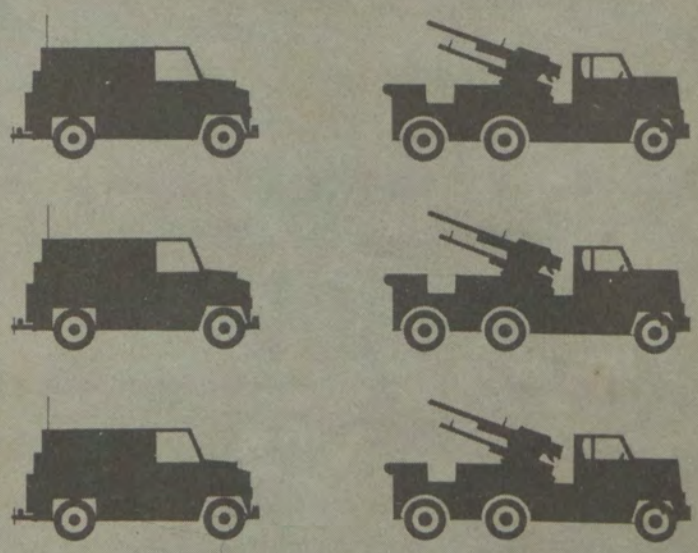
JANEIRO 1960 - 2 ESCUDOS

JORNAL DO EXÉRCITO

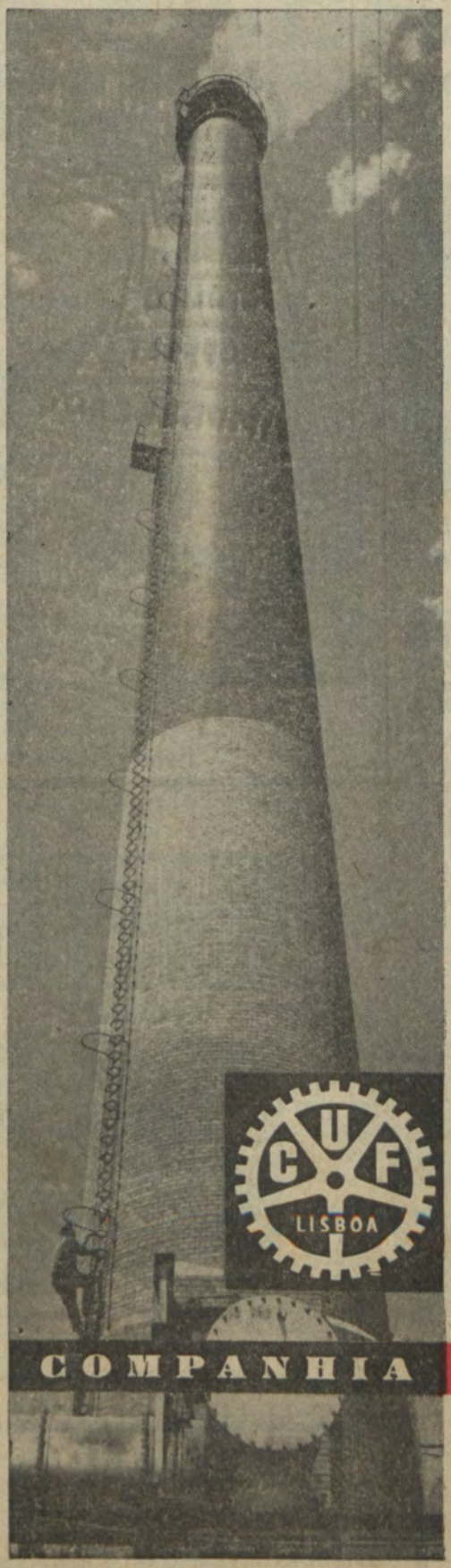






a SACOR empresa nacional garante o abastecimento do exército português em combustiveis e lubrificantes

AO SERVIÇO DAS FORÇAS ARMADAS DE PORTUGAL



INDÚSTRIA QUÍMICA

INDÚSTRIA TÊXTIL

METALURGIA DOS METAIS NÃO FERROSOS

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES NAVAIS

FUNDIÇÃO DE FERRO E AÇO

CONSTRUÇÕES METALO-MECÂNICAS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

RUA DO COMÉRCIO, 49 - TELEF. 30551 - LISBOA

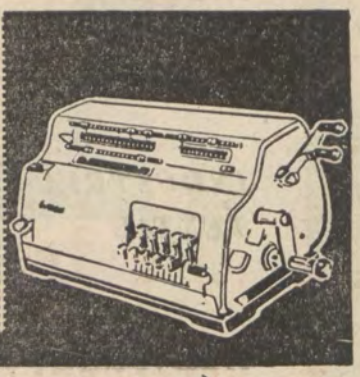
Everest

A CALCULADORA DE DE 10 TECLAS PARA TRABALHO INTENSO!

COM TRANSPORTE DE RESULTADOS

ACUMULADOR

APAGADOR NA ADIÇÃO



FUNCIONA SÒMENTE COM A MÃO DIREITA

REPRESENTANTES:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA

Av. Fontes Pereira de Melo, 45 – Tel. 59181-2-3 – LISBOA

VISTA ALEGRE

PORCELANAS

~

SE COMPRAR UM SERVIÇO V. A. COMPRA O QUE HÁ DE MELHOR EM LOUÇA.

PARA TODOS OS PREÇOS

~

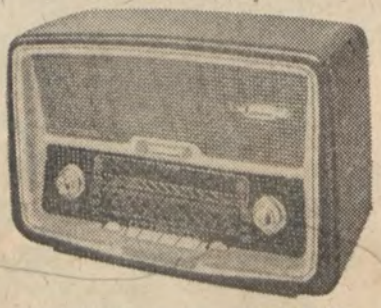
Rua Ivens, 19 LISBOA

Rua Cândido dos Reis, 18 PORTO

Avenida Navarro, 42 COIMBRA

SCHAUB LORENZ

GOLDY



UM DOS MAIS PERFEITOS APARELHOS DA ACTUALIDADE
COM 4 ONDAS E REGISTO DE SOM
PREÇO MUITO VANTAJOSO Esc. 2.590$00

LIVRARIA HÉLADA

Rua Rodrigo da Fonseca, 152 — LISBOA — Tel. 68 10 17

LIVROS DE ESTUDO ★ MATERIAL DIDÁCTICO
NOVIDADES LITERÁRIAS ★ JORNAIS E REVISTAS

Atende requisições para qualquer parte do País.

CONCEDE O DESCONTO DE 10 % AOS ASSINANTES DO «JORNAL DO EXÉRCITO»

JORNAL DO EXÉRCITO

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

DIRECTOR
Brigadeiro DAVID DOS SANTOS
Chefe da Redacção—*Major BALULA CID*

Redacção e Administração
Rua da Escola Politécnica, 61

Composição e Impressão
Rua dos Caetanos, 26

Distribuição: Continente, Madeira, Açores, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé, Angola, Moçambique, Índia, Macau e Timor

ANO I - N.º 1 JANEIRO DE 1960 2 ESCUDOS

MISSÃO A CUMPRIR

O aparecimento do JORNAL DO EXÉRCITO materializa uma velha ideia, que há muito acalentávamos, mas que as circunstâncias só agora permitiram tornar uma realidade.

Surge ele no limiar do novo ano, como um verdadeiro brado de fé e de entusiasmo, a cimentar a solidariedade entre os militares, a despertar, no Exército, novos alentos e novas dedicações na hora em que afanosamente se procede à revisão e ao aperfeiçoamento da nossa máquina militar, com vista a conferir-lhe aquela eficiência de que tanto carece, nos tempos difíceis que o Mundo atravessa.

Bem árdua é essa tarefa, que exige, a par de uma estreita colaboração dos principais Comandos e Chefes responsáveis, a mais total compreensão por parte de todos os militares e mesmo da população, directa ou indirectamente afectada pelas correspondentes medidas.

Além da missão de difundir no meio militar e fora dele, ao serviço permanente da Nação, informação simples, acessível e atraente, sobre as diversas actividades do Exército, manifestadas desde Timor até ao Portugal europeu; além da divulgação de noticiário de interesse geral, para todos os componentes do Exército, merece também ser especialmente focada a contribuição que este Jornal pode dar para o desenvolvimento e fortalecimento do espírito de compreensão e de solidariedade acima referidos.

Mais do que nunca, é indispensável que esse espírito esteja bem vinculado nos militares, a quem cumpre ter sempre gravado na alma, mais profundamente do que quaisquer outros portugueses, as nobres palavras há dias proferidas pelo Chefe do Estado, na sua mensagem do Ano Novo: «precisamos de estar permanentemente atentos, atentos e unidos, cônscios da força dos nossos iguais direitos em todo o território nacional».

Para poder cumprir cabalmente a sua missão, deverá este Jornal:

— ser motivo permanente de interesse para todos os militares, indo ao encontro da sua natural curiosidade e dos seus mais nobres sentimentos e procurando atrair, em estilo fácil e conciso, a sua atenção para os mais palpitantes problemas da carreira militar;

— pugnar, sem tréguas, pelo fortalecimento das mais altas virtudes militares e pela valorização e prestígio das forças terrestres;

— finalmente tornar o Exército mais conhecido da Nação, tendo sempre presente que ele é o maior reservatório de energias e de ideais com que esta pode contar, na defesa dos seus mais sagrados objectivos.

Trata-se, como se disse, de um elemento de informação geral, sem a preocupação de versar problemas militares de natureza demasiadamente técnica e especializada, os quais interessam fundamentalmente às publicações das respectivas especialidades.

É com a inteira certeza de que a missão cometida a este Jornal será plenamente vivida por todos os que meteram ombros a tão relevante tarefa, que lhes dirijo as minhas saudações.

Importa que tenham sempre plena consciência do sagrado sentido de responsabilidade que recai sobre os militares, perante a Nação.

ALMEIDA FERNANDES
Ministro do Exército

NOTA DE ABERTURA

POR decisão de Sua Ex.ª o Ministro do Exército é dado à luz da publicidade, no presente mês de Janeiro, o primeiro número do mensário «Jornal do Exército», órgão de Informação, Cultura e Recreio das Forças Terrestres e que se destina também a uma difusão que se deseja tão larga e profunda quanto possível, no seio da população civil.

Tal decisão levanta um problema ligado, em grande parte, às actividades específicas do Serviço de Pessoal; não se estranhará, portanto, que Sua Ex.ª o Ministro tivesse determinado — não por méritos próprios, antes, em certa medida, por inerência de funções — que a Direcção da referida publicação fosse atribuída ao Director dos Serviços de Pessoal.

Nesta qualidade, lhe compete e lhe é sumamente agradável dizer duas palavras, à laia de «Nota de Abertura».

O sucesso de uma publicação periódica assenta, em primeiro lugar, no pressuposto de que os elementos do seu corpo redactorial ponham toda a capacidade, entusiasmo e calor, no desempenho das suas atribuições, fazendo dela, por esta forma, um órgão vivo, ligeiro, dinâmico, sugestivo e pleno de interesse. Onde tais requisitos falharem logo aí se abrirá uma brecha insanável.

Estou sinceramente convencido — porque conheço os homens designados para este sector do jornal — que neste ponto podemos ficar descansados.

Em segundo lugar, todo o jornal ou, mais geralmente, toda a publicação periódica corresponde sempre a necessidades comuns de uma certa massa de indivíduos, tanto na ordem material, como na ordem espiritual, moral ou profissional. No caso vertente, este traço de união é garantido e vinculado, em prioridade, pela evidente comunhão de interesses, de toda a ordem, dos elementos do ramo terrestre das Forças Armadas, se bem que se possam formular reservas naturais quanto à eficácia e profundidade da penetração do jornal no elemento civil, eficácia e profundidade que dependerão, sobretudo, da forma como os problemas militares forem apresentados ao seu livre exame e para sua inteira compreensão.

A comunidade de interesses, anseios e aspirações militares que pressupõem a excelência das respectivas Instituições existe porém e primàriamente, «em potência».

O seu desenvolvimento «em acto» será iniludìvelmente favorecido com a publicação deste jornal, se cada militar, qualquer que seja a sua graduação ou grau de responsabilidade, for efectivamente um agente da sua propaganda e expansão. Neste domínio todo o Comandante ou todo o Chefe deve considerar como ponto

(Continua na 20.ª pág.)

DAVID DOS SANTOS
Brigadeiro

RONDA PELAS UNIDADES

REGIMENTO DE LANCEIROS N.º 2

O Ministro da Defesa entrega a chave duma habitação atribuida a um sargento da unidade

Nos tempos em que o cavalo e o cavaleiro eram um todo

O Regimento de Lanceiros n.º 2 *(designação tradicional que tomou em 1948) cuja origem se encontra no* Regimento da Vila de Moura *(1707), depois denominado* Regimento de Cavalaria n.º 2*(1806), esteve aquartelado em Évora (1816), em Vila Viçosa (1823), em Lisboa (1834) e em Santarém (1837), fixando-se definitivamente na capital em 1844.*

As legendas do seu estandarte: Porto, *1809* — Fuentes de Oñoro, *1811* — Salamanca, Valhadollid *e* Badajoz, *1812* — Victória, San Sebastian, Nivelle *e* Nive, *1813* — Ciudad Rodrigo *e* Salvaterra, *1835* — Armiñon, *1837* - França, *1917-18, são marcos de glória a lembrar que naquelas acções, além de muitas outras, como na Expedição à* Índia *(1896) e a* Moçambique *(1901), os* Lanceiros da Rainha *(1844-1884), os* Lanceiros do Príncipe D. Carlos *(1888-90) e os* Lanceiros d'El-Rei *(1890-1910) sempre demonstraram o maior valor, bem sintetizado na sua divisa «MORTE OU GLÓRIA».*

A divisa do Regimento de Lanceiros n.º 2

Polícia Militar da unidade fiscalizando uma viatura

A limpeza do cavalo actual...

UM NOVO SER COLECTIVO: BRA-POR

pelo prof. MARTINHO NOBRE DE MELLO

CREIO não haver nada de mais adequado e oportuno, no primeiro número duma revista militar, dum jornal do soldado, em que terão de caber e ser versados os problemas mais candentes da hora, vinculados com a defesa, a integridade e o engrandecimento da pátria, do que um breve apanhado, um apontamento sucinto sobre o facto actual que já está desdobrando ante nossos olhos a gloriosa perspectiva duma Lusitânia restaurada, dum portentoso mundo lusiada em formação, duma nova Comunidade mais vasta, mais dilatada e mais profundamente marcada com o signo da universalidade.

Refiro-me, sem sombra de dúvida ou hesitação, à Comunidade luso-brasileira, cuja instituição identificou oficialmente os dois povos irmãos num documento histórico que lhes sela e consagra, irrevogável e irreversìvelmente, um destino comum, criando e projectando para a história do porvir um novo ser colectivo de dimensões mundiais.

Eis efectivamente o real e autêntico sentido do Tratado de Amizade e Consulta de 1953, tal como o interpretou e fixou, com rara e percuciente lucidez, o Presidente Juscelino Kubitschek ao exclamar, por ocasião da visita ao seu país do Presidente Craveiro Lopes: «Chefe de Estado brasileiro recebendo um Chefe de Estado português... aqui nos identificamos na representação de todos os que falam a nossa língua, estejam onde estiverem, em Goa, em Africa, nas ilhas atlânticas, nos diversos rincões do meu país, em não importa que aldeia portuguesa»...

É, aliás, essa profunda e significativa identificação que explica, segundo tão apropriada e excelentemente replicou, por parte de Portugal, o marechal Craveiro Lopes: «que houve tamanha vibração neste Brasil generoso e nobre quando cobiças ilegítimas ameaçaram a herança que Vasco da Gama e Albuquerque legaram ao Cristianismo e ao Ocidente lá nas paragens distantes em que viveu e morreu S. Francisco Xavier, nas terras cristianíssimas de Goa, Damão e Dio».

A evolução económica, de cada vez mais acelerada, à base da expansão e do poderio industrial, culminou, para além do fenómeno político do federalismo, nos grandes movimentos de integração dos povos em verdadeiros super-Estados e de amplas zonas de intercâmbio em poderosas unidades multinacionais ou multi-raciais, cujos Estados participantes hoje mal se reconhecem e definem pelo critério das competências territoriais ou da fronteira divisória.

Não se ignora que o direito internacional teve já de sofrer grandes transformações pelo reconhecimento de que ele está intimamente ligado ao direito das comunicações, mormente em face da expansão das organizações internacionais contemporâneas. E, em verdade, entre as múltiplas orientações adoptadas no estudo das relações internacionais, está hoje assumindo particular importância a que atribui uma posição relevante ao fenómeno dos contactos, sem exclusão dos psicológicos, da regulação jurídica dos espaços, dos meios de transporte ou de difusão e informação, da navegação aérea ou das telecomunicações, de tudo quanto se conecta com o que, estando entre ou acima dos povos, todavia é seu nexo de união ou de comum usufruto.

Acrescentemos que, por idênticas razões, a teoria do território está sendo revista, no sentido de ele não ser mais encarado como um atributo constitutivo do Estado ou objecto duma soberania plena e exclusiva mas, mais modestamente, como o quadro espacial em que se exercem e desdobram as competências.

VEM isto muito a propósito para bem se compreender quão realista é a preocupação das élites portuguesa e brasileira em promover uma aproximação cada vez mais estreita entre Portugal e o Brasil, de modo a constituirem um sólido bloco comunitário firmado na vasta extensão geográfica, territorial e interoceânica, que compreende o «continente» brasileiro e as muitas e variadas províncias, terras e possessões lusas da Europa, da África e da Ásia. Porque só assim poderemos aspirar à posição conjunta duma grande potência no novo quadro internacional em formação, e no qual só os grandes contarão, venho a dizer: as potências cujo imenso território é já de per si um continente pela sua extensão, sua riqueza e incomensuráveis possibilidades económicas, ou as novas unidades plurinacionais de âmbito universal, em vias de integração.

Um estudioso brasileiro de alto mérito, coronel Meira Mattos, director da Escola do Estado-Maior do Exército do seu país, na qual ocupa a cátedra de geo-política, ao estudar, num recente e brilhante ensaio publicado no Diário Popular, o «moderno conceito de potência político-militar» passou em revista as características de grande potência, apresentadas por Arnold Toynbee e outros notáveis historiadores e ensaístas contemporâneos, para concluir, muito apropriadamente, que só é grande potência aquela cuja soberania se estenda sobre um vastíssimo território e cuja força coordenadora se exerca em dimensões mundiais. Segue-se lògicamente que, na presente conjuntura internacional, ùnicamente os Estados-Unidos e a União Soviética estão naquelas condições.

Todavia, e o citado mestre brasileiro logo se apressou a anotá-lo de conserto com aqueles historiadores e ensaístas, há que desde já ter em conta que as prováveis grandes potências do futuro serão a Europa Ocidental, se ela progredir no sentido da sua integração total, o Brasil, a China e a Índia. «O Brasil — escreve então Meira Mattos — está fadado a perpetuar no planeta a gloriosa tradição de grandeza da gente lusitana. Poderá fazê-lo sòzinho ou associado a Portugal. A segunda fórmula, através de uma comunidade política, traria sobejas vantagens a ambos os povos. Nos dois países, de um lado e do outro do Atlântico, hoje transformado num lago pela rapidez com que é cruzado, existem élites inteligentes procurando difundir, estudar e dar forma a essa ideia de constituição de uma comunidade política luso-brasileira. Juntos, Portugal e Brasil, mais próximos estariam daquelas características de potência apresentadas por Toynbee».

Eis algumas palavras serenas, oportunas, e prenhes de ensinamento, que assumem particular relevo pela autoridade de quem as subscreve. Mais do que isso: constituem uma verdadeira advertência.

Portugal e o Brasil têm já, na sua Convenção de 1953, o instrumento diplomático que pode ser utilizado para acelerarem a ascensão dos povos lusíadas à categoria de grande potência, ao lado dos Estados-Unidos, da União Soviética e da China, já em vertiginoso desenvolvimento industrial e em tumultuária expansão ideológica, política e geográfica... Por que é que, apesar dos incitamentos dos historiadores estranhos e das élites dum e doutro país que, desde há muitos anos já, advogam o regresso à unidade lusíada, apesar da constante pressão da imprensa de ambas as

(Continua na 22.ª pág.)

O SOLDADO PORTUGUÊS NA ÍNDIA

Na carreira de tiro de Maulinguem

De cima para baixo: Transpondo um obstáculo — O venerável Arco dos Vice-Reis torna mais solene a chegada. — À esquerda: uma patrulha nocturna

O Soldado do Exército Português mantém, em território sagrado da Mãe-Pátria, na Índia, as gloriosas tradições de Afonso de Albuquerque.

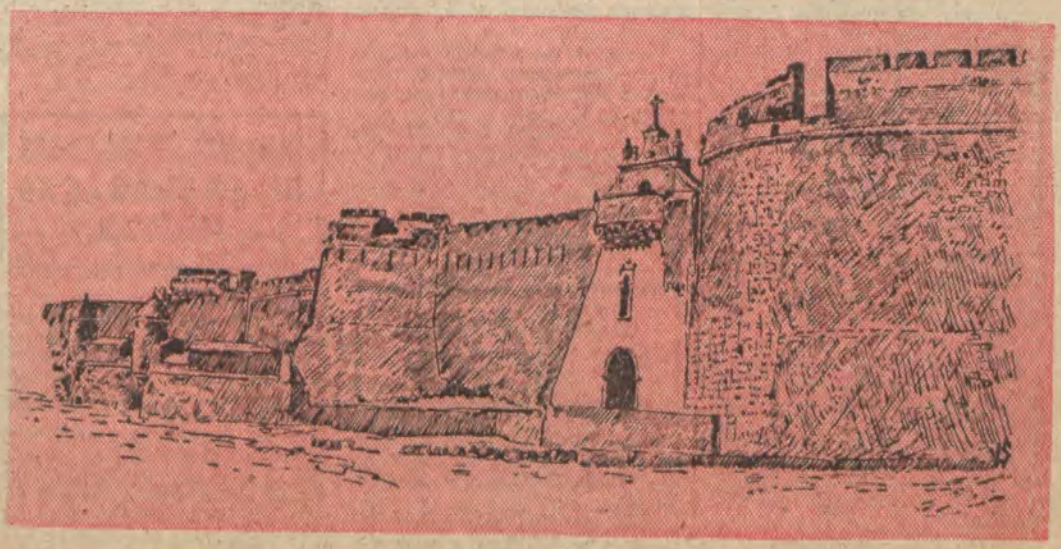
A silhueta do Soldado Português projecta-se no céu da India

Assim se começa o ata...

Será xeque-mate?

Uma unidade de Infantaria desfila nas ruas de Pangim

Noticias para casa



NOTICIÁRIO MILITAR NACIONAL E INTERNACIONAL

ADIDO MILITAR EM BONA

Foi nomeado adido militar em Bona (Alemanha Ocidental), para onde seguiu no dia 3, o major do C. E. M., João A. C. Simeão.

TEN. CORONEL VON LILLIENS

Foi agraciado com a medalha de Mérito Militar de 2.ª classe, tendo em atenção os relevantes serviços prestados durante a sua permanência em Portugal, o tenente-coronel Peter von Lilliens Kiold, adido militar alemão no nosso país. As insígnias foram-lhe entregues pelo sr. general Luís da Câmara Pina, Chefe do Estado-Maior do Exército.

O Ministro do Exército entrega o prémio «Alcazar de Toledo»

ACADEMIA MILITAR

A Academia Militar prestou homenagem, no dia 6, à memória do Marquês de Sá da Bandeira, em comemoração do 85.º aniversário da sua morte.

Para tal efeito, deslocou-se a Santarém uma delegação de cadetes, acompanhada do respectivo comandante, sr. general Buceta Martins, do 2.º comandante, coronel Almeida Viana, directores dos cursos, comandante do Corpo de Alunos e diversos professores.

Junto do túmulo do marechal, onde foi colocada uma placa de flores representando o novo emblema da Academia, proferiu uma alocução o coronel Almeida Viana.

À cerimónia associaram-se as altas entidades civis e militares de Santarém.

●

Comemorando o 123.º aniversário da sua fundação, a Academia Militar prestou homenagem, no dia 12, ao seu fundador, Marquês de Sá da Bandeira.

Depois da missa de sufrágio na capela do Paço da Rainha, o comandante da Academia, sr. general Buceta Martins, depôs uma coroa de flores no monumento ao reformador do ensino militar superior.

De tarde, sob a presidência do ministro do Exército, realizou-se uma sessão solene, durante a qual D. João de Castro foi proclamado patrono do curso de 1959-60.

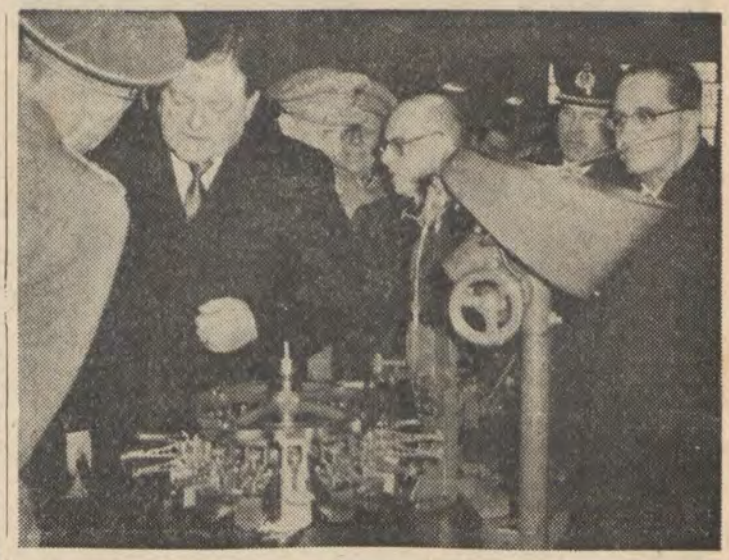
No final da sessão, o adido militar espanhol, coronel Gutierrez Flores, entregou ao ministro do Exército o prémio «Alcázar de Toledo», amàvelmente oferecido pelo Governo espanhol para galardoar o aluno mais distinto da Academia. O prémio foi, em seguida, entregue ao actual aspirante do S. A. M., Rui Dionísio Paredes Valério.

NOVO PLANO DE UNIFORMES

Encontra-se em fase adiantada de estudo o novo plano de uniformes de serviço e de campanha.

Além das exigências de carácter técnico inerentes às actividades militares na actual conjuntura, o novo plano de uniformes é, também, dominado pela preocupação de: tornar rápida e fácil a transferência dos componentes do Exército Português de uma para qualquer outra parcela do território nacional, onde possam ser chamados a cumprir qualquer missão, sem grandes dispêndios e perdas de tempo; tornar mais semelhante, particularmente no que se refere ao uniforme de campanha, o fardamento dos oficiais, sargentos e praças.

Do mesmo modo, encontra-se em estudo um novo plano de uniformes de passeio, dado que a alteração do uniforme de serviço e de campanha também, necessàriamente, implica alteração naquele. No entanto, pode desde já ser divulgado que a este último respeito se ponderam devidamente as implicações económicas que para cada um dos militares, a entrada em vigor do novo plano de uniformes de passeio possa acarretar.



O Ministro da Defesa da Alemanha Ocidental durante a visita à Fábrica de Munições

CURSOS ESPECIAIS DE PREPARAÇÃO MILITAR

Inspeccionou nos dias 17, 20 e 22 os Cursos Especiais de Preparação Militar da Guarnição de Coimbra, o inspector de Infantaria da 2.ª Região Militar, sr. brigadeiro João Alexandre Caeiro Carrasco.

O sr. brigadeiro Caeiro Carrasco, acompanhado do director dos C. E. P. M. em Coimbra, major do Estado-Maior Manuel Leitão Marques, assistiu às instruções que, no aquartelamento do R. I. 12, estavam a ser ministradas aos cursos do 1.º ano (geral) e dos 2.º e 3.º anos de Infantaria, que são frequentados por estudantes universitários.

BATALHÃO DE TELEGRAFISTAS

Comemorando o 59.º aniversário da passagem para a Arma de Engenharia do Serviço Telegráfico Militar, realizou-se no dia 9, no Batalhão de Telegrafistas, uma significativa festa militar.

Durante a missa campal celebrada pelo capelão do G. M. L., major Arnaldo Duarte, foi apresentado às praças o patrono das Transmissões — S. Gabriel, pastor da mensagem do Senhor.

À tarde, na parada superior do quartel e na presença das entidades convidadas, realizou-se uma demonstração técnica de possibilidades dos mais avançados meios de transmissão. Além de uma ligação múltipla, estabelecida por cabo artesiano de campanha, a 120 quilómetros de distância, entre o Batalhão de Telegrafistas e a Escola Prática de Engenharia, em Tancos, efectuou-se, com especial interesse, uma experiência demonstrativa das possibilidades do emprego táctico de um novo meio técnico: a rádio-televisão. Instalada num posto de observação em Monsanto, em ligação por fecho artesiano com um posto de comando montado no Batalhão, foram transmitidas numerosas captações de imagens em função de vigilância e observação geral e regulação de tiro de artilharia.

Aspecto da parada militar em Goa, durante a visita do ministro da Presidência

Foi demonstrada ainda a utilidade da T. V. como meio de ligação entre postos de comando, em apresentações de situações tácticas sobre cartas e instantânea de documentação a distância.

MINISTRO DA DEFESA DA REPÚBLICA FEDERAL ALEMÃ

A convite do ministro da Defesa Nacional, sr. general Botelho Moniz, visitou o nosso país, demorando-se entre nós oito dias, o ministro da Defesa da República Federal Alemã, dr. Franz Josef Strauss.

No programa da sua estadia em Portugal foram incluidas várias conferências com o ministro da Defesa Nacional e visitas à Fábrica Nacional de Munições de Armas Ligeiras e à Fábrica Militar de Braço de Prata, à Base Aérea n.º 6 (Montijo), à Escola Naval, etc.

No dia 12, o dr. Strauss visitou a Fábrica Nacional de Munições, onde se encontram em fabrico mais de 100 milhões de cartuchos de vários calibres, o que, juntamente com outro material encomendado pelo Ministério da Defesa da Alemanha Ocidental, perfaz um valor de 170 mil contos de encomendas a fornecer por Portugal.

O MINISTRO DA PRESIDÊNCIA VISITA A ÍNDIA PORTUGUESA

Em visita à India Portuguesa, chegou, no dia 9, ao Aeroporto «General Benard Guedes», de Goa, o ministro da Presidência.

O sr. dr. Teotónio Pereira, depois de receber os cumprimentos do governador-geral, sr. brigadeiro Vassalo e Silva, passou revista a uma guarda de honra composta por uma companhia com bandeira e fanfarra, enquanto uma bataria de artilharia dava as salvas da ordenança.

No dia 10 realizou-se, em Goa, a maior parada militar que até hoje se efectuou na India Portuguesa.

O desfile começou com os batalhões de Marinha e de Caçadores de Moçambique. Desfilaram depois os batalhões de Caçadores do Alentejo e da Estremadura e a Companhia de Caçadores 1, com fanfarras, as baterias de Artilharia «D. João de Castro» e de «Santarém» e os Destacamentos de Engenharia e da Guarda Fiscal. O desfile fechou com os carros-oficinas, prontos-socorros e automacas do Serviço de Saúde. Assumiu o comando das forças o sr. brigadeiro Cyrne Pacheco, comandante militar da India Portuguesa.

O sr. dr. Teotónio Pereira, depois de visitar todas as parcelas dos territórios portugueses na India, seguiu, no dia 17, para Carachi.

R. A. U.

Vai tornar-se obrigatória a instrução pré-militar em todas as universidades (quatro no Egipto e uma na Síria) da República Árabe Unida.

Dos seus 10.000 alunos serão isentos do pagamento de propinas escolares os que mais se distinguirem nesta instrução militar.

BRASIL

A convite do ministro do Exército Português, segue para Lisboa aonde chegará no próximo dia 19 de Fevereiro, a missão brasileira constituida por professores e alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro, que se demorará em Portugal até 9 de Março. A missão, chefiada pelo general Augusto Maggessi, comandante daquele instituto, participará no Colóquio sobre o Infante D. Henrique, organizado no Colégio Militar, de quem serão hóspedes os visitantes.

ALEMANHA ORIENTAL

A Academia Militar da Alemanha Oriental iniciou a preparação dos oficiais do Exército. Anteriormente, os oficiais subalternos eram recrutados nas organizações juvenis e na Polícia.

E. U. A.

O jornal «Washington Post» anunciou que o Presidente Eisenhower aprovou os planos para a construção de mais 70 projecteis balisticos intercontinentais.

GRÃ-BRETANHA

Três mil homens do Exercito britânico experimentam quatro modelos de um novo uniforme de passeio. Espera-se que entre em uso, no corrente ano, o modelo que for aprovado.

●

Segundo noticias da Imprensa, o E. M. considera a adopção de uma nova concepção militar defensiva, que se caracterizaria por um apoio mais acentuado às unidades equipadas com armas convencionais em detrimento da prioridade até aqui concedida ao equipamento das Forças Armadas com armas nucleares.

Prémios de colaboração para 1960

Para estimular e recompensar os trabalhos de colaboração no «JORNAL DO EXÉRCITO», no ano de 1960, Sua Ex.ª o Ministro do Exército estabeleceu que fossem atribuídos prémios aos autores dos melhores trabalhos. Num dos próximos números será publicado o respectivo regulamento.

EFEMÉRIDES

JANEIRO

1-1811 — Combate de Almendralejo contra os franceses.

2-1790 — É criada a Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho.

3-1812 — Combate de Fuentes del Mestre contra os franceses.

5-1811 — Combate de Vila da Ponte contra os franceses.

7-1713 — Vindas da Catalunha retiram para Portugal as tropas portuguesas.

10-1811 — Combate do Penso contra os franceses.

11-1811 — Combate de Mondim contra os franceses.

12-1837 — É extinta a Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho, criando-se em seu lugar a Escola do Exército (hoje Academia Militar).

-1896 — A bordo do «África» sai de Lourenço Marques para Lisboa, o régulo Gungunhana, aprisionado pelo capitão Mouzinho de Albuquerque.

13-1811 — Defesa da passagem do Douro, na Régua, contra os franceses.

14-1659 — O Exército Português, sob o comando do conde de Cantanhede (mais tarde marquês de Marialva) derrota nas chamadas Linhas de Elvas o Exército espanhol comandado por D. Luís de Haro.

16-1505 — Pedro Anaya defende heròicamente Sofala contra os guerreiros de Zufe.

19-1812 — O Exército Anglo-Luso assalta Ciudad Rodrigo, ocupada pelos franceses.

20-1811 — Combate de Talavera contra os franceses.

24-1529 — António da Silveira toma Surrate, na costa de Cambaia.

-1668 — É alistado (simbòlicamente) como simples soldado, no Regimento de Infantaria de Lagos, Santo António de Lisboa.

25-1812 — Primeiro assalto dado pelo Exército Anglo-Luso à Praça de S. Sebastião, ocupada pelos franceses.

26-1530 — António da Silveira toma Reiner, na costa de Cambaia.

29-1547 — O sultão de Cambaia, à frente de 200.000 homens, retira sem aceitar batalha a D. João de Castro.

«PEGARÁ NA LANADA, EM NOME DE DEUS E DA SENHORA SANTA BÁRBARA...»

SANTA BÁRBARA
— A PADROEIRA DA ARTILHARIA

pelo Major-capelão ARNALDO DUARTE

MAS — **Quem foi? — Quem tem sido? — Quem é?** Santa Bárbara.

Santa Bárbara, canonizada pela Igreja como Virgem e Mártir, nasceu em Nicomédia da Bitínia, no tempo do Imperador Maximino, que foi um dos grandes perseguidores do Cristianismo, nos princípios do séc. III. Seu pai, de nome Dióscoro, era pagão, idólatra, e de um natural cruel. Tinha orgulho nesta sua única filha, pela sua extraordinária formosura e pelo seu talento superior; e tão ciosamente a amava que, para que outros homens a não vissem, encerrou-a desde pequena numa torre, onde era servida e educada apenas por umas criadas e uns poucos mestres da sua inteira confiança.

Por um destes mestres, teve Bárbara conhecimento da existência do famoso Orígines, — um dos mais célebres sábios do Oriente, no seu tempo, cristão e apologeta —, e conseguiu que este mestre cristão a visitasse, a instruisse nas verdades da Fé e a baptizasse.

Fez então a Santa o seu voto de virgindade; e, quando o pai a quis casar com um noivo nobre que lhe arranjara, recusou, sob pretexto de que deveria ficar solteira para tratar do pai na sua velhice. Acedeu o pai, e levou-a então para casa, mas, com o que não concordou foi que sua filha logo começasse a escarnecer dos ídolos, que foi encontrar em cada canto da casa, e aos quais chamava «ridículos bonecos», e lhe falasse, a ele pai, com tanta convicção da sua Fé no único e verdadeiro Deus dos cristãos.

Cego, no seu paganismo supersticioso, e furioso na sua brutalidade, Dióscoro maltrata desumanamente sua filha, espanca-a, arrastando-a pelos cabelos, e tê-la-ia mesmo morto se o pudera ter feito impunemente. Resolve denunciá-la ao governador Marciano, encarregado de suprimir o Cristianismo naquela província, esperando que ela, à vista dos suplícios, renegasse a sua Fé, ou, se perseverasse em querer ser cristã, pelo menos teria o bárbaro prazer de a ver expirar em tormentos.

Foi, de facto, martirizada com toda a crueldade: — espancaram-na rasgaram-lhe o corpo com unhas de ferro, queimaram-lhe as costas com achas ardentes. De olhos fitos no Céu, pedia a Santa a Deus que a fortalecesse nos seus sofrimentos e sustentasse na sua Fé que não queria renegar.

Desesperado, o governador mandou que a degolassem; e é então seu pai, cruel e desumano, que leva a sua barbaridade ao extremo de se oferecer para ser ele o seu verdugo. Levada a Mártir para fora da cidade, a uma colina próxima, ajoelha, faz uma pequena oração oferece a Deus o sacrifício da sua vida, e oferece o pescoço ao pai, o qual, com um golpe de sabre, lhe ceifou os dias e lhe procurou a glória do martírio, no dia 4 de Dezembro do ano de 325.

Ao descer da colina, tinto do sangue da sua filha inocente, estando o céu sereno e o ar calmo, ouviu-se o súbito ruído dum trovão e um raio caíu fulminante sobre este pai ímpio e cruel.

Esta foi a Virgem-Mártir Santa Bárbara.

E quem tem sido ela, na vida do mundo cristão e na vida dos militares?

Logo depois da sua canonização, espalhou-se o seu culto por toda a Igreja, do Oriente ao Ocidente, invocada pelos cristãos como sua patrona contra os raios e as trovoadas. Também a invocam frequentemente, para alcançar de Deus a graça de não morrerem sem sacramentos, e, desde que se inventou a pólvora, apareceu-lhes logo como padroeira dos artífices pirotécnicos, mineiros e bombardeiros, etc.

Mas Santa Bárbara tem sido, e é, especialmente venerada como padroeira dos artilheiros, em muitos países, como a Espanha, a França, a Bélgica, a Alemanha, a Itália, etc.; e também em Portugal os artilheiros a tiveram como patrona da sua arma, e padroeira das suas Confrarias, com festas e salvas em sua honra no dia 4 de Dezembro de cada ano como o referem documentos autênticos ainda hoje conservados no Arquivo Histórico-Militar.

Já em 1553 a Companhia dos Artilheiros de Ponta Delgada criada por D. João III, adoptou Santa Bárbara por Padroeira.

Em 1712, existia, na capela de S. Miguel do Castelo, em Lisboa, a Confraria de Santa Bárbara dos Artilheiros.

No Regimento de Artilharia do Alentejo, em Elvas, criou-se também a Irmandade de Santa Bárbara sendo Comandante o Coronel Pedro de Bastos que governou a Unidade de 1706 a 1721.

Em 1765, tinham os Artilheiros da Guarnição da Ilha da Madeira a sua Irmandade de Santa Bárbara.

Por provisão régia de 19 de Março de 1781, foi constituída a Irmandade de Santa Bárbara do Regimento de Artilharia do Porto. E porque esta provisão tinha carácter geral, é muito natural que nas demais guarnições ou unidades de Artilharia se tenham criado outras Confrarias. Sabe-se, por exemplo que no Arsenal do Exército, em S. Julião da Barra, em Santarém, em Lagos, em Valença e em Almeida, os Artilheiros festejavam Santa Bárbara como sua especial padroeira.

Pode ainda concluir-se, do carácter nacional desta devoção dos Artilheiros, até por este facto bem significativo: — no curioso livro «Exame de Artilheiros», escrito em 1744 por José Fernando Pinto Alpoim, lê-se, a páginas 138, que o artilheiro, depois de verificar que tudo está pronto, **«pegará na lanada, em nome de Deus e da Senhora Santa Bárbara, e a meterá pela alma da peça».**

O EXÉRCITO PERMANENTE EM PORTUGAL

pelo Major BALULA CID

DATA de 1640 a criação do Exército Permanente em Portugal.

Nos primeiros tempos da Monarquia não havia número determinado de tropa ou gente armada e os senhores das terras, as Ordens Militares e os Concelhos eram obrigados, perante o seu soberano, a engrossar a hoste real com os combatentes que podiam reunir, armando os povos consoante as suas rendas, variando os efectivos conforme os compromissos estabelecidos.

A Cavalaria *e a* Infantaria *eram os elementos fundamentais da hoste. Compunha-se o primeiro, dos fidalgos vassalos do rei, das lanças que traziam os senhores das terras e dos cavaleiros da ordenança dos povos do reino. Do segundo, fazia parte a gente do povo, armada com lanças ou piques, espadas, bestas, dardos e fundas e, posteriormente, de espingardas, arma de fogo que foi introduzida no País em tempos do rei D. João I.*

Só com as prementes medidas de defesa tomadas pelo governo de D. João IV, depois da triunfante revolução de 1.º de Dezembro, para assegurar a independência nacional, se começou a organizar um verdadeiro Exército Permanente.

A Infantaria *passou a ser constituida por* Terços *que se designavam pelo nome da localidade onde tinham quartel ou pelo nome do comandante (Mestre de Campo).*

Foram estes Terços que em 1707 se transformaram em Regimentos, *continuando a ser conhecidos, ou pelo nome da terra onde aquartelavam ou pelo apelido do seu Coronel. Cerca de um século depois, em 1806, os* Regimentos *passaram a identificar-se por um número (de 1 a 24) e, salvo no período das lutas entre liberais e miguelistas em que as unidades destes voltaram a designar-se pelos nomes das localidades, o processo de identificação numérica manteve-se até aos nossos dias.*

Os Batalhões de Caçadores *são de criação recente. Organizaram-se, pela primeira vez, em 1808.*

A Cavalaria *era formada por* Companhias de Cavalos *que, por sua vez, constituiam* Troços. *Quando numerosos, os* Troços *tinham o nome de* Tropa.

Os Regimentos de Cavalaria *apareceram decretados em 1707 e foram organizados a partir de 1708.*

É de notar, contudo, que a designação de Regimento *já aparece em 1641, quando se formaram 5 Regimentos de Cavalaria Ligeira com soldados franceses e portugueses.*

Ao serviço das bocas de fogo existiam os chamados Troços de Artilheiros *que a partir de 1677 tomaram uma organização regular.*

Os Regimentos de Artilharia *surgiram a partir de 1708.*

A Engenharia *era constituida por oficiais, técnicos em fortificação, reunidos num* Corpo de Oficiais de Engenharia *(depois* Real Corpo de Engenheiros*). Em 1812, em plena Guerra Peninsular, organizou-se a sua primeira unidade permanente — o* Batalhão de Artífices Engenheiros.

Estas transformações que, a traços largos, enumerámos, conduziram ao actual Exército Português que assim se orgulha dos seus 320 anos de existência, viva e permanente, ao serviço da Terra Lusitana.

CONDECORAÇÕES E MEDALHAS

ORDEM MILITAR DA TORRE E ESPADA

As condecorações e medalhas nacionais com que podem ser galardoados os militares portugueses, são as das Ordens Militares *(Torre e Espada, Cristo, Avis e Santiago de Espada),* Medalha Militar *(Valor Militar, Cruz de Guerra, Bons serviços e Serviços Distintos, Mérito Militar, Comportamento Exemplar e Medalhas Comemorativas) e outras Medalhas (Legião Portuguesa, Filantropia e Caridade do I. S. N., Cruz Vermelha e Assiduidade de Serviços no Ultramar).*

● *Todas as Medalhas e Condecorações nacionais e estrangeiras serão exclusivamente usadas do lado esquerdo do peito.*

● *Os militares condecorados com mais de um grau de qualquer das Ordens só usarão a insígnia do grau mais elevado.*

Os condecorados com a Torre e Espada usarão tantas insígnias quantos os graus que lhes tiverem sido concedidos.

Quando se trate de vários graus da grã-cruz de várias Ordens, sòmente será usada a banda de uma delas.

Os militares que tenham sido agraciados com qualquer classe da Medalha de Mérito Militar e venham a ser condecorados com classe superior da mesma Medalha, poderão continuar a usar a insígnia correspondente à classe que anteriormente lhes foi concedida.

A Ordem de Torre e Espada foi criada no ano de 1459 por D. Afonso V com o fim de galardoar os serviços dos cavaleiros que fossem às conquistas de Africa, sendo extinta depois de condecorados todos aqueles que tomaram parte na conquista de Arzila e Tanger.

Foi restaurada e regulamentada em 1808, na regência do Príncipe D. João, sendo ampliada por alvarás de 1809 e 1810.

Em 1832, sendo regente D. Pedro, Duque de Bragança, é de novo reformada com a designação «Antiga e muito nobre Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito».

El-Rei D. Carlos, em 1896, instituiu, nesta Ordem o grau de Grande Oficial.

Por decreto de 1939, foi criado o grau de Grande Colar, exclusivamente destinado a Chefes do Estado com altos feitos militares.

O Presidente da República é o grão-mestre desta Ordem usando como distintivo, nessa qualidade, a banda das três Ordens.

Os condecorados com a Torre e Espada usarão tantas insígnias quantos os graus que lhes tiverem sido concedidos.

Na colocação das diferentes medalhas e condecorações nacionais e estrangeiras a Torre e Espada ocupa o primeiro lugar na ordem de precedência, contada da direita para a esquerda.

À IMPRENSA

Ao começar a sua publicação, o «Jornal do Exército» saúda os seus camaradas mais velhos da Imprensa, pondo-se inteira e lealmente à disposição de todos quantos nela empregam o melhor do seu nobre e honrado esforço.

TALVEZ NÃO SAIBA...

- Que não é permitido aos militares solicitar transporte aos motoristas em trânsito nas estradas.
- Que os Cadetes do Exército e da Armada, embora sem direito a continência, são considerados de categoria imediatamente inferior a Aspirante a Oficial e são-lhes devidas todas as deferências referidas no art. 22.º do R. C. H. M.
- Que aos militares que forneçam sangue, será dada uma licença de 10 dias com todos os vencimentos, além dum abono de 100$00.

O TAMBOR

CONTO DE JÚLIO DANTAS

MESTRE BRÁS, homem às direitas, ribatejano duro, achamboirado, braceiro, quadrado de ombros e aberto de coração, era, por volta de 1814, o ferrador de Manique do Intendente.

Seis anos antes, não havia ainda, por todo esse Ribatejo, maior alegria, viola mais viçosa e mais bem sapateado fandango. Mas depois que o filho — o único filho que tinha — lhe abalara certa noite da terra, pela calada, sem um trouxo de roupa nem a cruz duma bênção para seguir, com um tambor às costas, a leva de tropas que ia a caminho de França, — mestre Brás nunca mais foi o mesmo homem, deu em entristecer como se trouxesse a morte consigo, e enquanto a forja ardia, enquanto os cornozelos de ferro se atarracavam nas bigornas e os cascos chamuscados das bestas fumegavam, levava ele as tardes à porta da loja, sentado num banco, sem dar palavra, alheado, esquecido, um ferragoulo de saragoça pelos ombros, a cabeça ferrada no peito, um perdigueiro velho a lamber-lhe as mãos. Passavam na poeira da estrada as pesadas liteiras, a caminho de Lisboa, com os seus machos certeiros e choutões; os almocreves, praguejando, de pistolas aperradas, atrás das recovagens; frades de jornada, sentados em mulas, com as sandálias às costas, cobertos de alforjes e de camândulas; azeméis de todos os oito dias, velhos amigos de vinte anos, lenços encarnados atados à cabeça, récuas de azémolas carregadas de baús.

— Eh, tio Brás! E novas do seu filho?

O velho levantava os olhos, como quem acorda, puxava o rebuço do capote para o pescoço entroncado e sanguíneo, e respondia encolhendo os ombros:

— Sei lá, se é vivo ou morto!

●

Havia cinco anos contados que não chegavam ao ferrador notícias do filho. Depois da abalada do rapazote, com treze anos mal espigados ainda, loiro como o sol, vivo como a mãe que Deus tinha, — mestre Brás não recebera mais que três cartas dele. Uma de Burgos, escrita em marcha, pedindo perdão, dizendo que estivera para desertar, ralado de saudades; outra de Baiona, doido de alegria, contando que vira o Imperador montado num cavalo branco, seguido de generais cobertos de oiro, a passar revista, a galope, às tropas portuguesas; a última, datada de 4 de Julho de 1809, precisamente das vésperas de Wagram, escrita à noite, no bivaque, à luz das fogueiras, sobre a pele do tambor, pedindo a bênção ao pai e dizendo-lhe que o seu regimento, ao amanhecer, entrava em fogo. Cada carta que chegava era um reboliço na forja, uma moeda para o recoveiro, um alarido na vizinhança; vinha Manique em peso à porta de mestre Brás; mas o ferrador não via ninguém, não ouvia ninguém, galgava ao sobrado, batia-lhes os ferrolhos na cara, metia-se na alcova com a sobrinha, dava-lhe a carta para as mãos, e enquanto a moça lia, devagar, soletrando, — ele, que mal conhecia as letras, ouvia-a, seguia-a, arquejante, os olhos cravados no papel, perguntando tudo, inquirindo tudo, onde é que estava «meu senhor pai», onde é que estava «Napoleão», onde estava a bênção que o filho lhe pedia de tão longe, e acabava, sacudido de soluços, a beijar a carta, a molhá-la de lágrimas, a repeti-la de cor, a morder as mãos para não gritar, que o ouvissem todos:

— Meu filho! Meu querido filho!

Mas depressa as cartas faltaram. O ferrador, em mangas de camisa, um gibão atacado de baetão vermelho, o avental de coiro atado às pernas, vinha para a porta de casa, antemanhã, ainda com estrelas no céu, esperar os almocreves de retorno. Nunca havia carta. Volta e meia, mandava um moço a Azambuja, saber notícias. Também o Miguel, o filho de João Moirisca, lá tinha ido na Legião, de correias às costas, a caminho de França. E o moço voltava, pendurado, coberto de poeira, a sacudir a cabeça, a rodar o chapeirão nas mãos chamuscadas: não havia novas, há muito tempo, nem dum, nem doutro. Passaram-se semanas, meses, um ano, — e nada. Mestre Brás tirou-se dos seus cuidados, vestiu a niza de briche, atou umas moedas num lenço, saltou para o albardão de um macho — e foi até Lisboa. Lá, onde se sabia tudo, haviam de saber dar-lhe notícias do filho. Bateu a todas as portas, furou, acotovelou, indagou, galgou ao palácio da Regência, procurou Beresford no Calhariz, e enxotado de toda a parte, recebido afinal em Xabregas pelo marquês de Olhão, que teve dó dele, só pôde saber que a Legião portuguesa, «malta de vendidos e de traidores», como lhe chamava o povo de Lisboa, tinha feito a campanha da Áustria e estava de guarnição em Paris. Do filho, se era morto ou vivo, ninguém lhe dera notícias. Sabia-se lá quem era o filho do mestre Brás, ferrador na Arrifana! E o pobre velho voltou, com a morte na alma, sentado no seu albardão moirisco, um barrete de orelhas na cabeça, Ribatejo acima.

●

Quando lhe disseram que um novo exército francês, comandado pelo melhor general de Napoleão, talando campos, incendiando aldeias e conventos, entrara em Portugal, e que nesse exército vinham portugueses, — um assomo de esperança, feito de todo o santo egoísmo do amor de pai, cresceu no coração de mestre Brás. E se lá viesse também o seu filho? Massena descera de Coimbra, como um vendavel, devastando tudo na sua passagem; o clarão das searas abrasadas e dos pinhais incendiados já se via, do alto do palácio do Intendente, irrompendo por detrás das montanhas; respirava-se pelos campos, penetrava nas casas um cheiro acre de resina queimada, — e os moços da forja, à noite, em cima dos telhados, mostravam a mestre Brás as faúlhas, batidas pelo vento, que vinham já sobre a povoação indefesa. Bem se importava ele, o velho ferrador, que tudo ardesse, — se o incêndio lhe trazia o filho!

E quando já todos fugiam, a caminho de Lisboa, atulhando baús, enterrando pratas, carregando azémolas, levando os filhos e o gado, — mestre Brás entregou a sobrinha a umas vizinhas, enxalmou-se num capote, deitou uma manta às costas, foi ao encontro do exército invasor, rebolou num valado às coronhadas das primeiras vedetas, deixou-se ficar, açapado, como morto, a cara numa posta de sangue, sentiu junto da sua cabeça o tropel de todos os esquadrões, o rodar de toda a artilharia, e quando o grosso do exército já tinha passado e ele ia a soerguer o corpo para olhar a estrada, uma voz, perto, ordenou:

— Vê se esse homem está morto.

Mestre Brás sentiu-se sacudido pela mão brutal de uma ordenança. Levantou os olhos: eram dois oficiais portugueses que acompanhavam o exército de Massena, e que ao ver aquele farrapo de saragoça e de sangue atirado às patas dos cavalos, a perguntar por um tambor da Legião portuguesa que era seu filho, sorriram, disseram-lhe que da Legião só tinham vindo oficiais, e, picando de esporas, o schapska coberto de oiro faiscando ao sol, seguiram, a galope, na poeira branca da estrada.

Pouco tempo depois, o exército francês de Ney e de Massena recuava perante as colossais linhas de Torres; a retirada começou; tornaram, em bandos, as populações fugitivas do Ribatejo; desaferrolharam-se as casas, principiou o trabalho, — e ao clarão da forja de mestre Brás, outra vez acesa, voltaram a retinir, batidos nas bigornas, os rompões dos canelos de ferro, a cantar os moços dentro dos seus aventais de sola, a tilintar, sacudidas, as esquilas alegres das mudas de liteira. Mas, agora, o velho ferrador já não trabalhava. Levava as tardes à porta, com o perdigueiro, dormitando, e as manhãs fechado no sobrado, em cima, atirado sobre um baú, a arquejar de soluços, a repetir de cor, como uma oração, as três cartas do filho. Amor de pai, — que tudo o mais é ar! Um dia, quando lhe levava o almoço, a sobrinha espreitou à porta; viu-o sentado na cama, com um corno de pólvora ao pé, carregando de quartos e fazendo a escorva a uma escopeta velha; entrou na alcova, assustada, a gritar; mestre Brás afagou-a, meteu a arma ao canto dum armário e avisou, tranquilo:

— No dia em que me disserem que o meu filho morreu, despejo aquela clavina na cabeça!

●

Passou-se tempo. Finalmente, a 12 de Abril de 1814, Napoleão abdicou. Os restos da Legião portuguesa, aquartelados em Bruges, esperavam ordens. O petit corse aux cheveux plats, que fizera pesar o seu bicórnio preto sobre os destinos da Europa, caíra perante a fadiga formidável da França e perante a intriga apostólica de Metternich. A notícia voou pelo mundo. O conde de Redondo, a caminho de Lisboa, chamado à pressa pela Regência, parara a liteira à porta de mestre Brás; e enquanto os moços aliviavam do cornozelo os quartos passados dum macho, falara dos castigos de Deus e da queda de Napoleão. De novo um clarão de esperança assomou na alma do velho ferrador. Se Napoleão abdicara, que faziam em França os soldados portugueses? Que fazia lá o seu filho? Porque não os mandavam para as suas terras? Para que queriam lá estrangeiros, amigos do herege? E o pressentimento da volta do seu António já não o largava; crescia, arreigava-se mais a cada hora; ganhava-o todo; trasbordava-o de ternura; era já quase uma certeza, — a certeza luminosa de ir apertá-lo nos braços, admirar os seus vinte anos fortes e ardidos do sol, sentir-lhe o arcaboiço robusto, ver — ele, já acabado e velho! — o seu sangue, a sua raça, a sua bravura doutro tempo, a sua alegria volteira de estoira-vergas, a sua mocidade de brigão, renascendo, reflorindo, rebentando, palpitando no filho! E mestre Brás mandava fazer obras na loja e no sobrado, caiar paredes, ensamblar soalhos, bater a palha das enxergas, comprar uma barra nova a Santarém, — como se ele viesse a caminho, como se o tivesse ali, como se a sua mão pousasse já na aldraba de ferro da porta...

Uma bela manhã, estava o ferrador em cima, no sobrado, renovando, como de costume, a escorva da escopeta, — quando entrou na loja um rapaz alto, trigueiro, desempenado, um sombreiro espanhol derrubado sobre os olhos, uma cicatriz na cara, um capote de estamenha cobrindo os restos duma niza parda de sargento:

— Mestre Brás ?

— Lá em cima.

— Digam-lhe que está aqui o Miguel, da Azambuja, que chegou de França e que lhe traz notícias do filho.

Os moços da forja rodearam-no logo, medrosos, de olhos muito abertos, as manzorras chamuscadas postas na boca, a impor silêncio. Que visse o que ia fazer. Se as novas eram más, se o rapaz tinha morrido, que não o dissesse ao velho. E esguelhando os olhos para cima, para a casa do mestre, os martelos nas mãos, as caras tisnadas, os moços contaram, baixinho, que ele tinha jurado e trejurado à sobrinha que na hora em que soubesse da morte do filho despejava uma escopeta nos miolos.

— Não tem dúvida. — sorriu o Miguel, derrubando a gola do capote. — Deixem-no comigo.

Mestre Brás sentiu parar o trabalho; assomou à porta, com a clavina na mão; conheceu o Miguel da Azambuja, e atirou-se de escantilhão pela escaleira abaixo, uivando, de braços abertos :

— O meu filho ? Onde está o meu filho ?

— Venho trazer-lhe novas dele, mestre Brás !

— É vivo ou morto ?

— Já vai para um mês que deixei a França. Numa hora se vive e se morre

— Ficou lá ?

— Ficou.

— A fazer o quê, numa terra estrangeira ? Porque não veio abraçar o pa' ? Porque não o trouxeste tu, Miguel ?

— Porque não pude, mestre Brás. Mas venho falar-lhe dele. E assim Deus me dê a salvação, como é certo que vocemecê há-de gostar de me ouvir !

O ferrador mandou um moço buscar dois pichéis de vinho, abraçou o rapaz, subiu com ele ao sobrado, e fecharam-se ambos na alcova, — um rebaixo de telha vã, caiado de novo, com o seu catre de castanho, o seu oratório, o seu painel da Virgem, um baú de sola, uma arca velha de roupa e um armário com drogas de alveitaria onde mestre Brás encostou a escopeta aperrada. Então, diante do pichel de estanho em que o vinho das cepas ribatejanas espumava em sangue vivo, o Miguel contou ao ferrador como lhe vira o filho em Salamanca, marchando, de tambor às costas, batido do sol quente da Espanha, à frente do 3 de Infantaria; como arranjara passagem para o mesmo regimento do rapaz; as vezes que o desafiara, em Burgos e em Valhadolid, para desertarem juntos; a alegria dele, o entusiasmo dele, quando o Imperador, embrulhado no seu capote cinzento, o sobrecenho carregado, a mão no peito da farda, seguido duma rajada de generais cobertos de oiro — Murat, Bessières, Alorna, Pamplona — passou a primeira revista às tropas da Legião portuguesa; o baptismo de fogo de Saragoça em que o pequeno tambor, os cabelos ao vento, a boca negra de morder cartuchos, agarrado a uma espingarda maior do que ele, aguentara a fuzilaria, sorrindo.

— O meu filho ?

— O seu filho, mestre Brás. E todos os portugueses. Vocemecê sabe lá, desde a Espanha até esse fim do mundo da Rússia, como a gente se cobriu de glória ! Quando era preciso marchar e morrer, — lá iam à frente, os portugueses ! Negros, alegres, tisnados do sol com as barretinas de pele chapeadas de cobre, as baionetas adiante dos olhos, faiscando nas cargas, — quantas vezes nós nos atirámos para a morte, a cantar as cantigas da nossa terra ! E o Imperador ! — juro-lhe, mestre Brás, por estas três divisas ! — já não via outras coisas senão os portugueses ! — «Quem são aqueles carvoeiros que se batem como leões ?» — perguntou ele em Wagram. E quando lhe disseram que era a Legião, que éramos nós, o Imperador empinou-se nos estribos e gritou aos marechais :

— «Qu'on ménage les portugais !» Poupem-me os portugueses, que são os melhores soldados do mundo !

— Estava lá também o meu filho ? — perguntou o ferrador, o pichel de estanho a tremer-lhe nas mãos, chorando e rindo.

— Estávamos todos, mestre Brás. A gente não largava o Imperador, — nem ele a nós. Quando dormia nos campos de batalha, e depois em Schœenbrun, eram os portugueses que ele queria a guardá-lo, como se fossem os seus veteranos de Itália. Quantas vezes, sozinho, encostado à minha arma, no silêncio da noite, à luz das fogueiras, — eu velei o sono de Napoleão ! Via-o ali, pela porta aconchegada dos casebres, entregue só à minha guarda, a dormir debaixo do seu capote cinzento, a luz a bater-lhe na cara; olhava para ele e para mim; considerava a grandeza que a minha espingarda humilde protegia, — e não era orgulho, mestre Brás, era ternura que me crescia cá dentro, e os olhos arrasavam-se-me de lágrimas, como se estivesse a velar o sono duma criança ! Viessem duques, viessem marechais do Império, viesse Deus ! — com um português ali, ninguém lhe cruzava a porta; ia um passo à frente, a baioneta à cara : — «Passe de largo ! Sua Majestade dorme !»

E diante do ferrador, que o olhava vibrando de comoção, os olhos rasos de água, Miguel contava agora as cargas gloriosas de Ebersdorf coruscantes de baionetas portuguesas; os horrores da retirada da Rússia, marcha interminável de farrapos, entre gelos eternos e aldeias incendiadas; o frio, a fome, os cossacos, os olhos vermelhos de oftalmias, os festins de cavalos mortos, as revoadas negras de corvos crocitando sobre a neve branca; mostrava-lhe, voltado para o sol que entrava de chapada pelo quarto, as cica-

(Continua na 22.ª pág.)

INFANTARIA *rainha das batalhas*

pelo Major PROENÇA CID

NUMA Nação em guerra, todo o seu imenso potencial é mobilizado e orientado para o fim último de colocar a Infantaria *em situação de poder cumprir a sua missão:* «aproximar-se do inimigo e destruí-lo ou capturá-lo».

No passado, sempre o terrível peso da batalha recaiu sobre os ombros do humilde Soldado desconhecido de Infantaria, que teve de suportar com coragem sempre igual, os sofrimentos, as privações e as fadigas físicas e morais. Do Soldado de Infantaria *sempre se esperou a serenidade na desordem, a fé inabalável no meio da descrença, no desespero a esperança ilimitada. A sua resistência ao sofrimento, a sua habilidade no combate, a sua tenacidade e vontade de vencer, ditaram em todos os casos a sorte das batalhas, que é afinal a sorte da própria guerra*

E no futuro? Decerto, a Infantaria continuará a ser a «Rainha das Batalhas», pois sempre, através de toda a História da Guerra, as novas armas, os novos meios de transporte e protecção, foram utilizados para reforçar, apoiar ou auxiliar a Infantaria. Certamente as armas nucleares representam um passo gigantesco no aumento do poder de destruição, mas a verdade é que o homem será sempre, em última análise, o meio derradeiro e decisivo da guerra.

A grande mobilidade da Infantaria, a relativa facilidade do seu apoio logístico, a sua versatilidade e poder de adaptação, serão de fundamental importância num conflito futuro.

Esse conflito, tanto quanto é possível prever, poderia tomar três aspectos fundamentais: uma guerra em que ùnicamente se empregassem armas convencionais, uma guerra nuclear ilimitada e uma guerra nuclear limitada, com o emprego de armas nucleares exclusivamente tácticas.

Na primeira hipótese, que aliás parece a menos provável, a guerra tomará aspectos muito semelhantes à última Guerra Mundial, muito embora, evidentemente, novos, mais poderosos e adequados meios, lhe possam alterar um tanto a feição. Neste caso, tal como no passado, à Infantaria estará reservado um papel fundamental.

Todos quantos prevêem uma guera nuclear ilimitada são unânimes em afirmar que ela será decidida pelos meios de lançamento de armas nucleares a grandes distâncias. Como esses meios estão desde já em condições de atingir todos os pontos do Globo, a guerra redundará, nesta hipótese, numa vasta e terrível devastação. O ponto está em saber-se se essa terrível devastação resultará num completo colapso dos Exércitos e das Nações, de ambos os lados, ou sòmente de um deles. Se admitirmos que o poder nuclear é, por si só, capaz da destruição completa das Nações envolvidas na guerra, então ela conduzirá a um suicídio colectivo para o qual é inútil qualquer preparação se não surgirem limitações de qualquer natureza. Como única alternativa, ainda no caso duma guerra nuclear ilimitada, temos a hipótese da súbita supressão do poder nuclear das Nações envolvidas em conflito antes de ser obtida uma completa neutralização do seu potencial militar, supressão paradoxalmente resultante do próprio poder de destruição das armas nucleares e da alta prioridade em que hão-de ser considerados os objectivos constituídos pelos seus locais de armazenagem e lançamento.

Esta possibilidade vem afinal filiar-se na terceira hipótese formulada. Neste caso, apesar do apoio táctico nuclear ter um enorme poder de destruição, o resultado final será decidido pela qualidade e quantidade das forças de terra, com base na Infantaria. Em certas situações, até o uso daquelas armas será desaconselhado, e a luta será travada apenas com apoio das armas convencionais. Os exércitos não podem, portanto, depender sòmente de pequenos núcleos de forças agrupados em torno dum sistema de lançamento de armas nucleares, como certos «táctico-estrategos fantasistas» pretendem fazer admitir. Aliás, quem forçará as forças inimigas a concentrar-se de modo a oferecerem alvos nucleares remuneradores? Quem protegerá o próprio sistema de lançamentos daquelas armas? Quem ocupará o território inimigo e controlará as suas populações, que são afinal o objectivo último da guerra? É evidente que só os exércitos de terra, moldados numa forte e poderosa Infantaria.

Mas a Infantaria deve estar preparada para a guerra futura e não para combater como nas guerras passadas, pois as armas nucleares vieram alterar profundamente as condições da luta entre as forças terrestres. Uma sensata e completa análise das consequências deste facto, um estudo realista dos novos condicionamentos da táctica e a utilização eficiente de novas e mais poderosas armas devem ser o objectivo constante dos responsáveis pela organização, instrução e emprego da Infantaria.

(Continua na 22.ª pág.)

PELO MUNDO DA TÉCNICA

O P 58 suiço

O Exército Suiço acaba de produzir o protótipo de um carro de combate de 35 ton., designado por P58. A viatura dispõe de um canhão de 90 mm e de uma metralhadora coaxial de 20 mm, instalada na torre. O canhão de 90 mm, de comprimento fora do normal, tem uma velocidade inicial excepcionalmente grande e possui uma notável capacidade de perfuração (cerca de 4 cm a 2 km)

Está sendo fabricado para o Exército Americano um novo missil superfície-ar, que pode ser transportado por um só homem. Esta arma de defesa contra aviões voando baixo, mede cerca de 1,20 m. de comprimento, 7,6 cm. de diâmetro e pesa 9 kg. O projéctil é transportado no tubo de lançamento e guiado até ao alvo por um dispositivo electrónico de infra-vermelhos

O «Olho vermelho» (Red-Eye)

O Transporte de Carga e Pessoal

Nos E. U. A. foi construído um veículo de carga e pessoal (3/4 ton.). Pode vencer declives até 60° e tem uma velocidade máxima de 105 km/h

O canhão autopropulsado de 175 mm (T 235)

O novo dispositivo limpa-minas «Snake»

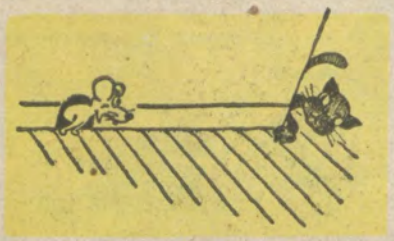
A direita — O T 235, novo transporte para um canhão de 175 mm, em serviço na Artilharia dos E. U. A.

●

Está em experiência um dispositivo aperfeiçoado do «snake» que permite a detonação das minas pelo disparo de uma bala de metralhadora numa espoleta especial. É transportado em viaturas de carga normal e depois de montado mede 120 m.

A OBSERVAÇÃO

AS AVES NO CÉU...



OS ANIMAIS EM TERRA...

E O HOMEM NA VIDA DIÁRIA...

PROCURAM, VIGIAM, OBSERVAM

para se alimentarem, defenderem a vida, evitarem ser descobertos e capturarem o seu inimigo.

TU, SOLDADO, utiliza sempre os teus olhos para procurar, vigiar, OBSERVAR

Para veres

sem seres visto

SÊ ASTUTO!

PORQUE DE CONTRÁRIO...

...PODE CUSTAR-TE A VIDA!

recreio

Os dois desenhos diferem em oito pormenores. Veja se os descobre em menos de oito minutos. Se o conseguir, considere-se OBSERVADOR REGULAR. Se não ultrapassar 5 minutos, então, classifique-se como BOM OBSERVADOR

(Ver solução no fundo desta página)

LEIA E RESPONDA!

Responda, num postal, às 10 perguntas e cole no mesmo o talão situado no canto inferior direito desta página. Envie as respostas para o «Jornal do Exército», Concurso «Leia e Responda», Rua da Escola Politécnica, 61 – Lisboa – Portugal, até ao dia 29 de Fevereiro. Não serão considerados os postais que apresentem letra ilegível ou rasuras e não venham acompanhados do talão. Indique o nome, posto e unidade ou estabelecimento militar onde presta serviço.

O prémio é constituído por um «cheque-brinde», no valor de 200$00, que permite adquirir artigos à escolha, na «Livraria Hélada», R. Rodrigo da Fonseca, 152, Lisboa.

Trimestralmente, será sorteado, entre os concorrentes que enviem as soluções certas, um fogão a gás da marca ODACLA.

1 — Este selo foi posto em circulação em 1954. A que unidade ou estabelecimento se refere?

2 — As ilhas e províncias do Ultramar representam cerca de 17, 23 ou 32 vezes a superfície de Portugal Continental?

3 — Que representa em «Morse» o sinal (— — —.)?

4 — Uma milha terrestre são 1.609 ou 1.853 metros?

5 — Qual destes países não pertence à OTAN (NATO): Portugal, Suécia, França, Turquia?

6 — Qual foi o resultado do último jogo de futebol entre equipas militares de Portugal e da França?

7 — Qual foi a equipa que venceu a «Taça das Nações» no último Concurso Hípico Internacional de Lisboa?

8 — A que unidade do Exército Português pertence a divisa: «Conduta brava e em tudo distinta»?

9 — No filme «Chalmite» o actor Augusto de Figueiredo representou o papel de Mouzinho, de Caldas Xavier ou de Paiva Couceiro?

10 — Qual é o número do Regimento de Infantaria aquartelado em Braga?

AS OITO DIFERENÇAS

(Solução do problema desta página)

1 — Não se vê a chapa do couce da espingarda.

2 — Uma das botas do soldado que está de pé é branca.

3 — A mão esquerda segura a espingarda mais acima.

4 — A espingarda que está encostada à árvore não tem gatilho.

5 — A perna esquerda do soldado deitado está menos lapada pela outra.

6 — A árvore mais pequena está deslocada para a direita.

7 — A platina do soldado de pé está ao contrário.

8 — Não se vê a parte de baixo do capuz.

JANEIRO - 1960

JORNAL DO EXÉRCITO

Concurso

LEIA E RESPONDA

● O «Jornal do Exército» responderá às cartas que lhe forem dirigidas pelos seus leitores, sobre assunto de cultura militar e cultura geral, publicando a pergunta, ou perguntas, e respectivas respostas. Cartas anónimas ou com insuficiência de remetente (nome, posto e unidade), não serão consideradas.

● Não faça perguntas cujas respostas podem ser mais fàcilmente obtidas junto dos seus superiores ou nas secretarias da sua unidade.

● O «Jornal do Exército» terá prazer em lhe ser útil. A secção «Cartas à Redacção», está desde já ao seu dispor.

A ORDEM DO EXÉRCITO DIZ...

CONDECORAÇÕES

— Foram condecorados com a 2.ª classe da medalha de Mérito Militar, os coronéis do Exército Francês Lucien Benezit e Marcel Levain e o Major Guy de Lacombe.

— Foram condecorados com a Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar os 1.os cabos do Depósito de Material de Guerra do Estado da Índia, n.os 12/58/EP, Manuel Inácio e 13/58/EP, José Pereira da Costa.

NOVA ORGANIZAÇÃO DO M. E.

Entrou em vigor no dia 1, a nova Organização Geral do Ministério do Exército, publicada na O. E. n.º 8 — 1.ª Série — de 19-11-1959.

Na referida Organização o Chefe do Estado-Maior do Exército, passa a accionar o E. M. E. por intermédio de três generais, o Vice-Chefe do E. M. E., o Ajudante-General e o Quartel-Mestre-General.

É criada a função de Inspector-Geral do Exército, desempenhada por um General com precedência sobre o Vice-Chefe do E. M. E.

No Estado-Maior do Exército o número de Repartições aumenta de quatro para cinco.

Transitòriamente, o Serviço de Saúde engloba o pessoal do Serviço Veterinário e os Serviços de Preboste e de Transportes são providos com pessoal das Armas de Cavalaria e Engenharia, respectivamente.

Extinguem-se os Centros de Mobilização, passando as suas atribuições para os Distritos de Recrutamento Militar.

NOTA DE ABERTURA

(Continuação da 5.ª pág.)

de honra e até como uma responsabilidade de comando ou direcção, a adopção das medidas necessárias para aquele efeito. Não é que se não devam fazer as observações e sugestões que a experiência for aconselhando para melhoria do jornal e que serão sempre bem-vindas. Mas — antes do mais — há que o amparar e fazer viver e prosperar.

Por último convém notar que a massa dos leitores interessados não é, neste caso, homogénea, tanto sob o ponto de vista de preparação e cultura, como no aspecto da sua capacidade de apreensão. Este ponto terá, pois, de ser considerado, em permanência e a um tempo, pelo corpo redactorial e pela colaboração espontânea ou solicitada.

O ideal seria que os artigos e assuntos tratados pelas várias secções do jornal fossem igualmente interessantes para qualquer dos seus leitores.

Não negamos e antes preferimos sublinhar esta dificuldade que exigirá um esforço constante para a sua superação.

Seja como for, estou sinceramente esperançado em que todos nós, militares das Forças Terrestres, faremos tudo para evitar que o sucesso do jornal nos fuja das mãos e com ele o factor de prestígio e consideração que os elementos da classe civil, naturalmente e mercê da sua leitura e meditação, nos poderão conceder.

DAVID DOS SANTOS
Brigadeiro

«Jornal do Exército» é para si. Leia-o e envie-nos as suas sugestões para o melhorar.

A IMPORTÂNCIA CRESCENTE DOS SERVIÇOS NOS EXÉRCITOS MODERNOS

pelo Major EDUARDO FERNANDES

As estatísticas do último conflito mundial mostram que, em média, por cada 100 homens de uma Grande Unidade na frente, se torna necessário um apoio logístico que, em toda a profundidade, absorve cerca de 250 homens.

SEJA qual for o aspecto sobre o qual nos debrucemos quando pretendemos estudar a marcha da Humanidade através dos séculos verificamos, sempre, que a complexidade dos problemas que enfrentamos vai crescendo à medida que nos aproximamos da actualidade.

Para sobreviver, o Homem teve que lutar, incessantemente, contra o meio hostil, a adversidade e, paradoxalmente, contra o seu próprio semelhante.

As lutas, para o homem primitivo, não passavam de manifestações do seu instinto de conservação mas, com o decorrer dos séculos, foram tendo causas cada vez mais complexas. Paralelamente, os processos e os meios utilizados pelo homem, na Guerra, foram evoluindo.

Entre as lutas dos grupos indisciplinados de clãs ou tribos até aos embates dantescos das grandes coligações das últimas décadas, inscreve-se a história da própria Humanidade. Das setas rudimentares de silex aos foguetões de alcance intercontinental temos, na sua manifestação bélica, a história do seu progresso científico.

Por largo tempo, os abastecimentos necessários à vida das tropas, em combate, foram obtidos através da rapina e do saque dos territórios invadidos ou dos haveres das populações vencidas.

Porém, já no ano 362, antes de Cristo, Epaminondas empregou, pela primeira vez na História, a requisição em país inimigo para abastecimento das suas tropas. Isto não quer dizer que a pilhagem não continuasse a ser ainda, por muitos séculos, prática corrente.

Até à Guerra dos Trinta Anos, a exploração dos recursos locais e a pilhagem constituiram os únicos processos de abastecimento dos exércitos em campanha.

Foi o Rei Gustavo Adolfo, da Suécia quem, pela primeira vez, utilizou o sistema de reabastecimento dos exércitos em campanha com géneros vindos da retaguarda, além da exploração dos recursos locais.

Aquele processo de reabastecimento, apesar de utilizado pela primeira vez, foi posto em prática de maneira tão eficaz que contribuiu, de forma decisiva, para as vitórias alcançadas pelo grande chefe militar.

Foi também Gustavo Adolfo quem conferiu aos Serviços carácter independente, em relação às armas.

Com o século XIX entramos num ritmo, verdadeiramente alucinante, de descobertas científicas que conduzem a um grau nunca sonhado de progresso material das populações.

No campo militar este progresso traduz-se numa infindável série de novas armas, cada uma delas tornando imediatamente obsoletas as que, ainda há pouco, eram apresentadas como a última palavra da indústria de armamentos.

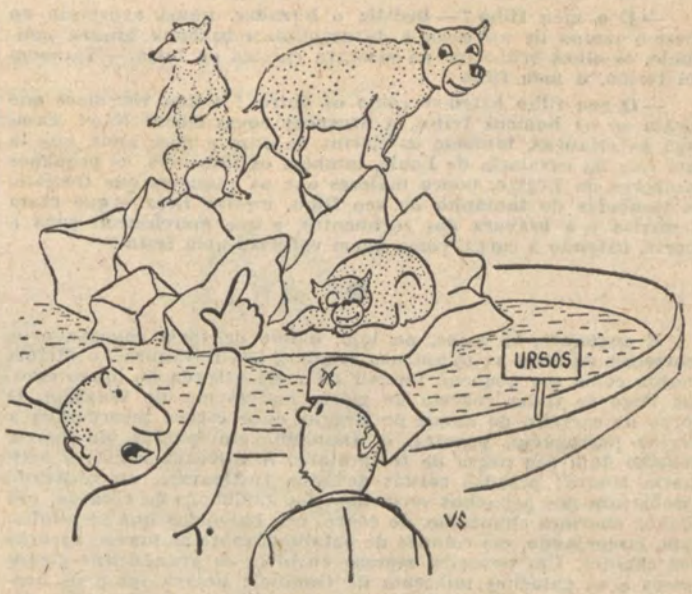
Paralelamente, os Serviços vêem aumentar, constantemente, o número e diversidade dos artigos a fornecer às tropas.

A este propósito parece-nos oportuno recordar que, em relação à guerra de 1914-1918, os americanos enviaram para a Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, uma tonelagem de abastecimentos seis vezes maior, sendo tripla a sua variedade.

Procuraremos, em futuros artigos, apresentar aos nossos leitores alguns dos aspectos mais importantes do funcionamento dos Serviços na sua importante missão de abastecimento às tropas das diferentes Armas de tudo quanto estas necessitam para viver e combater.

BOM HUMOR NA TROPA

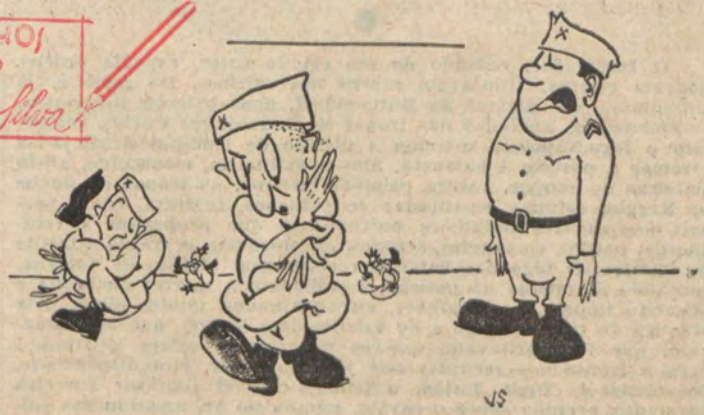
— Onde diabo teria metido a dispensa?!



— Bem dizia o nosso cabo! Lá está a ursa maior e a ursa menor. E aquela, deitada, deve ser a tal estrela polar...

DESENHOS do CAP Vicente da Silva

— Bem me parecia que eram 40 e não 90 graus de elevação



— E, agora, só mais um oitavo à direita!

O TAMBOR

(Continuação da 15.ª pág.)

trizes que lhe cortavam o peito e a cara, uma sabrada em Wagram, uma baionetada em Smolensko, uma bala em Saragoça, — as divisas e o bastão de sargento em Moscovo.

— Só me faltou morrer, mestre Brás, para ser feliz!

— E o meu filho? — insistia o ferrador, numa expressão ao mesmo tempo de angústia e de orgulho, a barbuna branca pungindo, os olhos brilhando na máscara curtida da forja. — Também foi ferido, o meu filho?

— O seu filho bateu-se como os outros! Cuida vocemecê que foram só os homens feitos, a arrancar como leões? Não! Também as crianças, também os clarins de onze e doze anos, que lá iam três na cavalaria de Loulé, também os tambores, os pequenos tambores da Legião, pouco maiores que as vaquetas que traziam, os tambores do tamanho do seu filho, mestre Brás, — que eram o sorriso e a bravura dos regimentos, e que marchavam para a morte, batendo a carga, como quem vai para uma festa!

●

E enquanto, lá baixo, na loja, o fole da forja roncava e os martelões de ferro retiniam nos rompões das ferraduras, o Miguel contou como um pequeno tambor da meia brigada do bravo coronel Pego se tinha coberto de glória na véspera de Wagram. O corpo de exército do duque de Reggio, onde estava incorporada a Legião portuguesa, passara o Danúbio, em pontes de barco, debaixo dum céu negro de tempestade. A trovoada rugia; a artilharia troava; pesadas cordas de água fustigavam, chicoteavam, assobiavam nos penachos vermelhos dos kaulbachs da Guarda, nos shakos enormes chapeados de cobre, nas baionetas que se alinhavam, lampejando, em colunas de batalhão, sobre as massas escuras dos capotes. Um nevoeiro espesso envolvia os granadeiros gigantescos e os galuchos imberbes de Oudinot; pesava sobre os hussardos, os dragões, os couraceiros de Davout, escalonados como serpentes de escamas de ferro; escondia a Guarda velha, brônzea, solene, eriçada de águias, batida sempre do vento impetuoso da glória.

●

O Imperador, rodeado do seu estado-maior, expedia ordens. Soavam clarins; tilintavam sabres nos estribos. De repente, já antemanhã, das alturas de Ruttzendorf, duas baterias austríacas, de emboscada, apoiadas nas tropas do Arquiduque Carlos, romperam o fogo. Napoleão mandou a divisão de Oudinot desalojá-las e tomar a posição à baioneta. Mas a artilharia, estoirando, abriu clareiras de sangue, varreu pelotões inteiros; as tropas do duque de Reggio, colunas espantadas de galuchos, fugiram, como pardais, — e os três batalhões portugueses, que ocupavam a retaguarda, pardos, compactos, serenos, encontraram-se frente a frente do inimigo. O fogo das baterias recrudesceu; clarões de inferno, coroando as cristas da posição, espalhavam a morte; quebrado o primeiro ímpeto, os batalhões, esfrangalhados, unidos ainda pela bravura do coronel Pego e do valentíssimo Stwart, que os animavam, que lhes gritavam, que os sacudiam: — «Para a frente! para a frente!», — recusavam-se já a marchar, iam dispersar-se, desordenar-se, fugir. Então, o tenente-coronel Baltasar Ferreira Sarmento, erguido sobre o cavalo, espada no ar, apontou aos soldados estupefactos um pequeno tambor da Legião, que, indiferente ao perigo, os cabelos ao vento, o peito às balas, enorme na sua bravura, avançava sòzinho, montanha acima, batendo a carga. Atrás daquela criança, que era um herói, os batalhões, negros de pólvora, unidos como um só homem, caíram à baioneta sobre os austríacos, rugindo, uivando, cantando. Estava tomada a posição. Dali a pouco, no campo, perante o cadáver do pequeno tambor caído de bruços e crivado de balas, o coronel Pego, com as lágrimas nos olhos, contava a Napoleão e aos marechais como aquele pequeno de catorze anos conduzira à vitória os batalhões portugueses. Os soldados choravam. O sol rompia o nevoeiro da manhã. E enquanto Oudinot, comovido, cobria com a capa cinzenta de marechal o corpo mutilado, Napoleão, tirando do peito a sua cruz da Legião de Honra, deixou-a cair sobre o cadáver do pequeno tambor.

— Foi então — continuou Miguel — que eu avancei e disse ao Imperador: — «Sire, conheço o pai deste rapaz; deixe-me levar-lhe a cruz, em vez de o enterrar com ela!»

E diante do velho ferrador, que tremia e chorava em silêncio, Miguel levantou-se do banco de castanho, descobriu-se, tirou da algibeira do capote uma pequena cruz de oiro presa a uma fita vermelha, e disse, entregando-lha solenemente:

— Aqui tem, mestre Brás, a cruz da Legião de Honra que o seu filho ganhou.

●

Daí por diante, o velho ferrador de Manique nunca mais pensou em mudar a escorva à escopeta, e só pedia a Deus que lhe desse vida para poder contar a toda a gente a glória do filho.

«RAINHA DAS BATALHAS»

(Continuação da 16.ª pág.)

Na ofensiva, velocidade, decepção e rápida exploração dos efeitos do rebentamento das armas nucleares, são os princípios básicos. Na defesa, uma extensa área organizada em profundidade, com posições para bloquear e canalizar o inimigo, a fim de permitirem ao defensor enfraquecê-lo contínua e progressivamente e levá-lo à destruição pelo emprego de poderosas forças de contra-ataque, apoiadas por armas nucleares e convencionais. Em ambas «concentrar-se para atacar, dispersar para sobreviver».

Mas é evidente que isto exige grande mobilidade e potência de fogo, que só a adopção de novas, melhores e mais leves armas portáteis, novas e mais poderosas armas anti-carro o uso cada vez mais largo de transportes blindados e helicópteros pode dar-lhe. Comulativamente com o desenvolvimento de novas tácticas e a utilização de novas armas, há que estruturar de novo a Infantaria, pois não seria azado entregar um machado novo a um lenhador decrépito.

A Infantaria não pode, porém, lutar só. Ela precisa de sentir à sua volta o calor amigo e o apoio forte dos homens da Força Aérea, dos marinheiros, dos artilheiros, dos cavaleiros blindados dos engenheiros e dos diversos serviços, sem os quais ela não pode mover-se, atirar, viver e comunicar. O Infante, mais que nenhum outro soldado, necessita de todo o apoio que lhe possa ser fornecido, o que lhe tornará menos árdua a sua terrível tarefa e maiores as probabilidades de sobreviver.

Mas lembremo-nos de que se o marinheiro depende do seu barco, o aviador do seu avião, o artilheiro da sua peça e o cavaleiro do seu carro, o Infante depende, apenas, no último e verdadeiro momento, da firmeza do seu espírito e da força da sua coragem. E é isso o que faz, afinal, a verdadeira grandeza da Infantaria «Rainha das Batalhas».

UM NOVO SER COLECTIVO

(Continuação da 7.ª pág.)

margens do Atlântico cônscia da oportunidade desse regresso, não andam depressa os estadistas e diplomatas?

Se temos todas as condições para nos tornarmos um verdadeiro potentado mundial, porque não meter ombros decididamente a tão glorioso e fecundo empreendimento?

ESTÃO ainda sem expedição e execução as medidas indispensáveis para se desenvolverem e acomodarem à prática as bases político-jurídicas da Convenção de 1953. Está ainda por esboçar um esquema comunitário integral que reajuste e ponha de acordo as respectivas economias nacionais. Ora, temos que não há mais tempo a perder! Os movimentos de integração dos povos, a que mais longe nos referimos, estão desencadeados. E onde está o nosso plano de integração? Onde está o nosso esquema comunitário?

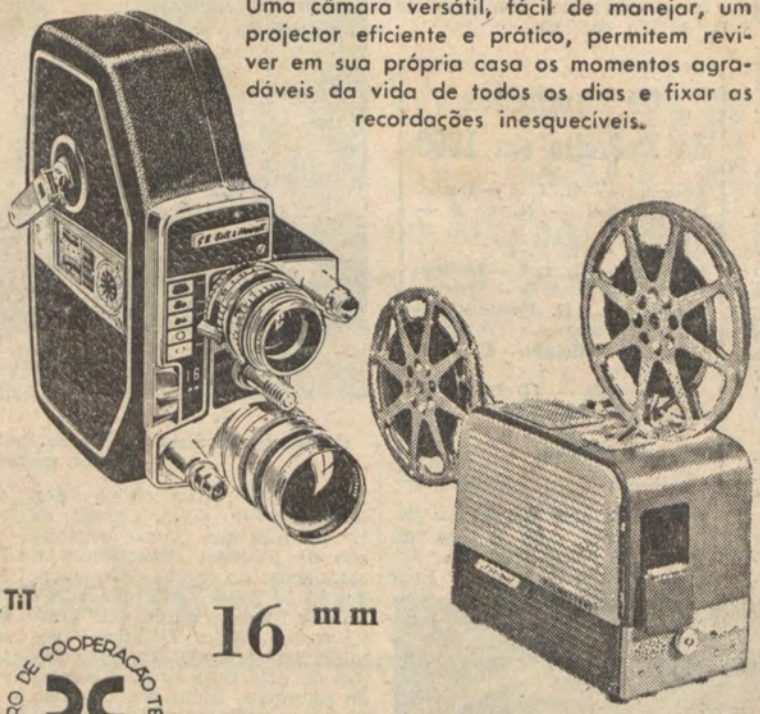
Nem os direitos decorrentes da equiparação dos nacionais de Portugal e do Brasil, proclamada pelo Tratado de Amizade e Consulta, como a livre entrada e saída dos dois países; o estabelecimento de domicílio e livre trânsito; a liberdade recíproca do trabalho; a igualdade na instituição e direcção das escolas, da propriedade de empresas jornalísticas e sua direcção e orientação intelectual; a equiparação dos diplomas universitários; estão ainda definidos e regulados, como eu já apontara e requeria no estudo circunstanciado inserto no «Panorama» de Junho de 1957! Nem a instalação das zonas francas, prevista pelo Tratado de Comércio Luso-Brasileiro, que em 1933 tive a honra de assinar no Rio de Janeiro, está em vias de realização... Nem a constituição dum pool de café, insistentemente reclamado pelo Ministro dos Assuntos Económicos do Brasil em Lisboa, dr. Cardoso de Miranda, está em vias de solução.

Não me alongo. Limito-me por hoje a estas indicações sumárias do nosso comum atraso. Há que recuperar o tempo perdido. Há que dar agora passos largos, rápidos e eficientes, se queremos, realmente, progredir no espírito e no sentido da Comunidade, se aspiramos a ser, no complexo mundo das grandes potências do porvir, aquela unidade económica, política e militar que a História nos impõe, o novo ser colectivo: Bra-Por, criado pelo Tratado de Amizade e Consulta de 1953.

Bell & Howell

Uma câmara para registar e um projector para recordar, sempre que quiser, os melhores momentos da sua vida

Uma câmara versátil, fácil de manejar, um projector eficiente e prático, permitem reviver em sua própria casa os momentos agradáveis da vida de todos os dias e fixar as recordações inesquecíveis.



TiT

16 mm

CENTRO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA · LISBOA ·

REPRESENTANTE EXCLUSIVO

CENTRO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA

RUA D. JOÃO V, 2 TEL. 680007 LISBOA

FOGÕES

ODACLA

o mais antigo fabricante de fogões a gás CIDLA

Gazina

SOCIEDADE CONSTRUTORA DE APARELHOS PARA COMBUSTÍVEIS, LDA.

RUA GENERAL TABORDA, 91
LISBOA TELEF. 683855

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

COMPETIÇÕES DO C. I. S. M. EM 1959

(C. I. S. M. é a abreviatura de Conseil International du Sport Militaire — de que fazem parte, actualmente, 23 nações, entre as quais Portugal).

Além de outras actividades relacionadas com a Educação Física e os Desportos militares, o C. I. S. M. faz disputar, anualmente e em diversos países, várias competições. Portugal, no ano transacto, esteve presente nas seguintes provas:

PENTATLO MILITAR (na Suécia), onde obtivemos, na prova de Tiro, o 1.º lugar por equipas e o 1.º lugar individual por intermédio do furriel de Infantaria Soares.

ESGRIMA (no Luxemburgo), onde competimos, por equipas, em espada e sabre, e individualmente em florete.

FUTEBOL — A nossa equipa militar ganhou a prova de classificação (Grupo B) em competição com a Holanda (2-0) e a Grécia (3-0). Na fase final (em Itália) com os vencedores dos outros Grupos, Portugal classificou-se em 2.º lugar, à frente da França (apurada do Grupo A) que venceu por 1-0, e atrás da Itália (vencedora do Grupo C) com a qual perdeu por 2-8. O apurado do Grupo D (a R. A. U.) desistiu.

Os campeões do Exército em 1959

Andebol — R. I. 6 — Porto.
Basquetebol — R. C. 6 — Porto.
Esgrima — E. P. I.
Futebol — R. I. 1 — Lisboa.
Natação — R. A. C. — Oeiras.
Pentatlo — B. Pontoneiros — Tancos.
Voleibol: Oficiais — E. P. I. — Mafra.
Sargentos — G. D. C. C. — Sta. Margarida.
Praças — R. C. 8 — Castelo Branco.

HIPISMO (em Roma) — Esteve presente uma equipa de oficiais que conquistou o 3.º lugar do Prémio C. I. S. M. Esta equipa, chefiada pelo ten.-cor. Barreto e constituída pelos major Calado e capitães Albuquerque e Sabbo, actuou brilhantemente no Concurso Internacional de Nice, pois obteve, por intermédio do major Calado, os 1.ºs prémios das provas «Comissão de Festas», «Bucephale» e «Mónaco»; do capitão Albuquerque, o 1.º lugar na Prova «Castelo de Nice», e ainda a 1.ª classificação (major Calado e capitão Sabbo) na prova, por equipas de dois cavaleiros, «Cadetes de Saumur». Além destas cinco vitórias, ao major Calado foi atribuído o «Prémio da Seda» por ter sido o melhor cavaleiro de todos os que estiveram em Nice.

O vencedor da Prova de Tiro do Pentatlo Militar Internacional, furriel Soares, verifica os alvos

Durante o treino da selecção militar

ACTIVIDADES PARA 1960

Além das competições entre as diferentes unidades do Exército, haverá os campeonato entre os três ramos das Forças Armadas, para os quais se prevê a realização de provas de Futebol, Tiro, Basquetebol, Voleibol, «Cross» e Natação.

Aqui se fará, em parte, a selecção dos elementos que representarão Portugal nas provas internacionais militares do C. I. S. M.

É provável a nossa participação em Tiro, Esgrima, «Cross» e Pentatlo Militar, além de Futebol e Hipismo.

FUTEBOL — Eliminatória Bélgica-Portugal do Campeonato Internacional Militar — O apuramento desta eliminatória será feito depois de dois jogos, nos dias 18 e 28 de Fevereiro, respectivamente, na Bélgica e em Portugal.

Realizaram-se, nos dias 13, 17 e 20 treinos, sob a orientação do alf. Bruno (prep. física) e 1.º sarg. Cândido Tavares (treinador).

HIPISMO — Prevendo-se que seja encarregado o Exército da representação de Portugal nas competições hípicas dos Jogos Olímpicos de 1960, em Roma, trabalha-se já na pré-selecção dos cavaleiros e respectivas montadas no sentido de se obter equipas para as três provas olímpicas: Concurso Completo de Equitação (campeonato olímpico), Ensino e Obstáculos.

★

Calendário:

Disputar-se-ão em Fevereiro as seguintes provas dos campeonatos nacionais militares:

— *Pentatlo Militar, 1 a 5 em Mafra.*
— *Andebol de Sete, 9 a 13, no Porto.*

ALFAIATARIAS SAPATARIAS
LANIFÍCIOS ALGODÕES
-:-:-:- MODAS NOVIDADES

RODRIGUES & RODRIGUES

FORNECEDORES DOS SERVIÇOS DO ESTADO, LEGIÃO PORTUGUESA,
PRINCIPAIS BANCOS E COMPANHIAS
ESTABELECIMENTOS FABRIS DO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

~

RUA NOVA DO CARVALHO, 76—TELEF. 31170-78-79—LISBOA

EMPRESA FABRIL DO NORTE

S. A. R. L.

SENHORA DA HORA—PORTUGAL

FIAÇÃO, TECELAGEM, TORCEDURA, CARRINHOS DE LINHA, BRANQUEAÇÃO, MERCERIZAÇÃO, TINTURARIA DE ALGODÃO, FIAÇÃO E TECELAGEM DE LINHO

Fábrica da Senhora da Hora; Fábrica de Soure
Centrais de Maceração de Linho da Trofa e Soure
50.396 fusos de fiação; 21.378 fusos de torcedura; 795 teares

POTÊNCIA INSTALADA

Centrais térmicas ..... 4.500 CV
Postos de transformação ..... 3.860 KVA

2.700 OPERÁRIOS

Fabrico de linhas para costura e bordados. Fabrico de fios de algodão, cardados e penteados de alta qualidade para :
Indústria de tecelagem, indústria de malhas, redes de pesca.
Fios e tecidos de linho. Telas cruas e branqueadas. Tecidos tintos, estampados e acabados, tais como :
Baptistas, bretanhas. Cambraias, cassas. Cotins, cortinados. Fustões, lenços, lingeries. Panos de lençol, piqués, popelines. Sarjas, telas para camisaria. Tecidos de fantasia, etc. Passamanarias.

1648 — ESPINGARDEIRO

HOMEM DE ARMAS do Exército da Restauração, conjuntamente com os piqueiros, e armado de espingarda de morrão. Esta arma de fogo substituiu a colubrina manual, nos meados do século XV, pela mudança sofrida na culatra, que permitiu ao atirador apoiar a coronha no ombro para apontar e disparar, dispensando a forqueta. Por ordenança de D. João IV deviam os soldados e oficiais usar trajes garridos, pois a maior honra concedida ao homem era morrer no campo de batalha em defesa da pátria. Para diferençar os Terços foi ordenado que se usassem plumas ou laços nos barretes e ombros, de cores distintas para cada unidade. Sob o gibão ou véstia colorida traziam couraça de aço forjado, arma defensiva usada na luta corpo a corpo e última reminiscência das armaduras dos séculos passados, destronadas pela invenção e aplicação da pólvora à arte de guerra

1640 — MESTRE DE CAMPO

OFICIAL SUPERIOR a quem era confiado o comando dos Terços de Infantaria, segundo a organização militar de D. João IV. Também era dada esta denominação aos oficiais superiores comandantes dos Exércitos em campanha, pois este cargo era atribuido aos comandantes dos Terços que maior experiência militar tivessem demonstrado. Usavam meia armadura e pistolas de pederneira, para defesa na luta corpo a corpo. Os chapéus emplumados ostentavam as cores da sua nidade. Vestiam capa vermelho-púrpura símbolo de comando, como os centuriões romanos e capitães dos séculos XIV e XV, conservando dos cavaleiros medievais a faixa de púrpura à cintura ou em banda, tal como D. João I ordenara a todos os heróicos cavaleiros de Aljubarrota que a usassem enquanto fossem vivos e depois de mortos, lhes servissem de mortalha. Adoptada posteriormente, passou a ser insignia hierárquica privativa dos oficiais do Exército até aos nossos dias, sofrendo alteração de cor no período das guerras liberais, altura em que as franjas passaram a ser azuis e brancas. Os Mestres de Campo Generais, (denominação dada aos comandantes dos grandes agrupamentos de unidades de diversas Armas), usavam ainda como distintivo um bastão de metal artisticamente trabalhado, usança já conhecida entre nós desde os tempos de D. João II

OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO

Abastecedora das Forças Armadas

LISBOA — CAMPO DE ST.ª CLARA
PORTO — RUA DA BOAVISTA

Secção comercial: venda a pronto pagamento e a prestações de artigos de vestuário e de utilidade doméstica

MANUTENÇÃO MILITAR

Fundada em 1897

Órgão abastecedor das Forças Armadas em víveres, forragens, combustíveis e lubrificantes

Com fábricas de moagem
pão
massas
torrefacção
bolachas
comprimidos

SEDE EM LISBOA (BEATO)

SUCURSAIS EM CAXIAS, COIMBRA, ELVAS, ENTRONCAMENTO, ÉVORA, GUARDA, PORTO, RÉGUA E VISEU

MESSES DE OFICIAIS EM LISBOA, PORTO E CAXIAS

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 74 - TELEF. 36 67 51 (7 LINHAS)

REPRODUÇÃO E IMPRESSÃO, DAS CAPAS
DA FOTOGRAVURA NACIONAL LDA.

JORNAL DO EXÉRCITO

JANEIRO						
D.	•	3	10	17	24	31
S.	•	4	11	18	25	•
T.	•	5	12	19	26	•
Q.	•	6	13	20	27	•
Q.	•	7	14	21	28	•
S.	F	8	15	22	29	•
S.	2	9	16	23	30	•

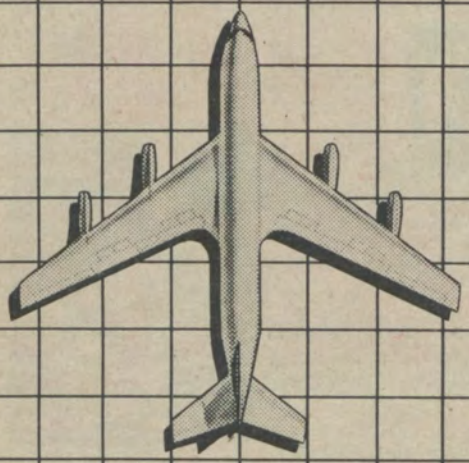
FEVEREIRO						
D.	•	7	14	21	28	•
S.	1	8	15	22	29	•
T.	2	9	16	23	•	•
Q.	3	10	17	24	•	•
Q.	4	11	18	25	•	•
S.	5	12	19	26	•	•
S.	6	13	20	27	•	•

Jornal do EXÉRCITO

Fevereiro 1960

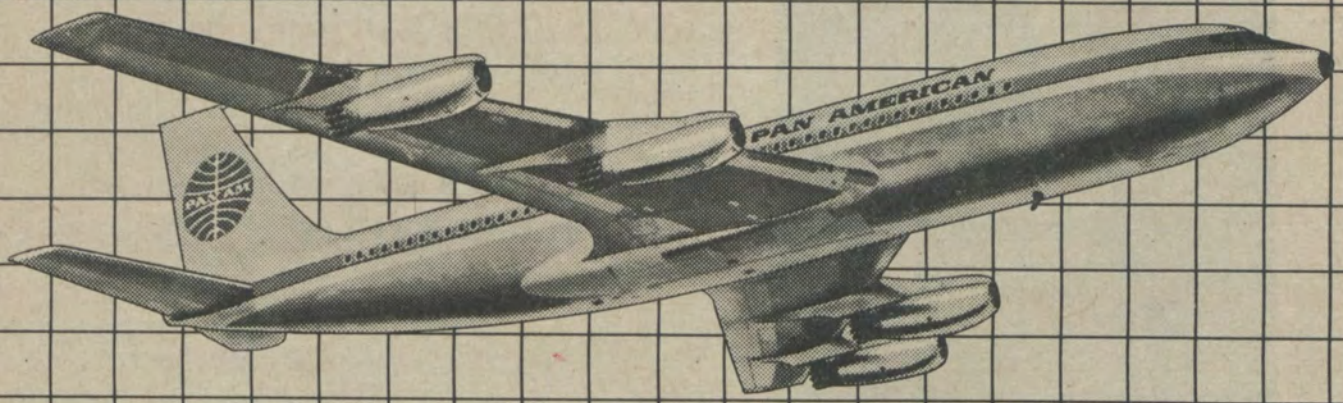
a **SACOR** empresa nacional garante o abastecimento do exército português em combustiveis e lubrificantes

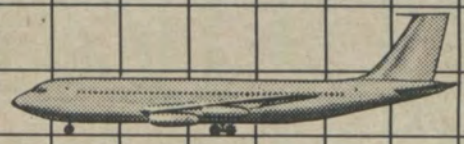
AO SERVIÇO DAS FORÇAS ARMADAS DE PORTUGAL



PAN AMERICAN

A PRIMEIRA COM O CLIPPER* A JACTO INTERCONTINENTAL 707 DE LONGO RAIO DE ACÇÃO

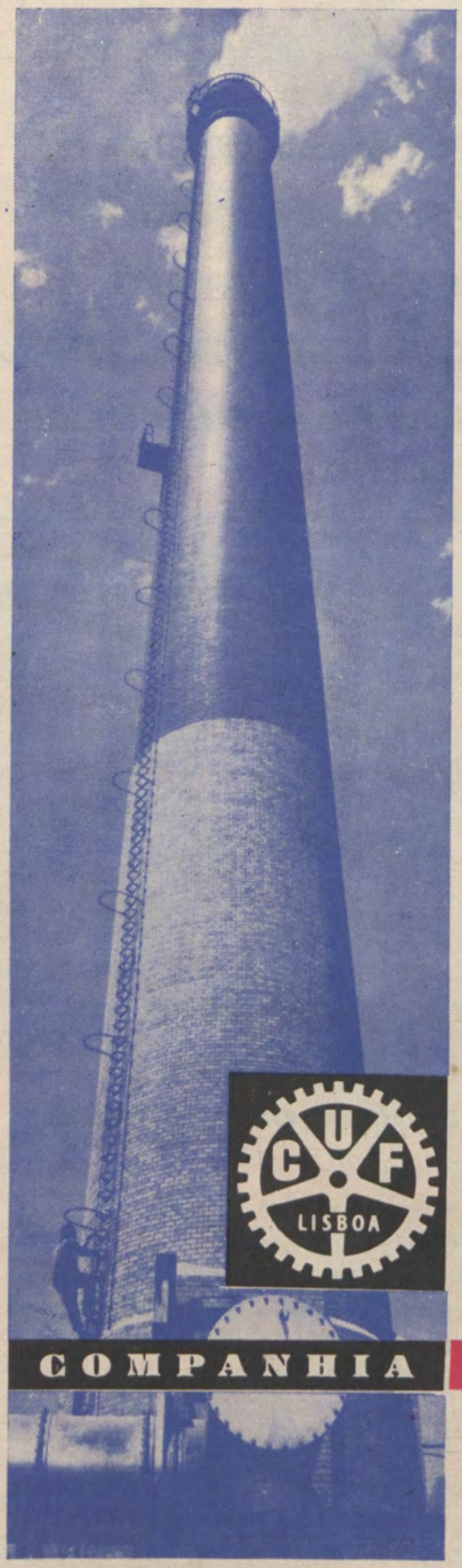




Voos transatlânticos sem escala em ambos os sentidos

- ✓ **COMPRIMENTO** — 46,6 metros
- ✓ **LARGURA** — 43,4 metros
- ✓ **ALTURA DA CAUDA** — 11,785 metros
- ✓ **PESO MÁXIMO À DESCOLAGEM** — 136.970 kg
- ✓ **CAPACIDADE DE PASSAGEIROS** — até 161
- ✓ **RAIO DE ACÇÃO** — 9.500 kilómetros
- ✓ **VELOCIDADE MÁXIMA** — 1.000 km/hora
- ✓ **VELOCIDADE DE CRUZEIRO** — 925 km/hora
- ✓ **ALTITUDE NORMAL DE CRUZEIRO** — 7.600 a 12.800 metros
- ✓ **MOTORES** — 4 Pratt & Whitney JT 4-A equipados com inversores de jacto para travagem e supressores de som

* Marca registada da Pan American World Airways, Inc.



INDÚSTRIA QUÍMICA

INDÚSTRIA TÊXTIL

METALURGIA DOS METAIS NÃO FERROSOS

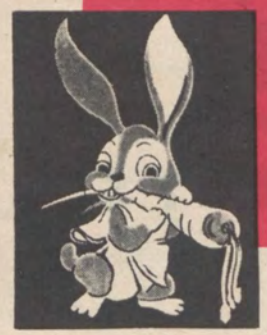
CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES NAVAIS

FUNDIÇÃO DE FERRO E AÇO

CONSTRUÇÕES METALO-MECÂNICAS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

RUA DO COMÉRCIO, 49 - TELEF. 30551 - LISBOA



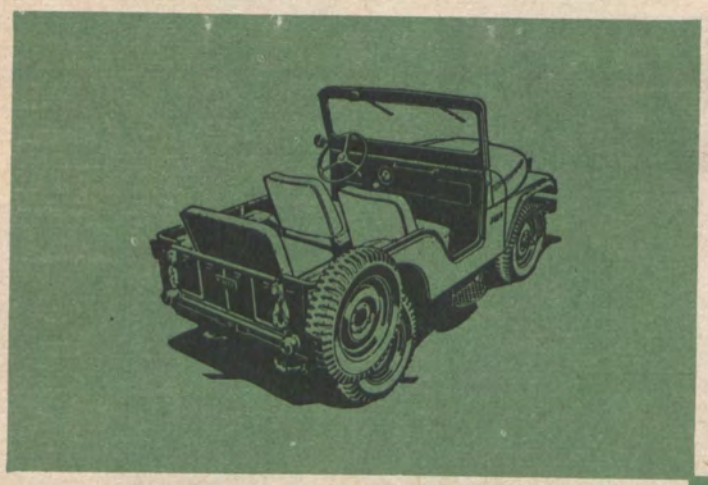
ODACLA

O FOGÃO
preferido
pela
família militar

GAZINA
fábrica:
rua latino coelho
venda nova - amadora
sede:
rua general taborda, 91
telef. 68 38 55 – LISBOA

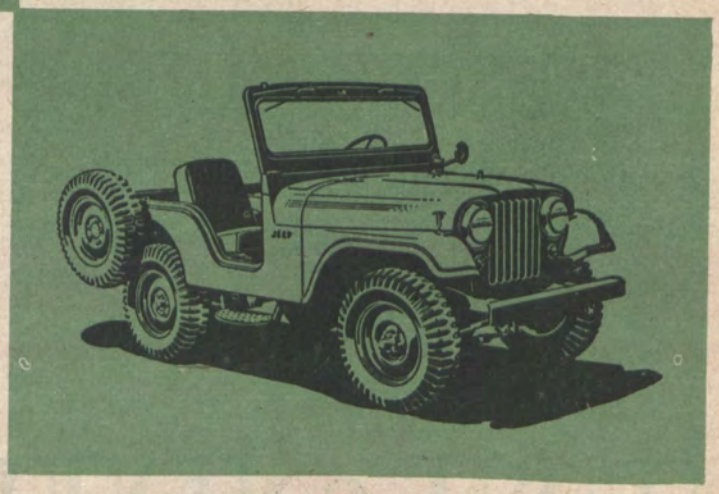
ESTORIL PORTUGAL

27 DE FEVEREIRO
A 1 DE MARÇO



'Jeep'®
WILLYS

O Veículo para «todo-terreno» construído em maior número em todo o Mundo, e preferido pelos Serviços Armados devido à sua incomparável resistência e versatilidade de aplicação.



ÚNICOS REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES GERAIS

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, LDA.

(ICAL)

AV. DA LIBERDADE, 35, 1.º-LISBOA

Jornal do EXÉRCITO

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Redacção e Administração
Rua da Escola Politécnica, 61
Telef. 3 10 45

DIRECTOR E EDITOR
Brigadeiro DAVID DOS SANTOS
Chefe da Redacção - Major BALULA CID

Composição e impressão
CASA PORTUGUESA
R. Gáveas, 109 - Lisboa

Distribuição: Continente, Madeira, Açores, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé, Angola, Moçambique, Índia, Macau e Timor

ANO I – N.º 2 MENSÁRIO – FEVEREIRO DE 1960 2 ESCUDOS

ULTRAMAR

«ESTE reino é obra de soldados». A frase de Mouzinho é particularmente verdadeira pelo que toca às províncias ultramarinas. Soldados — da Marinha ou do Exército, pouco importa — as ocuparam e as pacificaram. Soldados tomaram depois sobre si as tarefas da administração nos tempos em que era mais dura a vida nos trópicos e mais difícil o contacto dos nativos. E soldados asseguraram permanentemente a ordem e a paz necessárias ao fomento dos territórios e à civilização das gentes, como ao menor rebate de perigo para a integridade da Nação acorreram a garanti-la.

Não podem, pois, os soldados portugueses desinteressar-se nunca do Ultramar. E melhor do que ninguém devem ter consciência do que vale e significa a presença de Portugal na África e no Oriente.

Uma grande ofensiva de ideias falsas se desencadeou pelo mundo inteiro nos nossos dias. Segundo ela, as potências europeias teriam realizado em África (falemos só deste continente) uma obra de opressão. Ao ouvir os propagandistas da independência africana, ficamos convencidos de que havia outrora em África prósperas Nações, com a sua cultura florescente, com uma civilização em marcha, e que os europeus foram perturbar esse florescimento e esse desenvolvimento, animados sòmente do intuito sórdido de explorar e dominar os povos nativos.

Ora nada disto é verdade. Quando abordámos à África intertropical e meridional, o panorama era totalmente diverso. A população africana vivia na Idade da pedra. A sua organização social era em tribos que se hostilizavam e guerreavam constantemente, salvo quando uma delas impunha a sua hegemonia às outras, constituindo um império. Esses impérios eram despóticos, e hierarquizados segundo o tipo feudal. Os sacrifícios humanos constituiam prática corrente, não havia respeito pela vida dos homens, não se conhecia a sua liberdade. A antropofagia predominava. Havia nas sociedades indígenas a escravatura em grande escala, e a condição servil era misérrima. E as populações viviam oprimidas pelas forças cegas dessa poderosa e portentosa natureza tropical, — pelos elementos, como pelas feras e pelos seres infinitamente pequenos — sem terem conseguido, em milénios, sair do primitivismo, do medo e da fome, sem terem concebido um só processo de dominar o meio que as circundava e intimidava.

Foram estas as populações que os europeus encontraram em África. É um facto averiguado que a quase totalidade dos vegetais que hoje entram na alimentação corrente do africano ao sul do Equador provém de plantas que os portugueses introduziram em África, trazidas da Europa, do Oriente ou do Brasil. E em face dessa verificação perguntamo-nos: que comiam, antes, os negros? Pois o que ainda comem em alguns recantos recônditos do sertão: formigas, ratos, gafanhotos, mel silvestre, raízes...

Mentem, pois, despudoradamente os que acusam os europeus de terem ido perturbar as delícias da vida paradisíaca dos indígenas, de terem arrancado uma civilização espontânea para implantarem outra artificial, de terem interrompido a marcha duma cultura fecunda e original, destruindo a alma africana...

Não. A Europa deu à África tudo o que hoje ela tem de verdadeiramente valioso nas concepções humanas e sociais. Deu-lhe a ideia da personalidade do homem, não apenas no domínio jurídico, mas também na ordem espiritual. Permitiu que se formassem sociedades amplas em que o convívio pacífico fosse possível. Introduziu as técnicas graças às quais o homem pode ser rei da criação e não escravo da natureza. Rasgou estradas, saneou terrenos, dominou doenças, afugentou feras, abateu florestas, disseminou a vida.

Onde havia desolação, fez surgir a riqueza. Tornou a existência menos penosa, criando condições de felicidade. E pode mesmo conter, quanto em suas forças cabe, o império da Morte, diminuindo a mortalidade infantil e ampliando a idade média da vida.

Para tudo isto os africanos contribuiram apenas com o seu trabalho de execução, com a «mão-de-obra». Imposta por vezes, é certo, quando por incompreensão ou por preguiça não a ofereciam voluntàriamente. Mas, como, em muitos casos, evitar essa imposição?

Resultaram daí abusos condenáveis. E não são só abusos que mancham a acção europeia: são também crimes. Porque abusos e crimes são o tributo infeliz que a humanidade paga pela sua fraqueza ao tentar realizar as suas ideias, os seus ideais ou os seus sonhos. Que nos atire a primeira pedra quem puder apresentar uma actuação humana, prolongada e colectiva, isenta de vícios.

Porque a condição humana tem essa jaça de erro que a faz tantas vezes prevaricar. E a tal condição, infelizmente, estamos sujeitos todos, sem excepção. Nenhuma raça, nenhum povo, nenhuma classe, nenhuma confissão religiosa, nenhuma ideologia, nenhum partido pode ou poderá jamais gabar-se de estar isento do risco do abuso e do crime na acção colectiva. Há homens santos. Mas a humanidade não é santa.

MARCELLO CAETANO

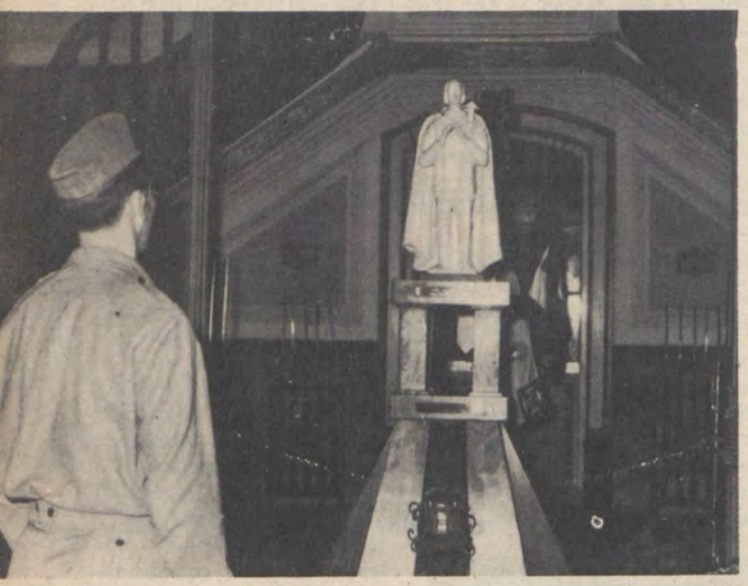
O BATALHÃO

DIVISA DE HONRA:

Em vós possui a Pátria, em vós contemplo
— De lealdade o mais ilustre exemplo.

Uma tradição de glórias

Evocando o passado



No átrio de Honra: Nun'Álvares — o 1.º entre os infantes de Portugal

Dá licença, meu Aspirante?

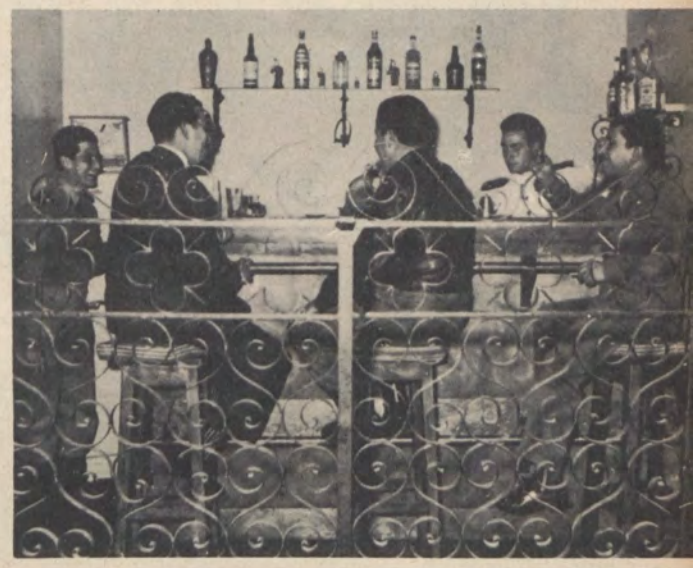
Últimos retoques

RONDA PELAS UNIDADES

DE CAÇADORES N.º 5

Bom, abundante e bem confeccionado

O Batalhão de Caçadores n.º 5, criado em 1808, teve a sua origem na Legião Transtagana, corpo de voluntários organizado em Beja quando do movimento insurreccional contra as tropas francesas de Junot. Com século e meio de existência, é nos nossos dias uma das Unidades mais representativas das gloriosas tradições do Exército e, particularmente, da Arma de Infantaria. A sua Bandeira ostenta as seguintes condecorações: Oficial da Ordem da Torre e Espada, Medalha de Ouro de Valor Militar e a Medalha de Mérito de 1.ª Classe «Ouro» da Legião Portuguesa.



No bar dos oficiais

Uns jogam, outros lêem

Horas de convívio

O render da sentinela

O «PORTA-BANDEIRA» sua tradição

pelo capitão de Cavalaria, MANUEL CERQUEIRA

A leitura de um artigo publicado na revista «Infantaria» e intitulado *Tradições da Infantaria Portuguesa* sugeriu-me a ideia de tratar um tema que interessa a todo o nosso Exército: — a tradição do Porta-Bandeira.

Fundamentada não sei em que razões, existia em mim a noção de que o Porta-Bandeira de uma unidade seria, por norma, um oficial com o posto de alferes.

Verdade é que, algumas vezes, tenho notado que assim não sucede, verificando que, consoante as circunstâncias, se nomeia um alferes ou um tenente para aquela honrosa missão.

★

Eu creio que a Tradição é a grande razão justificativa das nossas acções no momento presente e que ela norteia toda a preparação do futuro.

Não é possível a um povo afastar-se deliberadamente da sua Tradição porque é tradicional a sua localização no concerto geográfico do Mundo; porque é tradicional a língua que o distingue dos outros povos; porque o seu vestuário, as suas ocupações,, os seus divertimentos, as suas tendências específicas, enfim, apresentam um cunho que o individualiza.

... ALFEREZES VOLTEIAM AS BANDEIRAS ...

LUSIADAS, CANTO IV, EST. XXVII

Quando um povo segue uma tradição, afirma a sua personalidade, que é a maneira própria de reagir perante os factos e as ideologias.

A força moral que os povos buscam nas suas tradições é sempre muito importante e pode até ser a única, se eles não tiverem o direito da força...

Às nações como a nossa, aspirando à paz ordeira onde o aperfeiçoamento deverá ser lema constante, sem aspirações a tudo quanto não nos tenha sido legado por antepassados que viveram lutando, compete guardar o património herdado de tantos que se sacrificaram e **se foram da lei da morte libertando** porque para sempre vivem na grande Tradição que é a História.

Nas nações como a nossa existe um Exército que realiza a, jamais desmentida, máxima latina: «Si vis pacem para bellum».

Confiado ao Exército está todo o património nacional que a Bandeira simboliza.

Aquele que conduz o símbolo da Pátria terá que ser escolhido; porque ainda que todos devam ser exemplos íntegros das virtudes militares, sempre um entre eles será o melhor e a esse competirá tal honra e responsabilidade.

Afirma a nossa tradição militar que através dos tempos, ao longo da nossa História, sempre o alferes foi distinguido com essa missão.

Vejamos como.

No ano de 624 a Organização Militar Árabe, de Maomé, dava a designação de alferes — **alfaris** — ao guerreiro que combatia a cavalo. Foram estes **alfaris** que Tarik trouxe à Península Ibérica quando os exércitos do Islão, nas margens do Chryssus, derrotaram as hostes de Ruderico.

A influência da língua e costumes árabes, nomeadamente no Sul da Península, é por de mais conhecida e o termo alferes lançou raízes na dialéctica local e tão profundas, que jamais secaram.

Carlos Selvagem, no seu *Portugal Militar*, quando descreve o combate de S. Mamede, em 1128, conta «...debalde D. Tareja, com o conde Fernão Peres por seu alferes-mor, ajuntou as suas tropas...», e historia a conquista de Santarém assim: «...quando por fim a modorra venceu o vigia, uma escada foi logo içada, por ela subindo Mem Ramirez, o alferes-mor, com o pendão real...».

Na *História do Exército Português*, do General Ferreira Martins, no capítulo referente às Reformas Militares do século XIV, no reinado de D. Dinis, pode ler-se: «...o alferes-mor que tinha a honra de levar a bandeira real...».

Em 1373, no reinado de D. Fernando, e por influência da terminologia militar inglesa, a designação de alferes-mor foi substituída pelos dois vocábulos condestável e marechal.

Mas na descrição da tomada de Ceuta, em 1415, Durval Pires de Lima, em *Terras de Dor e de Glória*, refere: «...os estandartes de Afonso de Melo e de Gil Váz desfraldados pelos alferes...» e faz notar que «...o conde D. Pedro de Menezes, primeiro capitão de Ceuta, foi na batalha o alferes do príncipe D. Henrique...», o mesmo cargo desempenhando Mem Rodrigues de Refoios em relação a D. Duarte.

E continuando na pesquisa deparam-se-nos as *Ordenações Afonsinas* onde, em 1444, D. Afonso V regula as funções do alferes-mor como «um dos principais cabos da guerra na terra».

Surge, então, talvez o maior feito de guerra de um porta-bandeira, em 1450, na batalha de Toro «...o alferes-mor português Duarte de Almeida que empunhava o estandarte real, decepadas as duas mãos por cutiladas do adversário, se valeu dos cotos ensanguentados e dos dentes para segurar a bandeira».

Mas logo em 1513, no longínquo Oriente e sobre os muros de Aden, às ordens de Afonso de Albuquerque, outro esforçado lusitano, «...o seu coto sangrento — que a mão voara desfeita — e aconchegada ao peito, sustinha ainda de pé a bandeira esburacada das Quinas e a mão que lhe restava brandia um ferro... De repente o relâmpago dos tiros brilhou no alto, a pólvora batida pela brisa desfez-se, esfarrapando-se, o vulto inclinou-se ferido de morte — Portugal! Portugal! reboou pelos ares, num grito, bramindo nas quebradas; a bandeira brilhou na despedida, ao último raio de sol e Garcia de Sousa, cingido a ela, resvalou pelas muralhas, escorregou dilacerado pelas rochas, caiu de chofre sobre a praia, meio envolto na bandeira toda rota que servia de mortalha ao seu corpo de herói».

Assim o conta Durval Pires de Lima.

E em Alcácer Quibir: «...o alferes D. Duarte de Menezes, o estandarte real de damasco vermelho nas mãos...».

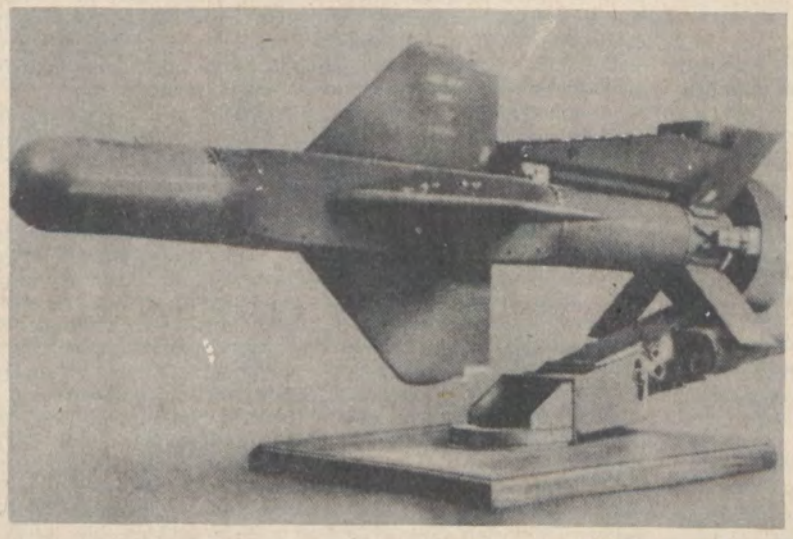
No século XVI, Gonçalo de Córdova, El-gran Capitán, organiza a infantaria espanhola e constitui os Terços a 6.000 homens, divididos em 12 companhias comandadas por um capitão ou alferes abandeirado.

No Portugal de 1640 e segundo Cristóvão Ayres na sua *História Orgânica e Política do Exército Português* o decreto de 11 de Dezembro cria o Conselho de Guerra. Nele tem origem o primeiro exército permanente de Portugal, ou exército de linha e os terços de auxiliares. Nos quadros aparece o alferes, tendo como superiores o capitão e o sargento-mor sob o comando de um coronel.

Em 1643, portanto ainda no Governo da Restauração, foi constituída no Porto a companhia de eclesiásticos tendo por capitão o Deão e como auxiliares deste um alferes, um ajudante e um sargento.

(Continua na pág. 30)

PELO MUNDO DA TÉCNICA

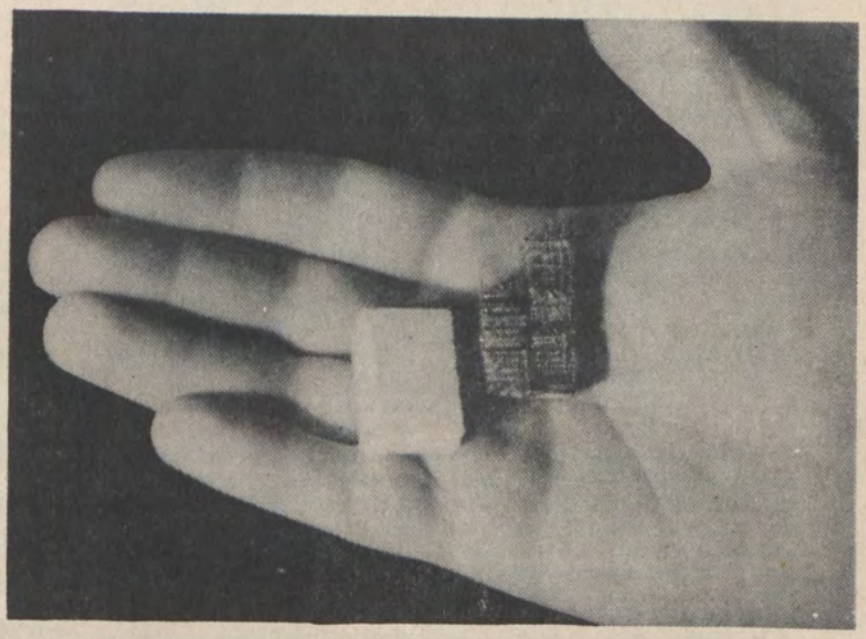


MISSIL ANTICARRO MALKARA

O **Malkara,** missil anticarro, de projecto e construção australiana, foi adoptado como equipamento padrão pelo exército britânico, após as extensas provas a que foi submetido. É controlado manualmente e guiado por fio. Quando o apontador vê o alvo, a precisão do tiro é de 100 %.

RÁDIO-RECEPTOR SUPERMINIATURA

Nos E. U. A. foram produzidos com o maior sucesso rádios minúsculos que utilizam blocos de circuitos unitários de tamanho ínfimo. Os menores elementos do bloco de circuito são lâminas delgadas de material condutor, semicondutor ou isolante, com espessura de 0,25 mm e superfície de 2,15 cm². Estas lâminas actuam como resistências, transistores, condensadores e cristais.



O HELICÓPTERO WESTMINSTER

Acaba de ser produzido um modelo de helicóptero «Westminster» de concepção inglesa, capaz de suspender compartimentos de carga presos na parte inferior da fuselagem. A figura representa uma enfermaria pré-fabricada com capacidade para 40 feridos. A sua aplicação no campo militar terá evidentes vantagens.

NOTICIÁRIO

O Ministro do Exército visita as Unidades da 1.ª R. M.

Em visita de estudo e inspecção, deslocou-se ao Porto o senhor ministro do Exército, acompanhado dos senhores generais Luís Pina, chefe do E. M. E., e Frederico Vilar, coronel do C. E. M. Araújo e Silva, chefe de gabinete, majores do C. E. M. Ascensão e Martins da Costa e major de Engenharia Seabra. No dia 28, o senhor ministro foi recebido no Q. G. da 1.ª R. M. pelo senhor general Valadares Tavares, comandante da Região, reunindo-se em seguida com os oficiais generais e comandantes das unidades da guarnição, com os quais tratou de problemas inerentes a obras em curso e projectadas para diversos quartéis.

No dia seguinte, pela manhã, o senhor coronel Almeida Fernandes visitou o Regimento de Infantaria n.º 6, o G. A. C. A. n.º 3 e o Regimento de Engenharia n.º 2, tendo sido recebido nestas Unidades pelos respectivos comandantes, senhores tenentes-coronéis Oliveira e Sousa, Saraiva Júnior e coronel Sousa Monteiro.

Pela tarde, foi visitado o Regimento de Cavalaria n.º 6, onde, acompanhado do senhor coronel Fernando Pais, comandante da unidade, S. Ex.ª observou o novo edifício onde ficarão instalados um refeitório, salas de sargentos e das praças, cantina, etc., seguindo-se a visita ao Hospital Militar Regional n.º 1, onde era aguardado pelo inspector da Região e pelo director daquele estabelecimento, senhores tenente-coronel médico Macias Teixeira e major médico Simões Cardoso.

No último dia da sua estadia na Cidade Invicta, o senhor ministro do Exército visitou o Regimento de Artilharia Pesada n.º 2, na serra do Pilar, onde era aguardado pelos 1.º e 2.º comandantes da Região, pelo comandante da Unidade, senhor coronel tirocinado Mário de Almeida, e oficiais do regimento. Daqui Sua Excelência dirigiu-se para o antigo quartel do B. M. n.º 3, onde está instalado o Centro de Instrução de Condução-Auto n.º 1, terminando assim as suas visitas às Unidades do Porto.

●

Comemorações Henriquinas

As comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, destinadas a evocar a figura, a vida e a obra do Navegador, lembrando os grandes passos da gesta dos Descobrimentos e da acção civilizadora dos Portugueses, terão o seu início no dia 4 de Março, feriado nacional, através de cerimónias de carácter religioso, a celebrar nas sés episcopais e igrejas matrizes e de sessões cívicas promovidas em todos os concelhos.

Como símbolo das mesmas comemorações foi adoptada uma bandeira com a Cruz de Cristo (cruz *firmada*), signo que melhor representa a grande empresa das Descobertas.

Nos primeiros dias de Março chega a Lisboa, a fim de assistir às Comemorações Henriquinas, como convidado de honra, o general Lima Brayner, chefe do E. M. do Exército do Brasil.

Ao ser-lhe transmitido o convite pelo nosso adido militar, coronel do C. E. M. Pereira da Conceição, declarou: «Levarei do Brasil a Portugal a expressão da amizade do Exército brasileiro, amizade que devemos continuar a estreitar ainda mais.»

A convite do Ministério do Exército chegou, no dia 19, a Lisboa, uma deputação do Colégio Militar do Rio de Janeiro, constituída por trinta alunos, dois oficiais professores e dois oficiais instrutores e chefiada pelo general Maggessi, director daquele estabelecimento de ensino.

Segundo o plano elaborado pelo Estado-Maior do Exército, os alunos brasileiros visitarão várias regiões do País, de interesse histórico e artístico, desde Guimarães até Sagres, estando prevista a realização de significativas cerimónias em alguns dos locais a visitar, entre as quais as de homenagem ao fundador da nacionalidade, em Guimarães; ao infante D. Henrique, no Mosteiro da Batalha e em Sagres; a Pedro Álvares Cabral, na Igreja da Graça, em Santarém; e a Camões, nos Jerónimos.

No Colégio Militar, realizar-se-á um colóquio no qual serão postas em relevo não só a figura e a obra do infante D. Henrique, como também a missão que incumbe às novas gerações de Portugal e Brasil. Neste colóquio, com início no dia 4 de Março, participarão os alunos portugueses e brasileiros com trabalhos elaborados de acordo com o plano estabelecido, no Rio de Janeiro, por professores dos dois institutos militares, quando da recente visita do Colégio Militar àquela cidade.

Os alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro participarão também nas cerimónias do 157.º aniversário do nosso Colégio Militar, desfilando com os seus camaradas portugueses, pela Avenida da Liberdade, no dia 3 de Março.

●

Concurso «Portugal na Imprensa Diária»

No Ministério do Exército, realizou-se no passado dia 27 de Janeiro a entrega dos prémios aos vencedores do concurso «Portugal na Imprensa Diária», levado a efeito no Colégio Militar, Instituto de Odivelas e Instituto Técnico dos Pupilos do Exército. Presidiu ao acto o Ministro do Exército, Sr. Coronel Almeida Fernandes, ladeado pelos Srs. Subsecretário de Estado do Exército, Tenente-Coronel Costa Gomes, e General Luís da Câmara Pina, Chefe do Estado-Maior do Exército. Encontravam-se presentes altas individualidades militares e civis, bem como os Directores dos Estabelecimentos de Ensino acima referidos e os jovens premiados.

Os objectivos do concurso foram expostos pela Sr.ª D. Marta da Câmara Pina, que explicou ter tido aquela iniciativa o fito de criar na população escolar dos Estabelecimentos Militares de ensino secundário o interesse necessário pelos acontecimentos da vida quotidiana portuguesa. Descreveu, depois, o que foi o concurso, no qual cada concorrente, durante um mês, no Verão passado, escolheu dos jornais a notícia relacionada com Portugal que mais o tivesse impressionado, acrescentando-lhe as razões da sua escolha.

Usando da palavra, o Sr. Ministro do Exército começou por afirmar: «Abrem-se hoje as portas do Ministério do Exército à juventude dos seus Estabelecimentos de ensino secundário, a fim de se proceder à cerimónia da distribuição de prémios do concurso realizado durante as férias grandes de 1959, sob o título de *Portugal na Imprensa Diária*.»

Em seguida, agradeceu a todos os que contribuíram para a patriótica iniciativa, pondo em destaque os membros do júri: Ex.ma Sr.ª D. Marta da Câmara Pina, Dr. Alfredo Pimenta e Luís Forjaz Trigueiros, Ex.ma Sr.ª D. Maria Teresa Sá Nogueira, alferes miliciano Francisco Pinheiro e cadete de Engenharia da Academia Militar, António Metelo.

Salientando os patrióticos objectivos do concurso, o senhor ministro afirmou:

O concurso teve, como sabeis, um objectivo fundamental: mostrar a vocês, rapazes e raparigas, que os grandes e pequenos acontecimentos da vida de cada dia podem e devem ser vistos

por vós, e por todos nós, à luz de um são patriotismo, à luz dos nobres ideais que sempre nortearam a acção dos portugueses que mais contribuíram para a grandeza da Pátria, e que viram, para todo o sempre, os seus nomes gravados na história de Portugal.

A terminar, o senhor coronel Almeida Fernandes dirigiu-se em especial aos directores dos estabelecimentos de ensino secundário do Ministério do Exército e aos educadores em geral, salientando:

«Falei-vos da juventude e da sua formação. Se queremos que esta tome por novos rumos, tereis também, vós educadores, que rever simultâneamente os vossos métodos e que os adaptar, em certa medida, à tarefa que importa realizar.

«Para poderdes preparar as novas gerações para as complexas tarefas que as esperam, tereis que vos dedicar também à vossa nobre missão — como afirmou há dias uma brilhante conferencista do Instituto de Odivelas — com maior espírito de compreensão da nossa juventude, com mais alma e mais entusiasmo, com mais paciência e mais amor, mas, ao mesmo tempo, com maior firmeza e maior espírito de autoridade.

«De contrário, a vossa acção não será coroada de pleno êxito.»

Acrescentando, ao finalizar o seu discurso:

«Lancemo-nos, pois, ao trabalho... a juventude está à nossa espera.»

Em seguida, os senhores coronel Almeida Fernandes, tenente-coronel Costa Gomes, general Luís de Pina e a Sr.ª D. Marta da Câmara Pina procederam à entrega dos prémios. O 1.º e 2.º couberam a Francisco Pedro Simão e Jerónimo Esteves, do I. T. M. P. E.; os 3.ºs a Maria Teresa Costa Almeida, do Instituto de Odivelas, e José M. de Magalhães, do Colégio Militar.

Ao terminar a cerimónia, o senhor brigadeiro Pereira de Castro, director do Colégio Militar, em nome dos directores dos estabelecimentos de ensino e dos alunos distinguidos, agradeceu ao senhor ministro do Exército tão interessante e patriótica iniciativa e os prémios concedidos.

●

O Ocidente e o futuro

No Instituto de Altos Estudos Militares, efectuou-se, no dia 2, a sessão inaugural de um ciclo de conferências promovidas pelo Estado-Maior do Exército, com o objectivo de pôr em contacto com a oficialidade do Exército alguns dos valores fundamentais da cultura ocidental. À sessão assistiram o senhor ministro do Exército, embaixador da Inglaterra, subsecretários de Estado do Exército e da Aeronáutica, reitor da Universidade de Lisboa, director do I. A. E. M., oficiais superiores das Forças Armadas, etc.

A primeira conferência da série esteve a cargo do historiador inglês Arnold Toynbee, que falou sobre «O Ocidente e o futuro».

Seguido com muito interesse pela assistência — que tinha ao seu dispor uma tradução simultânea — o orador expôs as ideias fundamentais da sua concepção histórica do Mundo.

Depois de se referir à transformação da consciência ocidental perante a sua própria posição antes de 1914 e na época actual, analisou a teoria de Spengler, de que fez a crítica.

Em seguida afirmou que, na era atómica, não pode haver tentativa deliberada para decidir os conflitos pela força, e que a humanidade ou tem de tornar-se uma família ou suicidar-se colectivamente.

Não havendo alternativa para a paz, o historiador Arnold Toynbee preconizou uma «guerra missionária», em oposição à guerra militar, que conduziria à destruição do Mundo.

Nesta guerra missionária — terminou por afirmar — o Ocidente não pode contar alcançar uma vitória mundial absoluta, mas pode ter a certeza de que pelos seus próprios esforços, o comunismo não prevalecerá nem no mundo ocidental nem nos países que, tal como a Índia e Ghana, desejam resolver os seus problemas à maneira liberal do Ocidente.

Em seguida, o conferencista britânico respondeu a várias perguntas formuladas por oficiais que assistiram à conferência.

Pequenas notícias

Partiu, no passado dia 24 de Janeiro, para Washington o senhor tenente-coronel do C. E. M. Pinto Bessa, que vai fazer parte da Missão Militar Portuguesa na capital norte-americana.

• Na Fábrica Militar de Santa Clara encontram-se em estudo novos modelos de barracas de campanha a utilizar no Ultramar.

• Os sargentos-ajudantes que neste posto tenham prestado, pelo menos, seis meses de serviço efectivo, serão, de acordo com um novo diploma publicado, promovidos ao posto de alferes.

• Reassumiu as funções de comandante militar de Viseu, o coronel Ramalho Fernandes, vogal do Tribunal Militar daquela cidade.

• Entre as obras previstas no quartel do Regimento de Infantaria n.º 3 figura a construção de uma piscina.

• Os oficiais e sargentos do Regimento de Artilharia Pesada n.º 2, acompanhados do seu comandante, coronel Conceição Almeida e 2.º comandante, tenente-coronel Soares da Mota, visitaram, no dia 25 de Janeiro, a «Exposição Evocativa do Desastre da Ponte da Barca» patente no Gabinete de História do Porto, em evocação do 150.º aniversário do mencionado desastre.

• Comemorando o dia litúrgico do Padroeiro dos Exércitos, efectuou-se no dia 24 de Janeiro, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, uma solenidade a que compareceram delegações da Academia Militar, B. C. 5, R. A. L. 1, G. C. T. A., R. E. 1, e E. P. A. M.

• Foram condecorados com a medalha de Mérito Militar os oficiais pilotos aviadores do exército espanhol D. Isidoro López de Haro y Pérez Mussoli, com o grau de 1.ª classe; D. Fermin Sainz e D. Afonso Ferrer de Armas, ambos com o grau de 2.ª classe.

• Foi agraciado com a Ordem Militar de Cristo o coronel tirocinado Amaro Romão.

• O general José Esquível foi nomeado autoridade nacional de segurança, cargo que já vinha exercendo desde 4 de Novembro de 1959.

• Chegou, no dia 18 de Janeiro, a Lamego uma comissão de oficiais chefiada pelo senhor tenente-coronel do C. E. M., Hermes de Oliveira, que ali foi estudar a possibilidade de instalação de um Centro de Instrução.

• Em cumprimento do Plano Geral de Instrução para 1960 realizou-se na 1.ª quinzena de Fevereiro um exercício de P. C., de nome de código «Bastão», com a finalidade de fazer trabalhar os quadros de todas as unidades da Divisão até ao nível Batalhão, Grupo e Companhia Independente, numa operação ofensiva, englobando acções de ataque, de exploração e de perseguição.

AÇORES

No dia 20 de Janeiro, no Comando Militar dos Açores, em Ponta Delgada, realizou-se uma sessão cultural de música gravada, com composições de Beethoven, comentada pelo capitão Read Frazão.

ÍNDIA

Regressou à Metrópole, tendo sido louvado pelo comandante militar pela maneira eficiente como exerceu as funções de chefe dos Serviços Religiosos do Q. G. das Forças Armadas do Estado da Índia, o rev. capitão-capelão Inácio Lourenço.

MOÇAMBIQUE

Em viagem de inspecção, visitou o norte da província o general Nascimento e Silva, comandante militar da África Oriental Portuguesa. Após uma visita a Blantyre o general Nascimento e Silva visitou as unidades militares aquarteladas nos distritos de Manica e Sofala e Zambézia.

• Em Vila Luísa, junto ao monumento dos heróis de Marracuene, realizaram-se, no dia 1, as cerimónias do 65.º aniversário do histórico combate de Marracuene.

Estiveram presentes o coronel Francisco Braga, inspector da Arma de Artilharia; tenentes-coronéis do C. E. M. Moreira da Câmara e Raul Ribeiro Ramos; tenente-coronel Ramalho, oficiais comandantes das unidades aquarteladas em Lourenço Marques, Boane, Xefina e Ponta Maone, e muitos outros oficiais e sargentos.

• De 8 a 12 do corrente, realizou-se na região Nampula-Meconta-Monapo Lumbo-Nacala o «Exercício Gama» em que tomaram parte o Regimento de Infantaria e o Grupo de Artilharia de Campanha da guarnição de Nampula, constituindo um agrupamento sob o comando do tenente-coronel Osório e Cruz.

CASA PORTUGUESA

ARTES GRÁFICAS

A CASA QUE IMPRIME O JORNAL DO EXÉRCITO

RUA DAS GÁVEAS, 109 • TELEFS. 2 61 08 / 2 78 17 / 3 22 86 / 36 63 78 • LISBOA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

RUA DO COMÉRCIO, 85
LISBOA - 2

ANTIGA CASA

TEÓFILO

FUNDADA EM 1898

FARDAMENTOS, BONÉS, ARTIGOS MILITARES DA LEGIÃO E MOCIDADE PORTUGUESA

GRANDE SORTIDO A PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Medalhas e Condecorações, Bandeiras, Emblemas bordados a ouro, prata e em metal, Galões, Dragonas, Espadas, Números, Luvas, Talins, Polainas, etc.

EXECUTA QUALQUER ENCOMENDA PARA O CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR

41, RUA BARROS QUEIROZ, 43 – TEL. 2 35 55 – LISBOA

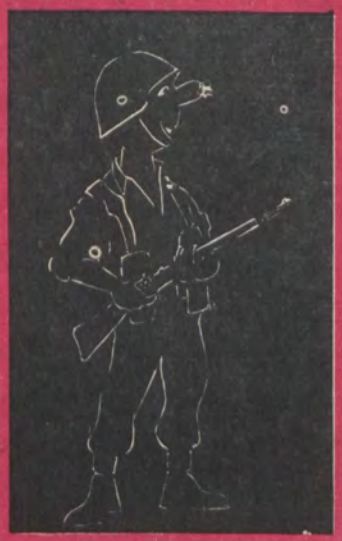
PÁGINA DO SOLDADO

OBSERVAÇÃO DE NOITE

SE PENSAS QUE O INIMIGO NÃO TE VÊ,
DE NOITE, ESTÁS ENGANADO

Ele pode ver
as partes claras
da tua figura
ou
notar os objectos
brilhantes
que transportas.

Por isso...
antes de partires,
escurece
com rolha queimada
as mãos, a face,
o pescoço e todas
as peças
que possam provocar
reflexos.



DEPOIS... FICAS INTEIRAMENTE ENTREGUE A TI PRÓPRIO
SOBRETUDO NÃO TE ESQUEÇAS QUE «HÁ NOITES E NOITES»

NOITE DE LUAR

NOITE ESTRELADA

NOITE CLARA

NOITE ESCURA

CUIDADO COM A TUA SILHUETA!

Os Regimentos de Infantaria de Boane, Beira e de Nampula, Grupos de Artilharia de Campanha de Lourenço Marques, Beira e de Nampula, Bateria de Artilharia de Defesa de Costa, Grupo de Dragões, Batalhão de Engenharia, Companhia de Saúde e a Companhia de Intendência, Unidades do Exército Português na nossa Província do Oriente Africano, são penhor seguro da integridade do território nacional.

O soldado português
EM MOÇAMBIQUE

longa e esgarçada chã que vai de Coguno a Chicomo é desoladoramente anómala e farta de estepes: aqui, cingida de palmeiras a rastear, além, exuberante de bravezas na espessura das selvas onde se entrelaçam e enforcam aos decrépitos troncos arcobotantes dum século, cruciantes trepadeiras a circunfundir rudes aromas, que chegam até nós com as algaraviadas dum ror de feras a bramir no descanso das sombras, exaustas das epilépticas correrias em penosas e tresilhadas selvas ao longo da intérmina planície do Inhassune, ou cansadas de vigiar a estulta *gazela* ou irritado *cudo*, do cimo das calvas refestas.

A espaços, renques franjados de arbustos-espinheiros com seus picos como lanças em riste, hostis, numa constante e férula agressão.

A estirada e morbífica planura é, desde incontáveis tempos, homizio de venenosos répteis, e foi outrora teatro de lutas bárbaras e sangrentas, quando *vátuas e m'chópes*, ciosos do orgulho e primazia de suas raças, não permitiam investidas e *rasias* em suas terras, insubmissos à sujeição da vassalagem, vivendo no domínio altivo dos seus feudos.

Nuns longes de povoação os negros fazem «flostrias» e andam a renhir disputas amorosas em batuques.

Na nervura das folhas a gota húmida do cacimbo tremula, reluzente, produzindo uma sensação de frescura, rescendendo aromas típicos a mato.

Agora o sol bate em cheio no areal e produz estranhas fantasmagorias, trágicas reverberações.

Acolá, no arro negro da lagoa, pelo alto do junco hirsuto e arrogante, atrevem-se a volitar os froixos e enervantes besoiros, cardando o espaço.

O RÉDUTO DE CHICOMO

No céu voam águias em rumos indecisos, tontas de sol. O entardecer...

O sol, fogo-rubro ainda há pouco, é agora um ofertório suave de vida e luz: é quente e refinado o cheiro acre do *capim*, trescaldante a chama-estalida da *queimada*; o cansaço da folhagem caída no chão-brasume não tem refrigério; e a que fica nos cimos reconcentra-se mais e mais, numa penitente e submissa inclinação à terra.

Asas farfalhantes revolteiam por entre os baixos arbustos; neste morro de cinzenta lama rasga-se a terra como uma úlcera.

Vêm lúgubres pios-pios dum gigantesco e solitário *baobab*, e logo o silêncio do mato cai gota-a-gota, e refrange e extenua a nossa emoção, e em nossa alma vai o enoitar-se de confrangidas angústias, isolando-nos de confraternizar com a natureza neste Te-Deum africano, entre hosanas e ingratas salmodias, nós teísta em credo e fé.

Eis a via-dolorosa, a paisagem mais bárbara e mortificante dos confins das terras de Inhambane; tragédia vivida em todos os tempos de África, que cria o maravilhoso nas nossas imaginações incandescentes, anima o sobrenatural, quebra a lógica das coisas, leva de abalada a nossa razão, exagitando-nos a sensibilidade, tornando-nos um absurdo no meio das excelências naturais, como se só fôssemos uma estática e cismadora esfinge de sertão!

Sentem-se os primeiros tons de claridade da manhã; o sol ascende encantado num *leva-arriba* glorioso e exultante, energia viva, enchendo de força criadora os ciclópicos troncos, sempre insatisfeitos na sua sublime luta de vida e morte, — religioso transformismo do Génesis.

Chegamos agora a uma clareira recortada entre vasta ramaria, selvática decoração de todos os tempos: terreno plano de areia solta, sem relevo, com irregulares recortes duma linha de arbustos contornando um já irregular fosso quadricular onde se salienta dessimétrica estacaria em que o vigor duma nova seiva fez brotar novos rebentos, reflorescendo-a, mais tarde transformando-a em árvores vigorosas, fortes e corpulentas.

No centro, tufos de raquítica vegetação: mais além, e a espaços, surgem restos de vidros e de latas, pedaços de louça, fragmentos de muitas coisas irreconhecíveis que serviram de utensílio a essa heróica falange de bravos que anda nos fastos das nossas lutas de ocupação.

Foi aqui o *reduto de Chicomo*.

A coluna do comando do coronel Eduardo Galhardo, da qual fazia parte a cavalaria com Mouzinho à frente, bivacou neste lugar, em quadrado, no dia 28 de Julho de 1895; a cavalaria formou numa das faces, por ser diminuta a força de infantaria; as peças de montanha defendiam os quatro cantos deste reduto; na diagonal, em dois salientes, postaram-se os canhões-revólveres.

Ainda hoje se vêem ali restos de troncos, vestígios dos fossos que formaram as trincheiras desse heróico e martirizado reduto.

Aquele lugar é duma amarga desolação, e sente-se ali, ao entardecer, um frio doloroso de sepultura, no momento em que o incêndio do sol deixa a floresta mergulhada num espectral e lívido sonho de condenado.

Só grandes, solenes e austeros foram os esmagadores sonhos de conquista dessa outra lusa grei que flagelou o destino, impondo-nos desmedidos feitos, inexcedíveis ousadias, afamadas e altas realizações.

A epopeia audaz, enchendo de glória a alma destes já lendários heróis, abrasou-nos no amor triunfante da Pátria, e deu-lhe o ardor e o impulso forte do nacionalismo, revelação luminosa das Quinas.

Acodem à nossa imaginação todos os sacrifícios sofridos naquele *reduto de Chicomo*: são as horas de ansiedade que ali se viveram; as inquietações brumosas dos próximos combates; a imaginação ampliada naquele pequeno mundo de sessenta e seis metros por face, — o quadrado — criando no cérebro dos soldados coisas grandiosas, visões de apocalipse, a fé ardorosamente exaltada dos grandes intentos.

...Mas a foice da Morte gadanha no ambiente do quadrado.

O espírito tem uma preocupação dominante: vencer.

Tempo depois da chegada ao Chicomo, e em consequência das fadigas da marcha, principiaram a manifestar-se com maior intensidade as febres palustres e intermitentes; as biliosas e perniciosas eram um outro exército inimigo que dizimava a coluna.

Os médicos militares drs. Barbosa e Monterrozo, desaquietavam-se perante a realidade deste terrível flagelo, tornando-se incansáveis em atenuar os seus mortíferos efeitos; mas a enfermaria no acampamento, com sombrios ares de necrotério, abafante do hálito pesado dos moribundos, era tão exígua que só comportava uns dez doentes.

E grande era o número de baixas que todos os dias se davam na coluna, número nunca inferior ao de 26 praças por companhia.

Por isso, dia a dia, se tornava mais crítica a situação da coluna.

Eu evoco, neste momento, essa noite do incêndio pavoroso no acampamento do Chicomo, as sinistras e angustiadas exclamações:

— Fogo, fogo!

A voz clara e atropelante de Mouzinho:

— Eh, afasta!

O bradar clamoroso do capitão Machado:

— Às munições, às munições!

«Era um tiroteio nutrido, um frémito de detonações desencontradas e intermitentes ainda mais irritantes e desharmónicas que a fuzilaria nervosa dum combate sem disciplina.»

O coronel Galhardo, rígida figura de herói, *todo ele exacto*, frio, reflectido, coragem calma, grande coração que não sabia manifestar sentimentalismo, vê ràpidamente o perigo dum desastre, e ordena ao seu corneteiro:

— Toca a unir.

«O quadrado formou-se firme e sólido com a rapidez dos transes supremos, e assim se conservou até de madrugada...»

Quando a notícia do vitorioso combate de Magul chegou ao acampamento do Chicomo, houve em todos um estremecimento alvoroçante de comoção, ateou-se mais o sentimento da Pátria, e o espírito guerreiro elevou-se ao auge dos maiores entusiasmos, pronto a desmedidos acometimentos: por isso fora resolvida a marcha sobre o *Manjacaze*.

Na manhã do dia 4 de Novembro de 1895, o coronel Eduardo Galhardo, a cavalo, veio com o seu Estado-Maior passar revista às forças, e mandou o sr. tenente Ornelas ler um telegrama do que se tinha passado em Magul, acrescentando: — «que era necessário vingar os nossos irmãos de armas, vítimas naquele combate.»

Eram 5 horas da manhã.

Colocado no flanco das tropas, o Comandante ordenou:

— Abrir fileiras.

O génio antigo não definiu ainda a grandiosidade iluminante destas brasas que se envolvem numa auréola de entusiasmo e redentora acção, — milagres de energia viva, exasperante e turbulenta.

Fora executada a ordem do Comando.

No meio da guarda surge então, como por encanto, acenando, numa aleluia redentora, a bandeira das Quinas, azul e branca, — «que o coronel Galhardo com antecedência feliz mandara preparar, gloriosa aparição, emocionante surpresa, chama que incendiou as almas dos soldados.»

Contam assim os relatórios: «é que nenhuma bandeira fora de Portugal, por só pertencerem aos primeiros batalhões de cada regimento.»

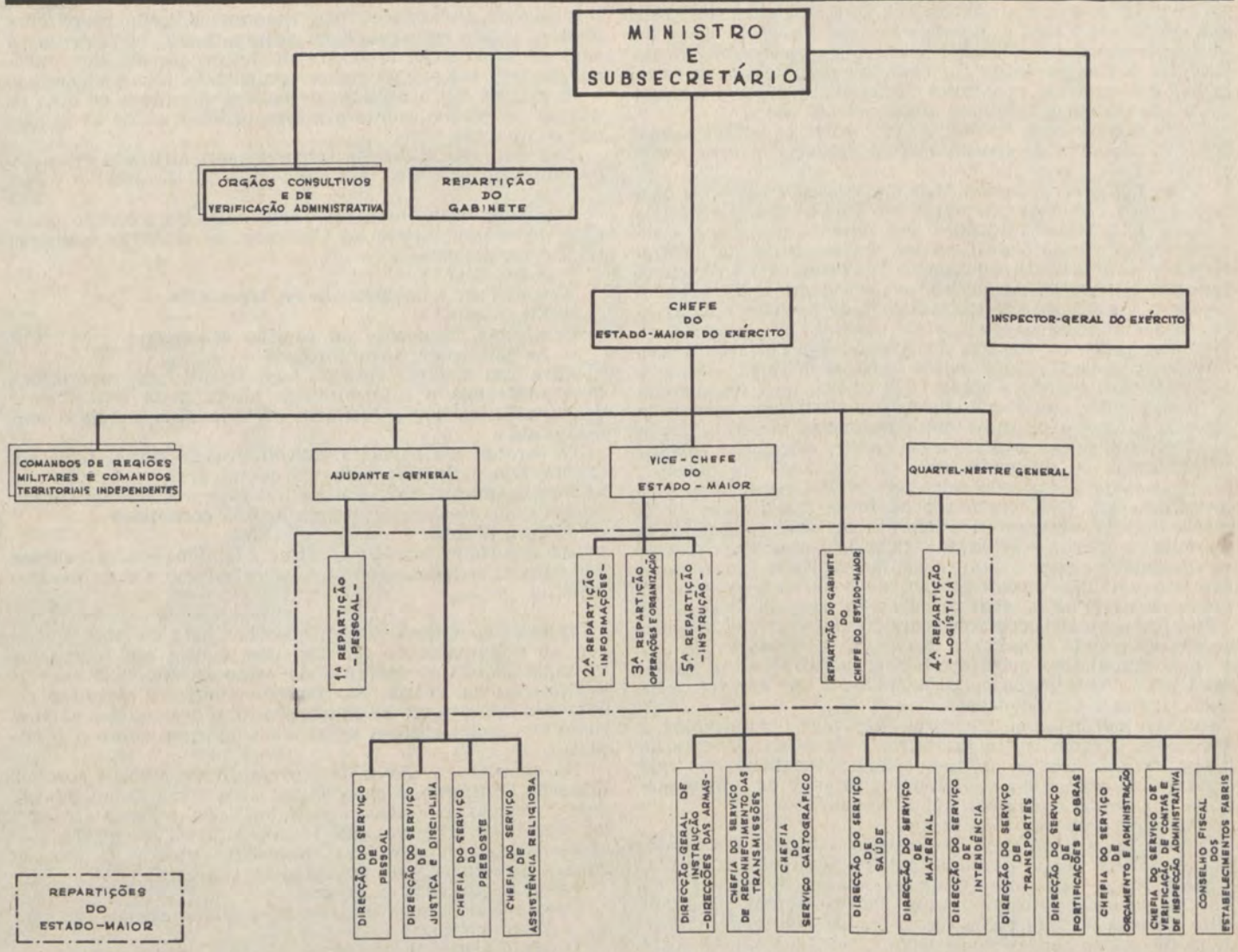
E logo o Comandante ordenou:

— «Continência à bandeira»! — e após uma curta pausa: — «Que todos sabereis honrar! Apresentar armas!».

Três dias depois dava-se o glorioso combate de Coolela, que o coronel Galhardo comandou, a cavalo, reteso, com voz segura e firme, *roendo* o seu charuto, fazendo recomendações: ao sentir o tiroteio nervoso e irrequieto dos soldados:

— «Mão no fogo, senhores oficiais, mão no fogo.»

A NOVA ORGANIZAÇÃO GERAL DO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO



A MEDALHA DE VALOR MILITAR

A medalha de valor militar é destinada a galardoar actos extraordinários de heroísmo, abnegação, valentia e coragem, quer em tempo de guerra, quer em tempo de paz, mas sempre em circunstâncias em que corra risco a vida do agraciado. Compreende três graus:

Medalha de ouro;
Medalha de prata;
Medalha de cobre.

A medalha de ouro de valor militar destinada a memorar, em tempo de guerra, actos brilhantes e extraordinários de firmeza, audácia, rara decisão e coragem moral, desprezo pelo perigo ou arrojo em frente do inimigo, é concedida aos militares no exercício de funções de Comando ou de Estado-Maior de forças em operações, que tiverem praticado um feito de armas de que tenha resultado grande lustre e glória para as armas portuguesas.

É, também, concedida aos militares que tiverem praticado actos de excepcional coragem e bravura e que tenham contribuído para o bom êxito das operações ou evitado perdas que pusessem em risco o prosseguimento das mesmas operações.

Finalmente, a medalha de ouro de valor militar é concedida aos militares que, por feitos de valor em campanha, tenham merecido, por três vezes, ser agraciados com a medalha de prata.

A medalha de ouro pode, ainda, ser concedida a unidades de terra, mar e ar ou a localidades sitiadas que tenham praticado um feito de armas muito brilhante e extraordinário de que resulte excepcional honra e glória para a Pátria.

CONDECORAÇÕES E MEDALHAS

As medalhas militares de prata e de cobre de valor militar são concedidas a militares que tenham praticado, quer em campanha, quer em tempo de paz, actos extraordinários de abnegação, valentia e coragem, com grave risco da vida, e em circunstâncias diferentes das expressamente exigidas para a concessão da medalha de ouro.

A medalha de prata pode, indistintamente, ser concedida a militares de qualquer categoria e graduação.

A medalha de cobre é, exclusivamente, destinada a galardoar feitos de sargentos ou de praças. Estes, quando tenham merecido, por três vezes, ser agraciados com a medalha de cobre de valor militar podem ser agraciados com a medalha de prata da mesma categoria.

OS LEITORES FALAM DO JORNAL

O Sr. Ministro do Exército recebe o 1.º número do Jornal

DESEJOSOS de auscultar, em diversos sectores, as opiniões de alguns dos nossos já numerosos leitores, registamos neste número, as que obtivemos de momento.

Aproveitando a visita à nossa Redacção, no passado dia 3, com que nos honrou o **Sr. Ministro do Exército,** pedimos-lhe que, como leitor n.º 1 do «Jornal do Exército», abrisse esta nova Secção.

Eis as declarações de Sua Ex.ª:

«Estão de parabéns a Direcção do «Jornal do Exército» e todos aqueles que nele trabalham.

«As palavras de incitamento e de aplauso recebidas; o interesse e entusiasmo com que foi lido, por todos, o primeiro número deste Jornal; os pedidos de assinatura entrados na Redacção; tudo prova que o «Jornal do Exército» veio, de facto, ao encontro de uma verdadeira aspiração da família militar.

«Tal facto acarreta redobradas responsabilidades, a que há que corresponder, se possível, ainda com maior fé e maior entusiasmo, procurando melhorar, desde já, a sua apresentação gráfica e dando às suas várias secções a actualidade, o interesse e a ligeireza de que se deve, acima de tudo, revestir o nosso Jornal.»

●

Segue-se o depoimento do Major da E. P. C., **Leão Correia:**

«Tendo o Jornal o formato exterior de «Revista» apareceu-me, por dentro, como um jornal diário, o que julgo não estar bem. Melhorada a qualidade do papel, as reportagens fotográficas — e espero que elas se mantenham em larga escala — terão grande interesse e valorizarão muito o Jornal.

«Os assuntos do «recheio», bastante variados, apresentam fartos motivos de agrado. Parece-me, no entanto, da maior vantagem, a divulgação de notícias no género da do «Novo Fardamento», pois estas informações evitam a chegada à «massa» de notícias sem fundamento ou com ele completamente adulterado, o que, em qualquer caso, é inconveniente.

«Se assim for, estou absolutamente certo da utilidade do Jornal e que a «missão» será cumprida.»

●

Do que nos disse o **Dr. Tavares de Almeida,** chefe da Rep. de Inf. e Imprensa do S. N. I., registamos o seguinte:

«A vossa tarefa é, evidentemente, das mais difíceis, já que os leitores, embora formando um todo, se situam em planos distintos e o Jornal, sendo para todos, deve agradar na generalidade, para resultar, e também deve ensinar, para servir.

«Uma das condições para atingir tal fim é a de boa arrumação, já que, sendo os leitores de diverso nível e, muitos — os que do jornal tirarão maior proveito — pouco dados a letra fina, mais se interessarão se o tipo e a selecção e disposição das matérias se adaptar, primeiro, às suas possibilidades e ao seu gosto, e a pouco e pouco, evoluirem para uma outra escolha. Permitam-me a franqueza: a capa, paginação e aspecto gráfico apresentam-se ainda com alguns defeitos.

O nosso redactor falando com a Sr.ª D. Margarida Roeder Nunes

Tendo-se inscrito a Junta de Turismo da Costa do Sol, por intermédio do seu ilustre presidente sr. Serra e Moura, como um dos primeiros assinantes do «Jornal do Exército» ali nos deslocámos para sondarmos como havia sido recebido o nosso jornal naquele meio cosmopolita. Atendeu-nos a **sr.ª D. Margarida Roeder Nunes** que, imediatamente, se prontificou a responder às nossas perguntas:

— Leu o jornal?

— Li, e logo a minha primeira impressão foi agradável. A fotografia da rapariga em trajo regional, na contracapa, é uma ideia que certamente vai agradar a todo o público militar e civil, porque me sugeriu imediatamente ser um símbolo de alegria e confiança no seu companheiro da capa.

— Gostaríamos que nos dissesse se os frequentadores da Sala de Leitura, portugueses e estrangeiros, o têm lido?

— Quase todos os frequentadores da Junta, e são muitos, diàriamente, têm lido interessados o vosso jornal.

— Habituada, como está a folhear as muitas revistas portuguesas e estrangeiras que se publicam, que tal acha o aspecto gráfico do nosso jornal?

— Para ser sincera, desiludiu-me, ao abrir a revista, ver que o papel e suas gravuras do interior não estão à altura da beleza gráfica da capa.

— Houve assuntos que, como leitora, lhe interessassem?

— Vários.

— Quais foram?

— A secção que mais me interessou foi a de «Condecorações e Medalhas» e, como não podia deixar de ser o belo «Conto do Tambor», de Julio Dantas.

Gostei, também, muito da ideia do anúncio das Oficinas Gerais de Fardamento. Outros assuntos curiosos são a Secção «Talvez não saiba» e a instituição de «Prémios de Colaboração».

— Que sugere para melhoria do jornal?

— É um pouco difícil de responder; no entanto, entendo que seria interessante incluir alguns contos humorísticos e artigos sobre assuntos de arte em geral.

●

Surpreendidos pelo nosso fotógrafo a lerem a página «Bom Humor na Tropa», o **1.º cabo n.º 351/E** do R. I. 16, Manuel Paixão e o **soldado n.º 381/59** do R. I. 3, Manuel Colaço, ambos em diligência no Colégio Militar, disseram-nos imediatamente que toda a «rapaziada» disputava um exemplar do Jornal. É pena não haver um para cada, de modo, que todos o pudessem levar para mostrarem à família em casa, diz-nos o 1.º cabo Paixão.

— De que gostaram mais? — perguntámos.

— Tanto nós como todos os nossos camaradas lemos e gostámos do «Conto do Tambor», o filho do Mestre Brás. Foi também motivo de alegria a página das anedotas ilustradas. Gostámos, igualmente, de ler a Secção «Talvez não Saiba».

Não querem deixar de referir, dizem-nos, que lhes despertou o maior interesse a notícia sobre «O Novo Plano de Uniformes».

E assim terminámos esta nossa primeira ronda, convictos de que as opiniões agora registadas representam um eco das da grande multidão dos nossos leitores.

O 1.º cabo 351, Paixão e o soldado 381, Colaço lendo o «Jornal do Exército»

DEFENDA A LÍNGUA PÁTRIA

SOB a rubrica acima, iniciamos neste número uma secção destinada a elucidar quantos queiram melhorar os seus conhecimentos de Português, quer aclarando as dúvidas apresentadas pelos leitores, quer expondo assuntos, como etimologias, por exemplo, susceptíveis de os interessar.

Se a todos nós, Portugueses, incumbe pugnar pela pureza do idioma que falamos, aos militares, por definição, e por assim dizer, compete ainda mais velar pelo vernaculismo da Língua Portuguesa, evitando estrangeirismos desnecessários ou solecismos imperdoáveis.

Convém não esquecer, já alguém o disse, que um povo na posse do seu idioma, mesmo quando sob o jugo alheio, conserva à mão as chaves das algemas que há-de abrir na primeira oportunidade. Lembremos apenas os casos de Portugal, com a Restauração de 1640, e da Grécia, sempre vitoriosa das várias ocupações sofridas através da História.

★

Este cantinho do nosso jornal fica a cargo do dr. Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca, professor efectivo dos Liceus e do Colégio Militar, linguista de vasta bibliografia (citemos sòmente as suas «Noções de História da Língua Portuguesa») e um dos três membros da comissão técnica da Sociedade de Língua Portuguesa.

À falta de consultas, e oxalá venham a ser numerosas, dá-nos ele hoje o estudo etimológico de alguns termos militares.

CAPITÃO, etc.

Este vocábulo assenta no genovês **capitan**, bem como o espanhol **capitán** e o francês **capitaine**. O étimo é um latim hipotético *** capitanu**, do latim vulgar *** capu**, por **caput**, que, no latim clássico, significava «cabeça, extremidade».

Em português, o termo ascende ao século XIV (1373): «...a gonçallo Terreyro **capitam** moor das frotas...», em **Descobrimentos Portugueses**, I, p. 147.

Derivam de CAPITÃO as palavaras CAPITANIA, CAPITÂNIA, CAPITAINA e CAPITANEAR.

CHEFE, do francês **chef**, este do mesmo lat. *** capu**, que explica o port. CABO, com o mesmo sentido. Encontra-se só no séc. XVII: «Pepino filho de Martello, glorioso **chefe** da segunda família», Duarte Ribeiro de Macedo, **Juízo Histórico**, cap. X.

A esta família de vocábulos pertence CABEDEL, do latim **capitellu**, diminutivo de **caput**, que primeiro significou «comandante de navio; almirante», para tomar depois o sentido geral de «chefe, comandante»; ambas as acepções datam do séc. XIV: «...diziam que fora na mha frota por cabedel na galee Santaliffonso...», em **«Descobr. Port.»**, I, p. 53 (ano de 1339); «Depois da morte de Noé, juntaram-se os cabedees do poboo...», **Inéditos de Alcobaça**, II, p. 16.

Querem dizer o mesmo CAUDEL e COUDEL, que se abonam já no séc. XIV, igualmente «Entom armou Moyses de cada huũ tribo mil baroens escolheitos, asy que eram doze mil, e deu-lhe per **Caudel** huũ, que havia nome Finies...», nos **Inéditos de Alcobaça**, II, p. 167. Tanto um como outro são formas mais evolucionadas de **cabedel** e deles derivam **caudeloso, acaudelar** e **coudelaria**, também com a mesma idade.

Ainda com igual etimologia (lat. **capitellu**) recebemos CAUDILHO, por intermédio do espanhol **caudillo**, documentado já no séc. XV: «...cada huã das mesnadas trazem seu caudel, e todos os **caudillos** seguem ElRey...», nos **Inéditos de Alcobaça**, I, p. 144.

Existe desde o mesmo século o derivado (A) CAUDILHAMENTO: «...e em a maão seestra hum estandarte das nosssas armas em sinal de **caudilhamento**», **Ordenações Afonsinas**, I, título 54 § 4.

Pelo francês **cadet**, do gascão **capdet** «chefe», com a mesma origem, veio-nos CADETE, no séc. XVIII.

EFEMÉRIDES

FEVEREIRO

2 — 1895 — Combate de Marracuene, página gloriosa da história dos Batalhões de Caçadores n.º 2 (Continente) e n.º 3 (Angola).

4 — 1145 — D. Afonso Henriques conquista aos mouros a cidade de Leiria.

7 — 1536 — D. João Pereira, capitão de Goa, derrota em campo aberto o exército de Idalcão.

10 — 1756 — Forças portuguesas derrotam no Brasil (Santa Tecla) os índios Tapes.

12 — 1812 — É criada a primeira unidade permanente de Engenharia: o Batalhão de Artífices Engenheiros.

13 — 1668 — É assinado com a Espanha o tratado de paz que põe termo à guerra da Restauração.

23 — 1814 — Forças de Caçadores n.º 5, e Infantaria n.ºs 13 e 24 executam um reconhecimento sobre Adour, junto a Baiona.

24 — 1814 — Caçadores n.º 11 e Infantaria n.ºs 9 e 21 tomam parte no segundo combate de Sauveterre.

— 1510 — Afonso de Albuquerque conquista pela primeira vez a cidade de Goa.

27 — 1814 — O exército anglo-luso derrota em Orthez as forças do comando de Soult.

●

A ACADEMIA MILITAR

São condições gerais de admissão à matrícula na Academia Militar e de inscrição nos diversos cursos:

1 — Ser cidadão português, solteiro, filho de pais portugueses, sendo considerados ao abrigo desta última condição os candidatos filhos de portugueses que tenham adquirido a nacionalidade brasileira e dos brasileiros que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa;

2 — Ter a altura mínima de 1,62 m e possuir a necessária robustez física as quais contudo, podem sofrer correcção adequada à idade dos candidatos;

3 — Dar garantia de cooperar na realização dos fins superiores do Estado e defender os princípios fundamentais de ordem política e social estabelecida na Constituição;

4 — Ter bom comportamento moral e civil;

5 — Ser aprovado nas provas de admissão (aptidão física, aptidão cultural e psicotécnica).

Dentro destas condições e desde que possuam outras complementares, de que se dará notícia em números próximos, poderão ser admitidos mancebos com menos de 20 anos em 1 de Janeiro do ano de admissão, militares do Quadro Permanente — sargentos e furriéis — e Oficiais do Quadro de Complemento.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

	Continente, Ilhas Ultramar (v. marítima)	Ultramar (v. aérea)
Ano (12 números)	24$00	70$00
Semestre (6 números)	12$00	40$00

Pagamento adiantado ou despesas de cobrança por conta do assinante

Para Oficiais e Sargentos e para Alunos dos Estabelecimentos Militares de Ensino

	Continente, Ilhas Ultramar (v. marítima)	Ultramar (v. aérea)
Ano (12 números)	12$00	60$00

Pagamento através do Conselho Administrativo da Unidade

Número avulso 2$00

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

FUTEBOL — Campeonato Internacional Militar

Com vista aos jogos da eliminatória Portugal-Bélgica continuou a preparação dos elementos das Forças Armadas convocados para treino. Estiveram em estágio na Feitoria do Colégio Militar durante 15 dias, desde 2 de Fevereiro, vinte e quatro jogadores, militares em serviço activo no Exército e na Força Aérea. Houve dois treinos «em forma» contra equipas do Benfica e de «Os Belenenses», respectivamente, em 3 e 10 de Fevereiro, tendo sido seleccionados para o jogo no dia 18, em Bruxelas: guarda-redes, Asp. a of. Ramin (B. C. 5) e 1.º cabo mil. Mourinho (R. A. L. 1); defesas: soldados Lino (F. Aérea), Hilário (D. R. 11) e Nunes (F. Aérea); médios: 1.º cabo F. Mendes (F. Aérea) e soldados Mourato (F. Aérea), Alfredo (R. I .11) e França (E. P. I.); avançados: soldados José Augusto (F. Aérea), Carlos Gomes (D. R. 1), J. Mendes (F. Aérea), Ferreira Pinto (D. R. 11), Romeu (R. A. L. 1) e Carlos (F. Aérea). Estes elementos partiram no dia 16, em avião militar, para a Bélgica. A delegação é chefiada pelo Cor. Moura Brás e dela fazem parte: Tenente Bruno, chefe da equipa, Tenente-médico Silva e Costa, 1.º Sarg. Cândido Tavares, treinador, um juiz de linha e um massagista.

Elucidamos que a nossa eliminatória é a da 4.ª série (Portugal e Bélgica); as outras são: 1.ª série — Turquia, R. A. U. e Irão; 2.ª série — Itália e Grécia; 3.ª série — França, Holanda e Luxemburgo. Serão os vencedores das quatro séries que disputarão a fase final num dos países finalistas. Já se realizaram os seguintes desafios: Turquia-R. A. U. (1-1); Grécia-Itália (1-1); Holanda-França (1-4); França-Luxemburgo (3-2) e França-Holanda (1-1). Em face dos resultados podemos prever que estarão presentes na final, com a Bélgica ou Portugal, a França, a Itália e a R. A. U.

O nosso adversário tem sido submetido a cuidadosa e intensa preparação. Disputou jogos com equipas belgas, com a selecção nacional, com o «onze» Militar da Holanda, e com a do Exército Britânico. A maioria dos elementos que tem alinhado pela selecção militar belga, pertence a clubes da 1.ª divisão.

PENTATLO MILITAR — Campeonato do Exército

Este Pentatlo que por enquanto assume a forma de Quadriátlo, em virtude de não ser exequível a prova de «Passagem de um vau», compõe-se das seguintes provas:

Tiro (espingarda a 100 m); Percurso de obstáculos (250 m com 9 obstáculos); Lançamento de granada (precisão e alcance) e Percurso a corta-mato (4.000 m em terreno variado).

No Centro Militar de Educação Física, em Mafra, de 1 a 5 de Fevereiro, disputou-se a Fase Nacional entre as equipas vencedoras da Fase Regional e os três melhores classificados, individualmente, na mesma Fase.

A classificação geral por equipas foi a seguinte:

1.ª — R. I. 16 — Évora — vencedora da 4.ª R. M. Constituída pelos 1.ºs cabos Manuel Fernandes, Armindo Galveias, António Capela, Francisco Amarante e Arsénio Pires e soldado Domingos Rosado; 2.ª — E. P. I. — Mafra — vencedora do G. M. L.; 3.ª — B. C. 1 — Portalegre — vencedora da 3.ª R. M.; 4.ª — B. C. 10 — Chaves — vencedora da 1.ª R. M.; 5.ª — B. C. 7 — Guarda — vencedora de 2.ª R. M.

Individualmente classificaram-se:

1.º — 1.º cabo 223/E, Manuel Fernandes, do R. I. 16 (20 p); 2.º — 2.º sargento Vilarinho do R. I. 6 (36,5 p); 3.º — 1.º cabo 516/59, Armindo Galveias, do R. I. 16 (49 p); 4.º — Soldado 494/59, José Luís Miguel, do R. I. 3 (52 p).

CORRIDA PELO CAMPO — Campeonato do C. I. S. M.

De acordo com o plano de actividades para 1960, o C. I. S. M. faz disputar em 2 de Abril, em Bruxelas, o Campeonato Internacional Militar de «Corrida pelo Campo». A prova constará de um percurso em terreno variado, com a extensão de 8.000 m. Cada país poderá inscrever até 6 concorrentes — militares em serviço —. Haverá classificações individuais e por equipas. Para a classificação colectiva cada nação contará com os quatro concorrentes melhor classificados. Prevendo que possa fazer a sua inscrição definitiva, Portugal prepara a sua representação. Durante a primeira quinzena de Março deverá realizar-se, o campeonato de «Corrida pelo Campo», entre os três ramos das Forças Armadas, depois do que serão escolhidos aqueles elementos que entrarão em treino intenso para a selecção definitiva da equipa.

ESGRIMA — Torneio de espada

O cadete da Academia Militar, António Faia, ganhou o torneio de terceiras categorias de espada, organizado pela Federação de Esgrima. Os cadetes Ruben Domingues, Alberto Falcão e Montalvão e Silva classificaram-se, respectivamente, em 3.º, 4.º e 5.º lugares.

TIRO — Campeonato do Comando Militar dos Açores

Na Carreira de Tiro da Guarnição Militar de S. Miguel realizaram-se as provas de tiro de espingarda e pistola do campeonato em epígrafe entre equipas representativas de todas as Unidades dos Açores, do Comando Naval, da Base Aérea 4, da P. S. P., da Legião Portuguesa e das Forças Militares dos E. U. A.

Em Pistola, apuraram-se as seguintes classificações: 1.º, Furriel Soares, do B. I. I. 18; 2.º, Cap. Pereira da Silva, da P. S. P.; 3.º, A/ 1C Lee Dryan, das F. Americanas; 4.º, 2.º sarg. Aires Alves, do G. A. C. Por equipas: 1.º, B. I. I. 18; 2.º, Forças Americanas; 3.º, Comando Naval.

Em Espingarda: 1.º, A/3C W. Seidman, F. Americanas; 2.º, TSGT G. Tolliver, F. Americanas; 3.º Major Maçanita, B. I. I. 18; 4.º, Furriel Soares, B. I. I. 18. Por equipas: 1.º, F. Americanas; 2.º, B. I. I. 18; 3.º Legião Portuguesa.

HIPISMO

— Nas «Poules» efectuadas em Lourenço Marques, em 24 e 31 de Janeiro e 7 de Fevereiro, as provas principais, foram ganhas pelos Capitães Augusto Lage, Vasconcelos Porto e Ferreira Osório, com destaque para o primeiro que venceu uma prova em cada um daqueles dias.

— Para a escolha dos 20 conjuntos nacionais que com os estrangeiros disputarão as provas de obstáculos do «Jumping» Internacional de Lisboa realizaram-se, no Campo do R. L. 2, duas competições de apuramento. Na 1.ª, classificaram-se em 1.º lugar, com igualdade de pontos, o Maj. Calado e os Cap. Albuquerque, Craveiro Lopes, Álvaro Sabbo, Neto de Almeida e Pereira de Almeida. Na 2.ª saiu vencedor o Cap. Sabbo seguido do cadete V. Ramires e do Cap. Craveiro Lopes.

ANDEBOL DE SETE — Campeonato do Exército

Disputaram-se os campeonatos do Governo Militar de Lisboa e das quatro Regiões Militares entre as equipas das diversas Unidades do Exército. São campeões regionais os grupos representativos das seguintes Unidades: R. A. A. F. — Queluz — Governo Militar de Lisboa; R. C. 6 — Porto — 1.ª Região; R. A. L. 2 — Coimbra — 2.ª Região; G. D. C. C. — Sta. Margarida — 3.ª Região; R. I. 4 — Faro — 4.ª Região.

No Porto, de 9 a 13 de Fevereiro, estas equipas disputaram o título Nacional, saindo vencedora a do R. A. A. F.. O «sete» do R. A. A. F. (Queluz) é portanto Campeão Nacional do Exército em 1960.

CENTRO MILITAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA EQUITAÇÃO E DESPORTO

O C. M. E. F. E. D. com sede em Mafra, foi criado em Novembro de 1957, pela reunião num só estabelecimento da Escola Militar de Equitação e da Secção de Educação Física da E. P. I., com o fim de garantir a preparação física que melhor desenvolva e robusteça as qualidades psicofísicas do pessoal dos quadros e das tropas de todas as Armas e Serviços do Exército.

No Centro, funcionam cursos para a formação de mestres, instrutores, monitores (auxiliares dos instrutores, treinadores e árbitros de provas desportivas) e outros especialistas militares necessários ao ensino da educação física (ginástica, natação, esgrima e combate à baioneta, luta individual e desportos), esgrima e equitação; difundem-se e aperfeiçoam-se os conhecimentos respeitantes a essas especialidades por meio de estágios, demonstrações e provas; preparam-se as representações nacionais militares nas provas desportivas internacionais; e recolhem-se e preparam-se os solípedes adquiridos para o serviço dos quadros e das tropas do Exército e os destinados à instrução equestre e a montadas de desporto e praças de oficial.

Para tal, além do Comando, dispõe de:

— uma Direcção do Ensino da Educação Física, que compreende duas secções: a 1.ª secção — ensino da ginástica básica e de aplicação militar, da natação e do treino físico militar incluindo a pátria de todos os desportos relacionados com aquelas actividades; a 2.ª secção — ensino da esgrima clássica e da esgrima e combate à baioneta e luta individual, e das provas de esgrima; e de uma Direcção do Ensino da Equitação, igualmente com duas secções: 1.ª secção — ensino da equitação nas modalidades, ensino complementar e superior, obstáculos e exterior; 2.ª secção — remonta, desbaste, ensino e treino de solípedes de sela.

Nos cursos de esgrima e equitação professados no Centro podem ser admitidos como voluntários, a solicitação das respectivas federações e com a concordância da Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, indivíduos civis que o requeiram e satisfaçam às condições estabelecidas.

Os oficiais ou os sargentos milicianos podem ser admitidos à frequência dos cursos de instrutor de educação física militar e de instrutor de esgrima ou de monitor de educação física, desde que os candidatos declarem que desejam continuar ao serviço por mais dezoito meses além do termo do respectivo curso.

■

Porque há poucos dias se realizaram, na região da Ericeira, as provas de endurecimento, integradas na ginástica de aplicação militar dos cursos de instrutor e de monitor de educação física, publicamos algumas imagens que dão uma ideia como através de uma instrução dura, arriscada e de realismo, por vezes surpreendente, o Centro Militar vem forjando os especialistas de educação física que no Exército tomarão a seu cargo uma das mais importantes instruções — *a preparação física e moral do combatente.*

A par duma preparação técnica adequada, o especializado em educação física é educado, em contacto permanente com o risco, a suportar as mais diversas situações de combate.

Quer no combate corpo a corpo...

...Encarados com os condicionamentos que o fogo

...e os cursos de água

A preparação física dum combatente encerra, por vezes, situações de cuja dureza se não duvida...

...quer na transposição dos mais variados obstáculos...

...Os meios...

O nível atingido, grande em todos os aspectos, tornam esta especialidade indispensável em todos os Estabelecimentos Militares, onde seja encarada a formação e educação de quadros e de tropas

Nos próximos números do «JORNAL DO EXÉRCITO» serão focadas outras actividades do Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos.

O SERVIÇO DE SAÚDE MILITAR

pelo tenente-coronel médico PENHA COUTINHO

DURANTE séculos, o soldado ferido ou doente não suscitou qualquer interesse aos seus chefes militares ou aos seus irmãos de armas. Constituindo um empecilho para o combate, era abandonado à sua sorte, que tanto lhe podia trazer o socorro tardio e precário das populações amigas como a vingança cruel do inimigo vencedor ou dos povos oprimidos; dar o golpe de misericórdia a um ferido grave podia considerar-se, então, como um acto de boa camaradagem.

Mesmo, quando mais tarde os grandes chefes militares, quase sempre fidalgos ricos e poderosos, passaram a levar para a guerra, no seu séquito, os cirurgiões de suas casas, só a elevada ética profissional dalguns destes lhes faria tratar todos os feridos que podiam, além dos grandes senhores.

Entre nós, as primeiras referências a um Serviço de Saúde organizado, embora embrionário, datam de um pouco antes de 1650, durante a Guerra da Restauração. Nesta época cada exército tinha um Físico e Cirurgião-Mor, havendo um cirurgião em cada Terço e um barbeiro em cada Companhia. O pequeno rendimento devido à insuficiência de pessoal e à sua fraca preparação era ainda agravado pelo conceito então dominante: o de levar os socorros aos feridos, em vez de trazer os feridos aos socorros. A grande dispersão de esforços que daí resultava e, ao mesmo tempo, o aperfeiçoamento da ciência médica e o aumento de complexidade das suas técnicas, obrigaram a criar «órgãos de tratamento» e meios para aí transportar os feridos. Nasceram assim, durante a época napoleónica, as «ambulâncias volantes», com material para socorros, as companhias de maqueiros e as viaturas para transporte de feridos.

Em Portugal, já em 1797 se regulamentava o funcionamento dos Hospitais Militares em Campanha, que se dividiam em volantes e fixos, de onde os feridos passariam para os Hospitais de 1.ª, 2.ª e 3.ª Linha, se tal fosse necessário. Os Hospitais Volantes destinavam-se ao tratamento dos casos mais urgentes não devendo conservar doentes se o Exército tivesse de marchar. Em dia de acção os Hospitais Volantes estabeleciam um Depósito com material de tratamento, de onde saíam 3 Divisões que se iriam colocar no centro e flancos da linha de batalha; aí seriam reunidos os feridos que, em «padiolas» e carros apropriados, seriam evacuados para o Depósito, e deste para o Hospital Volante. Só em 1813 é criado o Quadro dos Oficiais do Departamento de Saúde do Exército, que até então não tinham qualquer preparação militar. É de notar que o levantamento e transporte dos feridos estavam a cargo dos seus camaradas combatentes, os quais só podiam encarregar-se destes serviços depois de terminado o combate. Só em 1837 se reconheceu oficialmente, pela primeira vez, a necessidade de pessoal especialmente encarregado do levantamento e transporte dos feridos no campo de batalha, criando-se, em tempo de guerra, uma Companhia de Saúde que se destinava exclusivamente ao serviço de maqueiros.

A evolução subsequente do Serviço de Saúde em campanha foi condicionada:

— pelo enorme desenvolvimento dos conhecimentos médicos, aperfeiçoamento e aumento de complexidade das suas técnicas, impondo cada vez mais a instrução especializada do pessoal e a actualização constante das dotações de material, que quase sempre se traduziu por maior peso e volume das formações de tratamento;

— pelo maior alcance, precisão e poder destruidor das armas, que não só afectou o número de baixas como obrigou a um escalonamento mais profundo dos órgãos do Serviço, o que exigiu, por sua vez, o aperfeiçoamento dos meios de evacuação para que os feridos possam alcançar as formações de tratamento em tempo útil;

— pela necessidade de libertar os escalões inferiores do tratamento demorado das suas baixas, a fim de não prejudicar a mobilidade das suas formações sanitárias;

— pela consideração de que, sendo impossível atingir o ideal de levar os socorros junto de todos os feridos, é pelo menos possível, e necessário, reduzir ao mínimo o transporte daqueles que carecem de tratamentos urgentes;

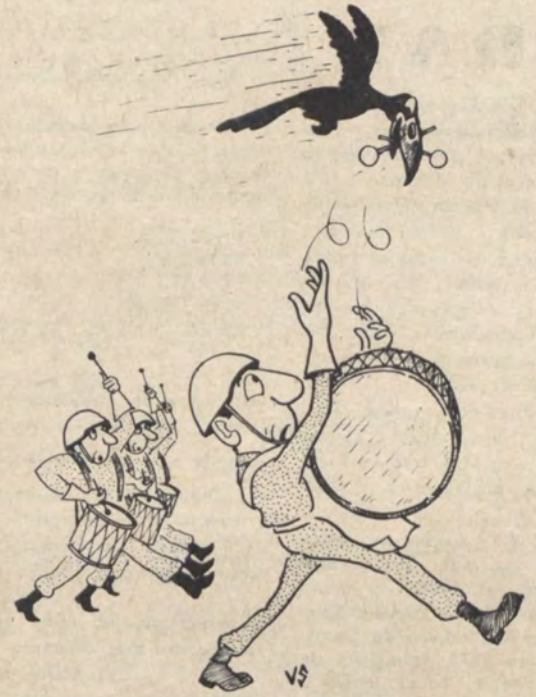
— pelo reconhecimento do papel importantíssimo do Serviço de Saúde na manutenção do moral das tropas e na manutenção dos efectivos, bastando lembrar, quanto a este último ponto, que a percentagem dos feridos que puderam regressar ao serviço, na última Grande Guerra e na Guerra da Coreia, foi, respectivamente, de 77 por cento e de 85 por cento.

E assim chegámos aos nossos dias, com o Serviço de Saúde em Campanha estruturado nos moldes seguintes:

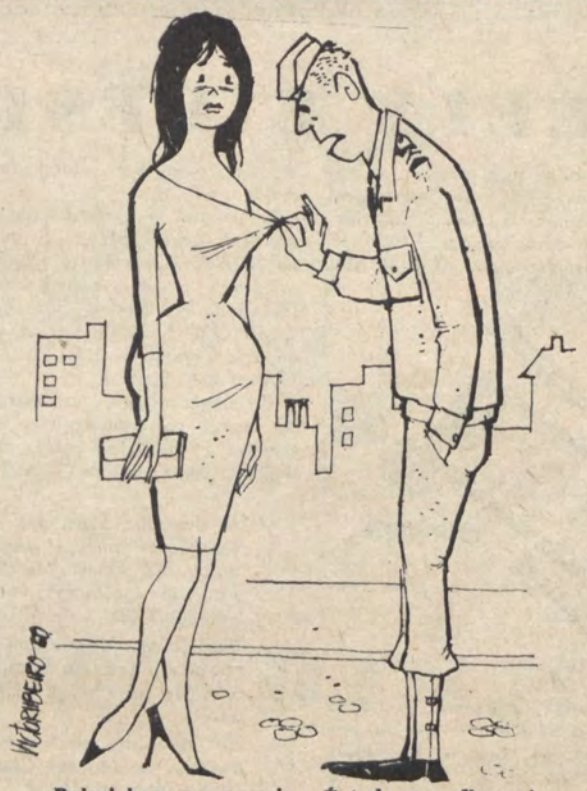
— um escalão, de primeiros socorros tão precoces quanto possível, reunião e evacuação imediata para o 2.º escalão;

(Continua na pág. 30)

BOM HUMOR NA TROPA

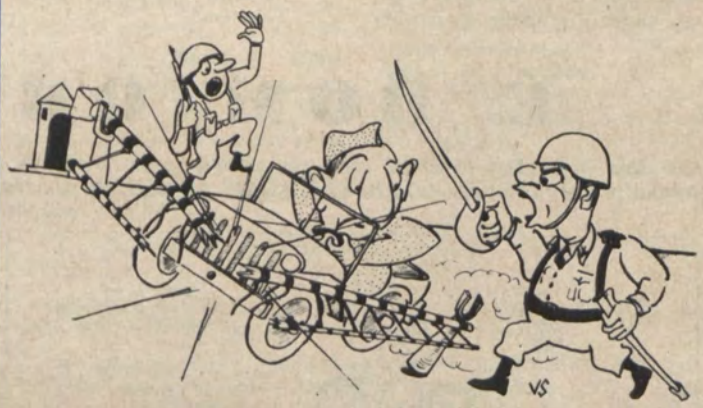


Sem legenda



Bolas! bem me parecia... É tudo camuflagem!

Assim nunca mais esqueces que o batimento é feito com o pé esquerdo



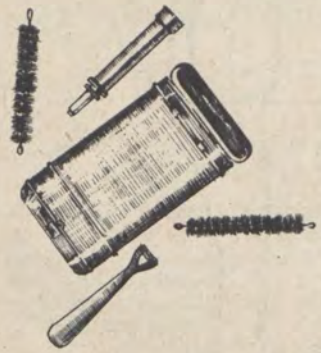
Seu idiota!... Julga que está a ultrapassar a barreira do som?

Sem legenda

recreio

LEIA E RESPONDA!

Responda, num postal, às 10 perguntas e cole no mesmo o talão situado no canto inferior esquerdo desta página. Envie as respostas para o «Jornal do



Exército», Concurso «Leia e Responda», Rua da Escola Politécnica, 61, Lisboa, Portugal, até ao dia 31 de Março. Não serão considerados os postais que apresentem letra ilegível ou rasuras e não venham acompanhados do talão. Indique o nome, posto e unidade ou estabelecimento militar onde presta serviço.

O prémio é constituído por um «cheque-brinde», no valor de 200$00, que permite adquirir artigos à escolha, na «Livraria Hélada», R. Rodrigo da Fonseca, 152, Lisboa, ou na Camisaria Versailles, Ld.ª, Av. da Igreja, 1-A, Lisboa.

Trimestralmente, será sorteado, entre os concorrentes que enviem as soluções certas, um fogão a gás da marca ODACLA.

1 — No desenho, além das mechas, falta um dos componentes do estojo de limpeza da espingarda Mauser. Qual é?

2 — Qual foi a unidade que ganhou, em 1959, o Campeonato de Andebol do Exército?

3 — Em que ano se travou a batalha de Montes Claros: 1385, 1665 ou 1714?

4 — Qual destes instrumentos se usa há mais tempo: Bússola, Termómetro ou Telefone?

5 — João XXIII, o actual Papa, refere-se muitas vezes ao tempo em que serviu no exército, durante a 1.ª Grande Guerra. Que posto atingiu?

6 — «...Ó gente ousada, mais que quantas / No mundo cometeram grandes coisas!»
(Os Lusíadas, canto V)
A que povo se referem estas palavras?

7 — Das ilhas portuguesas: Terceira, Flores, Maio e Taipa, qual é a que não está situada no Oceano Atlântico?

8 — Qual é a nação da América do Sul que ocupa maior superfície?

9 — Paulo Dias de Novais, fundador da cidade de Luanda, em 1575, que grau de parentesco tinha com o grande navegador Bartolomeu Dias que em 1488 dobrou o Cabo da Boa Esperança?

10 — Quantas estrelas tem a constelação da Ursa Maior?

PASSATEMPO COROGRÁFICO

Colocar, pela devida ordem, as letras das seguintes palavras e frase, de modo a constituir o nome de cidades de Portugal:

LABUTES
MORTA
FORA!
MANTERÁS
OLÉ! CANTAS, VADIO!

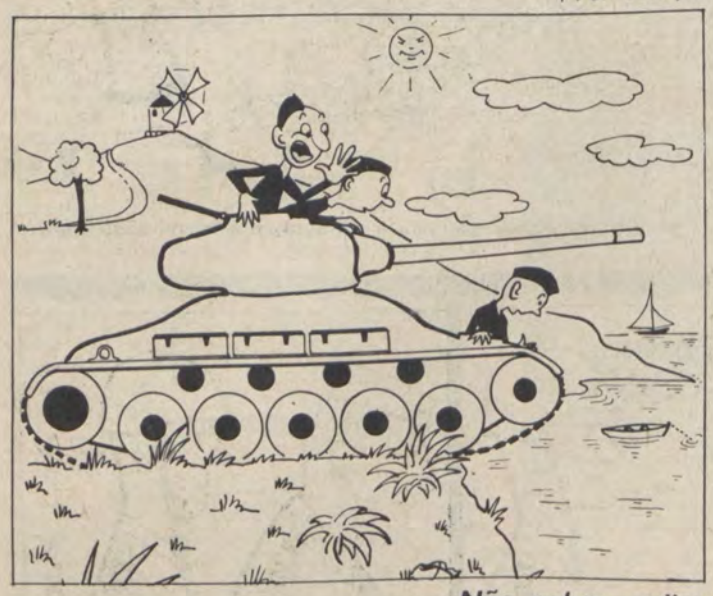
Soluções — Setúbal, Tomar, Faro, Santarém, Viana do Castelo.

As oito diferenças

1 — O barco à vela tem bandeira.
2 — O canhão tem um tapa-bocas diferente.
3 — O barco só tem um banco.
4 — Há uma nuvem sobre o moinho.
5 — A árvore tem três ramos.
6 — As caixas têm peças.
7 — O condutor tem óculos.
8 — A torre tem emblema.

É BOM OBSERVADOR?

Os dois desenhos diferem em oito pormenores. Veja se os descobre em menos de cinco minutos. Se o conseguir, considere-se OBSERVADOR REGULAR. Se não ultrapassar 3 minutos, então, classifique-se como BOM OBSERVADOR
(Ver solução nesta página)



— Não achas melhor meter marcha atrás?

CHARADISMO

pelo capitão ISIDRO ANTÓNIO GAYO

Charadismo é a arte de compor e adivinhar determinados problemas. A sua prática vem dos tempos lendários. Iniciou-se pela **adivinha** e estendeu-se mais tarde a outras espécies, como o **enigma, a charada, o pitoresco, o figurado, tipográfico, salto de cavalo, palavras cruzadas, logogrifo,** etc.

A **charada** admitiu, por sua vez, uma grande variedade de problemas, muitos deles postos de parte.

UTILIDADE DO CHARADISMO

O charadismo constitui um passatempo agradável e dos mais proveitosos. A sua prática, implìcitamente, envolve o manuseio dos dicionários e concorre, assim, para a elevação do grau cultural de quem o pratica.

Dia a dia, vai criando novos adeptos, difundindo-se através dos jornais e revistas, porque constitui um recreio aprazível e uma fonte de conhecimentos literários e até científicos, consoante o modo como for orientado. Grandes figuras da nossa literatura, tais como: Gil Vicente, Bocage, António Feliciano de Castilho, Curvo Semedo, José Maria da Silva Leal, João de Deus, Ferreira de Castro, etc., praticaram o charadismo.

ESPÉCIES CHARADÍSTICAS

Indicámos já, mais ou menos, as designações das várias espécies enigmísticas. Elas são conhecidas de alguns militares que são veteranos no nosso passatempo. Mas nós esperamos difundi-las no Exército, para aqueles que as ignoram ainda, pelo que os primeiros números desta secção terão de ser elaborados à base de aprendizagem. E vamos começar pela charada

ADICIONADA

Esta produção, oriunda de França, foi introduzida em Portugal em 1773. Inicialmente era conhecida apenas por **charada** e apenas feita em verso. Passou, mais tarde, a ser manufacturada em prosa, com o nome de **em frase,** ou **novíssima.** Porque nenhuma das designações traduzia o fenómeno gramatical, foi, em tempos, resolvido que passasse a designar-se por **adicionada,** quer firmada em verso quer em prosa. A nomenclatura adoptada baseou-se na figura gramatical — a **adição.** Vamos indicar vários exemplos:

Operando à **luz do dia,** que Deus nos **oferece,** não há que ter **pena** de **qualquer militar.** 1-1-1

Solução — SOLDADO.

Chamam-se parciais às partes em que decompusemos a palavra solução — Soldado.

Para obter essa solução, verificámos que **luz do dia** é **sol;** que **oferece,** é **dá;** e que **pena,** é sinónimo de **dó.** Cada um dos números indicados, pela respectiva ordem, diz respeito às parciais. Adicionámo-las e resultou a palavra SOLDADO, sinónimo de **militar.**

Esclarecemos que as parciais, como é óbvio, têm de ser, pelo menos, duas. E a respectiva numeração varia, consoante o número de sílabas. Outro exemplo:

Tenho **aqui,** desta **banda,** um companheiro **que não diz nada.** 1-2

Aqui — CÁ; banda — LADO; efectuando a junção, temos o termo — CALADO, que está de acordo com o conceito: **que não diz nada.**

Como se verifica, é fácil decifrar uma charada. Para experiência e treino, vamos dar alguns exemplos:

1 — **Ofereça** à Pátria, sem **olhar** a sacrifícios, o que vos impõe a sagrada **obrigação.** 1-1

2 — **Desde** que o **juízo natural** impere, só há que confiar na boa **sorte.** 1-2

3 — Com bom **vento até** o inexperiente piloto tem **habilidade.** 1-1

4 — **Além,** naquela colina, há uma mulher **perversa** que se debate no **lodo.** 1-1

5 — O **remorso** nunca **falta à verdade,** mesmo para o **que dorme.** 1-2

6 — O **monarca** que se impõe perante o dever, zelando pelo **país,** não pode entregar-se à **pândega.** 1-2

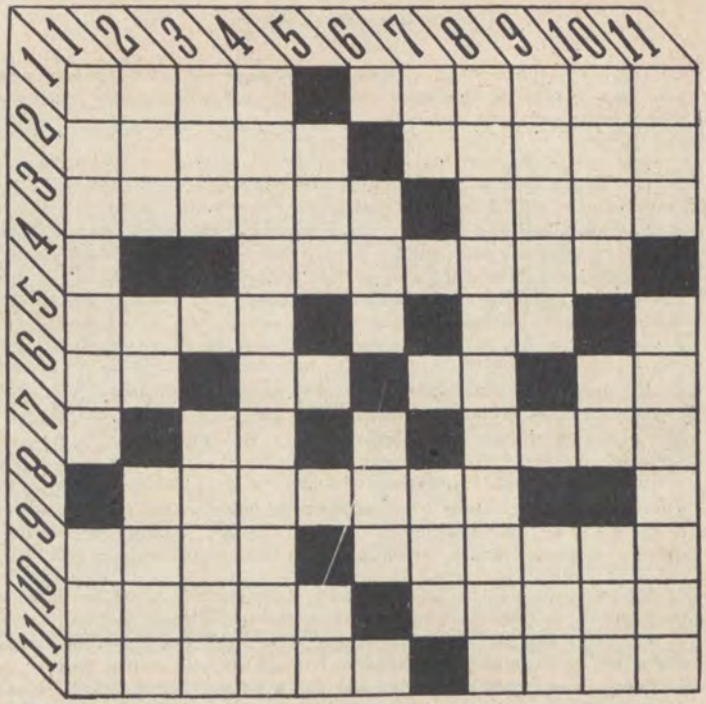
As soluções serão publicadas no próximo número.

Informamos os nossos leitores de que aceitamos, para publicação, quaisquer trabalhos desta espécie que nos queiram remeter.

Para o efeito, cada produção deve ser elaborada num papel com cerca de 10 cm.×15 cm. Além da produção, deve indicar-se o posto, o nome e a unidade (e a morada, querendo), bem como o dicionário onde se verifica a solução que, igualmente, deve ser indicada.

No próximo número daremos explicações acerca de novas espécies charadísticas. E, num futuro próximo, daremos início a um torneio de decifração, com alguns prémios.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — **Rosto; esquadra de uma nação.** 2 — **Sôfrega; andávamos.** 3 — **Tarda; transpirei.** 4 — **Visar novamente.** 5 — **Adejam; atmosfera.** 6 — **Existes; pronome pessoal; mil e cem; além.** 7 — **Abreviatura de antes de Cristo; soberanos.** 8 — **Chamava a atenção.** 9 — **Rezar; mulher encantadora.** 10 — **Pesquisar; cumpri.** 11 — **Fios de metal; pises.**

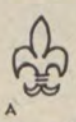
VERTICAIS: 1 — **Defunto; vã.** 2 — **Pássaro; artigo definido (pl.); lavrar.** 3 — **Víscera dos animais; respeita.** 4 — **Entorpeceram.** 5 — **Medida agrária; criminosa.** 6 — **Moeda em Macau e Timor; porém.** 7 — **Graceja; contemplas.** 8 — **Matarem cruelmente.** 9 — **Baixar de preço; herdade.** 10 — **Sofrer; recitei; nome de mulher.** 11 — **Empunhei; Cidadela de Portugal.**

LIVRARIA HÉLADA

R. Rodrigo da Fonseca, 152 - LISBOA - Tel. 681017
LIVROS DE ESTUDO • MATERIAL DIDÁCTICO
NOVIDADES LITERÁRIAS • JORNAIS E REVISTAS
Atende requisições para qualquer parte do País
CONCEDE O DESCONTO DE 10 % AOS ASSINANTES DO «JORNAL DO EXÉRCITO»

CAMISARIA VERSAILLES, L.DA

ARTIGOS PARA HOMEM E SENHORA



MODAS CONFECÇÕES NOVIDADES

AV. DA IGREJA, 1-A
RIO DE JANEIRO, 21-B
LISBOA

O «PORTA-BANDEIRA»

(Continuação da pág. 10)

Com D. João V as *Novas Ordenações* de 1707, preceituam que «aos postos de tenente e alferes seja exigida alguma instrução (ler e escrever, pelo menos)».

Do que atrás se conclui que o termo alferes designou na sua origem os cavaleiros muçulmanos que, junto à foz do rio Barbate, venceram os godos da Península; que na sequência dos tempos a mesma palavra qualificou o chefe montado de uma tropa de infantes; e como naturalmente esse chefe — alfereces, segundo A. Herculano em *O Presbítero* — transportava o pendão, daqui lhe advêm as funções que Carlos Selvagem, lhe atribui na Idade Média: «Era o alferes-mor que levava em batalha a bandeira real e que exercia em geral o comando directo da hoste real, ou tropas do rei».

E porque os príncipes e principais nobres igualmente possuiam nas suas hostes o pendão, também — nomeadamente em Ceuta — há notícia de outros alferes «que o eram dos príncipes e principais nobres», no dizer dos cronistas coevos.

Em tempos mais próximos de nós, e desde então, a palavra alferes vem designando o subalterno da companhia ou esquadrão e referindo-se principalmente a essa função, quando na Idade-Média o alferes era a primeira dignidade militar depois do rei.

E assim é que, a acordar com a milenária tradição militar portuguesa, o porta-bandeira deverá ser um alferes.

Qual ele seja — se o mais antigo ou moderno, se o mais condecorado, se o de melhor físico, se o mais virtuosamente militar — é critério a estabelecer, porque de todos os que aponto tenho visto fazer motivos para aquela escolha.

Mas que seja um alferes — assim o manda a Tradição — um continuador desses outros cujos nomes chegam até nós, envoltos na poeira doirada dos séculos, cujos feitos fazem admirar as virtudes de um grande pequeno povo.

Vultos heróicos, agigantados pela perspectiva do tempo, que levaram nas dobras da Bandeira, batida pelo vento da glória e das grandes tragédias, a alma do Portugal conquistador e aventureiro.

Essa alma sentimental que chorou nas violas de Alcácer Quibir toda a *soydade* do Rei D. Duarte, essa alma que estuou de rancor e ódio, de amor pela Pátria livre, em certa manhã de 1640, essa alma de gigantes guardada nos peitos tisnados pela pólvora, dos pequenos infantes que em Wagram mostraram ao maior general que ainda a França ditou, o que é ser português.

Alferes de Portugal!

Heróis como o valentíssimo decepado de Toro; como D. Duarte de Menezes defendendo sobre os areais escaldantes das margens do Huadmachacin a bandeira da hoste real até cair sobre ela miserado de feridas, guardando-a ainda com o corpo retalhado de golpes; como o mártir que sobre os muros de Aden levantou um padrão imorredouro de bravura e sacrifício à Raça! Heróis como estes vos contemplam, alferes de Portugal!, quando tiverdes nas mãos o símbolo da Pátria.

Escutai! vindo de muito distante, da lonjura dos séculos, por cima dos mares e das terras que foram nossas, através das gerações, um brado ruge, um brado que refulge, que afirma uma certeza...

— É Garcia de Sousa, alferes de D. Afonso de Albuquerque, por sobre as muralhas de Aden, envolto nos farrapos da bandeira, envolto nos fumos da pólvora... e na luz imensa da sua e da nossa Glória.

O SERVIÇO DE SAÚDE MILITAR

(Continuação da pág. 26)

— 2.° escalão, de classificação dos feridos, tratamento dos casos urgentes e complemento dos primeiros socorros aos restantes, até se encontrarem em condições de suportar, sem inconvenientes, uma evacuação mais demorada, até aos órgãos de tratamento definitivo;

— 3.° escalão, de tratamento definitivo e recuperação dos indisponíveis susceptíveis de regressar ao serviço num prazo relativamente curto;

— 4.° escalão, de tratamento definitivo dos que só possam ser recuperados a longo prazo;

— finalmente, um 5.° escalão que se ocupa do tratamento dos indisponíveis não recuperáveis para o serviço e daqueles cuja possível recuperação só possa verificar-se em prazos excessivamente longos.

Hoje em dia, um ferido grave, carecendo de tratamento urgente, encontra a uma distância de apenas 6 a 12 quilómetros da frente uma formação sanitária, convenientemente dotada em pessoal e material para lhe garantir todos os recursos da moderna cirurgia necessários à sua sobrevivência e tratamento, até estar em condições de poder suportar sem perigo a evacuação para a retaguarda, onde será feito o tratamento definitivo das suas lesões. O emprego de viaturas auto, helicópteros e aviões proporciona aos feridos uma evacuação rápida e confortável.

A seguir:

O SERVIÇO DE SAÚDE NA ACTUALIDADE

A ORDEM DO EXÉRCITO DIZ...

Foi reintegrado no Exército, no posto de coronel, na situação de reforma, o ex-tenente-coronel de Infantaria, Ribeiro de Carvalho, tendo em conta os feitos relevantes que praticou em campanha.

CONDECORAÇÕES

Foram autorizados a aceitar e a usar as insígnias respectivas que lhes foram concedidas pelo Governo espanhol os seguintes oficiais:

Grã-Cruz da Ordem do Mérito Militar, com distintivo branco — brigadeiro Andrade e Silva; Cruz de 3.ª Classe do Mérito Militar, com distintivo branco — coronéis do C. E. M., Louro de Sousa e Viotti de Carvalho; Cruz de 2.ª Classe do Mérito Militar, com distintivo branco — majores do C. E. M., Nunes Matias e de Artilharia Marques Osório; Cruz de 1.ª Classe do Mérito Militar, com distintivo branco — capitão do C. E. M., Vieira de Araújo e tenente do Q. S. G., Cruz Vieira.

— Foram autorizados a aceitar e usar a medalha do Pacificador que lhes foi concedida pelo Governo dos Estados Unidos do Brasil, os capitães milicianos de Infantaria Stott Howorth e Jesus Martins.

— Foram agraciados com o grau de cavaleiro da Ordem Militar de Cristo os coronéis, de Infantaria na situação de reserva, Almeida Valente, e de Cavalaria, Correia Barrento e o capitão do Q. S. G., na situação de reserva, Manuel Gonçalves.

— Foram agraciados com a Ordem Militar de Avis os seguintes oficiais: *Grande-oficial* — coronel de Infantaria, na situação de reserva, Rebeca Júnior; *Oficial* — capitão de Engenharia, Sena e Costa.

— Foram condecorados com a medalha de ouro de comportamento exemplar o coronel de Infantaria, na situação de reserva, Madeira Júnior.

(O. E. n.° 1 — 2.ª Série — 1-1-1960)

CONCURSO

Foi aberto concurso para o posto de 1.° sargento de Engenharia. As declarações devem dar entrada no Q. G. do G. M. L. até ao dia 2 de Março, excepto para os sargentos em serviço no Ultramar, para os quais o prazo de entrega é fixado pelos respectivos Comandos Militares.

O júri para o Continente e Ilhas funciona junto do G. M. L. e, para o Ultramar, nos Comandos Militares das Províncias.

CURSOS E ESTÁGIOS

Teve início no dia 18 de Janeiro, no C. M. E. F. E. D., em Mafra, o Estágio de Esgrima e Combate à baioneta e Luta individual.

— Iniciou-se, no dia 1 de Fevereiro, na E. P. C., o Curso de Carros de Combate M-47 e M-11.

(O. E. n.° 2 — 3.ª Série — 20-1-1960)

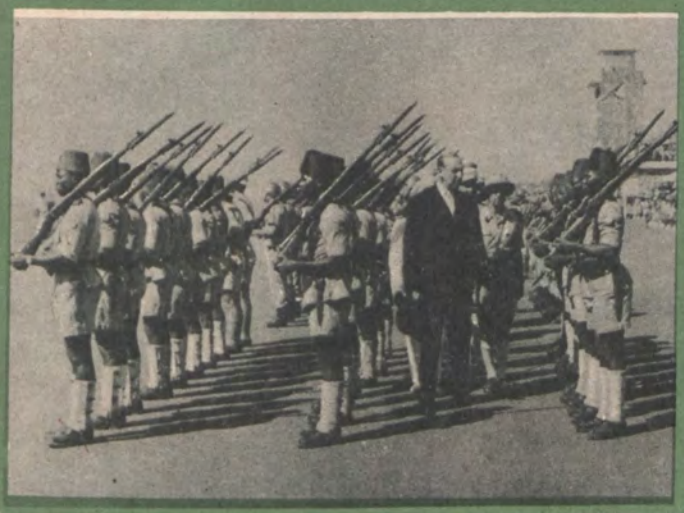
— Iniciaram-se no dia 1 de Janeiro, no H. M. P., os seguintes estágios: Laboratório Sanitário, Radiologia, Farmácia e Sala de Operações.

— Na mesma data tiveram início os estágios de Meteorologia, na E. P. A., e de Material Sanitário, no D. G. M. S.

DETERMINAÇÕES

As propostas para concessão de medalhas militares a praças, em serviço no Ultramar, são enviadas directamente pelos comandantes militares do Ultramar à Direcção do Serviço de Justiça e Disciplina do Ministério do Exército.

aqui é PORTUGAL



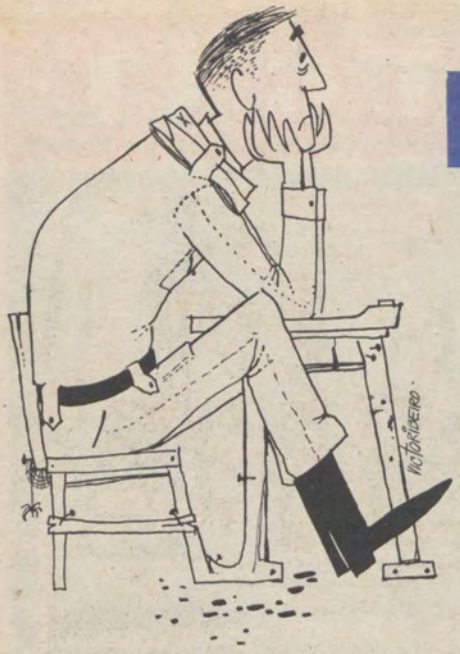
O Ministro da Presidência, passando revista à guarda de honra à sua chegada ao aeroporto General Benard Guedes, em Goa

As bandeiras e estandartes das unidades que tomaram parte na parada militar, realizada em Goa

Posto de Dabel a 7 kms de Dadrá, na fronteira de Damão com a União Indiana

As unidades motorizadas desfilando...

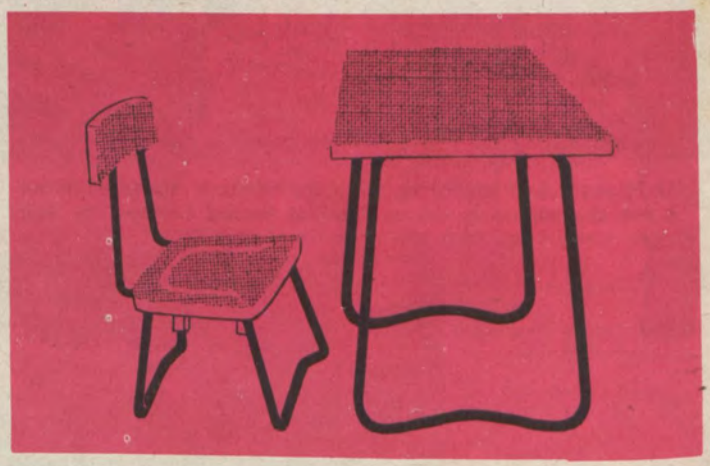
Outro aspecto do desfile



Os tempos mudaram...

HOJE

AS AULAS MODERNAS USAM APENAS CARTEIRAS DO **Centro de Cooperação Técnica**



RUA D. JOÃO V, 2
LISBOA-2 – PORTUGAL
TELEFONE 68007

AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA

(S. A. R. L.)

FABRICANTES DE MATERIAL TELEFÓNICO E DE SINALIZAÇÃO

SEDE:
AV. SIDÓNIO PAIS, 18-1.º
Telef. 57146

FÁBRICA:
AV. INFANTE SANTO, 8
(Cabo Ruivo)
Telef. 399019

Teleg. STROWGER

AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA
(S. A. R. L.)
LISBOA
ASSOCIADA AO GRUPO DE COMPANHIAS A. T. E.
INGLATERRA

FABRICA PORTUGAL

prefira

produtos Portugal

material de escritório

Gráfica do Areeiro

AO SERVIÇO DAS ARTES GRÁFICAS

FORNECEDOR DOS PRINCIPAIS ESTABELECIMENTOS DO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Av. Padre Manuel de Nóbrega, 17-A – LISBOA – Telef. 72 52 05

SCHAUB LORENZ

GOLDY

UM DOS MAIS PERFEITOS APARELHOS DA ACTUALIDADE COM 4 ONDAS E REGISTO DE SOM

•

Preço muito vantajoso

ESC. 2.590$00

Vista Alegre

Uma tradição no FABRICO DE PORCELANAS

R. IVENS 19, • LISBOA

R. CÂNDIDO DOS REIS, 18 • PORTO

1640/67 — PIQUEIRO: Soldado armado de lança, mais usualmente chamada «pique», pela forma especial do seu ferro.

Os «piqueiros» foram a verdadeira alma dos Exércitos, quando a Infantaria começou a adquirir preponderância, de tal forma que em alguns países estes soldados recebiam o dobro do soldo dos restantes.

Os «piqueiros» constituíam a Infantaria Pesada das forças militares na época da Restauração. Nos Terços do Conde de Cantanhede, existiam 3 Companhias de «piqueiros» por cada uma de Mosqueteiros e de Arcabuzeiros.

Usavam como armamento, além do «pique», uma armadura mais ou menos completa, composta de gola, peito, espaldar, escarela e celada, além do morrião. Usavam, também, espada, principalmente para defesa no corpo a corpo, se os quadrados tácticos se rompiam.

No final do século XVII já os «piqueiros» tinham perdido a sua preponderância, principalmente após a introdução do uso da baioneta que convertia as espingardas em arma branca quando chegava o momento do choque.

No século XVIII o «pique» tinha desaparecido, existindo apenas como reminiscência nas mãos dos oficiais subalternos, como distintivo hierárquico.

1640/67 — ARCABUZEIRO: Soldado que tinha como arma principal o arcabuz. Pela orgânica provisória das forças militares portuguesas da época da Restauração, os Terços eram constituídos por Companhias de 200 homens, fazendo também parte do Terço uma Companhia de Arcabuzeiros, constituindo por assim dizer a Infantaria Ligeira, sendo o seu papel táctico o de servir de auxiliares aos peões, formando as alas das compactas Companhias de «piqueiros», cobrindo-lhes os flancos, combatendo em Pelotão e fazendo, outras vezes, o serviço de exploração.

Eram geralmente equipados com uma bandoleira donde pendiam cartuchos cilíndricos de madeira ou ferro, forrados de couro para as balas e um rolo de mecha para incendiar a carga.

A cartucheira das cargas de pólvora foi, anos depois, substituída por um chifre ou frasco metálico, para a carga.

A armadura desapareceu, ficando sòmente o capacete de ferro ou morrião.

OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO

Abastecedora das Forças Armadas

LISBOA — CAMPO DE ST.ª CLARA
PORTO — RUA DA BOAVISTA

Secção comercial: venda a pronto pagamento e a prestações de artigos de vestuário e de utilidade doméstica

MANUTENÇÃO MILITAR

Fundada em 1897

Órgão abastecedor das Forças Armadas em víveres, forragens, combustíveis e lubrificantes

Com fábricas de moagem
pão
massas
torrefacção
bolachas
comprimidos

SEDE EM LISBOA (BEATO)

SUCURSAIS EM CAXIAS, COIMBRA, ELVAS, ENTRONCAMENTO, ÉVORA, GUARDA, PORTO, RÉGUA E VISEU

MESSES DE OFICIAIS EM LISBOA, PORTO E CAXIAS

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 74 - TELEF. 36 67 51 (7 LINHAS)

MULHER INDÍGENA DE TETE

FEVEREIRO						
D.	•	7	14	21	28	•
S.	1	8	15	22	29	•
T.	2	9	16	23	•	•
Q.	3	10	17	24	•	•
Q.	4	11	18	25	•	•
S.	5	12	19	26	•	•
S.	6	13	20	27	•	•

MARÇO						
D.	•	6	13	20	27	•
S.	•	7	14	21	28	•
T.	1	8	15	22	29	•
Q.	2	9	16	23	30	•
Q.	3	10	17	24	31	•
S.	4	11	18	25	•	•
S.	5	12	19	26	•	•

Jornal do EXÉRCITO

Março 1960

a SACOR, empresa nacional, garante o abastecimento do exército português em combustíveis e lubrificantes

SACOR

AO SERVIÇO DAS FORÇAS ARMADAS DE PORTUGAL

ODACLA

O FOGÃO
preferido
pela
família militar

GAZINA
fábrica:
Rua Latino Coelho
Venda Nova-Amadora
sede:
Rua General Taborda, 91
Telef. 68 38 55 – LISBOA

Vista Alegre

Uma tradição no
FABRICO DE PORCELANAS

R. IVENS 19, • LISBOA
R. CÂNDIDO DOS REIS, 18 • PORTO

Gomes & Rodrigues, L.da

LIVRARIAS
PAPELARIAS
PAUTAÇÃO

ENCADERNAÇÃO
OFICINAS GRÁFICAS
ARTIGOS DE ESCRITÓRIO

IMPRESSOS MILITARES

LARGO DE D. ESTEFÂNIA, 17 A 22 • RUA ENG.º VIEIRA DA SILVA, 12-A E 12-B • TEL. P.P.C. 4 91 61/65 • LISBOA
SECÇÃO MILITAR: RUA ALEXANDRE BRAGA, 26-A • TEL. EXTENSÃO 16 • LISBOA

A BASE DA ALIMENTAÇÃO RACIONAL

RAÇÕES E CONCENTRADOS PARA PORCOS, BOVINOS E AVES

PROVIMI merece a vossa confiança

PROVIMI PORTUGUESA — Concentrados para a Alimentação de Animais, Lda.

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

RUA DO COMÉRCIO, 85

LISBOA - 2

UM DOS MAIS PERFEITOS APARELHOS DA ACTUALIDADE COM 4 ONDAS E REGISTO DE SOM

Preço muito vantajoso

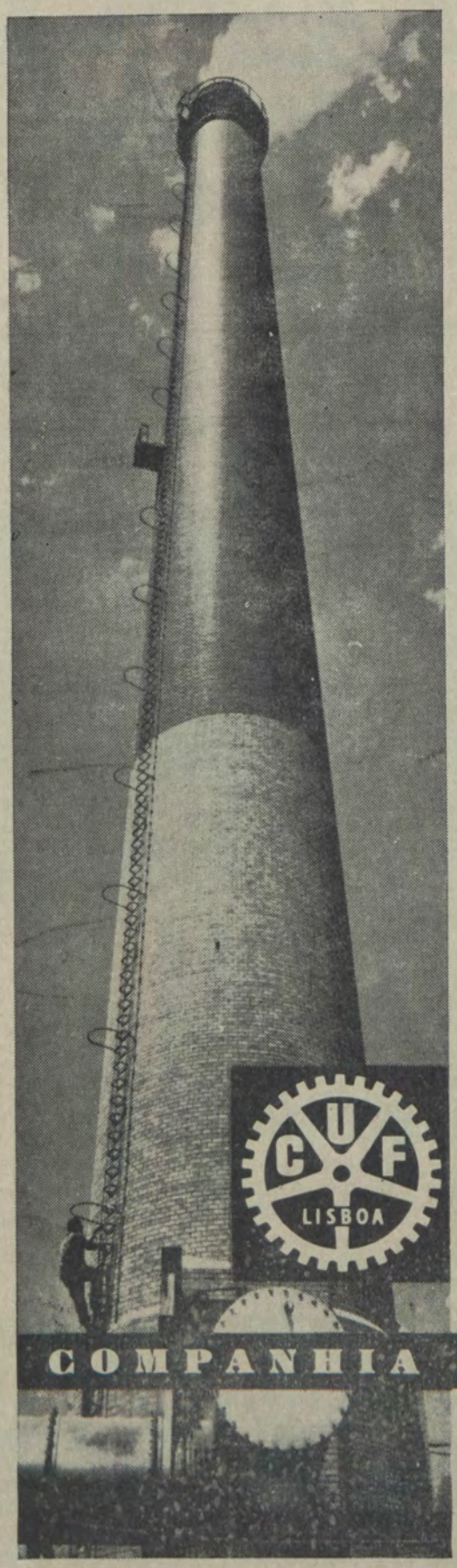
ESC. 2.590$00

Gráfica do Areeiro

AO SERVIÇO DAS ARTES GRÁFICAS

FORNECEDOR DOS PRINCIPAIS ESTABELECIMENTOS DO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Av. Padre Manuel de Nóbrega, 17-A — LISBOA — Telef. 72 52 05



INDÚSTRIA QUÍMICA

INDÚSTRIA TÊXTIL

METALURGIA DOS METAIS NÃO FERROSOS

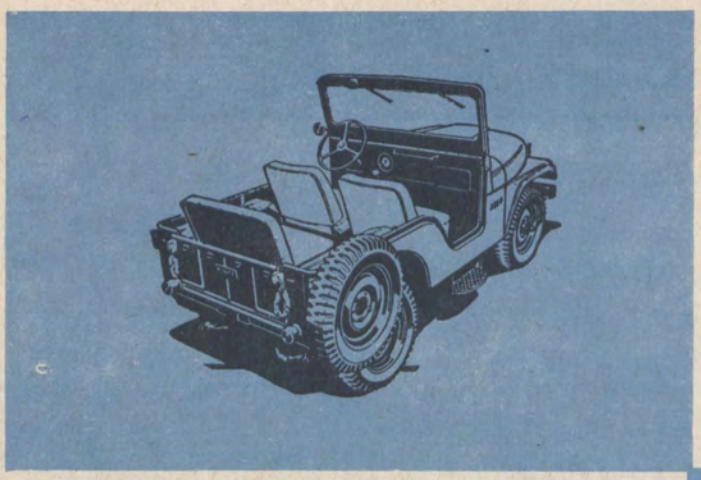
CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES NAVAIS

FUNDIÇÃO DE FERRO E AÇO

CONSTRUÇÕES METALO-MECÂNICAS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

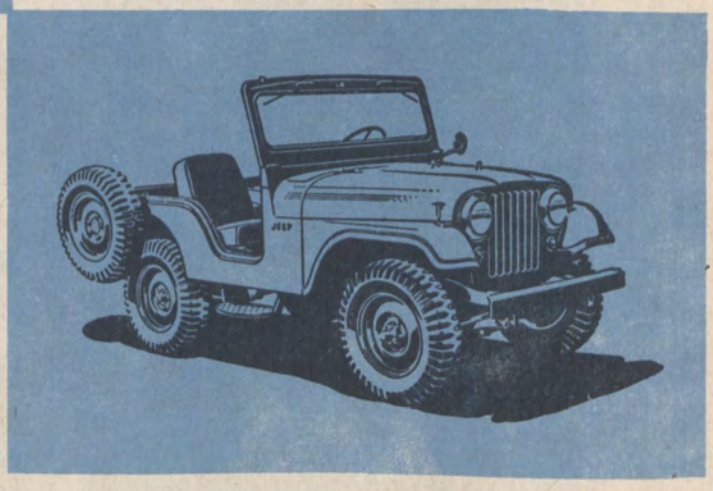
RUA DO COMÉRCIO, 49 - TELEF. 30551 - LISBOA



'Jeep'®

WILLYS

O Veículo para «todo-terreno» construído em maior número em todo o Mundo, e preferido pelos Serviços Armados devido à sua incomparável resistência e versatilidade de aplicação.



ÚNICOS REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES GERAIS

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, LDA.

(I C A L)

AV. DA LIBERDADE, 35, 1.º-LISBOA

Jornal do EXÉRCITO

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Redacção e Administração
Rua da Escola Politécnica, 61, 2.º
Telef. 3 10 45

DIRECTOR E EDITOR
Brigadeiro DAVID DOS SANTOS
Chefe da Redacção — Major BALULA CID
PROPRIEDADE DO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Composição e impressão
CASA PORTUGUESA
R. Gáveas, 109 — Lisboa

Distribuição: Continente, Madeira, Açores, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Índia, Macau e Timor

ANO I — N.º 3 MENSÁRIO — MARÇO DE 1960 2 ESCUDOS

O INFANTE D. HENRIQUE

CAVALEIRO DA TERRA E DO MAR

CINCO séculos são volvidos sobre a morte do Infante D. Henrique, o Príncipe do Mar, que todo o Mundo conhece e glorifica como o **Navegador.** E, na verdade, nenhum outro título mais justo ou mais expressivo para o homem cuja ânsia não cabia nos limites da terra conhecida — e na solidão de Sagres dialogava com as ondas o seu Sonho de Além, que voava na brisa para o Desconhecido.

Ao Infante devemos ainda hoje a posição de relevo e liberdade que ocupamos no concerto das nações; e é também a ele — **«o único imperador que tem deveras o Globo-Mundo em sua mão»** (1) — é a ele que o Mundo deve o ser Mundo, na plenitude e grandeza das terras e dos mares, e até das estrelas do céu.

No decorrer deste ano se comemorará, de várias formas, a obra extraordinária do homem que soube querer. Que quis, e venceu: porque ele quis — e a cruz de Cristo vogou nas ondas dos sete mares

«e viu-se a terra inteira,
[de repente,
surgir, redonda, do azul
[profundo.» (1)

★

O Infante marinheiro entrou há muito na História, e a outros compete evocar a sua acção de cabouqueiro do Império. Aqui, lembraremos apenas a sua formação de guerreiro destemido e audaz que no adestramento e na luta, na ciência e na fé, adquiriu aquela lucidez de razão e o domínio da vontade que haviam de empolgar os mais tímidos e transformar o medo em audácia, as trevas em clara luz.

Não abundam os dados sobre a meninice de D. Henrique. Sabemos, porém, que recebeu de seus pais aquela educação esmerada com que D. João I e D. Filipa de Lencastre souberam fazer de seus filhos — os altos Infantes — a geração mais respeitada da nossa História. Do pai, o guerreiro com preocupações intelectuais, recebeu o Infante o amor das artes e o gosto da ciência, espírito de sacrifício e de disciplina que lhe enrijava o corpo e fortalecia a vontade; com a mãe deixava-se penetrar das virtudes do perfeito cavaleiro; e a ambos imitava na rigorosa obediência aos preceitos de Deus e da Igreja, com os quais ia robustecendo a fé que tornaria apóstolo o Mestre da Ordem de Cristo.

★

Ao Infante D. Henrique anda ligado o mais notável acontecimento do reinado de seu pai, depois de consolidada a independência: a conquista de Ceuta. Via-se o rei solicitado para essa grande empresa por seus filhos e pelo seu melhor conselheiro, e nas instâncias reconhecia o entusiasmo ardente de Henrique, o preferido. Iam-se vencendo as hesitações e prudentes cautelas do soberano: letrados e homens de armas, o Condestável e a própria rainha apoiavam o Infante, desejoso de empregar a pujança de jovem nos perigos e trabalhos da guerra. O entusiasmo da gente moça contagia os mais experimentados — e um frémito de luta ilumina o País inteiro, como labareda de fé. Por outro lado, urgia dilatar as fronteiras, que garantissem uma independência a que não pusesse sombra o poderio do vizinho.

Com o maior segredo sobre o objectivo se apresta a expedição. O Infante fixa-se no Porto, a sua cidade natal, e aí dirige a construção da frota, sem parança e em constante incitamento. Setenta navios bem apetrechados deixam um dia o rio Douro e vêm juntar-se, na praia do Restelo, à frota do Infante D. Pedro. Os dois irmãos olham-se bem nos olhos, e logo se abraçam ao som das trombetas que anunciam ao Mundo uma nova era.

Toldava, porém, esta alegria, a triste nova da doença da rainha, atacada de peste em Odivelas. Os infantes rodeiam o leito onde se acaba aquela que lhes dera a vida e os moldara para altos destinos. Viam-na agora moribunda, mas serena. A seu lado brilhavam três espadas que encomendara em Inglaterra. A um sinal os filhos aproximaram-se e, por ordem de idades, — primeiro D. Duarte, D. Pedro a seguir — recebem das mãos de sua mãe o símbolo da honra e da rectidão. Chegada a vez de D. Henrique, lembra-lhe que, se a um irmão encomendara os povos e a outro as donzelas, a ele confia os fidalgos e escudeiros do reino, terminando com estas palavras:

— Eu vos dou esta espada com a minha bênção, com a qual vos encomendo e rogo que queirais ser cavaleiro (2).

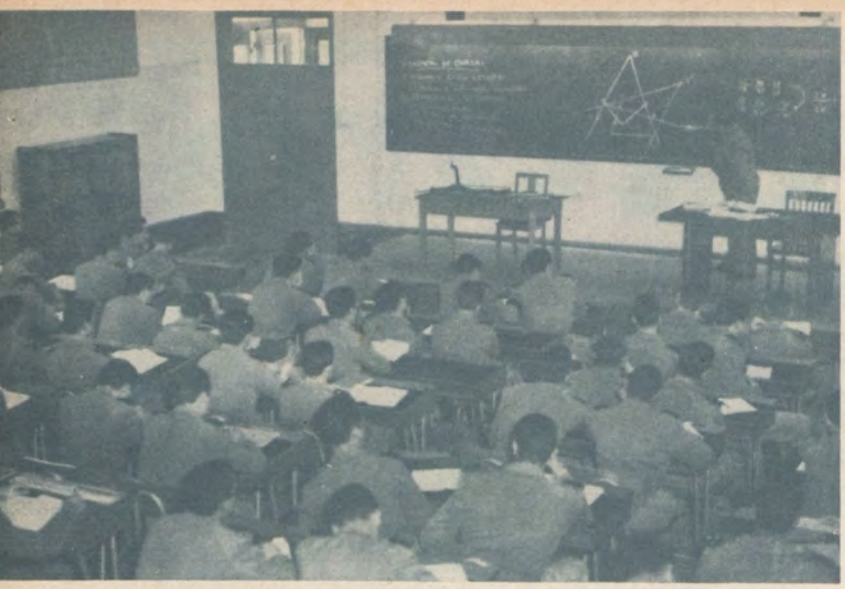
E o Infante, dominando a dor que lhe embarga a voz, responde firmemente ao beijar-lhe a mão:

— Senhora, seja Vossa Mercê mui certa que, enquanto me a vida durar, terei firme lembrança de quanto me encomendais, para o cumprimento do qual ofereço todo o meu poder e boa vontade (2).

(Continua na pág. 30)

ACADEMI

DIVISA DE HONRA: *DULCE ET*



Na Academia são professadas 54 cadeiras diferentes que visam a formação científica básica, a cultura geral e a preparação específica dos alunos de cada Arma ou Serviço

Aprender no presente para ensinar no futuro

Um «binário» poderoso: — sobriedade e bom humor

Os alunos encaram com espírito desportivo a passagem de todos os obstáculos que podem encontrar na dura vida de campanha

A Academia Militar, estabelecimento de ensino superior do Ministério do Exército, tem por finalidade fornecer à Pátria, anualmente, um contingente de novos oficiais, perfeitamente instruídos na difícil arte de comandar.

A nossa universidade militar, dando aos seus jovens alunos uma sólida formação científica, técnica e física, desenvolvendo o seu espírito de iniciativa, incutindo-lhes o culto do dever militar levado até ao sacrifício supremo, bem merece a admiração do País, pela nobilitante missão que tão eficientemente tem sabido cumprir: Instruir e educar aqueles que amanhã, como ontem, como sempre, serão os continuadores das gloriosas tradições do Exército e com cuja acção a Nação pode contar, na Paz e na Guerra, para manter bem erguida a Bandeira que a representa.

Honra e Glória à Academia Militar!

A MILITAR

DECORUM EST PRO PATRIA MORI

Decisão e coragem, qualidades fundamentais para um futuro oficial

No fim de cada ano de estudos, todos os alunos participam nos Exercícios Finais de conjunto, desempenhando as funções de soldados, graduados e oficiais

Meios ligeiros de Engenharia tornam o Tejo um «passeio» para a Infantaria

Nas Salas de Alunos, estes dispõem de revistas e livros para estímulo da sua curiosidade de cultura geral

Infant de bie faire

O SONHO DO INFANTE

Quedou-se ali, aonde a terra acaba,
Nas mãos erguendo a prometida esfera,
Num sobre-humano esforço de rasgar
Os horizontes duma outra era.

E as lusas naus se foram, sem temor,
A destruir as lendas de gigantes;
Em cada nova costa ultrapassada,
Plantara-se o padrão dos navegantes.

Ficaram para trás o Bojador,
O cabo das Tormentas e dos medos,
Vencido foi o próprio Adamastor,
No seu covil de espumas e segredos.

E os nomes surgem, gloriosamente,
Ao martelar das grandes epopeias,
Diogo Cão, Eanes, navegantes
Chegados aos confins de outras areias.

E hão-de vir, na história portuguesa,
Aureolados de prestígio e fama,
Homens maiores ainda, Magalhães,
Cabral, Bartolomeu, Vasco da Gama.

O Infante sonha, e a luz que vem do alto
Envolve agora o seu perfil de asceta,
Deus o marcou, o mar lhe cumprirá
As visões evocadas, de profeta.

.....

É terra à vista! Ao grito do gageiro,
Em cada olhar há uma nova luz.
Terra que Deus nos deu, e em sua honra
Será chamada apenas Vera-Cruz!

Nela se firmaria a nossa raça,
A nossa língua, a nossa própria história,
Com tal tenacidade que até hoje
Será de todas a maior vitória.

Infante D. Henrique, que o teu nome
Ressoe no mundo além, por toda a parte
Enquanto, mundo além, se desfraldar
Da lusa gente, o épico estandarte.

M. T. GALVEIAS

PELO MUNDO DA TÉCNICA

A metralhadora «Vickers», que serviu o Exército Britânico durante cerca de meio século, vai ser, possìvelmente, substituída por uma nova metralhadora, mais ligeira e precisa, que utiliza o cartucho NATO de 7,6 mm.

A nova metralhadora FN, utilizada como pesada, assenta sobre um tripé. Quando usada como ligeira, é-lhe adaptado um bipé que permite o tiro, marchando.

UMA NOVA ARMA PARA A INFANTARIA BRITÂNICA

A Infantaria Britânica vai adoptar — se as experiências em curso na Escola de Infantaria forem satisfatórias—a metralhadora FN, de calibre NATO 7,62 mm que já se encontra ao serviço do Exército Sueco, como metralhadora ligeira.

Características: *Sistema de automatismo* — tomada de gases num ponto do cano; *peso* —27 Kg (com tripé); *alimentação* — por fita; *arrefecimento* — pelo ar. Se a arma é usada como ligeira, utiliza fitas com capacidade para 50 cartuchos cada. Em missão de pesada, as fitas têm a capacidade de 200 cartuchos.

NOTICIÁRIO

O EXÉRCITO PORTUGUÊS PRESTA AUXÍLIO ÀS VÍTIMAS DE AGADIR

INTEGRANDO-SE com o maior entusiasmo no movimento de solidariedade internacional a favor das vítimas do terrível cataclismo de Agadir, o Exército Português acorreu prontamente, com os meios disponíveis do Serviço de Saúde que mais uma vez, pôs em evidência o seu elevado espírito de dedicação pelos que sofrem, mantendo viva a divisa da sua Escola — **Morte à morte.** Ao mesmo tempo o Serviço de Intendência actuava febrilmente para que a sua contribuição marcasse valiosa presença entre os sobreviventes do terramoto, prestigiando em terras de África a bandeira das quinas. Colaborando intimamente, ambos os Serviços, na madrugada do dia 2, accionaram todos os seus órgãos, conseguindo-se que no alvorecer do mesmo dia, levantasse voo do Aeroporto um avião da Força Aérea, levando no seu bojo tonelada e meia de socorros para as vítimas do terramoto.

Ao ter conhecimento do estado de alerta que se vivia no seio daqueles dois Serviços, o «Jornal do Exército», na madrugada do dia referido, quis, junto dos comandos responsáveis, registar, para os seus leitores, todas as fases dos trabalhos efectuados.

Encontrámos às quatro horas da manhã, no seu gabinete da D.S.S. o Sr. Brigadeiro-Médico Carrusca, dando as últimas indicações respeitantes ao acondicionamento do material sanitário a enviar para Agadir. Dos poucos minutos que nos concedeu, registámos as suas declarações:

— Sr. Brigadeiro: Que medidas estão em execução, em virtude das ordens recebidas do Sr. Ministro do Exército?

— Está alertado o H.M.P. para a organização dum Destacamento Cirúrgico pronto a seguir para Agadir à primeira ordem. Igualmente o Director do Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos recebeu instruções para que mantenha em serviço de pernoita um oficial farmacêutico e as viaturas necessárias para o transporte de medicamentos a enviar para Agadir. No Depósito de Material Sanitário decorre neste momento o carregamento duma G.M.C. com 14 caixas metálicas contendo instrumentos cirúrgicos, utensílios de P. S., artigos de penso, artigos de penso para queimados, material de fracturas, etc., equivalente ao material do Serviço de Saúde de dois Batalhões, 3 caixotes com sucedâneos de plasma, solutos de dextrose e outros medicamentos.

— Segue no avião algum pessoal médico e de enfermagem?

— Sim. Foi nomeado pelo Director do H.M.P., Coronel Nicolau Bettencourt, o Tenente-Médico Dias Alves para fazer parte da equipa de médicos e enfermeiros dos Hospitais Civis e dirigir o desembarque, distribuição e manuseamento do material enviado. O pessoal de enfermagem está alertado para seguir para Casablanca ao primeiro pedido.

No Depósito de Material Sanitário, o nosso redactor encontrou o Chefe dos Serviços de Armazéns, Sr. Capitão Palma Vaz, que junto duma viatura dirigia o carregamento dos últimos volumes de material sanitário.

— Sr. Capitão — disparámos — como foi possível, em tão curto prazo de tempo, preparar e acondicionar material tão delicado?

— Bem vê, o Depósito tem sempre o seu material preparado para que, num curto prazo, possa fornecer quantidades muito superiores àquelas que neste momento se enviam.

— Porque não segue mais material, se julgamos que a situação em Agadir é de carência?

— Foi-nos limitado o peso e o volume pois no mesmo transporte seguem cargas de outras origens e por isso vão apenas 650 kg.

De Benfica, o nosso redactor deslocou-se à Manutenção Militar onde o seu Director, Sr. Coronel Domingues, já tinha feito seguir para o Aeroporto cerca de uma tonelada de víveres em conserva, bolacha, etc.

Pelas oito horas da manhã o avião dos Transportes Aéreos Militares levantou voo, sob o comando do Major Aero. Peixoto, rumo a Casablanca, sendo Portugal dos primeiros países, dentre os que acorreram ao angustioso apelo, a chegar à zona desvastada, com o contributo das nossas Forças Armadas.

VISITA DO MINISTRO DO EXÉRCITO ÀS UNIDADES DO G. M. L.

NO prosseguimento do programa de inspecção e estudo das Unidades militares, o Sr. Ministro do Exército, acompanhado dos Srs. Subsecretário da mesma pasta, Chefe do E. M. E. e das altas patentes militares, visitou durante o mês de Fevereiro o Q. G. do G. M. L., R. A. A. F., R. I. 1, B. C. 5, R. A. L. 1, B. T., R. A. P. I., R. E. 1, E. P. S. I., H. M. P., B. S. C. F., E. P. C., R. A. 6, R. L. 2 e R. C. 7.

Dentro das notáveis afirmações produzidas por S. Ex.ª no Q. G. do G. M. L., extraímos as seguintes passagens que nos parecem dignas de profunda meditação pelos leitores do «Jornal do Exército»:

... ...

Estão, presentemente, em curso trabalhos de responsabilidade, tendentes à actualização e aperfeiçoamento do nosso Exército, face às novas circunstâncias criadas pela rápida evolução verificada nos últimos tempos, em todos os ramos da actividade humana, trabalhos esses, aliás, sempre condicionados pelas efectivas realidades nacionais.

Decorrem eles de harmonia com uma política militar *recentemente definida pelo Conselho Superior da Defesa Nacional e segundo um* programa *estabelecido a seu tempo, no qual se procurou racional e integralmente equacionar os factores e encontrar as soluções inerentes ao Exército de que necessitamos e de que poderemos efectivamente dispor.*

... ...

Para evitar perdas e sofrimentos a que, providencialmente, a Nação tem sido poupada, impõe-se que nos preparemos para fazer face às ameaças que se acumulam, sobretudo em relação aos nossos territórios Ultramarinos.

Nestas circunstâncias, é indispensável que aproveitemos bem o tempo para criar e montar o dispositivo adequado, para aperfeiçoar os nossos métodos de trabalho, para treinar a máquina exigida pelas missões a

cumprir, para aperfeiçoar o espírito às realidades que nos envolvem ou podem envolver e, acima de tudo, para empolgá-los nas actividades que urge executar, com a alma cheia de ideal.

Aliás, o Exército é uma corporação onde não pode admitir-se a ausência de ideal e de espírito de colaboração, a qual conduz sempre ao fracasso de todas as missões que a ele sejam cometidas; isso conduziria à sua própria negação.

... ...

O Exército sempre foi, é, e será, o maior reservatório de energias e de ideais com que a Nação pode contar na defesa dos seus mais sagrados objectivos.

Sabe-se que, como poucos, o soldado português, qualquer que seja a sua hierarquia, guarda no mais íntimo da sua alma um fogo ardente de dedicação à Pátria e ao Exército. Isso coloca-o sempre em condições de realizar prodígios, pondo à prova, quando as circunstâncias o impõem, as suas insuperáveis qualidades de adaptação e de generosa entrega de si mesmo às missões cujo cumprimento lhe é pedido.

MISSÃO DO COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

REGRESSOU, no dia 9, ao Brasil, a Missão do Colégio Militar do Rio de Janeiro que durante 20 dias foi hóspede do Colégio Militar da Luz.

No aeroporto de Lisboa, momentos antes da partida, entre o sr. General Maggessi, director daquele Colégio, e o redactor noticioso do «Jornal do Exército», travou-se rápido diálogo, durante o qual S. Ex.ª acentuou a alta importância do estreitamento das relações entre os componentes dos Exércitos do Brasil e de Portugal.

*

— Que impressões leva V. Ex.ª de Portugal?

O GENERAL MAGGESSI, momentos antes da partida, agradece a Portugal o acolhimento dispensado à MISSÃO BRASILEIRA.

— Levo deste País irmão a melhor das impressões. Aqui há ordem, disciplina e muito trabalho. Os portugueses de todas as classes empregam a vida observando os princípios basilares da moral e da justiça e visando sempre o progresso, cada vez mais acentuado, da sua Pátria, no que são digníssimos sucessores dos famosos fundadores da sua nacionalidade e abonadores da sua liberdade e segurança.

Particularmente, nós brasileiros, temos razões de sobra para encará-los com toda a afeição, pois, além de contarmos com a ascendência lusitana, somos aqui fidalgamente recebidos e nos sentimos como se no próprio Brasil estivéssemos.

— Que pensa V. Ex.ª das possibilidades dum mais largo intercâmbio entre as juventudes das duas Pátrias irmãs?

— Penso que a intensificação desse intercâmbio será de toda a conveniência para estreitar os laços da comunidade luso-brasileira.

É inteligível que tal intercâmbio, começado desde cedo, fará com que, no futuro, os homens de maior responsabilidade nas duas Pátrias, revigorem um indispensável sentimento de solidariedade e mútua confiança, com base na **verdade** dos sentimentos e na franqueza dos pareceres. O sangue e o idioma, a índole latina, são factores incontestáveis da nossa aproximação, da nossa união, até porque a voz da história, desde remotas eras, é insofismável neste sentido ou noutro qualquer.

— Encontrou V. Ex.ª algumas semelhanças entre os Colégios Militares do Rio de Janeiro e de Lisboa?

— Sim. Numerosas são as semelhanças. Os métodos de ensino e instrução militar, os preceitos disciplinares, enfim o currículo de ambos os Colégios são pràticamente os mesmos.

Tenho para mim que se quiséssemos experimentar a permuta de matrículas, nenhuma dificuldade surgiria para os alunos de um mesmo ano, a não ser nalguns casos raros, individuais, que poderiam aconselhar um curto e prévio estágio.

Falamos a mesma língua, seguimos iguais normas de acção, enfim, pensamos similarmente e temos a mesma matéria-prima.

— Quanto ao meio militar?

— É digno dos melhores elogios. Modelares são os seus preceitos de disciplina, a sua apresentação, o seu entusiasmo pela função. Podemos assinalar admirável correcção de atitudes, gosto pela militança e consciência profissional, desde os ilustres Chefes até aos mais simples comandados. É tradicional a actividade honesta do glorioso Exército Português.

— Como encara o intercâmbio de Oficiais?

— Encaro-o como necessário e com muita simpatia. O Brasil já tem recebido alguns camaradas de Portugal que lá nos têm dado as melhores provas de valor e amizade, designadamente na Escola de Pára-quedistas.

RECRUTAMENTO DE ENGENHEIROS PARA O SERVIÇO DE MATERIAL

OS serviços competentes estão interessados em prover, com a maior brevidade possível, os quadros de engenheiros do Serviço Material.

Não podendo atingir-se esse desiderato com o recrutamento normal feito para a Academia Militar e frequência ali dos correspondentes cursos de Engenharia Mecânica Militar e Engenharia Electrotécnica Militar como se dispõe nas alíneas b) e c) do Art.º 12.º do Decreto-Lei N.º 42.151 de 12-2-1959, pretende-se dar a melhor aplicação às modalidades de recrutamento e preparação de engenheiros para o Serviço de Material, dispostas no Art.º 38.º e alíneas d) do Art.º 74.º do mesmo Decreto-Lei.

O aludido Artigo 38.º diz: «Pode, havendo vagas, ser autorizado que os Oficiais das diversas Armas ou da Força Aérea, frequentem, em regime de licença para estudos, o Instituto Superior Técnico ou em escolas estrangeiras, se essa especialidade não foi ministrada no País, os cursos de Engenharia Electrotécnica Militar, de Engenharia Mecânica Militar e de Engenharia Aeronáutica Militar ou outros cursos técnicos destinados a satisfazer as necessidades do Exército e da Força Aérea, ingressando ulteriormente nos respectivos quadros.»

O citado Art.º 74.º diz que «Enquanto o Exército e a Força Aérea não possam dispor em número suficiente de oficiais-engenheiros das diversas especialidades, preparados através da Academia Militar, mantêm-se as normas de recrutamento daqueles elementos, actualmente em vigor.

GENERAL ALFREDO MAY

NO dia 27 do passado mês de Fevereiro completou 95 anos de idade o Sr. General, na situação de reforma, Alfredo Pimentel May, o mais antigo dos oficiais-generais do Exército Português.

Oriundo do Corpo do E.M., o Sr. General May passou à situação de reserva quando desempenhava as funções de Subchefe do E.M.E.

Em 1898-99, sendo apenas capitão, exerceu com o maior brilho as funções de Chefe do E.M. do Estado da Índia. Pelos serviços, então prestados, foi agraciado com a **Medalha de Bons Serviços,** alta distinção, à qual se reuniram depois a Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis e a Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar.

Filho do General de Brigada Alfredo Óscar de Azevedo May, falecido em 1905, é pai do Sr. General, na situação de reserva, Afonso May, Presidente do Conselho Superior de Disciplina do Exército.

TENENTE CRISTIANO TAVARES

POR curiosa coincidência, também no dia 27 do passado mês de Fevereiro completou 103 anos de idade o Sr. Tenente de Cavalaria, na situação de reforma, Cristiano Romão Tavares, **decano** dos oficiais do Exército Português.

*

Aos Srs. General May e Tenente Tavares, venerandas figuras de militares, o «Jornal do Exército», certo de que interpreta o sentir de todos os Oficiais, Sargentos e Praças, apresenta com o maior carinho e respeito as suas sinceras felicitações.

O CHEFE DO ESTADO VISITA ALGUNS ESTABELECIMENTOS FABRIS DO EXÉRCITO

O Sr. Presidente da República visitou, no passado dia 26 de Fevereiro, as Fábricas Militares de Moscavide e Braço de Prata e o D. G. M. G., em Beirolas.

Nos dois primeiros estabelecimentos, S. Ex.ª apreciou detalhadamente o valioso contributo que a indústria militar nacional está no momento presente, a dar para a melhoria da nossa balança comercial, com avultados fabricos, nomeadamente para vários países da N. A. T. O.

NOVO SUBSECRETÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO ULTRAMARINA

NO passado dia 3 tomou posse do elevado cargo de Subsecretário de Estado do Ultramar da Administração Ultramarina, o Sr. Prof. Adriano Moreira.

Ao acto presidiu o Sr. Almirante Lopes Alves, Ministro do Ultramar, que pôs em relevo as altas faculdades de saber e trabalho e devoção à causa pública do novo Subsecretário.

Usando da palavra, o Sr. Prof. Adriano Moreira, disse:

«Por cima de tudo, a vontade nacional tem-se revelado fiel às responsabilidades históricas do País. E quando por tantas partes se desenvolve um espírito demissionário, fomos capazes de nos lançarmos na batalha do fomento que está em curso. Fez-se isto sob o governo do Sr. Prof. Dr. Oliveira Salazar, e não creio que possa prestar-lhe maior homenagem do que, ao reconhecer isto, que é a própria evidência, desejar contribuir com todas as forças, neste posto, para a defesa do património nacional, que tão bem tem sabido guardar e enriquecer. Os perigos avolumam-se em muitos sectores, e se creio necessário que não se crie um estado de alarme, creio também indispensável e urgente que os portugueses estejam conscientes da conjuntura que atravessamos e firmes para defender como até aqui a sua maneira de estar no mundo.

É certo que nos encaminhamos para ser um caso único, mas Portugal já foi mais vezes na história um caso único, e a fé na justiça da causa que defendemos sempre nos permitiu salvaguardar, apoiados no princípio da unidade nacional, a integridade da Pátria. Não nos é permitido fazer menos e já é uma força muito grande sabermos claramente qual é o nosso dever.»

NOVO PLANO DE UNIFORMES

OS trabalhos da Comissão que estuda o novo plano de uniformes, incidem, neste momento, *apenas* no novo uniforme de campanha, não se prevendo para breve qualquer alteração ao uniforme de passeio, tanto mais que foi recentemente permitido o uso de uniforme aberto durante todo o ano, embora a título facultativo, e vai ser publicada uma circular sobre o mesmo assunto.

Aproveita-se ainda a oportunidade para esclarecer os leitores de que o uniforme de campanha em estudo, tendo em conta as exigências do combate, se baseia no uniforme actualmente utilizado, a título experimental, pelas forças terrestres em serviço na Índia, admitindo também a existência de artigos próprios para operações em climas frios.

GENERAL LIMA BRAYNER

A convite do M. E. encontra-se em Portugal o Sr. General Floriano de Lima Brayner, Chefe do E. M. do Exército do Brasil.

Prestigiosa figura das Forças Armadas do país irmão, o Sr. General Lima Brayner ascendeu ao alto posto de General-de-Exército em 1958. Quando do último conflito mundial, desempenhou as funções de Chefe do E. M. da Força Expedicionária Brasileira a Itália; e por ocasião da Parada Militar, no Rio de Janeiro, em honra do Sr. Marechal Craveiro Lopes, comandou todas as tropas do Exército, Marinha e Aeronáutica, num total de 25.000 homens, tendo sido, então, agraciado com o

grau de Grande Oficial da Ordem Militar de Avis. Junta a este galardão mais de duas dezenas de condecorações brasileiras e estrangeiras, a par de um número superior a 150 citações e louvores, dos quais vinte, pelo menos, em combate.

O Sr. General Lima Brayner tem ascendência portuguesa, destacando-se nos seus antepassados o Conselheiro D. Pedro de Mello Breyner. Presentemente, vivem, em Lisboa, os filhos de D. Tomaz de Mello Breyner, Conde de Mafra, certamente um dos descendentes da família Breyner que emigrou para o Brasil com D. João VI, em 1808.

COLÓQUIO SOBRE O INFANTE D. HENRIQUE

NO Ginásio do Colégio Militar, numa cerimónia a que presidiu o Sr. Ministro do Exército, realizou-se, no passado dia 8, a sessão de encerramento do Colóquio sobre o Infante D. Henrique em que participaram alunos dos Colégios Militares do Rio de Janeiro e de Lisboa.

Depois do Director do Colégio Militar de Portugal ter saudado os Srs. Ministro e Subsecretário do Exército e agradecer ao Sr. General Câmara Pina, a quem se deve a realização do Colóquio, usou da palavra o Sr. Capitão Silva Mota que se lhe referiu largamente, evidenciando a unidade perfeita conseguida entre professores e alunos dos dois estabelecimentos, sendo os resultados uma afirmação plena de imortal *lusitanismo*.

Agradeceu em nome dos professores do Colégio Militar do Rio de Janeiro o Sr. Major Hermógenes Filho, após o que um aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Fernando Correia Bernardes, e outro do Colégio da Luz, Francisco Bruno Soares, leram as conclusões do Colóquio, que são, em suma, as seguintes:

— a figura do Infante D. Henrique pertence a toda a humanidade;

— a existência real da comunidade luso-brasileira transcende os acordos e alianças meramente políticas para se basear em profundas raízes étnicas e históricas;

— enaltecem a missão civilizadora dos Portugueses e exaltam os nobres ideais que informam a civilização ocidental;

— reconhecem a cuidada e metódica preparação científica dos descobrimentos e realçam os altos ideais que nortearam a expansão;

— reconhecem a importância sempre crescente do Brasil no concerto das nações e sublinham as qualidades primordiais dos seus habitantes;

— curvam-se reverentes ante a imortal figura de Luís de Camões;

— reconhecem a grande utilidade do contacto entre os jovens de um e de outro lado do Atlântico;

— acompanham os seus professores participantes no Colóquio na esperança da continuação e revigoramento de tão grato convívio, e propõem que professores e alunos dos Colégios Militares do Brasil e de Portugal estudem a simbologia dum objecto de arte, cujas metades se reunirão em cada um dos encontros futuros, como duas parcelas de uma alma só.

OS LEITORES
FALAM DO JORNAL

O Major Hermógenes lê o «Jornal do Exército»

Acolhido com verdadeiro entusiasmo pela grande Família Militar e até pelo elemento civil, ràpidamente o «Jornal do Exército» provocou uma corrente de mútua colaboração entre a Redacção e os leitores.

Temos recebido numerosa correspondência, quer do Continente quer do Ultramar, incitando-nos a prosseguir na missão que nos foi confiada. A todos muito obrigado.

Que o «Jornal» é já um forte elo de ligação entre os camaradas das várias Armas e Serviços não resta a menor dúvida.

Na ideia de recolhermos mais depoimentos procurámos ouvir alguns assinantes. Aqui ficam registadas as palavras que nos disseram.

●

— Em conversa telefónica com o Sr. Tenente-Coronel Pinto Soares, comandante do B. C. n.º 5, obtivemos as seguintes afirmações: «O acolhimento que teve nesta Unidade o segundo número do «Jornal do Exército» foi ainda maior que o verificado com o primeiro e por isso estou convencido de que o Jornal há-de, cada vez mais, servir plenamente os fins para que foi criado.

Desejo expressar os meus mais sinceros votos de que os novos números, com o auxílio de todos os de boa vontade, contribuam para elevar *mais alto e mais além* o prestígio do nosso Exército.»

●

— Aproveitando a estadia, entre nós, dos oficiais do Colégio Militar do Rio de Janeiro, abordámos os Srs. Majores Silveira Fontes e Hermógenes Filho que, gostosamente, se prontificaram a dizer ao Jornal o que pensam da nossa publicação.

O Sr. Major Fontes disse-nos:

«Acabo de ler o 2.º número do excelente «Jornal do Exército». Logo à primeira vista se nota no tocante à seriação dos assuntos, ao papel utilizado para a impressão e à apresentação gráfica, o quanto de esforço foi despendido pela Redacção na feitura do 2.º número. O 1.º número era experiência, era pioneirismo. O 2.º já traduz uma afirmação. Não sei que mais admirar: se a bela apresentação gráfica, demonstrando o bom gosto do Corpo Redactorial, ou a imensa gama de artigos de capital interesse para os militares do Exército. Parabéns, pois, ao Ministério do Exército, pela iniciativa de publicá-lo e aplausos à Direcção do Jornal pelo esplendor do seu trabalho. Que o Jornal atinja plenamente as suas finalidades, é o que desejo.»

●

O Sr. Major Hermógenes, afirmou-nos:

«Das inúmeras coisas boas que tenho visto no Portugal militar, o «Jornal do Exército» foi uma das que mais me impressionaram. Sem dúvida é um esforço gigantesco distribuir notícias, arte, bom humor, instruções técnicas a todo o Exército Português espalhado e firme nos quatro rincões do Mundo. Só muita fibra e bastante espírito de comunidade, só muita fecundidade técnica explicam esta admirável empresa. É algo que nasceu grande este admirável «Jornal do Exército». Aos responsáveis, o aplauso e os votos de triunfos ainda maiores.»

●

O facto do «Jornal do Exército» contar na Guarda Nacional Republicana cerca de 1.500 assinantes, levou-nos à 5.ª Companhia (LOIOS) do Batalhão n.º 1 para ouvirmos a opinião de alguns leitores acerca do número de Fevereiro.

Logo à entrada deparámos com vários exemplares do Jornal sobre as mesas e, a uma delas, três praças lendo-o com o maior interesse.

A um, o 1.º cabo n.º 13, César de Oliveira, perguntámos:

— É assinante do Jornal ou simples leitor da Sala?

— Sou o assinante n.º 7.417 e desejo até oferecer colaboração para números futuros.

— Como explica a enorme afluência de assinantes da G. N. R.?

— Somos profissionais e, como tal, interessámo-nos logo pelo «Jornal do Exército» pois não existe, entre nós, qualquer publicação semelhante.

Ao nosso lado o 1.º cabo n.º 19, Joaquim da Silva, diz-nos que acaba de assinar o «Jornal do Exército» que lhe havia despertado grande interesse, pois lhe proporcionara, nos seus raros momentos de recreio um óptimo lenitivo.

Perguntámos, depois, ao soldado n.º 124, Eduardo Justo, quais os assuntos que mais lhe interessavam. Disse-nos que, em primeiro lugar, todas as páginas gráficas, destacando a do Bom-Humor. «Só é pena serem tão poucas as anedotas.»

— Dos outros assuntos, houve algo mais que o tivesse distraído?

— Apreciei imenso o artigo sobre o SERVIÇO DE SAÚDE.

— Concorreu à nossa Secção «LEIA e RESPONDA»?

— Sim, e espero, num mês próximo, ser o contemplado com o prémio.

— Se for premiado, que escolhe: livros ou vestuário?

— Ambos. Tanto os livros, como artigos de vestuário me fazem arranjo.

No gabinete do Comandante do Batalhão de Caçadores n.º 5

O Jornal também é lido na G. N. R.

BOM HUMOR NA TROPA

Já lhe disse, minha senhora. Aqui não mora nenhum Silva.

Render da guarda.

Sem legenda.

Direita volver é precisamente o mesmo que esquerda volver mas exactamente ao contrário. Percebeste?

Ombro... quê?, meu sargento.

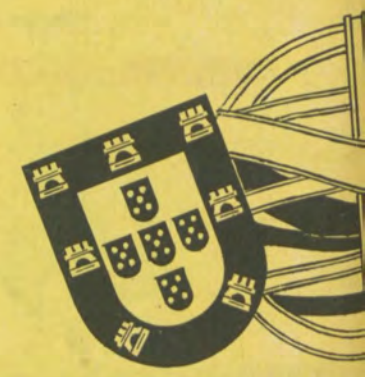
O soldado: — Aproxime-se e identifique-se.

Muito urgente.

E neste momento está V. Ex.ª a ver a progressão dos carros com a infantaria.

Sem legenda.

O BRASIL PRESEN



O Instituto de Odivelas e o Colégio Militar tiveram a honra de receber em luzida representação do escol da juventude brasileira, um núcleo de alunas e alunos da Fundação Osório e do Colégio Militar do Rio de Janeiro, missões chefiadas respectivamente pela Sr.ª Dona Valwkyria Indayassu de Sousa Costa e pelo Sr. General Augusto da Cunha Maggessi Pereira.

Realizou-se este 2.º Encontro dos dois Colégios Militares precisamente no momento histórico de intensa vibração patriótica em que se iniciaram as grandiosas Comemorações Henriquinas, nas quais tomaram parte activa os alunos de um e outro Colégio, com a organização de um Colóquio no qual foram postas em relevo não só a figura do Infante, como também a missão que incumbe às novas gerações de Portugal e do Brasil, e de uma Velada de Armas, em Sagres, onde se evocou a figura do Navegador.

Em poucos dias, os alunos brasileiros percorreram a velha Casa Lusitana e certamente sentiram a amizade e o carinho que nos une ao seu País. Os alunos dos Colégios da Luz e do Rio de Janeiro tiveram ocasião de exteriorizar e sentir a noção de entreajuda que une dois grandes Povos, duas Nações enormes por serem impulsionadas por uma mesma alma, a grande alma lusíada. Em tão significativo momento histórico encontraram-se de novo as juventudes das duas Nações Irmãs: prenúncio certo de novas e frequentes reuniões de família, dum lado e do outro do mar que o Infante nos legou.

TE EM PORTUGAL

O Colégio Militar do Rio de Janeiro foi fundado em 9 de Março de 1889 pelo então Ministro da Guerra do Império do Brasil, Conselheiro Tomás Coelho, como resultado de um movimento de solidariedade do povo brasileiro, após a guerra contra o Paraguai, que por subscrição pública procurou reunir fundos para a criação de um estabelecimento de ensino destinado aos filhos dos inválidos e aos órfãos dos heróis desaparecidos.

Inicialmente com a designação de «Imperial Colégio Militar» passou a denominar-se, depois da proclamação da República, por «Colégio Militar». Actualmente é frequentado por 2.700 alunos, na maioria filhos de militares com preferência para os órfãos que ali são educados com a finalidade de ingressarem nos cursos de oficiais do Exército e da Marinha, ou em Institutos civis de Ensino Superior. O Corpo Colegial compreende um Batalhão de Infantaria, uma Bataria de Artilharia, um Esquadrão de Cavalaria, uma Banda de Música, uma Banda de Tambores-Corneteiros e uma Companhia de Ciclistas. O Curso Colegial compreende dois ciclos denominados Curso Ginasial (4 anos) e Curso Científico (3 anos).

O Colégio Militar do Rio de Janeiro criou uma forte personalidade nos 70 anos da sua existência. O culto do amor à Pátria e o sentimento de fraterna camaradagem, que congrega alunos e ex-alunos, são duas das suas mais distintas características.

CONSTITUIÇÃO DA DELEGAÇÃO

General Augusto da Cunha Maggessi Pereira.
Majores Arivaldo Silveira Fontes e José Hermógenes de Andrade Filho.
Capitães Braumari António da Silva e Geise Ferrari.
30 alunos do Curso Científico.

COMO NASCEU A CONTINÊNCIA?

pelo major BALULA CID

UM curioso artigo, publicado na revista espanhola «Guión», acerca da origem da saudação militar — a continência — levou-nos na companhia de alguns velhos livros da especialidade, a procurar obter algumas achegas para tão interessante assunto.

Segundo a história que o capitão R. Touceda Fontenla, professor da Academia de Cavalaria, apresenta aos seus leitores, uma rainha de Inglaterra, jovem e bela, devia passar, certo dia, revista a um batalhão de soldados, recentemente incorporados.

Por diversas razões, a instrução militar deste corpo não se havia, ainda, completado e o comandante, receoso de qualquer gesto ou atitude menos respeitosa por parte dos seus homens, em face da estonteante beleza da soberana, fez publicar na Ordem da unidade o seguinte artigo:

«... Como prova de leal acatamento e de cega obediência à sua Real pessoa, quando S. Majestade passar revista às forças do batalhão, os soldados taparão os olhos com a mão direita, permanecendo nesta posição até que a revista termine.»

E assim se procedeu, embóra as altas patentes militares, que acompanhavam a soberana, tivessem estranhado esta inesperada modificação introduzida nas rígidas ordenanças militares.

À medida que a rainha se aproximava dum soldado, logo este, num movimento brusco, mas decidido, levantava o braço direito e com a mão tapava os olhos, imprimindo a este acto um sentido exacto de disciplina, com a obediência perfeita das instruções publicadas na Ordem do Batalhão.

A inédita cerimónia resultou vistosa e o audacioso comandante do batalhão explicou aos superiores, que o interpelaram atónitos, o significado dos gestos dos seus homens: — **uma obediência cega** por S. Majestade.

A estranha atitude foi, como norma, introduzida no batalhão e noutros corpos militares, passou fronteiras e degenerou, com o rodar dos anos, num gesto idêntico, isto é, levar a mão à fronte.

Resumidamente transcrevemos a história do nascimento da **continência**, narrada pelo capitão Fontenla. Mas será na verdade esta a sua origem?

O próprio autor afirma que esta versão não é rigorosamente histórica embora muitos a tenham consagrado.

Somos de opinião que a **continência** nasceu dum simples acto de **cortesia** e **respeito**, descobrir a cabeça quando em presença dum superior, e, para a justificar, procuremos as razões que as amarelecidas páginas de alguns velhos livros nos apontam.

Bento Gomes Coelho, no seu tratado militar **Milícia Prática e Manejo da Infantaria**, publicado em 1740, informa que «o soldado quando falar com o superior **deve ter o chapéu na mão** todo o tempo que estiver na sua presença, mostrando nesta acção o temor e o respeito que lhe tem».

Mais pormenorizadas são as notas colhidas nos **Discursos sobre a Disciplina Militar**, da autoria de Teotónio de Sousa Tavares, obra clássica produzida em 1737: «Um soldado em qualquer parte em que encontrar o seu cabo de esquadra, ou qualquer outro da sua companhia, ou regimento, **deve ser o primeiro em fazer-lhe a cortesia, tirando primeiro o seu chapéu**».

«A mesma **civilidade** usará para com os sargentos, oficiais subalternos e para com o capitão. Quando encontrar na rua o coronel, o tenente-coronel ou o sargento-mor do regimento, parará e voltando-se para eles **lhes mostrará com este sinal de respeito que está pronto para fazer o que lhe mandarem.**»

O coronel André Ribeiro Coutinho dedica algumas páginas do seu livro **O Capitão de Infantaria Português**, editado em 1751, à política militar. Da sua leitura, verificamos que, segundo o estilo da época, os oficiais de fuzileiros faziam o rendimento das suas armas na presença de um superior e **tiravam da cabeça os seus chapéus**; que os oficiais granadeiros **apenas levavam a mão direita à palatina do barrete, sem o tirarem da cabeça** continuando, quando armados, com as armas no braço esquerdo.

Não há, pois, dúvidas de que, além do **render da arma** perante um superior, usava-se a **cortesia de tirar o chapéu da cabeça**, costume, não só determinado nas nossas ordenanças militares de então, mas, certamente, também em vigor nos regulamentos dos exércitos estrangeiros.

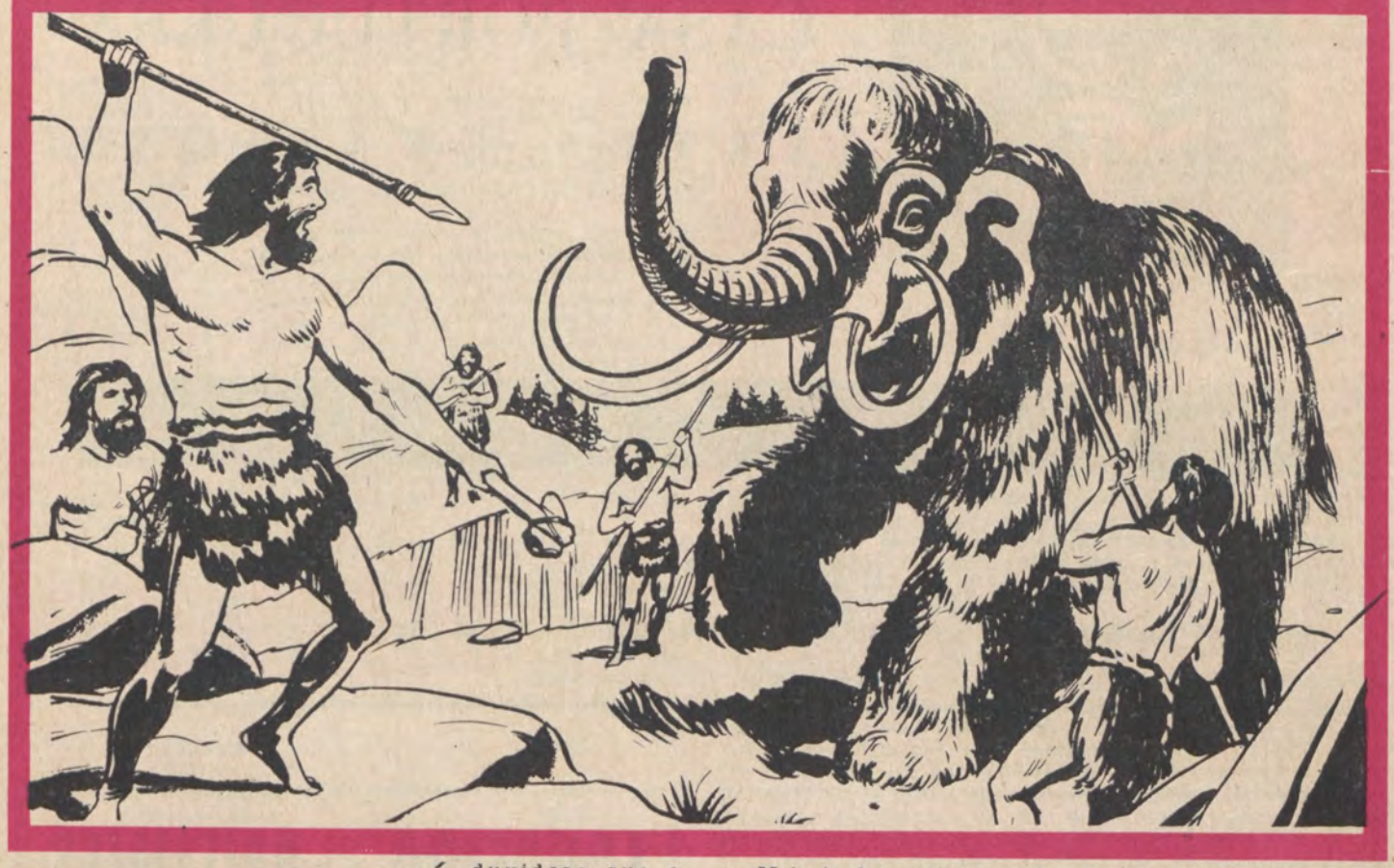
O chapéu do fardamento militar era o que hoje, vulgarmente, se chama de **três bicos** e quando em cortesia ficava na mão, com o interior da copa voltado para o superior, mantendo-se o braço bem estendido.

Por que não tiravam os granadeiros o barrete de pele de urso, da cabeça? Supomos que a razão era motivada pelo seu formato e pouca praticabilidade em segurar na mão, com elegância, uma peça de fardamento que mais parecia um saco, sem qualquer aspecto marcial.

Além disto, se o granadeiro se encontrava armado, como poderia só com uma das mãos colocar na cabeça o pesado barrete, sem consistência, visto que a outra lhe era necessária para empunhar a sua arma?

Com a introdução no fardamento das altas e emplumadas barretinas estabelecidas no Plano de Uniformes de 1806 que pela mesma época se haviam vulgarizado em várias nações da Europa, essa pouca praticabilidade manteve-se, dando origem a que o gesto de as tirar da cabeça se transformasse numa saudação — a continência — gesto seco, austero e cerimonioso, mas ao mesmo tempo rígido e respeitador da disciplina e da estrutura hierárquica do exército.

PÁGINA DO SOLDADO



AS PRIMEIRAS ARMAS

É duvidoso que o homem alguma vez tenha conseguido viver sem luta. Ao princípio, tinha de bater-se com animais de ferocidade e porte formidáveis, para sobreviver e alimentar-se.

Quando os metais ainda lhe eram desconhecidos, com as armas naturais — se é que podem ter esse nome, as mãos, as unhas e os dentes — estava em nítida desvantagem perante os restantes seres, entre os quais tinha de viver. As suas armas pròpriamente ditas, eram fabricadas de madeira endurecida ao fogo, de pontas de ossos dos animais abatidos e sobretudo de silex (pederneira), que começou por talhar e afeiçoar muito rudemente, e acabou por polir com muito esmero.

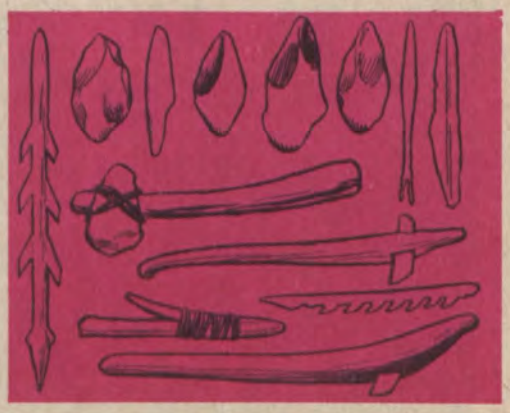
Esses paus endurecidos ao fogo e essas pedras talhadas, transformaram-se, em breve, em clavas, martelos e achas. Um dia, desprevenido, uma fera assalta-o; sem outro recurso, apanha um pedaço de pedra e fende-lhe o crânio, numa pancada violenta que a ele mesmo surpreende. Sem compreender o alcance da sua descoberta, observa-a, apalpa-lhe a dureza e fixa-se na sua forma.

Mais tarde, noutra ocasião, raivoso de não conseguir a presa que lhe foge, atira-lhe um seixo. A pedra bate em cheio no alvo e a caça tomba fulminada. Era um meio rápido, prático e muito menos perigoso para caçar.

Surgiram assim as primeiras armas-utensílios — a pedra de arremesso e a clava.

Do silex sem empunhadura ou de estrutura tosca, como os que serviam aos rudes guerreiros do Cro-Magnon, até aos «celts» ou machados de guerra perfurados, e aos punhais e pontas de lança cuidadosamente polidas e com formas já regulares e variadas; desde os trogloditas habitantes das cavernas, até ao homem que se pode chamar já culto, que serra e perfura a pedra, que enorme e espantoso progresso não vai!

Da pedra simples de arremesso, passa à «funda»; do martelo, em que uma das extremidades se fende em bisel, surge o «martelo-machado»; o pau que servia para golpear e empurrar o inimigo, ao aumentar a sua espessura, converte-se em «maça», e ao adelgaçar-se, para fazer dele uma arma aguçada, transforma-se em «dardo».



ARMAS PRIMITIVAS

Depois, uma invenção revolucionária permitiu o lançamento do «dardo» a maiores distâncias e com mais rigor na pontaria — o arco.

CASA PORTUGUESA

ARTES GRÁFICAS

A CASA QUE IMPRIME O «JORNAL DO EXÉRCITO»

RUA DAS GÁVEAS, 109 • TELEFS. 2 61 08 / 2 78 17 / 3 22 86 / 36 63 78 • LISBOA

Aumente os seus lucros utilizando sistemas e equipamento

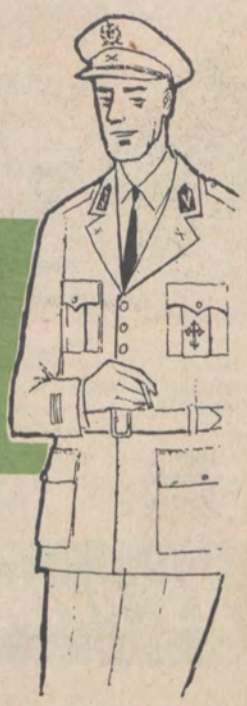
LUSODEX

LUSODEX, L.DA — RUA DA MISERICÓRDIA, 2-1.º — LISBOA
TELEF. 2 31 32 - 2 31 33

AG. NO NORTE — ARAÚJO & SOBRINHO, SUCS. — PORTO

LOUREIRO & ANTUNES

ALFAIATES



ESPECIALIZADOS EM FARDAMENTOS, PARA O EXÉRCITO, MARINHA, AERONÁUTICA, COLÉGIO MILITAR E PUPILOS DO EXÉRCITO

Largo da Anunciada, 19 s/ loja Telefone 2 75 74

CONDECORAÇÕES

A Ordem de Cristo foi fundada em 14 de Agosto de 1318 por El-Rei D. Dinis, com o nome de Religião Militar de Cristo. Esta ordem substituiu a antiga Ordem do Templo e nela ingressaram todos os antigos templários de Portugal. Foi seu primeiro Grão-Mestre D. Gil Martins.

Em 1356 a Ordem transferiu-se de Castro Marim, no Algarve, para Tomar.

Todas as expedições que saíam do País levavam os estandartes das armas reais assentes sobre a cruz da Ordem de Cristo.

Nos nossos dias, a Ordem Militar de Cristo pode ser concedida a militares ou civis e destina-se a premiar serviços relevantes de nacionais ou estrangeiros prestados ao País ou à Humanidade, e os seus diversos Graus serão conferidos em correspondência com a magnitude desses serviços e a categoria social do agraciado.

A concessão dos vários graus da Ordem às instituições particulares ou oficiais, unidades militares e indivíduos de nacionalidade estrangeira, serão em número indeterminado e honorárias.

A ORDEM MILITAR DE CRISTO

A concessão dos diversos graus da Ordem a cidadãos da classe civil ou militar será feita de harmonia com as vagas que existirem no respectivo quadro dos membros efectivos, que é assim constituído:

Grã-Cruzes	45
Grandes Oficiais	75
Comendadores	300
Oficiais	300

O número de cavaleiros da Ordem não é limitado. O distintivo da Ordem é constituído por uma cruz de esmalte vermelho perfilada de ouro, perfilada ao meio com outra de esmalte branco, e fita vermelha.

OS 5 PONTOS DE HONRA DO MILITAR

— Concorrer para o prestígio do Chefe.
— Propor soluções que não criem dificuldades.
— Informar para esclarecer e não para agradar.
— Tornar-se desejado e não aborrecido.
— Valer mais do que aparenta.

POR ACASO NÃO SERÁ VOCÊ, ÀS VEZES, AQUELE QUE...

— Diz sempre que sim e nada faz...
— Em tudo encontra dificuldades...
— Tem sempre medo de fazer mais do que o vizinho...
— Nada pode fazer sem dispêndio de meios consideráveis...
Só diz mal... **SERÁ?**

EFEMÉRIDES

MARÇO

1 — 1160 — Gualdim Pais, mestre da Ordem dos Templários, inicia a construção do Castelo de Tomar.
— 1476 — Batalha de Toro entre as forças de D. Afonso V e as de D. Fernando de Aragão.
3 — 1803 — O Coronel António Teixeira Rebelo funda o Colégio Militar.
4 — 1394 — Nasce o Infante D. Henrique.
5 — 1810 — É organizado o Corpo Telegráfico.
7 — 1809 — O General Guilherme Carr Beresford é nomeado comandante-chefe do Exército Português.
10 — 1515 — Tomada de Xael, na costa da Arábia.
11 — 1811 — O Exército Anglo-Luso trava, contra as forças de Massena, o combate da Redinha.
15 — 1147 — Tomada de Santarém aos Mouros.
18 — 1811 — Combate da Ponte de Mucela, contra os franceses.
24 — 1559 — D. Constantino de Bragança toma a ilha de Balzar.
26 — 1811 — Combate de Malpartida, contra os franceses.
29 — 1249 — Tomada de Faro aos Mouros.

DEFENDA A LÍNGUA PÁTRIA

pelo Professor PEIXOTO DA FONSECA

MÍSSIL, pl. MÍSSEIS

Perguntam-nos se deve assim escrever-se, pronunciando-se, portanto, como grave o vocábulo, ou se é correcta a forma **missil**, plural **missis**, aguda. Só está certo como se lê na epígrafe, sem esquecer o acento. O étimo é o latim **missile** —, «que se pode arremessar», que postula apenas a grafia indicada, pois já então era a primeira sílaba a tónica, visto a segunda sílaba ser breve. Em português, o termo data pelo menos de 1890, ano da oitava edição do **Dicionário** de Morais, em que já figura. Por outro lado, como é sabido, o plural dos paroxítonos em **— il** é terminado em **— eis** átono, como em **fácil, fáceis.**

CORNETA, etc.

Esta palavra tem uma origem curiosa. O latim **cornu** —, que além de «chifre» tinha numerosos significados, entre os quais o de «corneta», deu **corno** em português, com os sentidos de «buzina, trompa» e de «recipiente», no século XIV: «Nom se abalassem atá que ouvissem a voz do seu **corno**» (**Scriptores**, 275); «...toma um corno cheo d'ólio, e vai-t'a casa» (**Inéditos de Alcobaça**, II, 224). O Dr. Pedro Machado, distinto etimologista, cujo monumental **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** nos serve normalmente de guia quando queremos saber a origem e a história de uma palavra, só no século XVI encontra para **corno** o sentido actual: «contra o touro remete, que fiado na força está do **corno** temeroso» (Camões, Lusíadas, III, 47). Um feminino **corna** era sinónimo completo do termo, pelo menos nos séculos XV e XVI. O mesmo latim **cornu** —, por meio de um derivado, deu o francês **cornet**, origem do italiano **cornetta** e do português **cornete**, assinalado desde o século XVI: «... trazem mais um **cornete** pequeno ou buzina...» (Duarte Barbosa, **Livro**, p. 116, ed. de 1946); foi do italiano **cornetta** que recebemos **corneta**, no mesmo século: «...ceava com música, ...**cornetas**, harpas...» (Damião de Góis, **Crónica de D. Manuel**, IV, cap. 84, p. 197, ed. de 1926). Quanto a **cornetim**, veio-nos pelo espanhol **cornetín**, diminuitivo de **corneta**, igualmente palavra espanhola.

IMPRENSA

Tiveram a amabilidade de se referir ao «Jornal do Exército» os seguintes órgãos da Imprensa:

«Alcoa», «Amigo da Verdade», «Cidade de Tomar», «Correio de Coimbra», «Correio do Minho», «Correio do Ribatejo», «Debate», «Diário do Alentejo», «Defesa da Beira», «Diário da Manhã», «Diário de Notícias», «Diário do Norte», «Diário Popular», «Democracia do Sul», «Ecos de Estremoz», «Fogo», «Figueirense», «Flor do Tâmega», «Folha de Tondela», «Grei Sanjoanense», «Gazeta das Caldas», «Gazeta Setubalense», «Independência de Águeda», «Jornal de Riba de Ave», «Jornal de Viseu», «Jornal do Comércio», «Jornal de Abrantes», «Jornal de Sintra», «Jornal de Almada», «Jornal de Elvas», «Linhas de Elvas», «Montemorense», «Notícias da Covilhã», «Notícias da Figueira», «Notícias de Penacova», «Notícias de Chaves», «Notícias de Évora», «Notícias de Ovar», «Notícias do Porto», «Notícias de Beja», «Novidades», «Os Belenenses», «Penafidelense», «Primeiro de Janeiro», «República», «Século», «Vila-realense», «Voz», «Voz Desportiva», «Voz Portalegrense» e «Vida Ribatejana».

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

CAMPEÕES DO EXÉRCITO

Equipa do R. I. 16 — Évora — vencedora do Pentatlo Militar (Fase Nacional) — constituída pelos 1.os cabos: n.º 223/E, Manuel José Fernandes; n.º 516/59, Armindo Galveias; n.º 237/59, António Feliciano Capela; n.º 272/59, Francisco Amarante; n.º 167/59, Arsénio Ramos Pires; e soldado n.º 181/59, Domingos Rosado. Na foto os dois outros elementos da equipa: Asp. of. Fernandes e sold. n.º 81/59, Piteira.

PENTATLO MILITAR

1. cabo n. 223/E do R. I. 16, Manuel José Fernandes, vencedor individual.

CAMPEÕES REGIONAIS

Neste e em muitos outros momentos do jogo da 2.ª mão do Portugal-Bélgica, militar, realizado no Estádio Nacional, esteve à vista a possibilidade da nossa equipa chegar à fase final

PORTUGAL—BÉLGICA

A equipa militar portuguesa venceu, muito merecidamente, por 2-0 a segunda mão desta eliminatória no desafio realizado em Lisboa no passado dia 28, mas não conseguiu o apuramento pois perdeu na primeira mão por 2-5 no jogo disputado em Bruxelas, dez dias antes.

Na Bélgica os nossos militares alinharam com: Ramin (depois Mourinho), Lino e Hilário; F. Mendes, Morato e Alfredo; Carlos (depois Carlos Gomes), J. Mendes, José Augusto, Ferreira Pinto e Romeu. No intervalo o resultado era já desfavorável aos portugueses por 0-4; no final 2-5, golos marcados por José Augusto.

Em Lisboa, foi Mourinho quem defendeu as nossas balizas, França substituiu Alfredo na linha média, e a linha avançada alinhou com Romeu (depois Carlos), Carlos Gomes, J. Augusto, Ferreira Pinto e Vítor Silva.

Ao intervalo 0-0. Vítor Silva marcou os 2 golos na 2.ª parte.

(Continua na pág. 32)

A FESTA DO CAVALO

A Festa do Cavalo que durante três noites (23, 24 e 25 de Fevereiro) se realizou no Pavilhão da Feira das Indústrias, convenientemente adaptado, teve assinalado êxito.

Nas provas de obstáculos participaram cavaleiros portugueses, civis e militares, e alguns conjuntos estrangeiros.

Contribuiram igualmente para o êxito do «Jumping», além de muitas outras interessantes manifestações, a «reprise» dos Oficiais de Cavalaria do Centro Militar de Mafra, a apresentação dos conjuntos seleccionados para preparação da prova olímpica de ensino e a fanfarra, o «carroussel» e os «cossacos» do Regimento de Cavalaria da G. N. R.. Foi também com vivo interesse que o numeroso público assistiu, no último dia, à exibição dos cães-polícias.

Um cão-polícia da G. N. R. «liberta» o seu tratador

A fanfarra do Regimento de Cavalaria da G. N. R.

O cavaleiro mais classificado no «Jumping», Maj. Calado, montando «Caramulo» transpõe o muro encarnado com 1,90 m de altura na Prova «Potência» (2.° dia) de que foi o vencedor. O mesmo cavaleiro ganhou a Prova «Jumping de Lisboa» (1.° dia). No «Grande Prémio» triunfou o cavaleiro olímpico francês, Cap. Fombelle

TUDO PARA JOGOS E DESPORTOS

CASA SENNA

FUNDADA EM 1834

RUA NOVA DO ALMADA, 48-52 (EM FRENTE DO TRIBUNAL DA BOA-HORA)
TELEFONE 2 34 37 • END TELEG. CASSENNA • LISBOA

O ESTAFETA

pelo capitão LIZARDO NEVES

O tenente passeou em volta o olhar interrogativo. E novamente a sua voz se alteou, agora com um timbre diverso, em que o nervosismo se perdia na inquietação crescente:

— Rapazes, então! Preciso de um voluntário para uma missão difícil! Não há, entre vós, alguém que esteja disposto a correr o risco?

Do fundo da fileira, um vulto pequeno e magro, quase uma criança, adiantou-se e, ainda hesitante, fez a continência, perfilando-se diante do superior.

— Ah, bem! Eu calculava que entre os meus homens devia haver alguns valentes. Que idade tens?

— 19 anos, meu tenente. Não me ofereci logo porque não estava bem certo se seria aceito. Sou tão insignificante... Todos aqui me alcunham de «o miúdo» e me dizem que eu devia ter ficado em casa. Mas eu vim à guerra, meu tenente, e quero correr os mesmos riscos que os outros. Quero provar-lhes que dentro de mim existe uma força que eles desconhecem, mas que me fará seguir sempre para a frente, haja o que houver.

— Pois claro, gosto de te ouvir falar assim. É de um homem como tu que eu necessito, um homem corajoso que esteja disposto a arriscar-se para nos salvar a todos.

«Vem comigo. Vou dar-te algumas explicações sobre a tua missão.

O jovem soldado seguiu o tenente Castro até à tenda que este arvorara em sala de comando e, impávido, aguardou que o oficial falasse.

Com um gesto brusco, o tenente arredou a papelada que lhe cobria a mesa de trabalho e, chamando o seu subordinado, explicou:

— A nossa situação é muito grave. Como podes ver por este mapa, nós ocupamos esta posição, marcada com um círculo negro, aqui. O inimigo cercou-nos quase por completo e o último ataque destruiu-nos as possibilidades de comunicarmos com os nossos. Só temos ainda livre a saída que dá para o rio. A última ordem que conseguimos captar foi de aguentar até que Deus queira e os reforços cheguem. Mas receio que eles tardem demasiado. Se assim for, caíremos todos nas mãos do inimigo.

Calou-se por momentos e, voltando-se para o seu interlocutor, pousou-lhe a mão no ombro, como que para o incitar.

— Só tu podes resolver isto, uma vez que te ofereceste. Trata-se de atravessar o rio e ver se consegues chegar ao ponto onde está o grosso das nossas tropas. São ainda alguns quilómetros, mas conto com a escuridão da noite para levares a tua missão avante sem seres descoberto.

«Sabes nadar?

— Sei sim, meu tenente.

— Óptimo. Vai então, e boa sorte.

Com uma continência seca, o jovem soldado retirou-se e afastou-se em passadas largas.

O tenente veio até à porta da tenda e um sorriso de orgulho distendeu-lhe os lábios contraídos.

«Que Deus leve e traga em bem este valente rapaz», murmurou.

★

Paulo, ofegante, parou um momento para se orientar. Não havia tempo a perder. Ou cumpria a missão ou morreria.

Para trás, ficava o acampamento onde dezenas de camaradas aguardavam o esperado reforço. Para a frente, ficava o rio e talvez o inimigo o esperasse, mal tocasse a outra margem. A esta ideia um estremeção o sacudiu de alto a baixo. Monologava para criar ânimo, para fingir que não estava só, que alguém o acompanhava.

O rio corria mais perto. Ouvia-lhe o marulhar suave e a humidade que subia da terra chegava-lhe às narinas como um perfume exótico.

Bela noite! Até parecia ironia do destino, numa noite como aquela, os homens matarem-se como feras.

Onde estaria Deus àquela hora? Talvez ocultasse o rosto para não ver a Terra que criara e o homem que moldara. Talvez olhasse e pensasse quão inútil tinha sido o sacrifício de seu Filho, na cruz.

Paulo pensava em tudo isto, à medida que avançava silenciosamente, por entre as sombras das árvores.

Tinha sido até então um pouco descrente, alheado da ideia de Deus, sentindo-se superior ao que ele pensava ser religião de mulheres e de velhos. Se visitava qualquer igreja, era por mera curiosidade, apenas para satisfazer o seu espírito de artista, que tanto se extasiava perante uma face mortificada de «madona» como perante um belo corpo de mulher. A quietude das naves semi-obscurecidas, o desfiar de orações e de pecados rente aos confessionários, aquele mistério dramático que parecia pairar sempre no ambiente das catedrais e das simples capelas, não o penetravam, não o comoviam, antes o faziam encolher os ombros, num gesto de indiferença e lhe assomavam sorrisos de ironia aos lábios.

Mas agora era diferente. Desde que viera para a guerra, Paulo sentia que Deus lhe era necessário. Apegara-se a Ele, como a um amigo querido que tivesse estado ausente e que, de repente, voltasse ao seu convívio. Nas pausas que lhe ficavam entre um ataque e o que se esperava, havia em Paulo um pensamento constante de Deus. Talvez por isso se encontrava sem medo, mesmo perante as situações mais perigosas. Talvez por isso se oferecera para aquela missão. Paulo julgava-se sob a mão de Deus. Sofria pelo que tinha sido a sua vida até aí, em matéria religiosa e deplorava todos os pensamentos e todas as palavras que o tinham posto fora da protecção de Deus.

À medida que avançava na noite escura, como que se apoiava numa figura invisível, mas que lhe parecia latente. As orações da sua infância acudiam-lhe aos lábios, incompletas, diferentes das originais, quase improvisadas. Que importava? Aquele que tudo sabe, também o escutava naquela hora de perigo e decerto sabia que o arrependimento era sincero e a ideia cheia de pureza.

Paulo tinha agora o rio defronte de si. Era um curso de água bastante largo e engrossara imenso com as últimas chuvas. A corrente debatia-se entre as margens e precipitava-se em cachões de espuma que quase tocavam os ramos das árvores mais baixas. Não ia ser fácil atravessá-lo, sobretudo com os movimentos tolhidos pelo equipamento. Todavia, se se despisse e deixasse ali as roupas isso poderia servir de indício ao inimigo. O mais prudente seria tentar cobrir aqueles largos metros tal como se encontrava.

Sem fazer ruído, como um animal furtivo que se deixasse cair sobre a presa, Paulo lançou-se à água, afastando-se em braçadas rápidas. Tinha sido bem útil o treino diário a que se habituara desde menino. Bastantes reprimendas lhe custara o gosto pela natação. A rebeldia de que dera sempre provas, impelia-o a esquecer os ralhos da mãe e a correr para o rio logo que tinha um momento livre.

Pobre mãe! Nessa altura, na inconsciência da sua pouca idade, não pudera adivinhar quanto carinho e quanta preocupação se ocultavam por detrás das suas palavras, aparentemente ásperas. Só mais tarde, quando a perdera é que lhe sentira a falta. E mesmo agora, já homem, trazia muitas vezes consigo aquela mágoa de não a ter amado mais profunda e abertamente.

Era o seu feitio, ser assim retraído e bravio, isolando-se de todos, com ideias formadas ao embate das circunstâncias e a personalidade precocemente vincada.

Muitos lhe tinham dito que a guerra era demasiado perigosa para ser tomada por experiência, julgando que ele assim a idealizara. Mas esses enganavam-se. Não fora para experimentar novas emoções que ele chegara até ali. Fora sim, porque a pátria necessitava dele e a pátria era a única crença que se mantinha intacta no seu jovem e céptico coração.

E ali estava, talvez bem perto da morte, cortando a água em braçadas rápidas, sombra a deslizar entre as sombras que se projectavam no rio.

Num último esforço, ergueu-se para a margem e agarrou-se a um ramo que lhe ficava sobranceiro. Estava exausto. Mais uns metros a vencer e ter-se-ia deixado levar pela corrente, sem forças para mais.

Descansou uns breves instantes e logo examinou as armas que tinha atado sobre o capacete. Vá lá, não tinham apanhado muita água e deviam estar em acção de funcionar, se acaso fosse necessário. Pegou-lhes e recomeçou a marcha, procurando fazer o mínimo ruído possível. Parecia-lhe que o pior estava passado e respirou fundo, num movimento de alívio, quando, de súbito, teve a percepção de que alguém estava perto. Voltou-se de arma em riste, pronto a disparar, certo de que ouvira um ruído qualquer, como se um corpo rastejasse sobre uma superfície áspera, mas não teve tempo de fazer um movimento nem de esboçar uma defesa. Os dois homens que ocultos pela copa frondosa duma árvore, lhe tinham espiado todos os movimentos, caíram-lhe de chofre sobre as costas, derrubando-o no solo lamacento. Com um pontapé brutal um deles fez-lhe sentir que devia estar quieto e apontando-lhe a arma, dirigiu algumas palavras ao companheiro, numa língua desconhecida para Paulo.

Enquanto o soldado inimigo se afastava, Paulo, esquecendo-se de si próprio, pensava nos companheiros que era preciso salvar, pensava na confiança que o tenente nele depositara e uma enorme angústia o invadia.

Sabia que não sairia vivo das mãos daqueles que o haviam aprisionado, sabia que eles usariam todos os métodos para saberem qual a missão de que vinha incumbido, mas, mais do que pela sua própria sorte, aterrava-o a ideia de que fra-

cassara e de que com ele perderiam a vida todos os companheiros.

Passos precipitados se ouviram, e Paulo enfrentou o oficial que se aproximava e que o convidava a segui-lo. Ao pôr-se de pé, logo sentiu a dureza fria do cano da pistola que lhe encostavam às costas e durante todo o percurso, nem um só minuto esse contacto afrouxou.

Avançava como um sonâmbulo, traçando mil planos para conseguir escapar aos seus captores e repudiando-os logo, por irrealizáveis.

Fora apanhado como um rato numa ratoeira! Agora era aguardar e que Deus tivesse piedade dele e de todos que o esperavam.

★

O oficial teve um sorriso frio, ao contemplar a figura franzina que se aprumava diante de si. Depois, correctamente, falando na própria língua de Paulo, inquiriu:

— Que vieste fazer até este local? Qual é a situação da Companhia a que pertences, no que respeita a munições e mantimentos? Fala, rapaz. E será melhor para ti não procurares enganar-me.

— Nada tenho a dizer e nada direi.

A resposta saíra sem uma hesitação e o oficial, ao ver o rosto juvenil que o encarava, teve um brusco contrair de sobrolhos. Habituado a lidar com homens e a conhecê-los nas mais íntimas reacções, sabia que aquele rapaz não lhe diria, com a rapidez desejada, o que ele queria saber. Olhou-o novamente e um sorriso de crueldade lhe distendeu a boca.

— Muito bem, meu patriota! Em breve falarás e talvez digas muito mais do que eu te perguntei. Será uma questão de tempo e... de métodos! Decerto já ouviste falar dos nossos métodos que alguns repudiam, por desumanos, mas que em certos casos dão esplêndidos resultados. Irei ver-te dentro de duas horas e estou convencido de que terás interessantes declarações a fazer-me.

Afastou-se ràpidamente e, em breve, Paulo foi levado para um ponto afastado e amarrado a uma árvore que tombara no solo, devido talvez a qualquer granada. Os homens que o rodeavam agora, não pareciam soldados, embora envergassem fardas idênticas às dos que o tinham aprisionado. De feições bestiais e mãos grosseiras, tinham as mangas arregaçadas, mostrando os braços poderosos muito acima dos cotovelos. Havia neles como que uma ferocidade nata que fazia Paulo imaginá-los mais carniceiros do que soldados. Trocavam palavras entre si, numa linguagem gutural e o riso que lhes ilu-

(Continua na pág. 32)

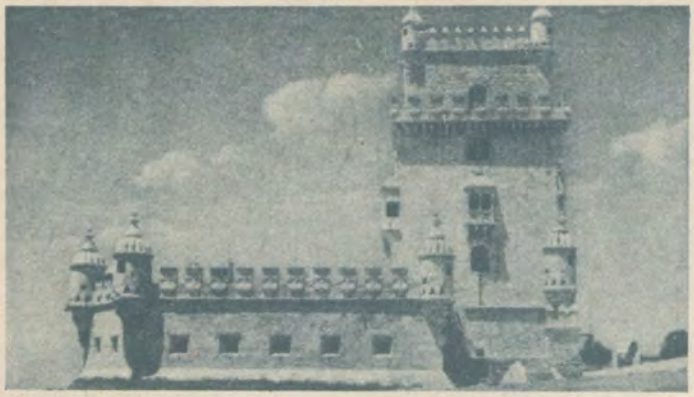
recreio

LEIA E RESPONDA!

Responda, num postal, às 10 perguntas e cole no mesmo o talão situado no canto inferior esquerdo desta página. Envie as respostas para o «Jornal do Exército», Concurso «Leia e Responda», Rua da Escola Politécnica, 61, Lisboa, Portugal, até ao dia 30 de Abril. Não serão considerados os postais que apresentem letra ilegível ou rasuras e não venham acompanhados do talão. Indique o nome, posto e unidade ou estabelecimento militar onde presta serviço.

O prémio, a sortear entre todos os concorrentes que enviem as soluções certas, é constituído por um «cheque-brinde», no valor de 200$00, que permite adquirir artigos à escolha, na «Livraria Hélada», R. Rodrigo da Fonseca, 152, Lisboa ou na Camisaria Versailles, Lda., Av. da Igreja, 1-A, Lisboa.

Trimestralmente, será sorteado um fogão a gás da marca ODACLA.



1 — Este monumento, considerado como uma jóia da arte nacional, foi construído no reinado de D. Manuel I a fim de defender a barra de Lisboa.
Como se chama?

2 — Quem foi o fundador da «Escola de Sagres» donde saíram os nossos primeiros navegadores?

3 — A esfera armilar no escudo da Bandeira Nacional recorda: A Fundação da Nacionalidade, os Descobrimentos ou a Restauração da Pátria?

4 — A nossa província de Timor é cerca de 5, 10 ou 22 vezes menor que Portugal continental?

5 — Qual é o rio de maior caudal do Mundo e que é, também, o maior rio do Brasil?

6 — O que é ao «31» a mãe da sogra da mulher do irmão dele?

7 — Qual das provas não faz parte do Pentatlo Militar, disputado entre equipas das diversas Unidades do Exército?
Tiro — Lançamento de granada — Hipismo.

8 — Qual é a localidade onde está aquartelado o Regimento de Artilharia n.º 6?

9 — Qual é a unidade de Infantaria a que pertence a divisa: «Viriatos. Cuja fama ninguém virá que dome»?

10 — O alcance máximo da Espingarda Mauser é cerca de 2.000, 3.200 ou 4.500 metros?

SOLUÇÕES DO 1.º NÚMERO

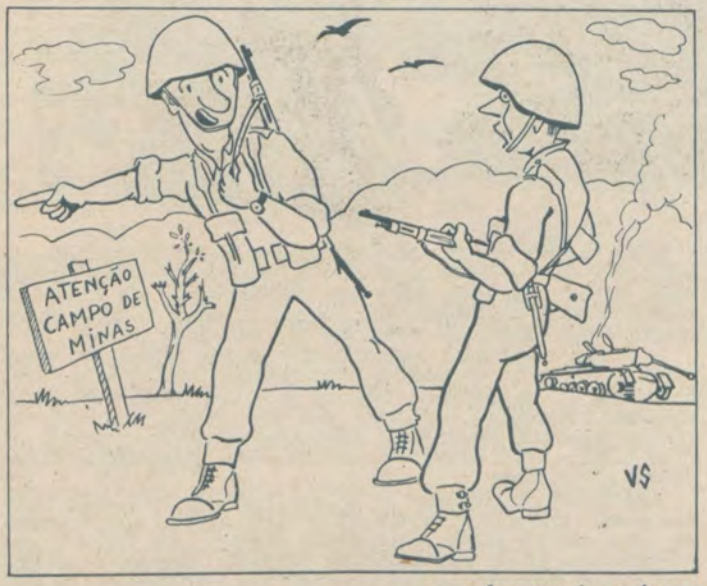
1 — Colégio Militar
2 — 23 vezes
3 — A letra G
4 — 1.609 m
5 — Suécia
6 — 1-0, a favor de Portugal
7 — Espanha
8 — R. I. 16
9 — Caldas Xavier
10 — 8

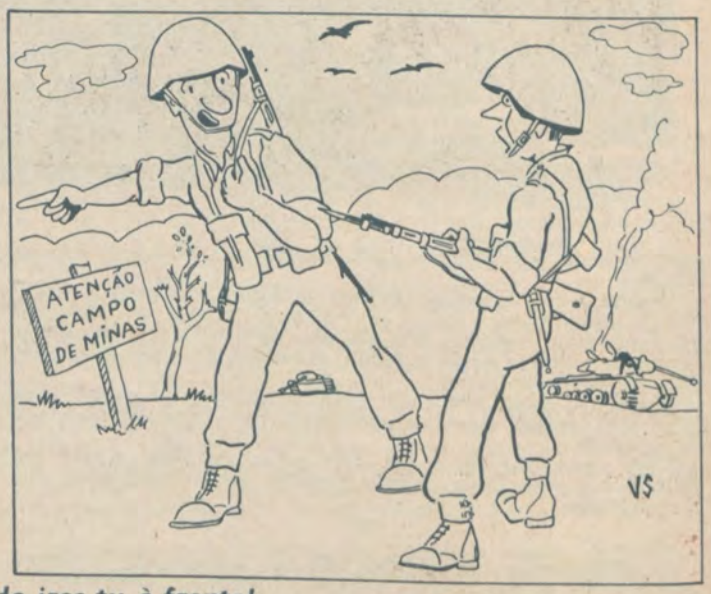
As oito diferenças

1 — Relógio de pulso
2 — Sabre - baioneta na espingarda
3 — Disposição das letras na tabuleta
4 — Cantil
5 — Uma águia a mais
6 — Fivela no francalete
7 — Carro de combate ao centro do desenho
8 — No carro de combate há um tripulante

É BOM OBSERVADOR?

Os dois desenhos diferem em oito pormenores. Veja se os descobre em menos de cinco minutos. Se o conseguir, considere-se OBSERVADOR REGULAR. Se não ultrapassar 3 minutos, então, classifique-se como BOM OBSERVADOR (Ver solução nesta página)





— Agora é a altura de ires tu à frente!

MARÇO 1960
Jornal do Exército
Concurso
LEIA E RESPONDA

CHARADISMO

pelo capitão ISIDRO ANTÓNIO GAYO

Explicámos, na última Secção charadística, a técnica das charadas — ADICIONADAS — e démos alguns exemplos para decifrar.

Vamos, hoje, dar uma noção de um agrupamento de três novas charadas: AFERÉTICAS, SINCOPADAS E APOCOPADAS. São de fácil compreensão. A sua estrutura é baseada nas conhecidas figuras gramaticais — **aférese, síncope e apócope.** Embora nestas figuras se possa movimentar uma ou mais letras, constituindo, ou não, sílaba, no charadismo só se considera a sílaba.

No primeiro caso, dá-se a eliminação da primeira sílaba da palavra que se escolheu; no segundo, é a sílaba central que se omite; e no terceiro, a última. Mas vamos a um exemplo:

AFERÉTICAS

O **doido** não passa de um homem de débil **espírito.** 3-2

O algarismo 3 significa que a palavra a decifrar tem 3 sílabas; e o 2, referente ao último termo assinalado, quer dizer que essa palavra tem duas sílabas.

Para decifrar, consultemos um dicionário para a primeira parcial — **doido** — de modo que, subtraindo-lhe a primeira sílaba, resulte outra palavra sinónima de **espírito.** Encontraremos: DEMENTE e MENTE, o que está de acordo com o problema.

SINCOPADAS

Como acima referimos, esta charada é baseada na **síncope.** Mas, no charadismo, apenas se usam palavras de número ímpar de sílabas. Assim é sempre a sílaba central que se elimina, para dar o segundo termo.

Ex: Quem **subjuga com armas,** logo os resultados **calcula.** 3-2

Procuramos obter um sinónimo de **subjugar com armas** e, depois da respectiva conjugação, eliminando a sílaba, devemos obter o segundo sinónimo de **calcula.** A solução é, pois, — CONQUISTA.

Ex: Todo o **militar** deve contentar-se com o seu **pré.** 3-2

Achamos, entre outros, para sinónimo de militar-SOLDADO. Ora constatamos que este vocábulo obedece às condições, já que subtraída, a sílaba central, resulta — SOLDO, sinónimo de **pré.**

APOCOPADAS

Esta espécie tem por técnica a eliminação da última sílaba do vocábulo escolhido.

Ex: Nesta **habitação** é que minha mãe **reside.** 3-2

Consultando um dicionário, achamos para habitação — MORADA, o que condiz com a segunda parcial, pois MORA é significado de **reside.**

Devemos esclarecer que nem todas as palavras se prestam para formular qualquer das produções já descritas. Os termos têm de ser procurados, de modo a satisfazerem ao fim que se pretende.

Também informamos os nossos leitores que, modo geral, se faz uso dos **termos indirectos.** Estes são os que nem sempre se encontram ao consultarmos o dicionário.

Procurando no de Cândido de Figueiredo, por exemplo, a palavra **demão,** vemos que tem por sinónimo — **ajuda.** Mas se formos a este termo, já lá não encontramos o inverso; isto é, não está lá **demão** como significando **ajuda.** Este termo é, portanto, **indirecto.** Claro, o vocábulo que num dicionário é **indirecto,** pode sê-lo **directo** em qualquer outro léxico.

O emprego dos termos indirectos, tem em vista opor um pouco de dificuldade à decifração. Porque se houvéssemos de usar apenas os directos, o charadismo perderia todo o seu sabor enigmático. Bastaria abrir o dicionário e a solução estava à vista.

O charadista, para poder decifrar, regularmente, carece de ser senhor de uma boa bagagem sinonímica. E é precisamente na aquisição de um número vasto de sinónimos que o charadismo encerra o seu maior valor.

E vamos, agora, para treino, indicar algumas produções daquelas a que nos referimos:

AFERÉTICAS

1 — O **verdor** da mocidade por pouco tempo **permanece.** 3-2

2 — Para bem se **dominar** uma embarcação, é preciso ter conhecimentos do **oceano.** 2-1

3 — Quem **requesta** uma linda moça, procura logo saber onde **habita.** 3-2

4 — No **compartimento onde se guardam galinhas,** há sempre muito **pó.** 4-3.

5 — **Alto** é o Vesúvio para que um homem possa, só por si, ser lá **conduzido.** 4-3

6 — O **maquinismo para elevar grandes pesos** não se emprega em erguer um simples **pedaço de loiça ou vidro.** 3-2

SINCOPADAS

7 — Na **realidade,** não se pode comer uma fruta **que ainda não amadureceu.** 3-2

8 — A **habitação de soldados** não é própria para arrecadação da **alavanca de pau com que se governa o leme.** 3-2

9 — É **vulgar** que quem mexe no sabre se sujeita a uma **incisão.** 3-2

10 — O **indivíduo que falhou na vida,** dá sempre as culpas ao seu mau **destino.** 3-2

11 — De **menina** leviana não há que ter **dó.** 3-2

12 — Homem **mordaz,** terá a devida paga no **fim da vida.** 3-2

APOCOPADAS

13 — É na **noite** escura que mais nos apercebemos de **aquilo que impressiona o ouvido.** 2-1

14 — O **número de anos de alguém** é, por vezes, uma pequena **jornada...** 3-2

15 — Para a **mentira** há sempre um **pretexto.** 2-1

16 — O **soldado** deve ser sempre correcto, mesmo no **quarto de dormir.** 4-3

17 — A **parte material de um homem** não se avalia apenas pela **aparência.** 2-1

18 — O **soldado** tem que estar precavido contra as artimanhas de qualquer mulher **feiticeira.** 3-2

SOLUÇÕES DO N.º 2

PALAVRAS CRUZADAS

1 — Cara; armada. 2 — Ávida; íamos. 3 — Demora; suei. 4 — A; revisar. 5 — Voam; o; ar; c. 6 — És; eu; MC; lá. 7 — R; AC; M; Reis. 8 — Acenava; c. 9 — Orar; sereia. 10 — Catar; servi. 11 — Arames; moas.

CHARADAS

1 — Dever. 2 — Destino. 3 — Arte. 4 — Lama. 5 — Dormente. 6 — Reinação.

CONCURSO LEIA E RESPONDA

● O prémio foi atribuído, por sorteio, ao 1.º cabo n.º 291-E, **Domingos Caeiro Gouveia Esturrenho,** do R. I. 16, em diligência na Escola Militar de Electromecânica.

● Todos os concorrentes que acertaram nas perguntas estão, desde já habilitados ao sorteio do 1.º fogão ODACLA que se realizará no dia 30 de Abril.

LIVRARIA HÉLADA

R. Rodrigo da Fonseca, 152 - LISBOA - Tel. 681017
LIVROS DE ESTUDO • MATERIAL DIDÁCTICO
NOVIDADES LITERÁRIAS • JORNAIS E REVISTAS
Atende requisições para qualquer parte do País
CONCEDE O DESCONTO DE 10 % AOS ASSINANTES DO «JORNAL DO EXÉRCITO»

CAMISARIA VERSAILLES, L.DA

ARTIGOS PARA HOMEM E SENHORA

MODAS CONFECÇÕES NOVIDADES

AV. DA IGREJA, 1-A
RIO DE JANEIRO, 21-B
LISBOA

A ORDEM DO EXÉRCITO DIZ...

CONDECORAÇÕES

Foi condecorado com a 2.ª classe da medalha de Mérito Militar, o Coronel do E. M. da Força Aérea Alemã Peter von Lillienskiold, adido militar junto da Embaixada da República Federal Alemã em Lisboa.

— Foram condecorados com as classes da medalha de Mérito Militar que lhes vão indicadas, os seguintes oficiais do Exército Espanhol: 1.ª classe — Coronel Tir. do C. E. M., D. José Castrillon; 2.ª classe — Ten. Coronel de Eng.ª e do S. E. M., D. Francisco Oliver e Comandante de Inf.ª e do S. E. M., D. Luís Larumbe.

— Foram condecorados com a medalha de prata de Serviços Distintos o Ten. Coronel de Inf.ª Gonçalves de Aguiar e o Major de Eng.ª Tedeschi Seabra.

— Foram agraciados com o grau de cavaleiro da Ordem do Santo Sepulcro, o Brigadeiro César Oom e o Tenente Mil.º de Inf.ª, na situação de reserva, Campos e Sousa.

— Foi agraciado com o grau de oficial da Ordem de Instrução Pública, o Ten. Coronel de Art.ª, José Domingues.

— Foram condecorados com a medalha de ouro de Comportamento Exemplar: Coronéis de Artilharia Conceição Almeida, Alfredo Fontes e Moreira Sacadura (res.); Ten. Coronel de Inf.ª (res.) Dario Tamegão; Major de Cav.ª António Venceslau; Capitães de Cav.ª (res.) Catão Fernandes e Fernando Cabral; do Q. S. G. E., Carvalho Esteves e Martins Coelho (res.); do ext. Q. A. A. Joaquim Claro e do ext. Q. O. S. M. Fernandes Pereira; Tenentes de Inf.ª, Mil.º do ext. Q. Esp. (res.) Ferreira dos Santos e Lopes Chaves; do Q. S. G. E. Lopes Agostinho, Amaral, Paulo da Silva, Guilherme de Sousa e Alves Simões (res.).

— Foram agraciados com os graus da Ordem Militar de Avis que lhes vão indicados:

Grã-Cruz — General Portugal da Silveira; *Grande-oficial* — Brigadeiro David dos Santos, Coronel de Cav.ª (res.) Carvalho Nunes, Coronéis de Art.ª Santos Monteiro, Campos Andrada, Teixeira de Almeida, Conceição Almeida, de Inf.ª Soares Pereira, Moura dos Santos e Marques e Oliveira e Coronel-médico Bettencourt; *Comendador* — Coronéis de Cav.ª Machadó Faria e Sottomayor; Ten. Coronéis, de Inf.ª Cifuentes, de Art.ª Augusto Ferreira, Gentil Beça, de Cav.ª Costa Gomes, do C. E. M. Basto Machado; Majores, do S. A. M. Varela Soares, do ext. Q. O. S. M. Alves de Carvalho; de Art.ª Novais Gonçalves e de Eng.ª Esteves Ramires, Medeiros Júnior, Machado de Sousa e Constante Júnior; *Oficial* — Capitães de Art.ª Veiga Simão e com o C. G. E. M., Torres de Magalhães, médico Sousa Pereira e do Q. S. M. Conceição Galiano.

(O. E. n.º 2 — 2.ª Série — 1-2-1960)

— Foi agraciado pelo Governo de Espanha com a medalha da Cruz de Prata do Mérito Militar, com distintivo branco, o 1.º Sargento do Q. A. E. Artur dos Santos.

— Foram condecorados com a medalha de ouro da classe de Comportamento Exemplar os 1.ºs Sargentos Rosa Pereira, Augusto Rodrigues, Peres Folgado, Barroso, Castro Pinto e os 2.ºs Sargentos Nobre de Barros, Alves Belas e Costa Rodrigues.

(O. E. n.ºs 4 e 5 de 10 e 20 de Fev.º de 1960)

●

DETERMINAÇÕES

Foi criado o Centro de Interpretação de Fotografias Aéreas do Exército — C. I. F. A. E. — que funcionará na dependência directa da 2.ª Rep. do E. M. E

O C. I. F. A. E. tem, essencialmente, as seguintes atribuições:

— Orientar, coordenar e impulsionar a instrução de fotografia aérea no Exército; Instruir os oficiais e sargentos especialistas de fotografia aérea; Manter e actualizar os conhecimentos dos oficiais e sargentos especialistas de fotografia aérea; Acompanhar a evolução da técnica das fotografias aéreas, bem como a da sua leitura e interpretação; Servir de arquivo das fotografias aéreas relacionadas com o serviço de informações; Manter o contacto com a instrução de fotografia aérea dos outros dois ramos das Forças Armadas.

(O. E. n.º 2 — 2.ª Série — 1-2-1960)

●

CONCURSOS

Está aberto *Concurso para músicos de 1.ª classe, 1.ºs Sargentos músicos*, nos instrumentos a seguir designados: Bombardino, Clarinete sib, Cornetim, Flauta em dó, Fliscorne, Oboé e Requinta.

A abertura do concurso será anunciada: *a)* Na Ordem das Unidades do Continente e Ilhas Adjacentes, a que pela sua organização pertence banda de música, no dia 15 de Março de 1960; *b)* Nas Províncias Ultramarinas de Angola e Moçambique na mesma data ou logo que nos respectivos Comandos Militares for recebida a O. E. n.º 5 — 3.ª Série, se neles der entrada depois de 15 de Março de 1960.

As declarações dos candidatos devem dar entrada no Q. G. do G. M. de Lisboa, para o Continente e Ilhas, até ao dia 11 de Abril de 1960; Nas Províncias Ultramarinas de Angola e Moçambique, nas datas que forem fixadas pelos respectivos Comandantes Militares.

— Está aberto *Concurso Ordinário para o posto de furriel do Q. P. da Arma de Engenharia — Ramo Transmissões*, nos termos do n.º 2.º da Portaria n.º 15.330, de 1955. A abertura terá lugar no dia 31 de Março. As declarações dos candidatos devem ser entregues na Secretaria da Unidade até ao dia 11 de Abril.

O INFANTE D. HENRIQUE

(Continuação da pág. 7)

Sorriu feliz a rainha ao lançar-lhe a bênção: ela conhecia bem o seu Henrique e podia confiar na promessa...

Conseguiram os infantes reacender no pai o entusiasmo pela expedição a Ceuta, convencendo-o de que a partida seria a melhor maneira de respeitar o desejo e honrar a memória saudosa da falecida. E foi assim que, numa tarde desse Verão de 1415, as naus tristonhas do Restelo acordaram de novo para a vida, como pomar que se reveste de folhas e de frutos; flores eram as bandeiras garridas e os estandartes coloridos, gorjeios de pássaros, os sons estridentes das trombetas...

Ei-la vai, a alegre frota, a caminho de Ceuta: e com ela vai Portugal mar em fora, a cumprir seu destino de grandeza.

A tomada da praça mourisca era empresa difícil e arriscada. Mas não se compadecia D. Henrique com adiamentos e prometia ser o primeiro a sair pela prancha fora, dispensando a companhia dos que hesitavam. Todos lhe seguiram o exemplo e em pouco tempo se empenhavam os portugueses no ataque. D. Duarte tomava as alturas que a dominavam, enquanto D. Henrique entrava na Almina, derrubando os mouros que lhe tolhiam o passo. Depois, tendo-se-lhe juntado mais cristãos, investiu pela Rua Direita em direcção ao Castelo, conquistando palmo a palmo o terreno da apertada rua. Assim chegou aos muros da fortaleza, cuja posse foi demorada e sangrenta. E tais prodígios obrou o Infante na tomada do castelo, que o historiador de seus feitos se sente emudecer de puro espanto:

«Ora que posso eu dizer da fortaleza de um homem que, sem esperança de nenhuma companhia, cometeu tantas vezes um tamanho ajuntamento de seus inimigos?... Certamente eu creio que, se as coisas mudas têm algum sentimento, aquelas portas de mouros estão ainda espantadas de tão maravilhosa valentia» (²).

Foi em 21 de Agosto de 1415. Ceuta caíra-nos nas mãos e havia de ser o primeiro elo da cadeia imensa com que o Infante prenderia o Mundo inteiro a Portugal...

D. Henrique, porém, recordava a promessa de ser bom cavaleiro. Merecia agora a pranchada no ombro, que o pai quisera rodear de festas e folganças? De sobejo a merecia. E foi ali mesmo, no cenário glorioso do campo de batalha, que em cerimónia singela o Infante ajoelhou diante do velho pai — o mais alegre de quantos o rodeavam — e, tirando da bainha a espada ainda quente, a beijou e meteu na mão do rei que, a tremer de emoção e orgulho, com ela fez cavaleiro aquele que acabava de mostrar ser exemplo e flor da cavalaria.

O Infante, sereno e feliz, olhava as ondas do mar azul e sonhava já outra conquista — a conquista da Distância e do Além, para maior grandeza da Pátria e maior glória de Deus.

JAIME DA SILVA MOTA, Cap.

(¹) — Fernando Pessoa, **Mensagem**
(²) — Gomes Eanes de Zurara, **Crónica de El-Rei D. João I**

NOVE OFICIAIS E NOVE SARGENTOS

VENCERAM A PROVA DE SOBREVIVÊNCIA

No C. M. E. F. E. D. os instruendos dos Cursos de Educação Física são treinados a viver com os meios que se lhes deparem. • Orientar-se em regiões desconhecidas, raciocinar com calma, evitar o pânico e o desalento, saber improvisar, ocultar-se, obter alimentos, identificar o perigo, são problemas que o combatente deverá resolver quando a vida estiver em jogo. • A Instrução de Sobrevivência é, pois, indispensável à preparação do Soldado

ALMOÇO: TALOS DE COUVE E ÁGUA

Pela primeira vez, no nosso Exército, instruendos do Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos (C. M. E. F. E. D.), oficiais e sargentos que participam nos Cursos de Instrutores e Monitores de Educação Física, foram submetidos, durante quatro dias, a uma INSTRUÇÃO DE SOBREVIVÊNCIA.

A duríssima prova teve início no dia 16 do passado mês de Fevereiro, na região da Nazaré, debaixo de rigorosa invernia e desenrolou-se num percurso de 60 km.

Segundo o esquema do exercício, os instruendos representavam os únicos elementos que restavam duma unidade táctica, que procuravam, atravessando território hostil, alcançar as «linhas inimigas».

Divididos em pequenos grupos (três oficiais e três sargentos), transportando todo o seu equipamento de combate e evitando qualquer contacto com a população civil, foram percorrendo o «território inimigo», apenas contactando em locais de reunião prèviamente estabelecidos, onde se marcava nova etapa.

Embora transportando rações de reserva, a sua alimentação consistiu em água, vegetais (nabos, couves e raízes) e em alguns mariscos (lapas e búzios) que se obtiveram nas rochas junto ao mar. Houve até quem se aproveitasse de cascas de laranja...

A prova terminou com o maior êxito junto à Base Aérea de Monte Real e foi dirigida pelos oficiais instrutores do C. M. E. F. E. D., Capitão Santos e Castro e Tenentes Durão e Filipe.

JANTAR: MARISCOS AO NATURAL

MISSÃO CUMPRIDA

O «Jornal do Exército» responderá às cartas que lhe forem dirigidas pelos seus leitores, sobre assuntos de cultura militar e cultura geral, publicando a pergunta, ou perguntas, e respectivas respostas. Cartas anónimas ou com insuficiência de remetente (nome, posto e unidade), não serão consideradas.

— Não faça perguntas cujas respostas podem ser mais fàcilmente obtidas junto dos seus superiores ou nas secretarias da sua unidade.

— O «Jornal do Exército» terá prazer em lhe ser útil. A secção «Cartas à Redacção», está ao seu dispor.

● **Como foi que em mil e oitocentos e tal..., reinado de D. Maria II, tivemos 3 Marechais?**

JOAQUIM MONTEIRO — LISBOA

★ Pela organização do Exército, decretada em 20-12-1849, o quadro do E. M. General compunha-se de 1 **Marechal-General, 2 Marechais do Exército,** 10 Tenentes-Generais, 15 **Marechais de Campo** e 15 Brigadeiros.

Julgamos que se refere aos dois primeiros postos da escala hierárquica e assim, devemos dizer-lhe que o **Marechal-General** era el-rei D. Fernando, marido de D. Maria II; os 2 **Marechais do Exército** eram o Duque da Terceira e o Duque de Saldanha.

Segundo o Dec. referido, o posto de **Marechal-General** só seria conferido quando as conveniências públicas o reclamassem. O posto de **Marechal do Exército** não era de escala e só seria conferido ao Tenente-General que pelos seus relevantes serviços, praticados em defesa do trono ou da independência nacional, se fizesse credor de tão alta distinção.

O **Marechal-General** era o comandante geral do Exército. Os **Marechais do Exército** comandavam Corpos de Exército, reunião de duas ou mais Divisões.

● **Qual o lugar a tomar por um Sargento desarmado que esteja na frente duma Escola, Pelotão ou Bateria, para efeito de continência?**

FURRIEL V. CUNHA — R. A. 6

★ Na frente (Consulte a Circular n.º 671 da Majoria-General do Exército de 24-8-1948).

● **Como poderei assinar a revista «Military Revew»?**

FURRIEL MIL.º JAIME CARMO — LISBOA

★ Basta fazer o pedido à «Revista Militar», Largo da Anunciada, 9, s/l — LISBOA.

● **O «Jornal do Exército» só aceita colaboração literária ou poderei enviar fotografias, anedotas, etc.?**

1.º CABO N.º 1.025/59, RIBEIRO, DO R. A. A. F.

★ Toda a colaboração interessa. Contudo, a sua publicação dependerá do mérito que lhe for atribuído.

● **Qual a legislação que regula a concessão de benefícios aos dadores de sangue militares?**

CORONEL CIPRIANO FONTES — CMDT DO R. A. L. 5

★ Nota-Circular n.º 1.978 de 6-4-1936; Circular n.º 32 de 27-10-1945; Circular n.º 6 de 12-2-1946; Circular n.º 11 de 19-3-1946, todas da Rep. Gab. do M. G. e ainda as Notas-Circulares da 3.ª/1.ª, n.ºs 13.612 e 19.939 de 17-7-1951 e 6-10-1951. A informação publicada no n.º 1 deste Jornal saiu incompleta devido a ter sido extraída de um «Guia» publicado em 1959 que não está devidamente actualizado no assunto respectivo.

O ESTAFETA

(Continuação da pág. 27)

minava as faces dava bem mostras de que aquilo, para eles, era uma satisfação, como que um festim para os seus instintos de feras.

Ao calor da fogueira que um deles acendera, o rosto de Paulo cobria-se de suor, mas um estranho frio o tomava e uma angústia indizível se apossava de todo o seu ser. O pensamento de que ia ser torturado durante duas longas horas enchia-o agora de um terror que crescia em maré alta e lhe punha estremecimentos no corpo todo.

As chamas punham tons rubros nas caras que se debruçavam sobre ele, davam àquele grupo grotesco qualquer coisa de diabólico, rodeavam-no, querendo engolfá-lo no seu abraço vermelho.

Paulo olhava, fixamente, com o suor escorrendo no tronco desnudado. Viu aproximar-se um homem, sentiu-lhe o bafo quente e enjoativo no rosto e logo uma dor lancinante o sacudiu, como se o tivessem marcado a fogo.

A tortura começara!

Estranhamente, agora que conhecia a dor, Paulo sentiu que a sua coragem antiga voltava e que a determinação de não falar se arreigava mais firmemente no seu espírito, como se aquele fogo incandescente que o marcara lhe tivesse trazido toda uma nova vida.

Minuto após minuto, numa lentidão propositada, aqueles homens torturaram o jovem que jazia diante deles. Em vão lhe abriram novas chagas no corpo quase infantil, em vão o ameaçaram de morte, em vão o dilaceraram, na raiva impotente de não conseguirem vencê-lo.

Paulo não falaria; mesmo que lhes deixasse ficar a pele nas mãos endurecidas, mesmo que o mutilassem mais ainda.

Debruçado sobre aquele rosto exangue, admirando a coragem do soldado que o enfrentara, o oficial inimigo deu uma ordem rápida aos que o rodeavam. Depois, todos se afastaram, deixando Paulo só, na madrugada que se aproximava.

A morte não devia tardar muito para aquele, pensavam, e não valeria a pena perder tempo a desamarrá-lo.

★

Não poderia dizer quanto tempo estivera mergulhado naquele torpor que precede a morte, com o espírito envolto de funda névoa, querendo vir a si e sentindo que o corpo lhe recusava a mais pequena reacção. Quando finalmente abriu os olhos, o sol iluminava todo o local em que se encontrava e nem o mais pequeno ruído vinha quebrar o silêncio em torno. Pouco a pouco, num esforço desesperado de coordenar ideias, a sua mente reuniu todos os acontecimentos por que passara, desde algumas horas atrás.

Tentou erguer-se, mas tudo o que conseguiu foi aumentar as dores que lhe tolhiam os braços e o tronco. Enfraquecido pela falta de alimento, prostrado pela tortura a que fora submetido, Paulo deixou cair a cabeça e esperou que a morte viesse, sem revoltas nem desesperos, pensando apenas na sua missão falhada.

Assim o encontraram, mais tarde, os soldados que vinham em auxílio da companhia do tenente Castro.

E enquanto o libertavam e o estendiam na maca, depois de o terem tratado provisòriamente, só o pensamento nos seus camaradas, que esperavam ansiosamente aquele auxílio pelo qual ele não conseguira chamar, o dominava.

★

O ataque fora tão fulminante que o inimigo mal tivera tempo de desenhar uma defesa. Apanhados pela retaguarda, acossados pelos homens do tenente Castro, que redobraram de coragem, ao sentirem que os reforços tinham chegado, em breve depunham as armas, vendo a inutilidade de continuar a luta.

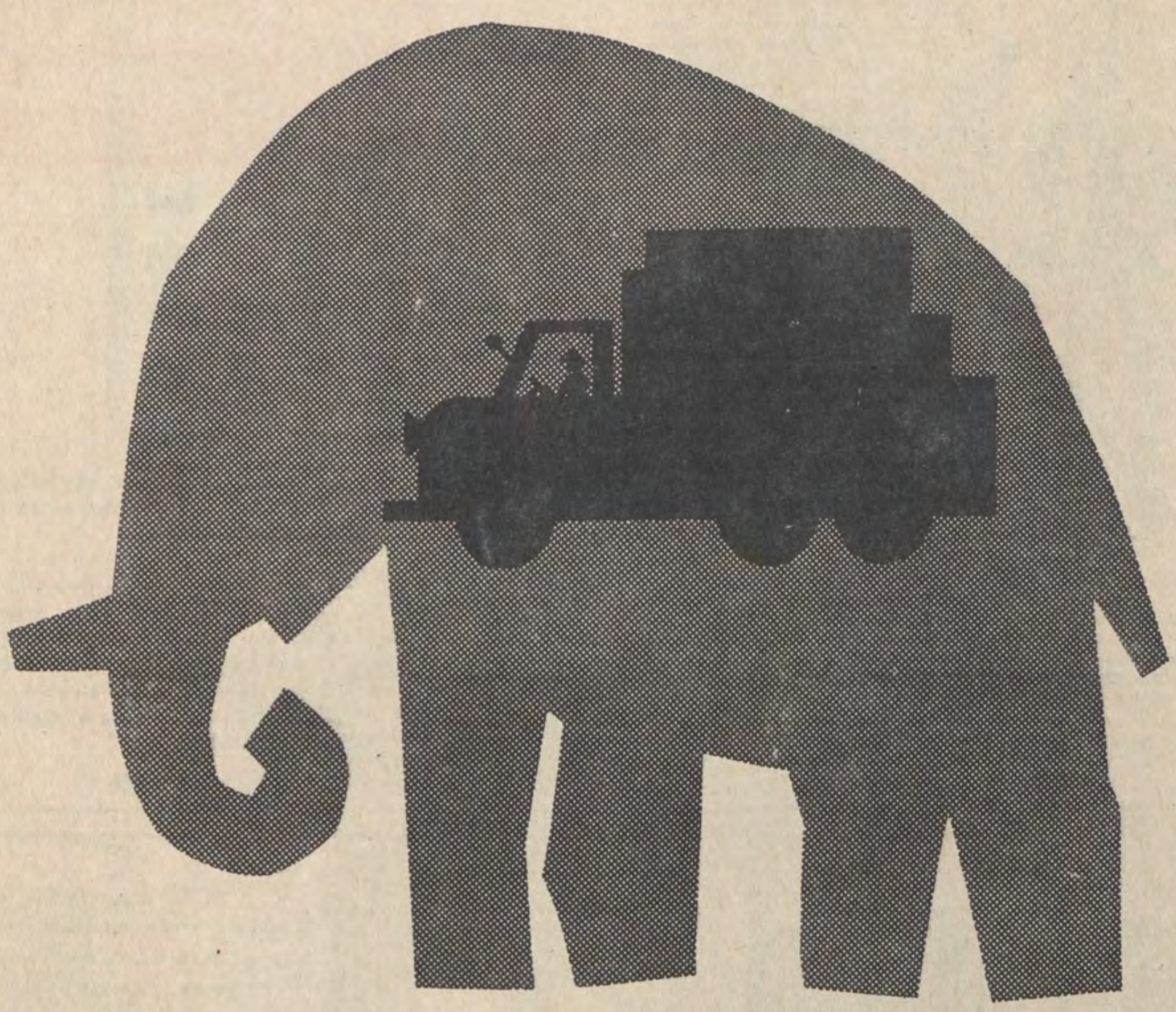
E todos eles, seguindo em direcção ao veículo que lhes fora destinado, puderam ver o rosto contraído do soldado Paulo, que, amparado por dois companheiros, indiferente à gravidade dos ferimentos que recebera, ali quisera estar, para lhes demonstrar que, quando existe coragem verdadeira, nenhum método a pode quebrar.

Coragem verdadeira! E a atestá-la lhe ficou presa no peito, na farda que encobria as suas gloriosas cicatrizes, a mais alta condecoração da pátria que tanto amava.

PORTUGAL—BÉLGICA

(Continuação da pág. 24)

No primeiro jogo foi a defesa que comprometeu as nossas legítimas aspirações e no segundo foi o ataque que não teve talento para abrir brecha no sistema defensivo belga. Desta forma, embora tècnicamente superiores ao nosso adversário, fomos eliminados e inibidos de comparecer na fase final, onde já vinha sendo habitual a nossa presença.



força e resistência

Para transportar cargas enormes sem o mais ligeiro problema, o carro pesado de carga exige do seu motor diesel um rendimento completo e permanente.

SHELL ROTELLA OIL é a resposta adequada a tais condições de trabalho.

SHELL

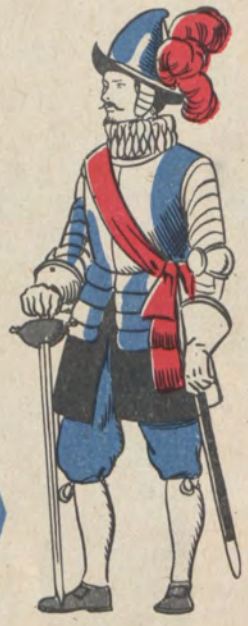
ROTELLA oil

é único!

ESPINGARDEIRO: (Séc. XVI) — Soldado das «companhias de ordenanças» que combateram contra os invasores na Índia, África e Brasil. Iam servir por contrato, armando-se e equipando-se pelos seus próprios meios. Os que serviam na Armada eram alistados pelos capitães que lhes davam uma ajuda de custo para se manterem. Eram armados com a primitiva espingarda de «morrão», espada e punhal. Na cabeça, morrião emplumado. Usavam véstias garridas, muitas vezes apanhadas nos acasos da guerra. Foram os homens de Salvador Correia de Sá e doutros capitães da reconquista.

OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO

Abastecedora das Forças Armadas



NOBRE-OFICIAL: (Séc. XVII) — Denominação dada aos nobres que exerciam lugares de comando nas «companhias de gente de cavalo e de pé», os quais, normalmente, compravam a sua patente. Exerciam as funções de «capitães-mores», «sargentos-mores» e «capitães», por eleição das Câmaras que tratavam dos alistamentos. Habitualmente montados, usavam couraça completa com braçais e morrião emplumado, além de espada e pistolas de arção. Como distintivo hierárquico tinham a tradicional faixa carmesim.

LISBOA — CAMPO DE ST.ª CLARA
PORTO — RUA DA BOAVISTA

Secção comercial: venda a pronto pagamento e a prestações de artigos de vestuário e de utilidade doméstica. Oficinas de alfaiataria e fábrica de calçado.

MANUTENÇÃO MILITAR

Fundada em 1897

Órgão abastecedor das Forças Armadas em víveres, forragens, combustíveis e lubrificantes

Com fábricas de moagem
pão
massas
torrefacção
bolachas
comprimidos

SEDE EM LISBOA (BEATO)

SUCURSAIS EM CAXIAS, COIMBRA, ELVAS, ENTRONCAMENTO, ÉVORA, GUARDA, PORTO, RÉGUA E VISEU

MESSES DE OFICIAIS EM LISBOA, PORTO E CAXIAS

RIALTO
MDK &
ML-24-53
Na vanguarda graças às furgonetas VW
SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 74 - TELEF. 36 67 51 (7 LINHAS)

MARÇO						
D.	•	6	13	20	27	•
S.	•	7	14	21	28	•
T.	1	8	15	22	29	•
Q.	2	9	16	23	30	•
Q.	3	10	17	24	31	•
S.	4	11	18	25	•	•
S.	5	12	19	26	•	•

ABRIL						
D.	•	3	10	17	24	•
S.	•	4	11	18	25	•
T.	•	5	12	19	26	•
Q.	•	6	13	20	27	•
Q.	•	7	14	21	28	•
S.	1	8	15	22	29	•
S.	2	9	16	23	30	•

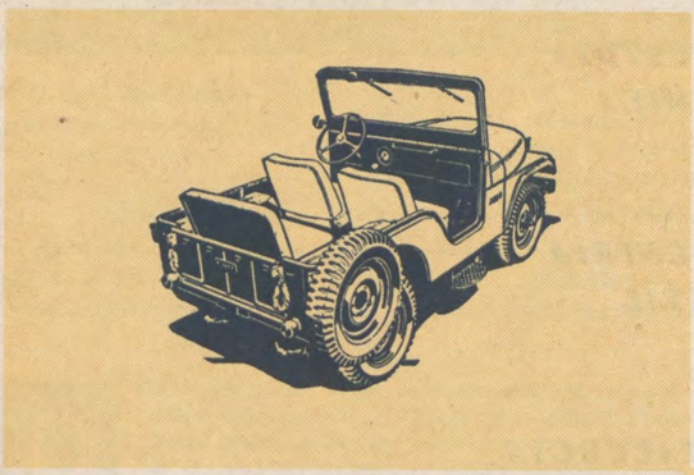
Jornal do EXÉRCITO

Abril 1960

a **SACOR**, empresa nacional, garante o abastecimento do exército português em combustíveis e lubrificantes

SACOR

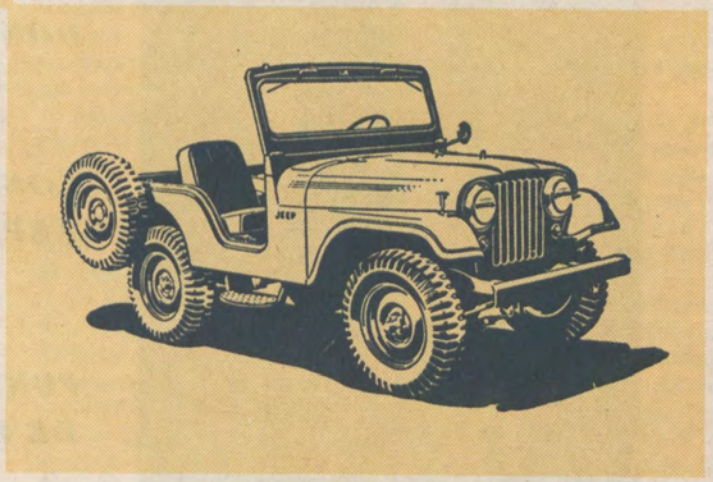
AO SERVIÇO DAS FORÇAS ARMADAS DE PORTUGAL



'Jeep'®

WILLYS

O Veículo para «todo-terreno» construído em maior número em todo o Mundo, e preferido pelos Serviços Armados devido à sua incomparável resistência e versatilidade de aplicação.

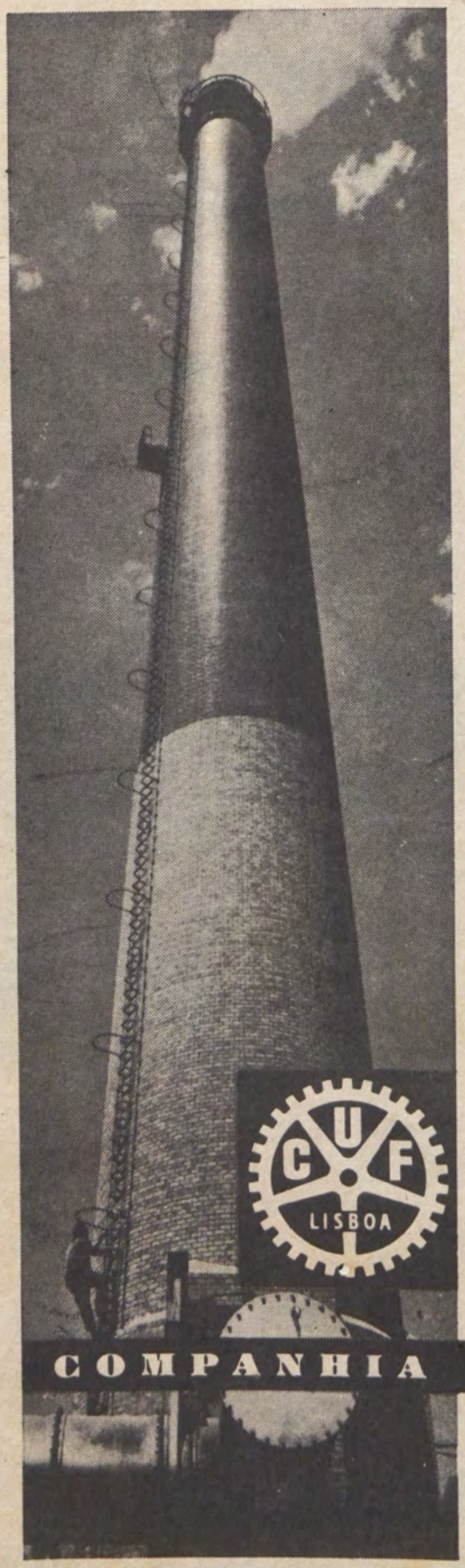


ÚNICOS REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES GERAIS

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, LDA.

(I C A L)

AV. DA LIBERDADE, 35, 1.º-LISBOA



INDÚSTRIA QUÍMICA

INDÚSTRIA TÊXTIL

METALURGIA DOS METAIS NÃO FERROSOS

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES NAVAIS

FUNDIÇÃO DE FERRO E AÇO

CONSTRUÇÕES METALO-MECÂNICAS

C U F LISBOA

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

RUA DO COMÉRCIO, 49 - TELEF. 30551 - LISBOA

Jornal do EXÉRCITO

ORGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Redacção e Administração
Rua da Escola Politécnica, 61, 2.º
Telef. 3 10 45

DIRECTOR E EDITOR
Brigadeiro DAVID DOS SANTOS
Chefe da Redacção — Major BALULA CID
PROPRIEDADE DO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Composição e impressão
CASA PORTUGUESA
R. Gáveas, 109 — Lisboa

Distribuição: Continente, Madeira, Açores, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Índia, Macau e Timor

ANO I — N.º 4 MENSÁRIO — ABRIL DE 1960 2 ESCUDOS

BALANÇO DO TRIMESTRE

DADOS que foram à luz da publicidade os três primeiros números do «JORNAL DO EXÉRCITO» ocorre perguntar se não teria chegado o momento de «fazer o ponto» no que respeita às perspectivas actuais e futuras da nossa Revista, às esperanças e anseios dos que a ela se deram, de corpo e alma, em ritmo febril, e à benévola e generosa expectativa dos militares e civis, que nela colaboram ou que, simplesmente, nela procuram um modesto instrumento de Cultura, Instrução e Recreio.

Em boa verdade eu creio que sim, até porque, dalgum modo, devemos manter em permanência o diálogo vivo do «Jornal» com o seu público, os seus Amigos e bem assim — porque não? — os seus críticos e detractores.

Ao lançar-se afadigadamente no cumprimento da sua missão, desprovida das luzes da mais pequena experiência, sem o avisado conselho dos técnicos, sem os primores de linguagem e de estilo do jornalista profissional, a equipa de trabalho do «JORNAL DO EXÉRCITO» não perdeu a esperança e a fé, tão forte era a confiança na generosa compreensão dos seus futuros leitores.

Fez bem em confiar.

Com efeito e não obstante todas as dificuldades inerentes a uma distribuição que enfermava de falta de medidas de coordenação indispensáveis, as reacções de todas as ordens surgiram prontamente. E desde logo ressaltaram, com clareza meridiana, os pontos fracos a que urgia dar pronto remédio. O mais frequentemente apontado, aliás de forma irrefutável, era o da má qualidade do papel.

Tal deficiência, se bem que pressentida logo em pleno trabalho de montagem do primeiro número, não era, porém, suprível por várias razões, entre as quais a do maior custo do papel de melhor qualidade.

E assim nos fixamos, por agora, no papel utilizado na impressão do terceiro número que, sendo ainda de fraca qualidade, melhor, porém, se coaduna com as disponibilidades das verbas exíguas de que poderemos dispor.

Quanto às críticas puramente destrutivas foram, como era de supor, prontamente relegadas para o cesto dos papéis velhos...

Não há dúvida de que o «Jornal» veio responder aos anseios evidentes de todo o Exército. Provam-no as dezenas de cartas de aplauso recebidas, em especial — convém registá-lo — as provenientes da Classe de Sargentos, o volume da colaboração voluntária de Oficiais, Sargentos e Praças e a massa de assinaturas recebidas, cerca de 6.500, entre as quais se sublinham regozijadamente as que respeitam à P. S. P., G. N. R. e L. P.

Devemos agora uma palavra de profundo agradecimento aos Homens Ilustres a cuja porta temos batido para dar honra, brilho e altura ao «JORNAL DO EXÉRCITO» com a sua preclara colaboração. Até agora nenhum deixou de aceder ao nosso apelo, não obstante se encontrarem, justamente porque pessoas da mais alta categoria intelectual da Nação, com múltiplos e pesados afazeres.

Já que tratamos de colaboração é preciso sublinhar, ainda, que o «JORNAL DO EXÉRCITO» procura desempenhar um papel no seio do Exército, que não pode nem deve interferir com o das Revistas Militares, necessàriamente especializadas, das Armas e dos Serviços. A estas está reservado o tratamento dos problemas dum tecnicismo esmerado e específico ao qual não é indiferente o domínio operacional ou logístico.

Àquele fica portanto reservado o papel de divulgação, da propaganda das excelências da profissão militar e das suas prementes responsabilidades na hora incerta que atravessamos, tudo com o objectivo de interessar a Nação, ajudando-a a compreender os nossos problemas, os nossos anseios, as nossas alegrias e os sacrifícios de toda a ordem para os quais não podemos deixar de estar preparados.

As actividades decorrentes desta situação devem, para tal efeito, ser encaradas sempre duma forma leve e sugestiva, a um tempo dinâmica e prenhe de objectividade. E é aqui, neste ponto crucial da objectividade, que reside, afinal, o aspecto mais difícil da concretização das actividades do «JORNAL DO EXÉRCITO».

Sem qualquer espécie de melindre já afirmámos antes que os graus de cultura e de formação dos leitores da nossa Revista são díspares. E por tal razão, um artigo ou trabalho, excelente apenas para um sector restrito, não pode paradoxalmente interessar à REDACÇÃO... nem à grande massa dos leitores.

São evidentes, pois, as dificuldades de selecção dos contributos de toda a espécie que afluem ao «JORNAL». Um grande número deles não poderá ser publicado justamente porque se corre o risco de, a pouco e pouco, o entusiasmo arrefecer e de, em seu lugar, surgir o gelo, o desinteresse e a indiferença...

Por força destas dificuldades é previsível que se cometam injustiças mútuas. Da parte do «JORNAL DO EXÉRCITO» ao emitir um juízo não ajustado sobre determinada colaboração. Da parte desta ao considerar iníqua uma decisão que a eliminou ou consentiu.

Como quer que seja, o Director do Jornal aproveita esta oportunidade para reafirmar que é ele o único responsável por tudo quanto no Jornal se faz ou deixa de fazer, tão certo é que — portas adentro da Redacção — continua, sem qualquer prémio ou galardão, nomeadamente de ordem material, no pleno exercício de funções específicas do Serviço de Pessoal.

DAVID DOS SANTOS
Brigadeiro

O SERVIÇO DE SAÚDE MILITAR (II)

pelo tenente-coronel médico PENHA COUTINHO

PARA cumprir a missão fundamental, que lhe é atribuída, da manutenção dos efectivos, não se limita o Serviço de Saúde a tratar dos feridos e doentes. Embora menos espectacular e emocionante sob o ponto de vista humanitário, e talvez por isso mesmo menos conhecida e apreciada, a prevenção das doenças representa, dentro daquela missão, um papel ainda mais importante.

Com efeito, em todas as guerras até aos fins do século passado se verificou que o número de mortos por doença era 4 a 5 vezes superior ao dos mortos por ferimentos. Esboçada na guerra franco-prussiana de 1870, a aplicação dos princípios da higiene e medicina preventiva à medicina militar em campanha veio a ter o seu primeiro e espectacular triunfo na guerra russo-japonesa (1904-1905); o exército japonês, mercê de uma organização sanitária actualizada e perfeita, conseguiu inverter a proporção até aí habitual, pois no fim da campanha a respectiva estatística apresentava 1 morto por doença por cada 4 mortos em combate.

A guerra de 1914-1918 não fez senão confirmar a enorme importância deste sector de actividades do Serviço de Saúde. Mas a sua verdadeira consagração fê-la a campanha italiana na Etiópia, de 1935-1936, que foi, sob o ponto de vista sanitário, uma verdadeira obra-prima de preparação e execução. A campanha foi precedida de um reconhecimento sanitário extremamente cuidado da zona onde iam desenrolar-se as operações e de um estudo minucioso da alimentação do soldado em campanha, fardamento, equipamento, abastecimento de víveres frescos, de carne, de água potável, de gelo, etc., ao mesmo tempo que o pessoal sanitário, tanto médico como de enfermagem, era adestrado em cursos especiais. A compensação foi, realmente, prodigiosa. Apesar das operações se terem desenrolado numa região eminentemente desfavorável, quer sob o ponto de vista climático, quer sob o aspecto sanitário, a morbilidade total e a mortalidade por doenças foram inferiores às das tropas aquarteladas na Itália! Segundo as estatísticas das anteriores guerras coloniais em que foram empregadas principalmente tropas brancas, o Exército Italiano deveria ter contado mais de 20.000 mortos por doença; pois bem, contou apenas, e de facto, 516.

Não é fácil encontrar argumentos mais convincentes para demonstrar a importância da educação sanitária das tropas e obter a sua cooperação voluntária na prática dos preceitos higiénicos e de medicina preventiva, cuja instrução e aplicação tantas e tantas vezes são olhadas com enfado, quando não com mal disfarçada zombaria. Evidentemente, uma tal educação sanitária não pode improvisar-se em campanha. Ela deverá iniciar-se desde a entrada nas fileiras, com interesse, com persistência, com paciência.

E temos assim uma das missões que, em tempo de paz, compete ao Serviço de Saúde: a da instrução sanitária das tropas de todas as Armas e Serviços. Ouso dizer que nem sempre se lhe confere a importância que merece. Seja por carência de pessoal instrutor idóneo, seja pelo baixo nível de instrução de muitos dos encorporados, seja pelo carácter quase exclusivamente teórico dos ensinamentos ministrados, o que a torna, possìvelmente, um tanto monótona e falha de interesse para a maior parte dos instruendos, o que parece certo é que não ocupa na instrução geral do soldado o lugar a que tem jus. Da sua importância prática em campanha, já vimos um exemplo bem elucidativo. Mas há ainda a considerar a utilidade indiscutível que esses ensinamentos virão a ter mais tarde, quando, terminada a obrigação do serviço, o soldado regressar à sua aldeia; nesse ponto, a grande escola que para todos constitui a vida militar é verdadeiramente insubstituível, pois normalmente não voltará a ter outra ocasião de ouvir falar nesses assuntos. E se conseguirmos compenetrá-lo do seu interesse e importância, o que aprendeu não deixará de ter utilidade para a causa comum da saúde pública.

Um lugar à parte deve ser reservado à instrução do pessoal do Serviço de Saúde. Este pessoal não se improvisa. Quer se trate de médicos, quer de enfermeiros, o pessoal leva anos a formar, pois trata-se duma verdadeira especialização que exige, além dos conhecimentos técnicos pròpriamente ditos, cada vez mais extensos e complexos, certos conhecimentos militares e uma ética profissional que só se adquirem através dum contacto prolongado com as tropas.

A observação e tratamento dos doentes militares é outro capítulo das atribuições do Serviço. Quer seja feita nos Hospitais Militares, quer na revista de saúde das Unidades, exige devoção, um agudo senso crítico e extraordinário bom senso, pois a clínica militar tem exigências especiais que resultam dos condicionamentos postos pelas necessidades do serviço e pelas leis e regulamentos militares, e da psicologia especial dos doentes. Liga-se-lhe a assistência domiciliária aos militares e suas famílias.

Um capítulo particularmente ingrato, e tantas vezes mal compreendido, das actividades do médico militar é o que diz respeito à sua intervenção nas operações de recrutamento, como seleccionador dos mancebos recenseados; o funcionamento das Juntas Hospitalares cria também aos médicos militares, com frequência, situações em que tem de usar da maior ponderação e apurado critério para procurar harmonizar os direitos e legítimas conveniências individuais com os superiores interesses do Estado.

Não ficam por aqui as actividades do pessoal sanitário em tempo de paz. Mal acaba de ser encorporado, o recruta é novamente observado para avaliar do seu estado sanitário actual e despistar quaisquer lesões ou doenças con-

(Continua na pág. 21)

CAMPO DE BATALHA

Naquela campina,
Onde as moitas esmagadas
Estão tristes,
Não há vida.
Terra amarga,
Revolvida
Pelas rodas dos carros de guerra;
Sem leivas,
Sem flores...
...Já não é terra.
Por ali passou o tropel da morte;
Por ali passaram aqueles
Para quem morrer
Ou viver
É questão de sorte,
Aqueles que dentro de si,
Têm amor, como os outros,
Têm esperanças, como os outros,
Têm ambições, como os outros,
Mas não têm medo da morte;
Aqueles que no peito têm algo que dar,
Que matam,
Porque matar
É fazer viver,
Que vivem e não querem morrer;
Aqueles que têm bandeira
E que não vacilam
Não tremem
Nem hesitam
Em a defender;
Aqueles que têm sempre mais
Para oferecer,
Que têm história,
Que têm glória;
Aqueles cujos pais
Foram heróis
Foram santos
Foram homens
Foram alguém com ideal.
...A terra já não está triste.
Por ali passaram
E lutaram
Os Soldados de Portugal.

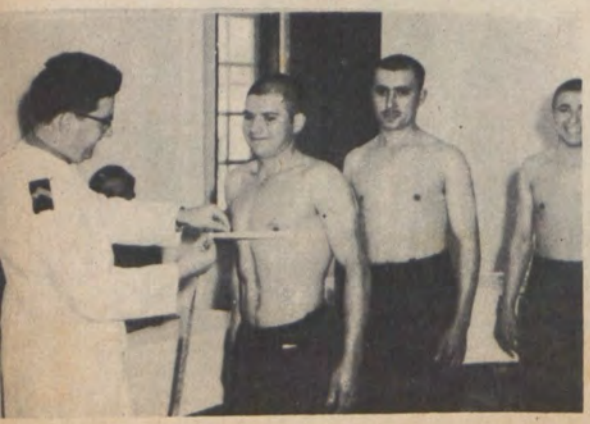
JOSÉ ALBERTO LOUREIRO DOS SANTOS
Tenente da E. P. A.

SEREI ASSIM NO FUTURO ?

(R. I. 10)

O PRIMEIRO DUCHE

(R. A. A. F.)



BOA «PEITAÇA» !

(R. C. 8)

NO REGIMENTO DE CAVALARIA N.º 6

ESPERANDO O COMBOIO

(R. A. A. F.)

NO BATALHÃO DE TRANSMISSÕES

NOVOS SOLDADOS DE PORTUGAL

SELECCIONANDO UM FUTURO TELEGRAFISTA
(R. I. 4)

DISTRIBUIÇÃO DE FARDAMENTO
(R. I. 4)

CORTE DELICADO...
(B. T.)

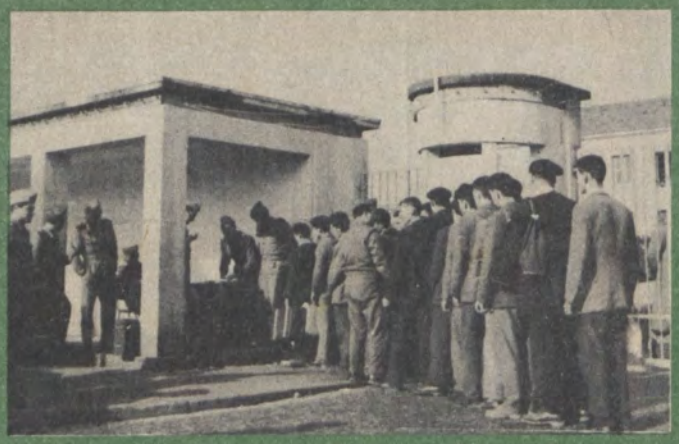
MEDIDA 42
(R. C. 6)

SEM RUGAS NO PEITO...
(R. I. 10)

OUTRA geração de jovens, possuidores das mais elevadas noções de honra e amor pátrio, envergou nos primeiros dias de Abril a farda do Exército Português. Uma recruta que se incorpora, passos ainda incertos de mancebos vindos de todos os recantos das nossas aldeias e serranias. Após meses de activa e consciente instrução, estes homens regressarão aos seus lares, mais altivos, confiantes, disciplinados, instruídos, aptos a manejarem armas, a defenderem Portugal onde e quando for preciso.

novos «Infantes de Viriato»

(R. I. 14)

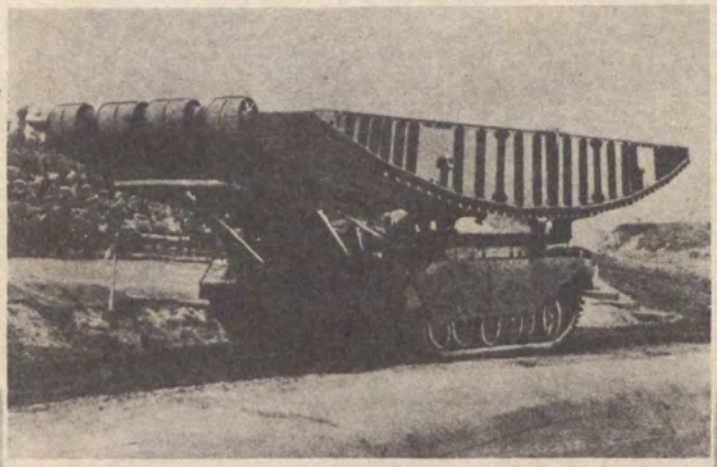


PELO MUNDO DA TÉCNICA

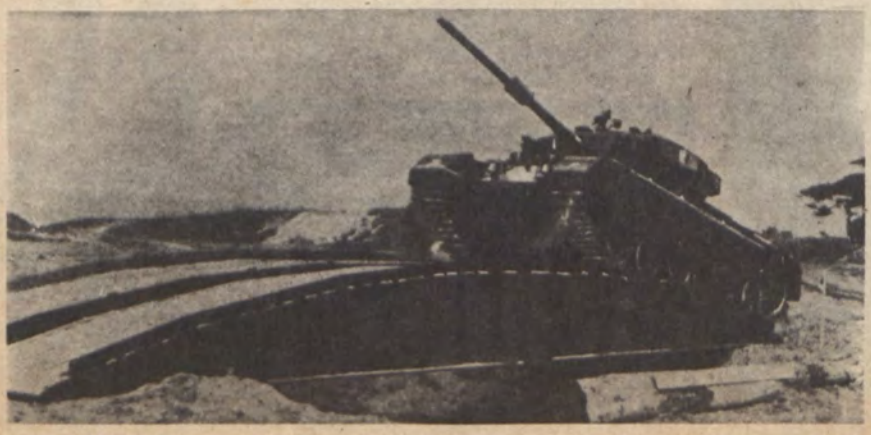
O Exército Britânico tem ao seu serviço uma ponte metálica que é transportada numa viatura blindada e que pode ser montada sobre um vão de 12 metros.

Trata-se do «assentador de pontes» **Centurion** de 49 ton, com um motor de 650 CV e uma tripulação de 2 homens.

A ponte tem cerca de 14 metros de comprimento e 4,5 metros de largura e suporta veículos até 80 ton.



O LANÇA PONTES «CENTURIAN»



Em cima: A ponte descreve um arco de 180° até ficar colocada em posição. A operação de assentamento demora, apenas, 3 minutos.

Em baixo: O vão deixou de ser um obstáculo.

A ponte é manejada por um guincho manobrado sob a protecção da blindagem do veículo.

NOTICIÁRIO

ESTÁTUA de Bartolomeu Dias, oferecida pelo Governo Português à União Sul-Africana, provisòriamente colocada num jardim público da cidade do Cabo. Foi descerrada no dia 12 de Março, pelo Embaixador de Portugal na presença do Primeiro-Ministro, do Ministro dos Negócios Estrangeiros e doutros elementos oficiais. À cerimónia, compareceram numerosos representantes da colónia portuguesa naquela cidade.

ESTÁTUA DE BARTOLOMEU DIAS NA CIDADE DO CABO

●

O Sr. Ministro da Defesa, acompanhado dos Srs. Ministro e Subsecretário de Estado do Exército, visitou no dia 22 de Março passado o Acampamento de Instrução das Companhias de Caçadores do B. C. 5, na região de Sintra.

● Prosseguindo nas visitas às Unidades Militares deslocou-se, na última semana de Março, à 3.ª R. M., o Sr. Ministro do Exército que se fazia acompanhar do Sr. Gen. Correia Guedes, Ajudante General do Exército. No dia 23 deslocou-se para Tomar tendo sido recebido, junto do edifício do Q. G., pelo Comandante da Região Sr. Gen. Meira e Cruz, 2.º Comandante Brig. Duarte Marques, 2.º Comandante da 3.ª Div. Brig. Pires Barata, Comandante da Art. Div. Brig. Tassara Machado e oficiais ali em serviço.

VISITA ÀS UNIDADES MILITARES

O adido militar alemão no B. I. I. 19

Depois de receber os cumprimentos de boas-vindas, na Sala dos Generais do Q. G., o Ministro do Exército agradeceu e expôs os motivos da sua visita à 3.ª R. M., visita que considerou de estudo e de trabalho para análise «in loco» dos problemas das Unidades.

Acompanhado do Comandante da Região e dos oficiais da sua comitiva, o Ministro deslocou-se no dia seguinte a Leiria onde visitou as Unidades militares da Guarnição — R. I. 7 e R. A. L. 4.

No dia 25, foram realizadas visitas aos Regimentos de Infantaria n.ºs 15 e 2 e ainda ao Q. G. da 3.ª Div. e ao C. I. M. de Santa Margarida. No dia seguinte deslocou-se a Penamacor onde visitou as instalações da 1.ª Companhia Disciplinar.

● O Sr. Subsecretário de Estado do Exército, acompanhado do Sr. General Luís Domingues, Governador Militar de Lisboa, visitou nos dias 28 e 31 de Março passado, os Regimentos de Infantaria 5, Destacamento do Forte do Alto do Duque e Regimento de Artilharia de Costa, em Oeiras, onde se realizaram reuniões de estudo de problemas de interesse para aquelas Unidades.

● No dia 17 de Março findo visitou o B. I. I. n.º 19, o Adido Militar Alemão, Tenente Coronel Peter von Lillienskiold.

Recebido pelos 1.º e 2.º Comandantes, respectivamente, Srs. Ten. Coronel Homem da Costa e Major Corte-Real, percorreu o Aquartelamento e assistiu a várias fases da Escola de Quadros.

O ilustre visitante registou no «Livro de Ouro» do Batalhão as seguintes palavras:

«Depois da minha visita ao Batalhão de Infantaria N.º 19, que me deixou bem impressionado, desejo aos Srs. Comandantes, Oficiais e a toda a Unidade, um futuro brilhante».

●

NO dia 24 do mês findo, foi inaugurado em Bolama um monumento ao General Ulisses Grant, Presidente dos Estados Unidos, que por sentença arbitral de 23 de Abril de 1870 reconheceu a Portugal o direito à posse da Ilha de Bolama e a uma porção de território do Continente fronteiro.

A intervenção, como árbitro, do Presidente dos Estados Unidos verificou-se após um longo período de disputas entre Portugal e a Inglaterra que, em 1860, chegou mesmo a proclamar a integração de Bolama na sua Colónia de Serra Leoa.

A controvérsia entre os dois países arrastou-se desde 1834 até 1868, data em que ambos decidiram submeter a questão a arbitragem imparcial.

O pedido foi formulado ao Presidente Grant, ficando acordado que a sentença deste seria «final e sem apelo.

A inauguração do monumento saldou, portanto, uma dívida de gratidão ao insigne Presidente. A cerimónia revestiu-se de grande solenidade, tendo-se deslocado propositadamente à Guiné o ilustre Embaixador Norte-Americano em Lisboa, Senhor Charles Elbrick, que presidiu ao importante acontecimento rodeado pelo Governador da Província e por todas as autoridades civis, militares e religiosas.

INAUGURAÇÃO EM BOLAMA DE UM MONUMENTO AO PRESIDENTE GRANT

O monumento a Ulisses Grant inaugurado em Bolama

O Senhor Embaixador Elbrick pronunciou um notável discurso no qual historiou os acontecimentos que levaram os dois países a recorrer à arbitragem do Presidente Grant, tendo-se referido a certa altura ao Infante D. Henrique nos seguintes termos:

«Neste ano o Mundo paga tributo ao Grande Navegador cujo

idealismo e incansável devoção ao estudo inspiraram e tornaram possível esta descoberta. Pode mesmo dizer-se que o Infante D. Henrique, contemplando o desafio do mar aberto da sua vila em Sagres, foi o verdadeiro descobridor do Novo Mundo e o pai da Idade Moderna. É a ele que toda a civilização ocidental, neste ano, paga um tributo comum de gratidão e honra.

●

VISITOU o nosso País, de 17 a 31 de Março, a convite do Estado-Maior do Exército, o Sr. General Floriano de Lima Brayner, Chefe do E. M. E. Brasileiro.

Esta visita constituiu mais um forte elo para o estreitamento

O Sr. General Lima Brayner visita o acampamento dos caçadores do B. C. 5

dos já profundos laços de amizade entre as Forças Armadas do Brasil e Portugal.

Nos breves dias em que foi hóspede do Exército Português, visitou diversas Unidades e Estabelecimentos Militares, sendo alvo, em todas as localidades por onde passou, de entusiásticas manifestações de apreço.

COMUNIDADE LUSO BRASILEIRA

Ao Sr. General Lima Brayner foram entregues pelo Chefe do Estado, Sr. Almirante Américo Tomás, as insígnias da Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis.

No dia da partida para Roma, de onde seguiu em visita de inspecção às Forças Brasileiras integradas na Força de Polícia Internacional das Nações Unidas, no Canal do Suez, momentos antes do embarque, o ilustre visitante fez as seguintes declarações:

«A visita a Portugal foi uma das fases mais agradáveis da minha vida militar e diplomática, pois tive oportunidade de privar de perto com o organismo militar de um país que, para nós, brasileiros, é um complemento da nossa própria pátria».

E prosseguindo:

«Impressionou-me particularmente a organização magnífica do ensino militar e do Instituto de Altos Estudos, cuja eficiência na formação de oficiais do Estado-Maior e preparação de Altos Comandos representa uma das fases mais avançadas do ensino militar moderno. Privei com certo número de militares, com a tropa e seus Estados-Maiores. Em tudo verifiquei o mesmo grau de eficiência, patriotismo, e perfeita noção das responsabilidades em Portugal».

Concluindo o Sr. general Brayner disse:

«Vi Portugal pela sua História e pelas suas tradições; vi de perto Sagres, Torres Vedras, Aljubarrota e muitas outras terras, e foi com emoção que depositei, em nome do Exército Brasileiro, uma palma de flores no túmulo do Soldado Desconhecido de Portugal, na Batalha. Parto para a minha nova missão moralmente reconfortado».

●

FALECEU, no dia 4 do corrente mês, o Sr. General Frederico da Costa Lopes da Silva, distinto oficial do nosso Exército que desempenhava desde Abril de 1958, o elevado cargo de Presidente do Supremo Tribunal Militar.

GENERAL LOPES DA SILVA

O ilustre extinto que durante a sua brilhante carreira militar prestou à Nação e ao Exército relevantes serviços, possuia entre outros os seguintes galardões: Grau de Grande Oficial das Ordens de Avis e de Cristo, a Comenda da Ordem de Mérito dos E. U. A., as Medalhas de Ouro de Comportamento Exemplar, de Serviços Distintos e de Mérito Militar de 1.ª Classe.

À família enlutada o «Jornal do Exército» apresenta a expressão do seu pesar.

ACOMPANHADO pelos Srs. Coronel Allison e Tenente-Coronel Ahern, visitou Lisboa entre 3 e 5 o Chefe do E. M. da Força Aérea dos E. U., General Thomas White.

• Visitou oficialmente o nosso país, o Sr. General Bethouhart, presidente do grupo de parlamentares da N. A. T. O.

• O Sr. General Ruffner, representante dos E. U. A., junto do grupo permanente da O. T. A. N. e da Comissão Militar do Pacto do Atlântico Norte, chegou a Lisboa no dia 5. No dia seguinte, de manhã, teve uma conferência com o Senhor Ministro da Defesa Nacional partindo de tarde para Paris.

ALTAS INDIVIDUALIDADES ESTRANGEIRAS

• Permaneceu em Portugal de 5 a 7 o Sr. John N. Irwin, Subsecretário da Defesa dos Estados Unidos da América do Norte, que se fazia acompanhar de várias individualidades, e que veio conferenciar com o Sr. Ministro da Defesa Nacional e outras entidades militares portuguesas e americanas.

• O Presidente Eisenhower aceitou o convite do Governo Português para visitar o nosso País em fins de Maio ou nos princípios de Julho.

Afirma-se em Washington que a presença do Presidente dos E. U. A. em Portugal será uma afirmação do muito respeito e amizade que o povo americano nutre pelo seu aliado na N.A.T.O.

• Segundo notícias da Imprensa, o Presidente Sukarno, da Indonésia, visitará Portugal e Cuba quando da sua viagem à volta do Mundo.

O General White passando revista à guarda de honra

●

CAMPO DE TIRO DE ALCOCHETE

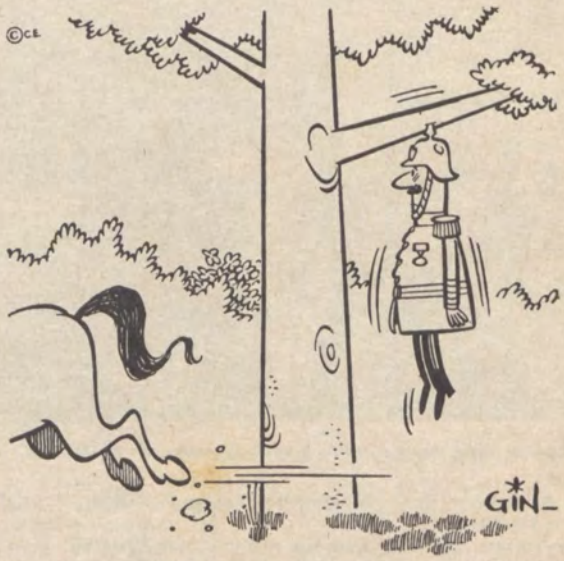
O Campo de Tiro de Alcochete recebeu no passado dia 29 de Março a visita de alguns Oficiais da E. P. A. e do C. P. O. S. A. (Artilharia) do I. A. E. M.

A visita dos Oficiais da E. P. A., obedeceu a um plano de intercâmbio e estreitamento de relações a todos os títulos interessante, dada as afinidades existentes entre os dois organismos. A missão dos Oficiais do C. P. O. S. A. está do antecedente incluída no plano do Curso, e destina-se a dar a conhecer aos futuros Majores, um órgão técnico de criação recente e de importância fundamental para a utilização dos materiais e das munições.

(Continua na pág. 32)

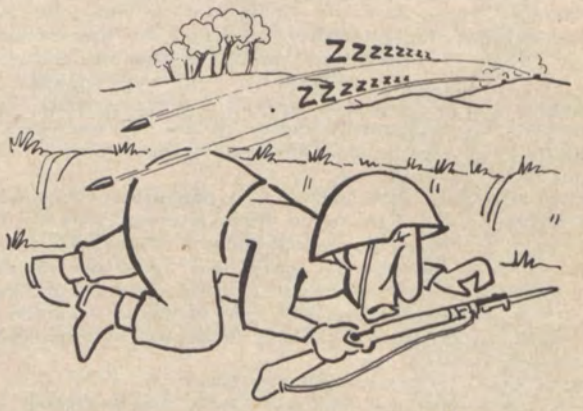
BOM HUMOR NA TROPA

— Abotoe essa farda. Não sabe que na tropa se tem de andar correctamente vestido?

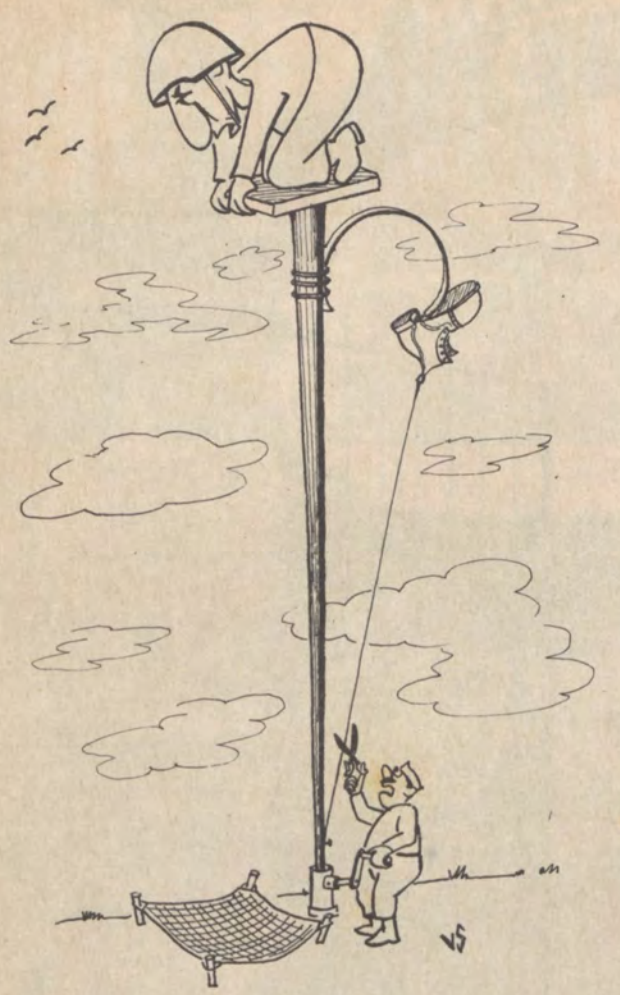


Sem palavras

— «Esqueceu-se de tirar a camuflagem do capacete, nas manobras do ano passado...».



Sem palavras

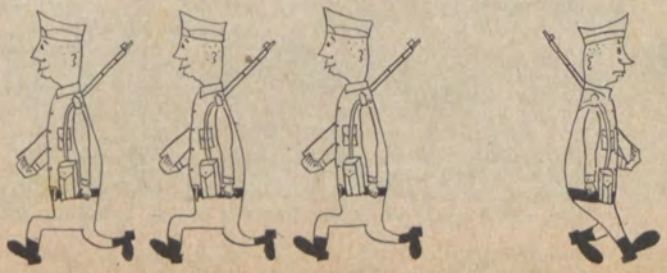


Pára-quedistas: para treinar os menos afoitos...

A sentinela e a chuva...

— Ó Eusébio, eu nunca te vi desfardado. Como é que ficas sem a farda?...
— Olha, filha, sem a farda, fico nu!

— ...e, agora, uma pitadinha de sal...



A mim ninguém diz o que se deve fazer.

ULTRAPASSADO em muitas das suas possibilidades, pelos meios motorizados, o cavalo continua intangível como elemento de formação moral e meio escolhido para a prática desportiva em todas as idades.

Ao Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos, pela sua Direcção de Equitação, cumpre manter, dentro de métodos e processos modernos, a tradição equestre militar portuguesa, transmitindo às novas gerações o fruto do passado e a força do entusiasmo sempre latente naqueles que pelo contacto e utilização do «nobre companheiro» procuram manter mais vivas e fortes as suas qualidades físicas e morais para desempenho da nobre missão militar.

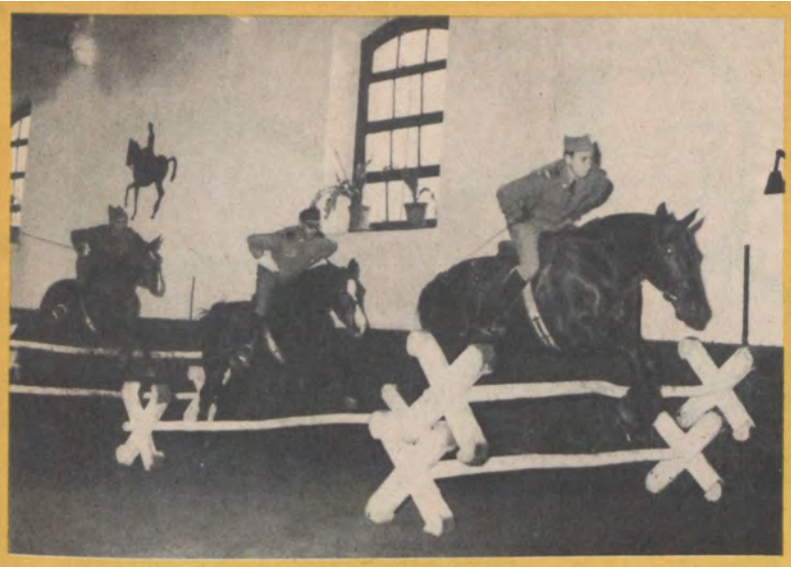
A nossa equitação militar ocupa em campo desportivo nacional e internacional um lugar de especial relevo.

A frequência dos cursos de equitação por elementos civis e estrangeiros, assim como as referências numerosas e dignificantes de revistas e destacadas personalidades de além-fronteiras, tanto às equipas militares como à «Escola de Mafra», são o testemunho mais eloquente do nível atingido desde há longos anos pelos cavaleiros militares portugueses, que inúmeras vezes têm recebido a honrosa missão de representar Portugal.

A Direcção do Ensino de Equitação reparte a sua actividade, como foi já referido em número anterior do «Jornal do Exército», em dois ramos distintos, correspondentes às suas duas secções. A 1.ª secção compreende em especial a preparação do cavaleiro, realizada pelo funcionamento dos Cursos de Instrutores e de Aperfeiçoamento, para oficiais, e do Curso de Monitores para sargentos. Assim se forma o pessoal docente para os Estabelecimentos Militares em que se ministra a instrução equestre e se mantém um escol de cavaleiros que permite a continuidade das representações militares.

A 2.ª secção destina-se ao desbaste, ensino e treino dos solípedes de sela adquiridos pelo Exército.

Tanto os cavalos de origem nacional, como os remontados no estrangeiro, recebem nesta secção os primeiros cuidados e tratamento. Aqueles que se destinam a montadas de desporto são distribuídos a partir dos 5 anos de idade, uma vez aclimatados e feito um juízo aproximado do seu valor. Os destinados a «praças» ou à fileira dos Estabelecimentos Militares de ensino, recebem um trabalho completo, que a partir dos 5 anos de idade permite a sua imediata utilização.



Por meio da instrução do cavaleiro e do ensino do cavalo forma-se o «conjunto» em que a vontade do homem domina e absorve a do «nobre bruto», desenvolvendo o hábito da determinação e iniciativa. O valor da prática equestre baseia-se na acção desse conjunto cavaleiro-cavalo que pode encaminhar-se...

no sentido da disciplina e arte... ou no desenvolvimento do desembaraço e vigor físico, dentro da técnica...

ou ainda na procura da emoção, do desconhecido e do perigo... que pode surgir em qualquer momento, com as inevitáveis consequências...

NAQUELE arrabalde da cidade, a rapaziada andava alvoroçada.

Era o dia das «sortes» e os moços tinham orgulho dos seus vinte anos esperançosos e sadios.

Os rostos queimados erguiam-se atrevidamente e os olhos fitavam as raparigas com mais arrojo, olhos triunfantes de quem atinge a maioridade e se julga apto para enfrentar a vida e colher a flor viçosa do amor.

Por toda a parte estralejava o foguetório. Grupos buliçosos com as tradicionais gaitas de foles e respectivo bombo, percorriam as ruas ensolaradas, dançando e cantando.

As cachopas espreitavam pelas janelas com sorrisos faceiros. Os velhos tinham sorrisos indulgentes, saudosos da mocidade que não voltaria mais. As mães suspiravam e murmuravam entre lágrimas:

— P'ra que as mães criam os filhos!...

Mas o ar era de festa, ar dos vinte anos dos rapazes do Terreiro.

Todavia, em casa do Januário Macieira corriam lágrimas. Casa modesta mas recheada do indispensável. Casa de gente que trabalha, gente honesta que vivia a cuidar da sua vida, sem atropelar a vida dos outros.

Só o António fugia à regra, mais parecendo bastardo com vícios alheios, do que filho legítimo do honrado Januário e da honesta Maria Engrácia, a flor das raparigas na sua mocidade e agora matrona respeitada pela sua vida de canseiras.

Mas não há bela sem senão. A senhora Maria Engrácia, apesar da sua energia e desejo de acertar, tinha um fraco: o seu filho mais velho, o Tonito, como ternamente lhe chamava.

O Tonito inspirara ternura desde a sua meninice com uma fragilidade inconcebível em filho de camponeses.

Uma excepção no lugar, aquele rapazito loiro e alvo como as filhas dos príncipes de que rezam as lendas.

O pai abanava a cabeça, desconsoladamente, não vendo modos de meter nas mãos daquele alfenim uma boa enxada ou rude picareta.

— O rapaz parece uma cachopa!... — resmungava o Januário quando lhe via os caracóis brilharem ao sol e os babeiritos curtos de menina rica.

— E mais lindo do que essas figuronas que se julgam uma grande coisa!... — respondia a Maria Engrácia.

— Oh! mulher, olha que o nosso mocinho tem de cavar a terra que os avós lhe deixaram se não quiser morrer de fome!...

— Não tens coração de pai, homem!... Então queres pôr o nosso filho junto dos labregos?... P'ra que são as libras que tens arrecadadas?!...

— P'ra nossa velhice!... Ou julgas que vamos ficar sempre nos trinta anos e o Tonito nos cinco?!...

— Não é nada disso!... Outros mais pobretões andam nos estudos!...

— O que se te meteu na cabeça!... Nem te lembras que daqui a dois meses vamos ter outro filho!...

— E daí?!...

— Daí a obrigação de dar o mesmo rumo a todos!...

— E se for rapariga?!...

— Pode também ser uma *lindeza* como o Tonito, ora esta!... E quantos rapazes poderão nascer!...

A senhora Engrácia estremeceu. Mas, confiante na boa estrela do rapazito, tratou de pedir à menina Luísa, prendada filha do tendeiro, para lhe ensinar a ler.

O Tonito era ladino. E se não fosse o mimo que o tolhia, talvez fixasse num instante as letras negras que o enfadavam.

Depois, a menina Luísa deixava-se também enternecer. Beijocava-o, adormecia-o ao colo e deixava-o roubar figos e rebuçados da loja do pai.

Quando o garoto chegou aos sete anos, sabia os nomes das letras e gritava-os ao ouvido da irmãzita, a pequena Luzia que nascera morena e de sobrolhos espessos como o pai. Este dizia a galhofar:

Jornal do EXÉRCITO

SUPLEMENTO AO N.º 4

HORA ALTA!

NAGAR-AVELI e DADRÁ, parcelas do Estado da Índia, são indiscutìvelmente portugueses!

Assim o reconheceu o Tribunal Internacional de Justiça na sua decisão final divulgada no dia 12 de Abril de 1960.

Decorreram meia dúzia de anos depois que, em Julho de 1954, alguns grupos armados, vindos do território indiano, invadiram e ocuparam os nossos territórios de DADRÁ e NAGAR-AVELI, impedindo ali o livre exercício da nossa Soberania.

Por tal motivo, procurou o Governo Português, através de demoradas e difíceis diligências junto do Governo da União Indiana, resolver o problema do acesso aos territórios dos enclaves, por forma a neles restabelecer a efectiva Soberania Nacional.

Alegava a União Indiana que Portugal não tinha nem nunca tivera, em qualquer momento da História, direito de trânsito entre Damão e os territórios sequestrados. Negava-nos até os direitos estabelecidos no tratado luso-marata de 1779, segundo o qual a PRAGANÃ DE NAGAR-AVELI era cedida à Coroa Portuguesa pelo Embaixador do Rei de Puna e, de igual modo, que tivéssemos, ulteriormente, adquirido aquela soberania por qualquer outro título.

Baldados todos os esforços, o Governo Português pediu, em Dezembro de 1955, a intervenção do Tribunal Internacional de Justiça para que se pronunciasse acerca do que entendíamos de nosso direito.

Após laboriosas e renhidas discussões, o Tribunal, composto de quinze juízes de diferentes nacionalidades, escolhidos pela Organização das Nações Unidas, consagrava a legitimidade da nossa posição, reconhecendo, sem reticências, a Soberania Portuguesa sobre os enclaves e o direito de acesso aos mesmos.

Decorridos todos estes anos, Portugal orgulha-se de ter dado ao Mundo exemplo dignificante duma resistência moral e duma incomparável serenidade, na defesa intransigente dos seus legítimos direitos.

Recorrendo por meios pacíficos à Lei Internacional, demonstrou de modo irrefutável que é possível às Nações a resolução dos seus diferendos pelo emprego da Força do Direito e não pela subordinação, hoje tão generalizada do Direito à Força.

FOI-NOS PRESTADA JUSTIÇA!

Na Haia, Portugal viu pùblicamente ratificados os seus legítimos direitos de soberania em relação aos territórios da Índia Portuguesa.

O Mundo ficou a saber que tínhamos razão.

E não é difícil de prever o aumento de prestígio, no consenso universal, que a douta decisão do Tribunal Internacional da Haia nos confere.

Hora alta de júbilo para todos os portugueses de Aquém e Além-mar que a vivem intensamente e que jamais a poderão esquecer.

Disto são testemunho fiel as grandiosas, espontâneas e entusiásticas manifestações ocorridas em todos os lugares onde palpita um coração de português.

Não foi em vão que portugueses de oiro, como Aniceto do Rosário e António Fernandes, verteram o seu sangue na defesa dos nossos sagrados direitos.

HONRA LHES SEJA!

O EXÉRCITO E A G. N. R.

PRESTAM HOMENAGEM A AFONSO DE ALBUQUERQUE E A VASCO DA GAMA

O EXÉRCITO e a GUARDA NACIONAL REPUBLICANA, comungando com a Nação neste período de exaltação patriótica, manifestaram na tarde do dia 19 de Abril os seus sentimentos de verdadeiro júbilo, prestando homenagem aos grandes Capitães da Índia e agradecendo ao Sr. Presidente da República a dignidade e a firmeza postas pelo Governo na defesa dos territórios portugueses situados na península hindustânica.

As forças do Exército concentraram-se junto do monumento a Afonso de Albuquerque. Por seu turno, as forças da G. N. R. postaram-se defronte do Mosteiro dos Jerónimos, onde repousam os restos mortais de Vasco da Gama.

Na Praça Afonso de Albuquerque, o Sr. Brigadeiro Barbieri Cardoso assumiu o Comando das forças em parada, as quais eram constituídas por formações da Academia Militar, Colégio Militar, Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército, R. I. 1, B. C. 5, R. A. L. 1, R. A. P. 1, R. A. A. F., R. A. C., C. I. A. A. C., R. L. 2, R. C. 7, R. E. 1, G. C. T. A., B. T., B. S. C. F. e E. P. A. M..

Compareceram os Oficiais-Generais em serviço na Metrópole, Comandantes das Unidades, antigos Comandantes Militares na Índia Portuguesa e em lugar destacado os Srs. Capitão Esgalhado, Tenentes Calapez e Almeida Franco e 1.os cabos Baeta e Silva Reis, condecorados por serviços distintos e actos de bravura praticados naqueles territórios portugueses.

Com todas as forças em continência, o Chefe do E. M. E., Sr. General Câmara Pina, depôs na base

do monumento a Afonso de Albuquerque um ramo de flores com fitas das cores nacionais.

Ouviram-se, então, o Hino do Exército e o Hino Nacional, e as forças em parada foram concentrar-se na Praça do Império, a fim de se prepararem para o desfile final perante o Chefe do Estado.

À mesma hora, o Comando-Geral e as Unidades de Lisboa da G. N. R. prestaram a sua homenagem a Vasco da Gama.

O Comandante-Geral, Sr. General Aníbal Vaz, depôs um ramo de flores no túmulo do grande navegador enquanto as forças em parada, um Batalhão de Infantaria e um Esquadrão de Cavalaria, prestaram a continência.

Terminadas as duas cerimónias, os Oficiais do Exército e da G. N. R. dirigiram-se para o Palácio de Belém, a fim de apresentarem cumprimentos ao Sr. Presidente da República.

O Sr. Almirante Américo Thomaz, acompanhado dos Srs. Ministros do Interior e do Exército e Subsecretário de Estado desta última pasta, recebeu os Oficiais do Exército e da G. N. R. a quem cumprimentou. Sua Ex.a cumprimentou, também, os dois 1.os cabos condecorados pelos altos serviços prestados na Índia Portuguesa.

O Ministro do Exército, Sr. Coronel ALMEIDA FERNANDES, proferiu o seguinte discurso:

«SENHOR Presidente da República. — Excelência:

Estamos aqui em representação do Exército para testemunhar pùblicamente, ao Chefe do Estado, a nossa grande satisfação pela justiça que acaba de ser feita a Portugal, no Tribunal Internacional da Haia.

Acompanha-me o General Chefe do Estado-Maior do Exército que traz consigo a mais alta e mais luzida representação do Exército, nomeadamente:

— O Vice-Chefe do E. M. E., o Ajudante-General e o Quartel-Mestre-General;

— O General Governador Militar de Lisboa com o seu E. Maior e os Comandantes de todas as Unidades do Governo Militar de Lisboa;

— Os Generais Comandantes de todas às Regiões Militares do Continente;

— O representante dos Comandantes Militares das Ilhas Adjacentes e de todas as Provincias Ultramarinas;

— Os Directores e Inspectores das Armas e dos Serviços;

— O Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da India;

— Antigos Comandantes Militares e Chefes do E. Maior da India;

— Finalmente, alguns oficiais e praças condecorados por feitos relevantes naquele território ou que ali sofreram ferimentos de guerra durante acções militares em que tomaram parte, no cumprimento do seu dever.

Como porta-voz do Exército Português, hoje na verdade aqui presente, cumpre-me manifestar ao mais alto Magistrado da Nação, nesta hora grande da vida nacional, o nosso profundo sentir pelo transcendente acto de justiça que o Tribunal da Haia acaba de praticar, confirmando internacionalmente o principio da unidade histórica da Nação Portuguesa e os direitos sobre as sagradas parcelas do seu território, espalhadas pelas partidas do Mundo.

Nós, militares, sentimos particularmente esta hora de júbilo da Nação, porque compartilhámos viva e directamente horas de anseio, durante as quais nunca perdemos a fé nos destinos da Pátria e montámos guarda vigilante.

É, por isso, com suprema satisfação que nos reunimos com o Chefe do Estado, militar ilustre da nossa Armada, que compartilhou dessas mesmas horas com elevação e firmeza, dando a todos nós um alto exemplo de serenidade e de confiança no futuro da Nação.

Aqui estamos, pois, para comemorarmos junto de Vossa Excelência, Senhor Presidente, esta hora de júbilo que tanto nos toca.

Para além da forte razão que nos assistia na causa em pleito, nós, militares, sentimos convictamente que o êxito alcançado por Portugal, na Haia, é devido acima de tudo ao génio político e à total dedicação do Senhor Presidente do Conselho ao interesse nacional. Soube ele mobilizar um conjunto de ilustres diplomatas e juristas que apaixonadamente e com o mais estrénuo patriotismo prestaram um relevante serviço à Nação.

A sentença da Haia é mais uma grande vitória da política internacional definida pelo Sr. Presidente do Conselho e que conduziu Portugal a uma posição de grande prestígio num Mundo em que os problemas do Ocidente, em relação aos outros continentes, encontram as maiores dificuldades em ser compreendidos, como os nossos agora o foram no mais alto organismo jurídico internacional.

Para o Senhor Presidente do Conselho vão assim as nossas respeitosas homenagens e o testemunho da nossa gratidão.

O êxito alcançado deve-se, sem dúvida, também ao clima de ordem e de paz que, nestes tempos difíceis, temos vivido na casa portuguesa.

Só com a Nação unida, fiel aos seus direitos históricos e com os olhos postos no futuro, foi possível marcar uma posição tão nobre e elevada, nos tempos conturbados do Mundo de hoje.

É este sentido de unidade de todos os verdadeiros portugueses, mais uma vez afirmado nas horas graves que atravessámos, que importa aqui apontar como grande exemplo a manter, visto que ele está na base da própria sobrevivência da Nação.

Finalmente, é justo destacar o alto serviço prestado na India, nos últimos anos, pelas Forças Armadas, na firme defesa da integridade dos nossos territórios, cabendo-me destacar a larga acção ali exercida pelo Exército.

Este, mais uma vez se mostrou um elemento indispensável e valioso ao serviço dos direitos indiscutíveis de Portugal, tendo desempenhado, além do mais, um trabalho inestimável na valorização e no progresso daqueles territórios.

É de proferir aqui uma saudação de homenagem aos milhares de soldados, muitos deles bem humildes, que, provindo de todas as parcelas do território nacional, serviram na India, nestes últimos anos, alguns dos quais se sacrificaram verdadeiramente pela Pátria.

Todos merecem a nossa gratidão.

Senhor Presidente, o sentido de unidade, de que há pouco falei, está hoje fortemente arreigado na alma de todos os militares.

O Exército continua, pois, eivado de um profundo e salutar sentimento de responsabilidade perante a Nação.

As próprias ameaças que sobre ela pairam, fazem penetrar mais profundamente no espírito dos militares o sagrado sentido da responsabilidade que neles recai na hora presente.

E foi, justamente, este sentido de responsabilidade que levou o Senhor General Chefe do Estado-Maior do Exército, ao dirigir-se hoje a Belém, a prestar uma significativa homenagem, em nome do Exército, à memória de Afonso de Albuquerque, esse grande português que nas terras da India se cobriu de glória, traçando algumas das grandes directrizes geopolíticas da Nação Portuguesa.

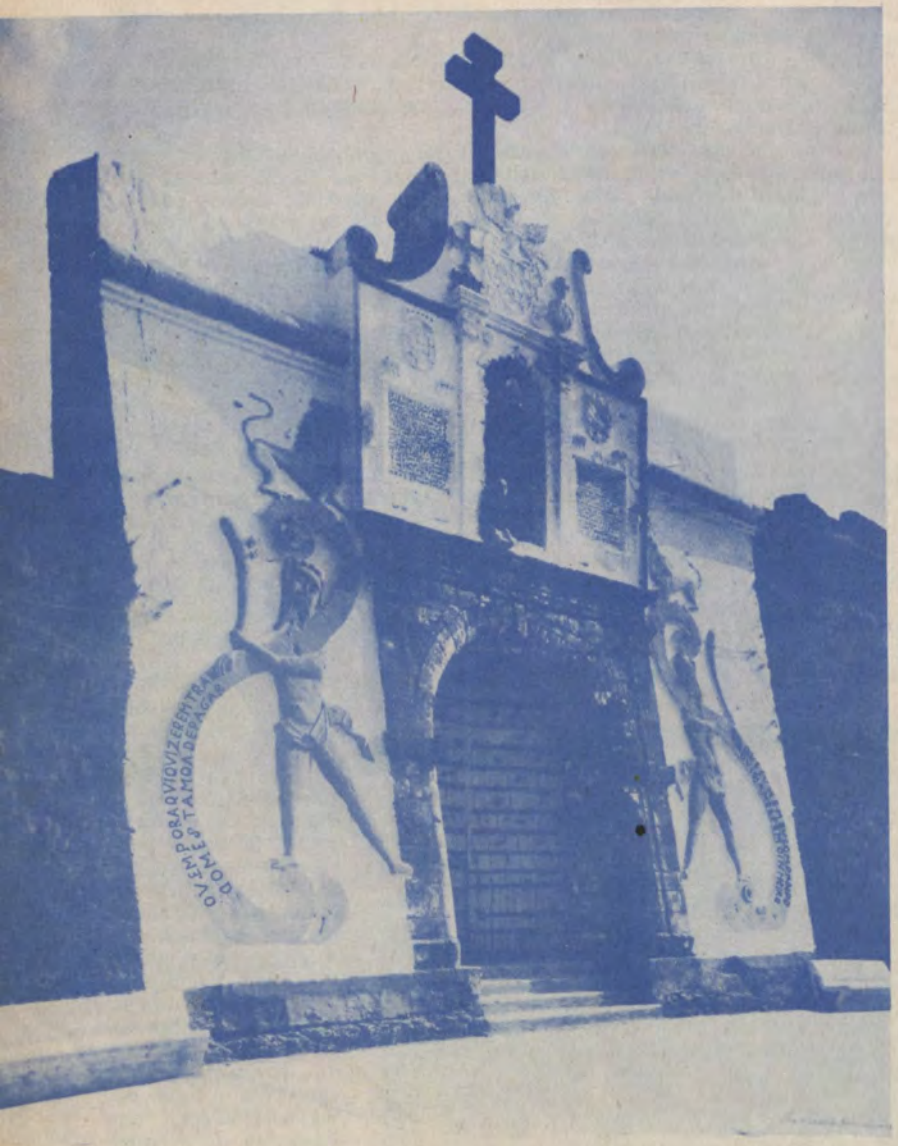
No momento em que comemoramos a figura e a obra do Infante D. Henrique, não é descabida uma homenagem singela do Exército a um dos mais brilhantes continuadores do genial plano e pensamento do Infante.

Se o Infante D. Henrique foi a força que, em Sagres, impeliu a Nação para os descobrimentos, rasgando os mistérios que então envolviam os mares, Afonso de Albuquerque foi o Chefe que assentou, na India, os alicerces da nossa política ultramarina e alguns dos princípios imperecíveis que ainda hoje a devem informar.

Nós, militares, presentes por toda a parte no território nacional espalhado pelo Mundo e com o bem arreigado sentimento da alta missão que aí estamos a cumprir, encontramo-nos em condições muito especiais para, em face do sucesso agora obtido pela Nação, afirmar e exaltar os grandes conceitos formulados por Afonso de Albuquerque e por outros Chefes que constituem para nós paradigmas de patriotismo e de altas virtudes militares.

Dá-me esta cerimónia, também a oportunidade de reafirmar pùblicamente perante Vossa Excelência, Senhor Presidente, que em quaisquer circunstâncias o Exército se manterá, unido aos seus Chefes, na defesa intransigente da unidade e da integridade da Nação.»

JORNAD



Portão da Fortaleza de Damão

Sua Ex.ª o Presidente da Repúbl

Perante o túmulo de S. Francisco Xavier

O G. M. L. em parada

A DE FÉ

ca assiste ao desfile militar

O soldado e a cruz: guardas avançadas da Pátria Portuguesa

A G. N. R. presta homenagem a Vasco da Gama

Junto ao Monumento de Albuquerque, os Generais de Portugal

FALOU a seguir, o Sr. General Luís da Câmara Pina, Chefe do E. M. E. que disse:

«Ex.mo Senhor Presidente da República:

O povo português vive dias de pura exaltação patriótica, justificada e intensa.

Sem repelir a emoção é, todavia, com ânimo sereno e espírito claro que vimos hoje aqui, na presença dos nossos Ministros, compartilhar com V. Ex.ª, Chefe Supremo das Forças Armadas, esta hora de júbilo — e render-lhe um preito de homenagem.

Significativamente, é no tempo da Páscoa, Páscoa quer dizer «passagem», que se dá o acontecimento festivo que nos reúne...

Senhor Presidente!

As Instituições Militares são instituições sociais fundamentais e os Exércitos, que delas derivam, garantes não só de um contorno político como da integridade de um estilo de vida.

Presentes na formação do Estado e construtores da Nação Portuguesa, os Exércitos são também no mundo actual os defensores da nossa cultura.

Na guerra fria ou na guerra a ferro e fogo têm pois a nobre missão de não deixarem desintegrar o Estado, de manterem coesa a estrutura social, de salvaguardarem a unidade da Pátria.

Intérpretes e fiadores das nossas grandes certezas, cabe-lhes a honra de serem grandes responsáveis perante a Nação.

Conscientes dessa responsabilidade e revestidos da autoridade que o desempenho das suas funções lhes confere, os generais em serviço no Ministério do Exército vêm junto de V. Ex.ª, senhor Presidente, afirmar-lhe a sua solidariedade e fazer mais uma vez profissão de fé nos destinos de Portugal.

Seja-nos permitido destacar, entre os mil combatentes pela nobre causa que temos a alegria de comemorar neste momento, o homem exemplar, o grande servidor da Nação Portuguesa, que denodadamente, devotadamente, abnegadamente, vai construindo um Portugal que, espero em Deus, há-de refulgir na hora meridiana da Civilização Cristã.

Salazar — o homem exemplar.

As ideias... «as fui beber às profundezas da consciência nacional», escreveu ele, e os princípios os tirou das «sãs, fecundas, tradições nacionais».

Homem de fé nos princípios, vive a aprofundá-los e a ser-lhes fiel dia após dia, no esforço de os incarnar no labor quotidiano, para deles deduzir o rumo e a actuação — e se houver momento de paragem ou hesitação, para de novo os meditar e continuar.

Governante, é-lhe dado influir em largos sectores da vida nacional, e o seu viver dentro dos princípios projecta-se nesses sectores e leva-os a agirem de acordo e em obediência a esses mesmos princípios fundamentais, mas agora conforme as características próprias e dentro da sua individualidade.

Português — de pés bem fincados na terra mas com a alma em permanente sonho e aspiração — não o há que vibre mais portuguêsmente e mais pronto esteja a sacrificar-se ou a exaltar o seu país.

De facto, é exemplo e lição a vida de Salazar.

Senhor Presidente!

Referiu-me um dia um senador brasileiro que, ao saber da agressão a Goa, em plena sessão do Senado, imediatamente se levantou e pediu a palavra, movido por um impulso irresistível de solidariedade para com Portugal.

Eu não conhecia a questão, contou, a notícia era pouco explícita e não discriminava bem as possessões portuguesas no Oriente.

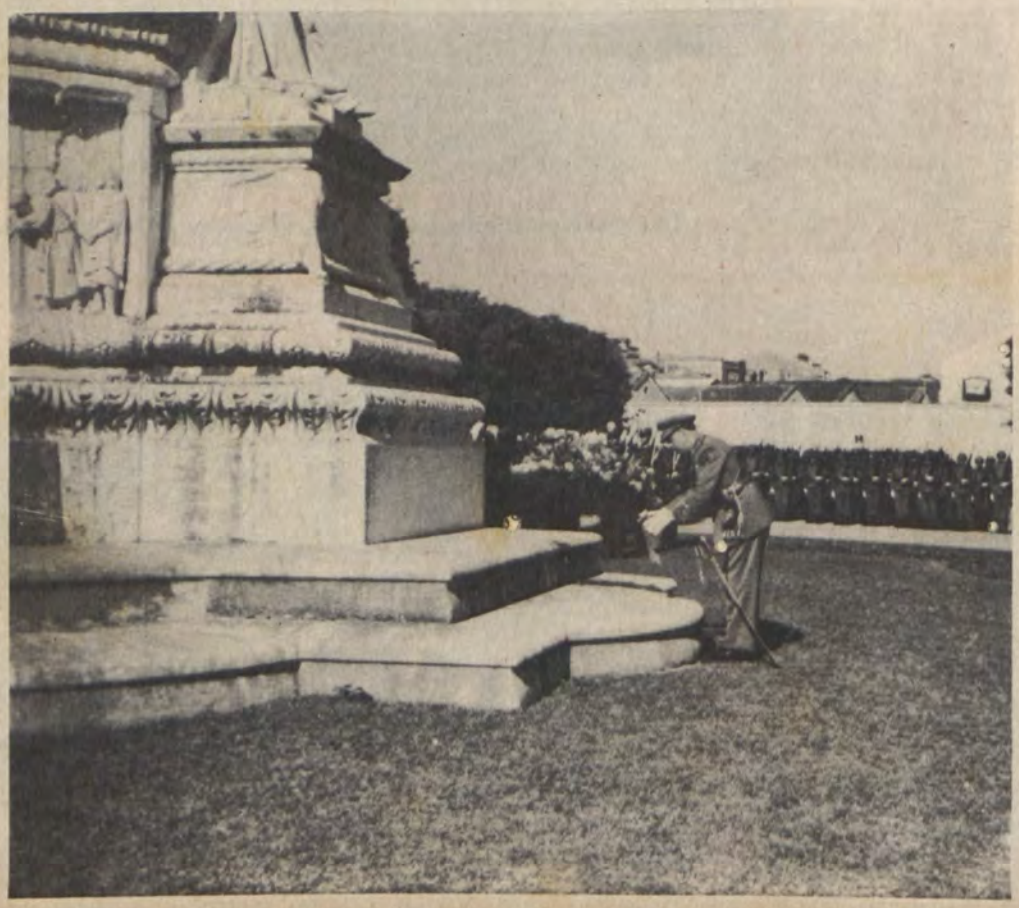
Passou-me porém na retina a imagem do meu avô, homem do Ribatejo, que talvez também não soubesse onde ficavam os territórios de Dadrá e Nagar-Aveli e eu vi-o a repelir a afronta: senti o que ele sentiria, reagi como ele reagiria, tive a certeza do que diria — e as palavras saíram-me em torrente e a Câmara votou o seu apoio a Portugal.

É esta, sem dúvida, uma prova das raízes comuns de Portugal e do Brasil, da existência e da vivência da Comunidade Luso-Brasileira, mas é-o também do direito que nos assistia, da justiça da nossa causa.

As nações vivem enquanto são capazes de responder vitoriosamente aos desafios que lhes lançam, enquanto acreditam nos seus valores e nos seus direitos essenciais, enquanto confiam no seu destino e continuadamente para ele trabalham.

Há posições que urge e cumpre defender, mesmo a partir de situações de inferioridade, posições que não podem abandonar-se, que impõem sacrifícios extremos — se estão em causa as verdades primeiras da nossa razão de ser.

Mas é sob o signo da confiança e da esperança, senhor Presidente, que neste dia prestamos, a V. Ex.ª e ao seu Governo, a mais grata homenagem do nosso respeito.»



O Chefe do Estado-Maior do Exército junto ao monumento a Afonso de Albuquerque

EM RESPOSTA AOS DISCURSOS QUE LHE FORAM DIRIGIDOS, O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA afirmou que muito o emocionara a presença ali dos Ministros e dos Oficiais, após a homenagem prestada pelo Exército e pela G. N. R. à memória dos vultos gigantescos dos heróicos capitães de Quinhentos, Afonso de Albuquerque e Vasco da Gama.

Confundem-se a História do Exército Português e a própria História de Portugal — salientou o Sr. Almirante Américo Thomaz, enaltecendo o sentido e o valor desse facto e recordando, além do Condestável D. Nun'Álvares Pereira, cujo 6.º Centenário do nascimento se vai comemorar no corrente ano, e Mouzinho de Albuquerque, todos quantos, através dos séculos, honraram o Exército Português.

O Chefe do Estado cumprimenta modestos heróis da India

Reportando-se ao motivo que trouxera os representantes do Exército e da G. N. R. à Presidência da República, o Chefe do Estado louvou a iniciativa das homenagens prestadas, que tão bem traduziram a vibração patriótica com que as Forças Armadas haviam recebido a notícia do reconhecimento dos direitos de Portugal na Índia por parte do Tribunal Internacional de Justiça, sentença que, na época difícil que o Mundo vive, e em que tantas vezes os interesses sobrelevam as razões de Justiça, ainda põe em maior evidência a razão que assistia ao nosso País no litígio julgado na Haia. Depois de acentuar que durante os anos em que a questão se debateu, sempre as Forças Armadas se mantiveram alerta na Índia Portuguesa, o que as tornava credoras da gratidão da Nação, o Sr. Presidente da República evocou a memória dos militares que sacrificaram a vida, tombando no campo do dever, em defesa da nossa Soberania.

Pena era — acrescentou o Chefe do Estado — que não tivesse sido possível ao Sr. Presidente do Conselho, grande obreiro da vitória da Haia, ali estar presente, para ouvir as palavras de justiça e de reconhecimento que lhe foram dirigidas. A sua persistência foi tão grande como a nossa razão.

A terminar, o Sr. Almirante Américo Thomaz declarou que jamais esqueceria a presença dos Oficiais, agradecendo as afirmações feitas pelos Srs. Ministro e Chefe do E. M. E., que haviam calado profundamente no seu coração.

Palavras proferidas pelo Sr. Ten.-Coronel do C. E. M. Marques de Andrade, chefe do E. M. das Forças Armadas do Estado da Índia, no dia 13 de Abril, a propósito da decisão do Tribunal da Haia:

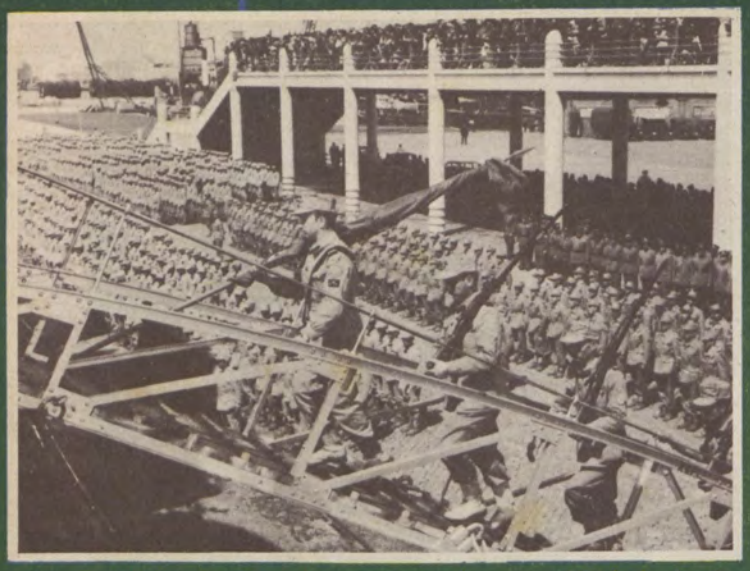
«Quando fui convidado a dizer algumas palavras aos microfones da Emissora Nacional, pensei que dissessem respeito às tropas que se encontram no Estado Português da Índia na sua honrosíssima missão de soberania, quer da Marinha, do Exército, da Polícia ou da Guarda Fiscal. Como Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas que se encontram naquele Estado gostaria, pois, de informar os radiouvintes da Emissora Nacional que o moral das nossas tropas é elevado, que todos sentem grande honra na elevada missão que ali estão a cumprir embora saudosos das noivas, das esposas, dos pais, dos amigos, enfim de todos quantos aqui deixaram na Metrópole ansiosos pelo seu regresso. Pensava que iria falar da grande obra que as Forças Armadas têm levado a cabo na Índia Portuguesa em todos os sectores da Administração e da vida dessa nossa província ultramarina tão querida. Na verdade nós vemos oficiais das nossas Forças Armadas na direcção ou chefia dos altos postos de Comando de Administração civil, nas empresas privadas, nos estabelecimentos de ensino secundário ou superior, nos clubes desportivos ou culturais etc., num afã constante de melhorarem o nível de vida de todos os portugueses das nossas gloriosas terras de Goa, Damão e Dio. As Forças Armadas colaboram activamente com o Governo-Geral da Província na mais transcendente missão que é a Governação.

A nossa Engenharia militar através da D. O. C. M. E. I., iniciais da Direcção de Obras do Comando Militar do Estado da Índia, ergueu por toda a parte quartéis lindos e higiénicos, messes para oficiais e sargentos, instalações para as guarnições dos postos fronteiriços, etc., que ficam a atestar uma era de progresso, de ensino e de estímulo na nossa província.

Nada disto me foi pedido e eu terei de dizer a minha opinião sobre a decisão do Tribunal Internacional de Justiça, com sede em Haia, saída hoje a lume e que encheu de justificada alegria e satisfação todos os portugueses. É que o bom-senso, a verdade e a justiça estiveram com as altas personalidades, com os meritíssimos juízes que tiveram de proferir tão importante sentença que virá a ter, sem dúvida, benéficas e extraordinárias repercussões internacionais não falando já na confirmação e na aprovação que ela nos trouxe da tese que Portugal defende há muito quanto aos nossos territórios metropolitanos e do ultramar que são uno e indivisíveis.

Tenho a certeza que todos os portugueses espalhados pelos cinco continentes e, especialmente, os portugueses de Goa, Damão e Dio, qualquer que seja a sua cor, raça ou religião devem ter rejubilado, devem ter sentido a mesma grande satisfação que encheu os corações dos portugueses metropolitanos. Essa mesma alegria devem ter sentido os nossos irmãos brasileiros que desde a primeira hora vibraram em uníssono connosco.

E agora só nos resta aguardar que a União Indiana interpretando bem o espírito da sentença do Tribunal Internacional de Justiça de Haia nos dê total razão de forma a que pacìficamente, conforme a ética defendida e preconizada por aquela Nação, possamos reiniciar tranquilamente a administração dos nossos territórios de Dadrá e Nagar-Aveli, na continuidade de quase cinco séculos de história no Estado Português da Índia.»



Um Batalhão de Caçadores vai render uma Unidade irmã

A caminho do dever

Missão cumprida: Soldados do Ultramar regressam da Índia

Um transporte de tropas larga para o Portugal do Oriente

O EXÉRCITO PORTUGUÊS, HOJE E SEMPRE, QUANDO PERIGA A SOBERANIA NACIONAL, RESPONDE: *PRESENTE!*

No peito dos bravos brilham as mais altas recompensas da Pátria agradecida

O MILITAR

Conto por MARIA ESPIÑAL

— Vieram trocados, mulher!... A cachopa tem cara de rapaz e o Tonito é uma rapariga chapada!...

A mulher não respondia, temendo a vinda do novo filho que esperava.

Passados uns meses nasceu mais um rapaz, negrusco e robusto, a que puseram o nome de Pedro. E após um intervalo de três anos veio ao mundo um casal de gémeos, engraçados como bonecos de feira, a quem baptizaram à pressa no receio que o fio de vida que os prendia ao mundo, se partisse. Mas não partiu. Vingaram, dependurados nos bicos dos peitos fortes da mãe.

A cachopita tinha os cabelos tom de cenoura. Ficou sendo a «Ruiva», embora a madrinha lhe pusesse o nome de Isabel. E o irmão, com farripas negras em carapinha, teve a alcunha de «Mulato», embora o prior o baptizasse com o nome de João Baptista.

— Aquela Maria Engrácia tem cada filho!... — murmuravam os camponeses, sorrindo. — Todos de raça diferente!...

— É o que tem de ser!... — respondiam as mulheres. — Mulher séria é ela!...

A Maria Engrácia amava todos os filhos, mas no fundo, no fundo, o Tonito era uma excepção, sempre delicado, bonito e caprichoso.

Os irmãos e as irmãs, fortes como bezerritos bem nascidos e bem aleitados, olhavam-no como um boneco em que não se podia tocar.

O Januário gritava à mulher:

— Deixa o fedelho fazer-se home, Engrácia!... Uns murros só lhe farão bem!...

— Oh! homem, que só dás maus conselhos!...

O Tonito aninhava-se sob as fraldas da mãe, preguiçoso e lambareiro. Os irmãos eram gulosos da broa e amigos de esgadanhar a terra.

A senhora Engrácia defendia aquele filho do braseiro do sol e das geadas. O garoto espirrava à mais leve arremetida de vento.

— Melado!... — gritavam os irmãos.

— Oh! mãe!... — berrava ele. — Estão a chamar-me *nomes*!...

— Anda cá!... — recomendava aquela dando-lhe vinho quente, açucarado.

O Tonito passou a ser Tónio quando rondou os vinte anos. Soletrava mal o seu nome, não podia com a enxada, mas perseguia as raparigas a quem a sua beleza de príncipe seduzia. E roubava dinheiro ao pai para *botar* figura.

O pai tentou zurzi-lo com o chicote. Foi o fim do mundo. A senhora Engrácia chorou, chorou, até que apanhou uma bofetada.

Da porta, os irmãos deitavam-lhe a língua de fora.

— Um dia mando-o prender!... — vociferou o Januário. — Tu, mulher, é que tens a culpa!... Fizeste do rapaz um mandrião sem vergonha de fazer dívidas em nome do pai e pôr má fama nas raparigas!...

A senhora Engrácia sentia-se culpada do mimo que dera àquele filho. Os irmãos aprenderam a ler, a escrever, a cavar a terra e a semeá-la. Eram úteis. Só o Tónio, o seu benjamim, lhe dava tantos desgostos, exigente na véstia e nos regalos da boca. Jogava as cartas nas tabernas e... pronto. Ainda assim tudo lhe perdoava menos aquela de fazer dívidas que não tencionava pagar e de ter medo dos latagões da sua terra.

Que vergonha!... Um filho seu, encolhido como as mulheres!...

— Não tarda a roubar!... — profetizou o marido. — Quem não trabalha, rouba!... Ninguém vive do ar!...

— Credo, homem!... Não me digas isso!...

Mas a sinistra profecia realizou-se. Passado um tempo o tendeiro viera dizer com modo solene de juiz:

— Sou seu amigo, Januário!... Por isso não quero a sua vergonha!...

— Que aconteceu?!... — perguntou o camponês, adivinhando coisa má.

— Não se apoquente!... Qu'isto fica entre nós! Apanhei o Tónio com a boca na botija!...

— Diga o que sucedeu!... — suplicou o Januário.

— O Tónio queria roubar-me!...

— Santo Deus!... Vou matá-lo!...

— Quedo, homem, esteja quedo!... A culpa é sua e de sua mulher!...

— Minha?!...

— Sim, homem!... Porque não lhe meteu uma enxada nas unhas?!... E não lhe rapou as melenas de mulher?!...

— Tem *rezão*!... Morro de vergonha!...

— Qual o quê!... Quem não tem que se lhe diga?!...

— Que hei-de fazer àquele maroto?!...

— Peça a Deus que lhe fique apurado nas «sortes»!... Na tropa vai fazer-se um homem!...

A senhora Maria gritou e arrepelou-se quando o seu Januário se atirou ao filho, berrando:

— Ladrão!...

— Veja como fala!... — ameaçou o rapaz, fazendo-lhe frente.

O pai assentou-lhe um fueiro nas costas. Os irmãos gritaram. A vizinhança acudiu.

Desde esse dia as lágrimas da senhora Engrácia não mais secaram nos seus olhos amedrontados. Via-se ante dois perigos: o apuro do filho nas «sortes», ou um futuro negro. Não podia escolher. Ver o filho na cadeia, ou vê-lo a marchar sob o peso da mochila, ao sol ardente, era quase a mesma coisa. Ele aguentaria lá caminhadas de léguas com botifarras pesadonas!...

Aquele seu homem não pedir a ninguém que o livrasse daquela maldição e não lhe perdoar uma garotice própria dos seus verdes anos!...

O Tónio aprontara-se para se juntar aos outros rapazes. Entusiasmado com o aparato, erguia a cabeça e endireitava os ombros sentindo fitos em si os olhares das moças da terra que aguardavam os «apurados» com flores desfolhadas em açafates para lhes atirar.

Ficar apurado era sinal de saúde, de força e bom sangue. Os «livres» imiscuíam-se entre aqueles para receberem as devidas homenagens.

O Tónio ficou apurado, apuradíssimo. A mãe ganhou alento quando ele repetira as palavras do médico: — Que bela estampa de moço! — O pai rejubilou e os irmãos fitaram-no com respeito pela primeira vez.

★

Naquela noite frigidíssima de Dezembro a senhora Engrácia enxugava as lágrimas ao avental, murmurando com desespero:

— É a primeira vez que me falta um filho na ceia da consoada!...

O marido escutava-a em silêncio na certeza que àquelas palavras outras se seguiriam, culpando-o daquele desgosto.

— Sim... — continuava ela — a culpa é tua, homem!... Não quiseste livrar o nosso filho!... Não pediste...

— Pedir o quê, mulher?!... Não me amofines!...

— Não tens coração!... O meu filho, tão bom e tão fraco, naquela vida ruim!...

— Cala essa boca!... Não pedi?!... Se eu não me ajoelhasse aos pés do Major F... e o nosso prior não fizesse o mesmo, ninguém o arrancaria da cadeia!... O que ele tem feito!...

— Ora!... Fugiu!... E fugiu porquê?!... Porque o tratavam mal e o obrigavam a arriscar a pele por causa dos homens terem raiva uns aos outros!

— Fugiu porque era malandro!.. E olha que a bandeira da Pátria deve respeitar-se!..

— Um farrapo!...

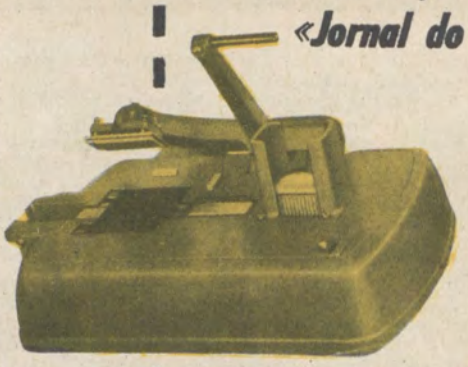
(Continua na pág. 28)

Vista Alegre

Uma tradição no FABRICO DE PORCELANAS

R. IVENS 19, • LISBOA
R. CÂNDIDO DOS REIS, 18 • PORTO

PREFERIDA NO SERVIÇO DO «Jornal do Exército»



A máquina de endereçar de robustez e eficiência inultrapassáveis, pronta na resolução definitiva de todos os serviços de endereçagem, listas, recibos, quotas, etc., etc.

ESTUDOS E ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSOS

LUSODEX, LDA. – RUA DA MISERICÓRDIA, 2-1.° – LISBOA
TELEF. 2 31 32 - 2 31 33

AG. NO NORTE – ARAÚJO & SOBRINHO, SUCS. – PORTO

CASA PORTUGUESA

ARTES GRÁFICAS

RUA DAS GÁVEAS, 109 • TELEFS. 26108 / 27817 / 32286 • LISBOA

A ORDEM DO EXÉRCITO DIZ...

DETERMINAÇÕES

— É criado o lugar de adido militar junto da Embaixada de Portugal em Pretória.

(O. E. n.º 9 — 1.ª Série — 31-12-1959)

— É facultada aos Sargentos e Furriéis naturais da Metrópole, embora recrutados e preparados nas Províncias Ultramarinas a possibilidade de serem transferidos para as Unidades da Metrópole se não houver inconveniente para o serviço.

(O E. n.º 6 — 3.ª Série — 28-2-1960)

CURSOS E ESTÁGIOS

— Tiveram início: — no dia 21 de Março findo no C. M. E. F. E. D., o **Curso Extraordinário de Monitores de Educação Física.**

— no dia 1 de Fevereiro passado, na E. P. E. o **Estágio de Construções e Instalações.**

(O. E. n.º 6 — 3.ª Série — 28-2-1960)

— no dia 10 de Março passado, na E. P. C. o **Estágio de Carros de Combate para Sargentos de Artilharia.**

(O. E. n.º 7 — 3.ª Série — 10-3-1960)

CONCURSOS

Estão abertos Concursos Ordinários:

— pelo espaço de 60 dias, com princípio em 2 de Março findo, para o provimento de 21 vagas de **oficiais médicos** do quadro permanente do Exército.

(O. E. n.º 4 — 2.ª Série — 16-3-1960)

— **para o posto de 1.º Sargento de Cavalaria.** As declarações dos candidatos devem ser entregues: a) — No Continente e Ilhas Adjacentes com a antecedência precisa de modo a entrarem no Q. G. do G. M. L., até ao dia 20 de Abril; b) — Nas Províncias Ultramarinas, na data que for fixada pelos respectivos Comandos Militares.

— para o posto de **Furriel do Q. P. do S. A. M.**

(O. E. n.º 6 — 3.ª Série — 28-2-1960)

— para o posto de **1.º Sargento do S. A. M.**. As declarações dos candidatos devem ser entregues: a) — No Continente e Ilhas Adjacentes com a antecedência precisa de modo a entrarem no Q. G. do G. M. L. até ao dia 12 de Maio; b) — Nas Províncias Ultramarinas, na data que for fixada pelos respectivos Comandos Militares.

(O. E. n.º 8 — 3.ª Série — 20-3-1960)

CONDECORAÇÕES

— Foi condecorado com a medalha de prata de **Serviços Distintos** o Ten. Mil.º de Art.ª Van Zeller.

Foram agraciados pelo Governo da República Federal Alemã: **Grã-Cruz de Mérito com estrela** — General Beleza Ferraz; **Grã-Cruz** — Coronel do C. E. M. Santos Paiva, **Cruz de Mérito de 1.ª Classe** — Major do C. E. M. Dias de Lemos.

— Foram agraciados pelo Governo da República dos E. U. Brasil com a **Medalha Marechal Trompowsky** — Brigadeiro Pereira de Castro e Capitães Mil.ºs de Infantaria Stott Howorth e Jesus Martins.

— Foram agraciados com os graus da **Ordem Militar de Avis** que lhes vão indicados:

Grande-Oficial — Coronel de Eng.ª Azevedo Batalha; **Oficial** — Capitão de Cavalaria, C. G. E. M. Tomás Correia.

— Foram agraciados com os graus da **Ordem Militar de Cristo** que lhes vão indicados:

Comendador — Coronel de Eng.ª (res.), Morais Júnior; **Cavaleiro** — Coronel de Inf.ª Tir. Amaro Romão.

— Foram condecorados com a **Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar** — General Valadares Tavares, Coronel de Art.ª Tasso de Figueiredo e Major de Cav.ª Valadas Júnior.

(O. E. n.º 3 — 2.ª Série — 1-3-1960)

— Foram condecorados com a **Medalha de Mérito Militar** das classes que lhes vão indicadas, os seguintes oficiais do Exército Brasileiro:

1.ª Classe — General Maggessi Pereira; **2.ª Classe** — Majores Silveira Fontes e Andrade Filho, Capitães Bramaury da Silva e Geise Ferrari.

— Foi agraciado pelo Governo Belga com a **Grã-Cruz da Coroa** — General Beleza Ferraz.

— Foi agraciado pelo Governo de Espanha com a **Cruz de 3.ª Classe do Mérito Militar** (com distintivo branco) — Coronel de Eng.ª do S. M. Oliveira de Macedo.

— Foi agraciado pelo Governo da República dos E. U. do Brasil, com a **Medalha Marechal Trompowsky** — Major de Inf.ª Nogueira de Freitas.

— Foi agraciado com o grau de **Comendador** da **Ordem Militar de Avis** — Major do Q. S. G. E. Martins Ramos.

— Foram condecorados com a **Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar** — Coronel de Eng.ª Ribeiro Viana; Ten.-Coronel de Art.ª Ramalho Fernandes; Capitães do Q. S. G. E. António Cardoso e na situação res. Santos Pinto; do ext. Q. P. M. (res.) Manuel Pires e Tenentes do Q. S. G. E. Armando da Silva e na sit, res. Mário Augusto.

(O. E. n.º 4 — 2.ª Série — 16-3-1960)

— Foram condecorados com a **Medalha de Ouro da Classe de Comportamento Exemplar** — 1.ºs Sargentos: Possante Rebelo, Morais Ceias, Luís dos Santos e Cipriano da Costa; 2.ºs Sargentos: Manuel da Silva, António Heitor, Pereira do Couto e Faria de Araújo.

(O. E. n.º 6 — 3.ª Série — 28-2-1960)

O SERVIÇO DE SAÚDE

(Continuação da Pág. 8)

traídas ou agravadas desde que foi recrutado; é mensurado a intervalos regulares para determinar a influência exercida pela instrução no seu desenvolvimento físico e robustez, devendo ser submetido a minuciosa observação sempre que se verifique uma influência desfavorável; é vacinado contra a varíola, infecções tifóides e tétano, sendo ainda submetido a outras vacinações quando se destinar a serviço no Ultramar; é-lhe determinado o grupo sanguíneo e feita uma micro-radiografia do tórax, esta última com o fim principal de despistar os casos de tuberculose pulmonar em início ou sem sintomatologia clínica; é preenchida a sua ficha sanitária, com todos os dados da observação clínica e bioautopromètrica, bem como os registos de vacinações, doenças, apresentações às Juntas Hospitalares, etc.; no caso de se destinar a certas especialidades podem tornar-se necessários exames clínicos complementares para avaliar a sua aptidão.

Devem ser ainda preocupações constantes dos médicos e enfermeiros militares a identificação precoce de qualquer caso de doença infecto-contagiosa e as medidas necessárias para impedir a sua difusão, a prática correcta da profilaxia antivenérea, a vigilância das condições higiénicas do aquartelamento e, finalmente, a elaboração da estatística sanitária da Unidade.

Competem ainda ao Serviço de Saúde:

— os serviços da Assistência aos Tuberculosos do Exército;
— o estudo, obtenção, armazenagem, distribuição e manutenção do material sanitário;
— o serviço farmacêutico do Exército;
— e, desde há pouco, todas as atribuições do Serviço Veterinário Militar.

Como se vê, estamos longe, muito longe, da situação referida no início destas linhas. Na paz ou na guerra, nunca o Serviço de Saúde desampara os seus camaradas. Vigiando, prevenindo ou curando, não tem apenas em mira cumprir rigidamente a sua missão, traduzida na frieza dos regulamentos por «manutenção dos efectivos»; a própria natureza da missão concita o culto da dedicação, o desejo de combater a dor, de amparar, de «cuidar», e é com este espírito humanitário que o Serviço se esforça por assegurar o bem-estar e aliviar os sofrimentos dos seus irmãos de armas.

CONDECORAÇÕES

Foi fundada em 1175 pelo Papa Alexandre III e teve o seu primeiro assento no mosteiro de Santo Elói, na Galiza.

Tendo os cavaleiros desta Ordem prestado auxílio valioso a D. Afonso Henriques, este fez-lhes, como recompensa, várias doações.

O seu primeiro assento, em Portugal, foi no mosteiro de Santos-o-Velho, passando para Alcácer do Sal, no reinado de Afonso II, e para Mértola no reinado de D. Sancho II, e finalmente para Palmela em 1482.

No reinado de D. Luís I foi esta Ordem remodelada por completo, passando a intitular-se «Antiga, nobilíssima e esclarecida Ordem de S. Tiago, de mérito científico, literário e artístico».

A Ordem Militar de Santiago da Espada é, actualmente, destinada a premiar os indivíduos da classe civil ou militar, nacionais ou estrangeiros, que se distingam por assinalado mérito pessoal e relevantes serviços prestados à ciência, às letras e às artes, tanto em ensino público, como em obras escritas e obras artísticas, e os estabelecimentos de ensino ou corporações científicas que se assinalem por notáveis e relevantes serviços, sendo os diversos graus conferidos em harmonia com o valor dos trabalhos.

As concessões dos diferentes graus da Ordem aos estabelecimentos de ensino, corporações literárias, científicas ou artísticas, e a indivíduos de nacionalidade estrangeira, são em número ilimitado.

Aos cidadãos da classe civil ou militar a concessão dos diferentes graus da Ordem é feita de harmonia com as vagas que se verificarem no respectivo quadro de membros efectivos que que é assim constituído:

ORDEM MILITAR DE DE S. TIAGO DA ESPADA

Grã-cruzes	15
Grandes Oficiais	25
Comendadores	100
Oficiais	150
Cavaleiros	150

O distintivo da Ordem é uma Cruz em forma de espada, de esmalte vermelho, perfilada de ouro, orlada de duas palmas entrelaçadas, em esmalte verde, com a legenda em ouro sobre esmalte branco «Ciência, Letras e Artes» e fita violeta.

DEFENDA A LÍNGUA PÁTRIA

pelo Professor ***PEIXOTO DA FONSECA***

PORQUE E POR QUE

É frequente ver confundidas numa só estas duas grafias, afinal de emprego diferente. PORQUE, pegado é: 1.º) conjunção causal, igual a **visto que**; exemplo: Não fui lá **porque** não pude; 2.º) advérbio interrogativo: ex.: **Porque** não estudaste a lição? Pergunto-te **porque** não estudaste a lição; 3.º) substantivo, sinónimo de **causa, motivo, razão:** ex.: Eis os **porques** do acontecimento.

POR QUE, em duas palavras, escreve-se quando precedido, ou seguido das palavras **razão** ou **motivo.** Exemplos: **Por que razão** não foste lá? Não sei **por que motivo** tal sucedeu. Todos perguntam a **razão por que** não apareceste. Eis o **motivo por que** aqui estamos.

São estes os preceitos ortográficos legais, e como tal com eles temos de conformar-nos, mesmo que não estejamos inteiramente de acordo.

Também é vulgar ouvir pronunciar **porque** e **por que** como uma palavra grave, o que podemos representar por **púrque;** é erro, pois deve em ambos os casos dizer-se distintamente **por que,** como dois monossílabos, separados por brevíssima pausa.

ALFERES

O árabe **al-fars,** «cavaleiro, escudeiro», deu o nosso vocábulo, que se documenta pela primeira vez, cerca de 1130, num texto latino das nossas chancelarias. A palavra, que em português arcaico se escrevia com **z** final, tinha o plural **alférezes,** mas hoje, como todos sabem, é invariável. Tomou o sentido primitivo de «porta-bandeira» antes de possuir o significado actual.

TAMBOR e derivados

Escreve J. P. Machado, no **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa,** que a palavra vem do árabe **Tanbūr,** pròpriamente «guitarra», contaminado semânticamente pelo persa **tabīr,** «tambor», que entrou em árabe e lhe impôs o seu sentido. O vocábulo só aparece em fins do século XV: «... e trazia muitos tambores e anafis e charamelas...», **Diário de Vasco da Gama,** fl. 41, ed. de 1945.

A forma arcaica **ATAMBOR** resulta do árabe **al-Tanbūr,** cuja primeira sílaba é o artigo definido (**al**) assimilado; chegou até o século XVII e documenta-se desde o século XIII: «... ao som do **atambor,** os deitavam dos arções...», Afonso X, o Sábio, no **Cancioneiro da Biblioteca Nacional,** cantiga n.º [436].

O derivado **TAMBORIL** abona-se nos fins do século XVI: «...usam de **tamboril** e pandeiro...», Frei Pantaleão de Aveiro, **Itinerário,** pag. 153, ed. de 1721.

A variante **TAMBORIM,** porém, lê-se já em 1474: «...oficiais d'armas, e trombetas, e charamelas, **tamborins...», Inéditos de História Portuguesa,** pág. 484.

TAMBORILEIRO encontra-se nos princípios do século XVI: «...e agora Jeremias é nosso **tamborileiro»,** Gil Vicente, **Triunfo do Inverno,** ao passo que **TAMBORILAR** parece ser apenas dos fins do século passado, pois, segundo J. P. Machado, só vem na 8.ª edição do **Dicionário de Morais** (1890).

RADAR

A única pronúncia correcta é a que considera o vocábulo grave. O étimo é o inglês **radar,** também grave, formado das letras sublinhadas na locução seguinte: **radio detecting and ranging,** isto é, «a localização e enquadramento pela rádio». O **Glossário de Dificuldades,** de Vasco Botelho de Amaral, lembra com razão, além da pronúncia originária, a analogia com a palavra **rádio,** igualmente com acento na primeira sílaba. Por último, e só a título de curiosidade, em espanhol diz-se **rádar,** possìvelmente por idênticos motivos.

EFEMÉRIDES

ABRIL

2 — 1513
Afonso de Albuquerque toma, por assalto, a cidade de Aden.

6 — 1384
D. Nun'Álvares Pereira bate os castelhanos na Batalha dos Atoleiros.

9 — 1918
Na Flandres, o Sector da 2.ª Divisão Portuguesa, constituindo o flanco esquerdo do XI Corpo Britânico, é surpreendido pela violenta ofensiva alemã que passou à história com o nome de Batalha do Lys.

1921
Foi solenemente conduzido ao Mosteiro da Batalha o **Soldado Desconhecido Português,** onde jaz em túmulo raso, com o epitáfio: **Portugal eterno nos mares, nos sentimentos e nas raças, ao seu Soldado Desconhecido, morto na Grande Guerra.**

12 — 1810
Batalha da Boca do Tigre ganha em Macau contra milhares de piratas chineses.

15 — 1498
A Armada de Vasco da Gama, aporta a Melinde.

24 — 1500
Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil.

29 — 1809
É conferido ao Duque de Wellington o posto de Marechal-General do Exército Português.

30 — 1704
Filipe V da Espanha declara guerra a Portugal.

IMPRENSA

Tiveram a amabilidade de se referir ao «Jornal do Exército» os seguintes órgãos da Imprensa:

«A. B. C.», «Comércio de Guimarães (O)», «Barcelense (O)», «Castanheirense (O)», «Correio de Abrantes», «Correio dos Açores», «Eco (O)», «Gazeta de Cantanhede», «Ilha (A)», «Jornal de Albergaria», «Jornal do Fundão», «Jornal de Notícias», «Mensageiro de Bragança (O)», «Praia do Sol», «Revista Militar», «Voz de Chaves (A)» e «Voz de S. Tomé (A)».

Gomes & Rodrigues, L.da

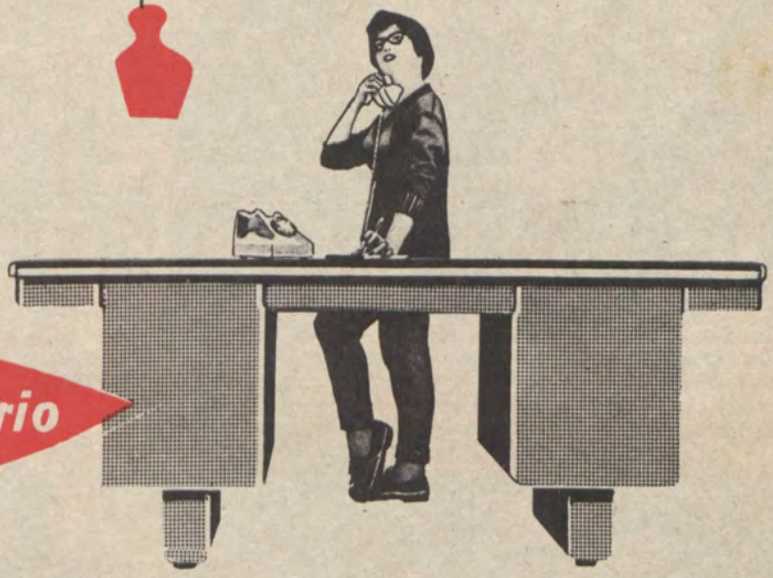
LIVRARIAS — ENCADERNAÇÃO
PAPELARIAS — OFICINAS GRÁFICAS
PAUTAÇÃO — ARTIGOS DE ESCRITÓRIO

IMPRESSOS MILITARES

LARGO DE D. ESTEFÂNIA, 17 A 22 • RUA ENG.° VIEIRA DA SILVA, 12-A E 12-B • TEL. P.P.C. 4 91 61/65 • LISBOA
SECÇÃO MILITAR: RUA ALEXANDRE BRAGA, 26-A • TEL. EXTENSÃO 16 • LISBOA

FÁBRICA PORTUGAL

prefira
produtos Portugal



material de escritório

A BASE DA ALIMENTAÇÃO RACIONAL

RAÇÕES E CONCENTRADOS PARA PORCOS, BOVINOS E AVES

PROVIMI merece a vossa confiança

PROVIMI PORTUGUESA — Concentrados para a Alimentação de Animais, Lda.

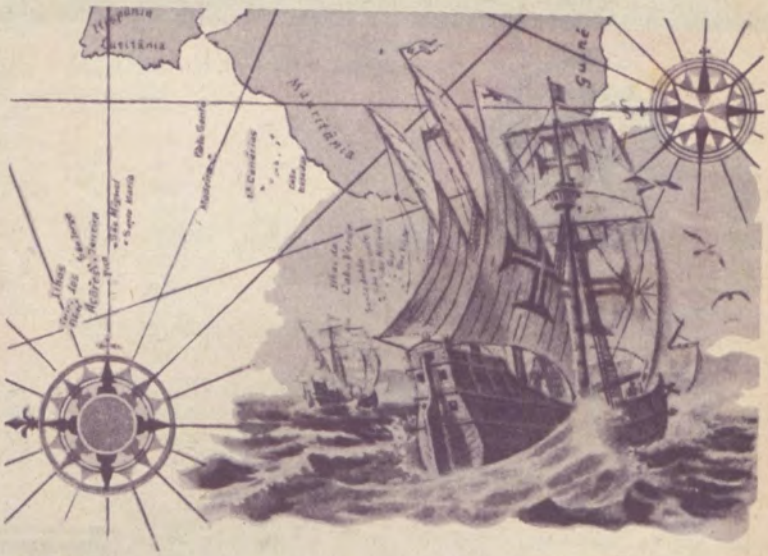
Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA

PÁGINA DO SOLDADO

O Descobrimento do BRASIL

Coube aos Povos da Península levar a civilização cristã a outros continentes, através do Oceano Atlântico. Este Oceano era chamado Mar Tenebroso. Os navegadores portugueses, obedecendo ao mando do Infante D. Henrique, filho de D. João I, Mestre de Avis, foram os primeiros a desvendar os seus segredos.

Em Sagres, onde se fixou, D. Henrique apetrechou portos, construiu estaleiros, fundou um observatório astronómico e reuniu técnicos — astrónomos, cosmógrafos, cartógrafos, pilotos — para a grande empresa de vencer o Mar Tenebroso, contornar a África e atingir a Índia. Sagres foi a vigia e o farol do Mundo.



Durante largos anos procuraram, os portugueses, levar ao Oriente a religião de Cristo e atingir por mar as riquezas que Veneza atingira por terra. Em 1412, dobraram o Cabo Não. Descobriram depois, as Ilhas do Atlântico: Porto Santo em 1418, Madeira em 1419, Açores em 1432 e Cabo Verde em 1446.

A costa africana foi sendo vencida aos poucos, rumo ao Sul. Em 1433, Gil Eanes dobrou o Cabo Bojador. A Índia é já um sonho do Infante D. Henrique. Em 1487, Bartolomeu Dias chegou ao Cabo da Boa Esperança, extremo meridional do Continente Africano. Governava Portugal, então, D. João II.

Enfim, no reinado de D. Manuel I, Vasco da Gama, com 4 navios, passou além do Cabo das Tormentas, percorreu a costa do Natal e Moçambique, chegando depois a Calicut, na Índia. Estava descoberto o caminho marítimo das Índias, no ano da Graça de 1498. É essa Epopeia que Luís de Camões canta nos versos de bronze dos «Lusíadas».

Em consequência da viagem de Vasco da Gama, D. Manuel I mandou equipar a maior e mais poderosa expedição naval até então preparada que deveria dirigir-se a Calicut e aí estabelecer uma feitoria. Compunha-se de 13 navios com experimentados capitães, 500 marinheiros e cerca de 1.000 soldados.

A 15 de Fevereiro de 1500, D. Manuel nomeou Capitão-Mor da imponente frota Pedro Álvares Cabral. A 8 de Março, na Ermida do Restelo, o Bispo de Ceuta celebrou missa solene e benzeu o pendão com a cruz vermelha da Ordem de Cristo que fora entregue ao Capitão-Mor, pelo próprio Rei.

A esquadra zarpou do Tejo a 9 de Março de 1500, a 14 chegou às Canárias e a 22 à ilha de S. Nicolau, no arquipélago de Cabo Verde. A 21 de Abril, avistaram-se aves marinhas, prenúncio de terra próxima e no dia seguinte as naus aproximavam-se duma costa desconhecida, de alvas areias e vegetações luxuriantes. **Estava descoberto o Brasil.**

Na quinta-feira, 23 de Abril de 1500, os navios mais pequenos acercaram-se cuidadosamente do litoral. Bandos de índios com enfeites de penas e armados de arcos e flechas acorreram alvoroçados à praia.

No domingo que se seguiu, Frei Henrique de Coimbra, celebrou no ilhéu da Coroa Vermelha, a primeira missa dita no Brasil.

No dia 27 foi levantada na praia uma alta cruz de madeira, símbolo da religião de Cristo. No 1.º de Maio, aquela mesma cruz foi erguida num lugar elevado e, junto a ela, rezada a segunda missa, agora com a assistência dos portugueses e dos índios.

Adaptação da HISTÓRIA DO BRASIL (em quadradinhos por especial deferência da EDITORA BRASIL-AMÉRICA do Rio de Janeiro, representada em Portugal pela Livraria Bertrand.

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

ANDEBOL DE SETE

EQUIPA do R. A. A. F. vencedora no Campeonato de Andebol de Sete do Exército. De pé: sold. 159/59, Rolo; 1.º cabo 888/59, Orlando; sold. 252/59, Tavares; sold. 367/59, Pinho; sold. 6/59, Fernando; 1.º cabo 60/59, Duarte; À frente: sold. 139/59, Fialho; 1.º cabo 144/E, Matias; 1.º cabo 660/59, João; sold. 834/59, Diamantino.

CAMPEÕES REGIONAIS

ACTIVIDADES DESPORTIVAS

NO EXÉRCITO

TIRO — Estão a decorrer os treinos das equipas das Unidades que disputarão o Campeonato de Tiro, em pistola e espingarda.

FUTEBOL — O Campeonato Militar será disputado, como já aconteceu no de Basquetebol, em duas categorias: praças e militares inscritos nas Associações Regionais ou na Federação Portuguesa de Futebol; a competição entre os militares inscritos vai travar-se entre selecções das quatro R. M. e G. M. L.

HIPISMO — Em Mafra, entre 21 e 28 de Abril, terá lugar a «Semana Equestre Militar» com provas de obstáculos, de escola, campeonato equestre e corridas.

NAS FORÇAS ARMADAS

Durante os meses de Abril e Maio disputar-se-ão os campeonatos de Futebol, Corrida pelo campo, Basquetebol e Tiro entre os grupos e equipas da Aeronáutica, do Exército e da Marinha.

NO C. I. S. M.

Em cumprimento do programa das competições internacionais militares das F. Armadas dos 24 países que fazem parte do C. I. S. M., além da fase eliminatória de Futebol (onde Portugal foi eliminado pela Bélgica) e das provas de Esqui (na Áustria) já realizadas, terão lugar, respectivamente na Bélgica (Bruxelas) e na França (Nice) as provas de Corrida pelo campo em 2 de Abril e de Hipismo, em 2 de Maio. As F. Armadas portuguesas devem estar presentes no Hipismo que se realiza durante o Concurso Hípico de Nice (30 de Abril a 8 de Maio) onde os nossos cavaleiros militares tanto prestígio internacional têm alcançado.

NOS AÇORES

CAMPEONATO REGIONAL DE ANDEBOL DE SETE — Por não estar ainda concluído o parque de jogos militar, no antigo aquartelamento de S. Gonçalo na Ilha de S. Miguel, a final daquele campeonato realizou-se no campo de jogos do Liceu de Ponta Delgada. Nela participaram as equipas representativas do B. I. I. 18 e da B. I. D. C. 1 que tinham vencido, respectivamente, as do G. A. C. e do B. I. I. 17. O jogo, que decorreu com o maior entusiasmo e o melhor espírito desportivo, foi ganho pelo «sete» do B. I. I. 18 com o resultado de 6-1, ficando detentor da Taça instituída pelo Comando Militar.

TUDO PARA JOGOS E DESPORTOS

CASA SENNA

FUNDADA EM 1834

RUA NOVA DO ALMADA, 48-52 (EM FRENTE DO TRIBUNAL DA BOA-HORA)
TELEFONE 2 34 37 • END TELEG. CASSENNA • LISBOA

CAMPEONATO MILITAR NACIONAL DE BASQUETEBOL

LEGENDAS DAS FOTOS:

EM CIMA — Equipa do G. M. L., vencedora do campeonato (jogadores inscritos).

À ESQUERDA — Uma das fases do campeonato militar nacional de basquetebol.

EM BAIXO — A equipa do R. A. C. vencedora do campeonato (jogadores não inscritos).

COM a participação das equipas representativas das Regiões Militares e do G. M. L. realizou-se, em Tomar, no campo de jogos do Colégio Nun'Álvares, a fase nacional do Campeonato Militar de Basquetebol.

O programa dos jogos estendeu-se de 14 a 19 de Março.

Como elementos do júri destacavam-se o oficial delegado da I. G. E. F. E. Major Jaime Artur Chagas Lopes, o director do campo Major Abel Lopes Teixeira e o delegado da I. G. E. F. E. na 3.ª R. M. Capitão Fernando Catarino Tavares.

Esta fase foi disputada por equipas de jogadores inscritos nas Associações e Federações e por equipas de jogadores não inscritos. Assim, com jogadores não inscritos, as regiões militares e o G. M. L. apresentaram as seguintes equipas:

G. M. L.	R. A. C.
1.ª R. M.	R. C. 6
2.ª R. M.	R. I. 10
3.ª R. M.	R. I. 2
4.ª R. M.	R. I. 4

Com jogadores inscritos, ùnicamente se fizeram representar as seguintes equipas:

G. M. L., 3.ª R. M. e 4.ª R. M.

É de salientar a boa preparação física de todos os jogadores e a correcção com que todos os jogos foram disputados.

RESULTADOS DOS JOGOS

Jogadores não inscritos

R. I.	2 - 14	—	R. A. C. - 21
R. I.	10 - 25	—	R. C. 6 - 15
R. I.	10 - 40	—	R. I. 2 - 22
R. I.	4 - 28	—	R. C. 6 - 9
R. I.	2 - 25	—	R. C. 6 - 11
R. A. C.	- 40	—	R. I. 4 - 24
R. A. C.	- 28	—	R. I. 10 - 26
R. I.	4 - 26	—	R. I. 2 - 21
R. I.	10 - 27	—	R. I. 4 - 24
R. A. C.	- 32	—	R. C. 6 - 13

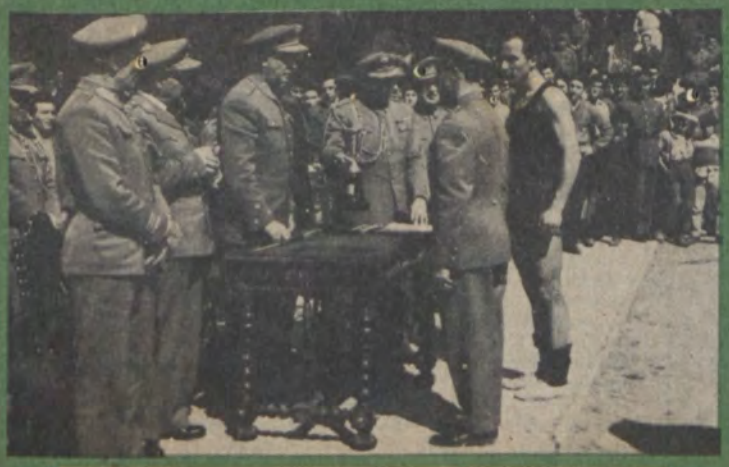
Classificação: 1.º, R. A. Costa (4 V.); 2.º, R. I. 10 (3 V. e 1 D.); 3.º, R. I. 4 (2 V. e 2 D.); 4.º, R. I. 2 (1 V. e 3 D.); 5.º, R. C. 6 (4 D.).

Jogadores inscritos

G. M. L.	59 —	4.ª R. M.	27
G. M. L.	61 —	3.ª R. M.	36

No último dia dos jogos assistiram ao desenrolar dos encontros o General Comandante da 3.ª R. M., o Brigadeiro 2.º Comandante da 3.ª R. M., Chefe do E. M. da 3.ª R. M., 2.º Comandante do R. I. 15 e outros oficiais do Q. G. da 3.ª R. M. e R. I. 15, tendo sido, no final, atribuídos os seguintes prémios:

1 taça à equipa do G. M. L. (jogadores inscritos); 1 medalha a cada jogador da equipa vencedora; 1 taça à equipa do R. A. C. (jogadores não inscritos); 1 medalha a cada jogador da equipa vencedora.



Entrega da taça à equipa do R. A. C., vencedora do campeonato (jogadores inscritos)

CAMPEÕES REGIONAIS

Gráfica do Areeiro

AO SERVIÇO DAS ARTES GRÁFICAS

FORNECEDOR DOS PRINCIPAIS ESTABELECIMENTOS DO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Av. Padre Manuel de Nóbrega, 17-A – LISBOA – Telef. 72 52 05

A mais antiga Empresa Armadora Portuguesa nas Carreiras de

ÁFRICA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

RUA DO COMÉRCIO, 85 – LISBOA

LIGA PORTUGAL ÀS SUAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS DE ÁFRICA E DO ORIENTE

CONFORTO E RAPIDEZ

SCHAUB LORENZ

GOLDY

UM DOS MAIS PERFEITOS APARELHOS DA ACTUALIDADE COM 4 ONDAS E REGISTO DE SOM

•

Preço muito vantajoso

ESC. 2.590$00

O MILITAR

(Continuação da pág. 19)

— Cala-te!... A bandeira representa a Pátria e esta é a nossa casa, a nossa horta, o cemitério onde estão os nossos mortos!...

— E que fez o nosso filho para...

— Não obedeceu!... E jogou, bebeu e... foi poltrão!...

— Santo nome de Jesus!... Não há defeitos que lhe não ponhas!...

— Fecha a boca!... — respondeu violentamente o Januário. — Tomara eu ver-lhe virtudes!... Mete a mão na consciência e...

Não acabou a frase. A mulher fitou-o e viu-lhe lágrimas turvas como se brotassem de nascente que as vagas maculassem, as vagas da mágoa e da vergonha. E olvidou a ceia da consoada.

Mas na cozinha ia grande azáfama. No lar a tristeza não se aguentava, sacudida pela exuberante mocidade dos quatro irmãos do Tónio que se entendiam muito bem.

As raparigas fritavam filhós enquanto os rapazes alimentavam a fogueira. A «Ruiva» segredou:

— A mãe e o pai estão a chorar!... Por causa do Tónio!...

— Se te parece!... — respondeu Pedro que rondava os treze anos. — Dizem no lugar que é um maroto!...

— Cala-te!... — ordenou Luzia, autoritária nos seus quinze anos. — Ainda ontem o Sr. Prior disse ao tendeiro — «Vamos a ver se desta feita o Tónio se porta às alturas!... Tenho esperanças que o seu brio desperte!...»

— Que é isso?!... — quis saber o «Mulato».

— A bem dizer não percebo!... Mas o Tónio não é medroso, isso não!...

— Eu... tenho medo da trovoada!... — confessou o pequeno.

Todos riram, esquecendo o Tónio, tão distante e tão diferente deles.

A fogueira crepitava festivamente, enquanto lá fora tombava a neve em farrapinhos leves. Num escabelo, a enorme travessa ia-se enchendo de filhós loiras. Da panela de três pés vinha o aroma do bacalhau cozido. Pedro aventou:

— Se calhar a mãe e o pai não vêm cear!...

— Nem que seja à força, têm de vir!... — ameaçou a «Ruiva».

— Então isso vai adiantado?!... — perguntou da porta uma voz animada.

— Olhem o Sr. Prior!... — gritaram todos beijando a mão ao recém-chegado que trazia um jornal debaixo do braço. — Que bom!...

— O pai?!... — perguntou o sacerdote.

— Oh! Pai!... — chamou o «Mulato». — Venha cá!.. Está aqui o Sr. Prior!...

O Januário apareceu esfregando os olhos vermelhos.

— Que é isso, homem?!... — exclamou o padre.

— O Tónio é um...

— Caladinho!... Deus é grande!... Que é da tua mulher?!...

— Está lá dentro!...

— Chama-a!...

A senhora Engrácia apareceu com os olhos inchados.

— Gente de pouca fé!... — resmungou o prior. — Antes rezavam!... O carpir não dá remédio a nada!... Ora oiçam!...

Em voz grave, mas jubilosa, o ancião leu apenas uma frase de uma grande notícia publicada no jornal:

— «No combate contra os revoltosos salientou-se o soldado António Macieira, cuja valentia foi devidamente galardoada...»

— Ai! Virgem Santíssima!... — gritou a senhora Engrácia. — Mas não morreu, pois não?!...

— Qual morreu!... Tornou-se um valente!... Não há como a disciplina militar para formar os homens!... Custou, mas foi!... Se não tivesse ficado apurado, era um homem perdido!...

O Januário não disse uma palavra. Mas deixou correr livremente as lágrimas, agora transparentes como vidro lavado.

— Dá cá um abraço, homem!... — berrou o padre estreitando-o ao peito enèrgicamente.

— Oh! Mãe, vem aí gente!... — anunciou alegremente a «Ruiva» que julgava assistir a uma festa.

— Quem é?!... — perguntou a camponesa.

— Quem havia de ser?!... Sou eu, mãe!... Estou de licença!... — berrou à porta um mocetão de pele requeimada, cabelo cortado rente e olhar brilhante.

— Ai! O meu Tónio!... — gemeu a mãe, assombrada.

Fez-se alarido na cozinha aldeã. Cercado de todos que pretendiam abraçá-lo ao mesmo tempo, o rapaz apontava as divisas que lhe alegravam a farda nova:

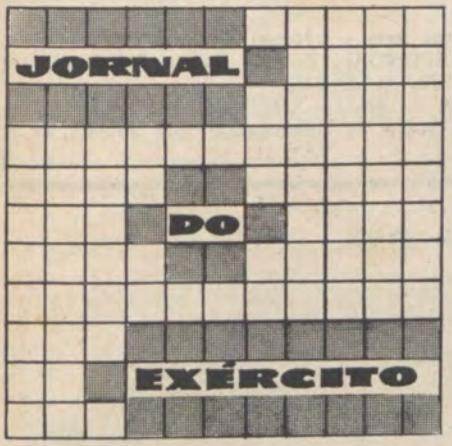
— Ganhei-as!... Sou cabo e daqui a pouco passo a sargento!... O major que me castigou, é amigo a valer!... Bem haja ele que me abriu os olhos à força de castigos!... Não quero outra vida, não!...

Todos gritavam de entusiasmo. Só o Januário se mantinha em silêncio, como que petrificado. Sùbitamente, ante o pasmo da mulher, estendeu a mão ao militar, e disse simplesmente:

— Obrigado, filho!...

recreio

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — Apanhar. 2 — Ganhe. 3 — Trituravam. 4 — Transforme. 5 — Título dos descendentes de Mafoma; cada uma das varas, entre as quais se atrela o animal que puxa um veículo. 6 — Título do bispo, em algumas igrejas orientais; que não é vulgar. 7 — Pavimento térreo de uma casa; contrato em que se dividem igualmente lucros e perdas por duas partes contratantes. 8 — Gosto pelas coisas italianas. 9 — Voz imitativa de pancada. 10 — Parecença. 11 — Chefe etíope.

VERTICAIS: 1 — Tornar real. 2 — Tornara menos cortante. 3 — Mudas de lugar. 4 — Sufixo designativo de agente, efeito; o mais. 7 — Mil cento e cinco em numeração romana; abreviatura química de manganês. 8 — Ampararei. 9 — Chefes. 10 Suportaram. 11 — Remelento.

(2.º Sargento DOURADO MENDES, do C. M.)

SILHUETAS

Estas silhuetas representam quatro guerreiros da antiguidade: Grego, Egípcio, Romano e Assírio. Pode identificá-los?

(Do 1.º Sarg. Samuel — B. C. 5)

ADIVINHAS

1 — Estou no meio do mar; não estou no Céu, nem no mundo. Quem sou?

2 — Que é que se deixa queimar para guardar segredos?

3 — Quando Deus criou Adão onde é que lhe pôs a mão?

4 — Em que se parece o dólman militar com uma fortaleza?

SOLUÇÕES

É BOM OBSERVADOR?

As oito diferenças: 1 — Caudda do cão. 2 — Base da guarita. 3 — Edifício em 2.º plano. 4 — Para-raios. 5 — Soldado à janela. 6 — Emblema do braçal. 7 — Chefe de fila 2 com outra expressão. 8 — Chefe de fila 3 levanta outro braço.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1 — Mamar. 2 — Pape. 3 — Moiam. 4 — Revolucione. 5 — Emir; varal. 6 — Aba; raro. 7 — Loja; meias. 8 — Italianismo. 9 — Zás. 10 — Ar. 11 — Rãs.

ADIVINHAS

1 — Letra A. 2 — Lacre. 3 — No fim do pulso. 4 — Em ter canhões.

SILHUETAS

A — Egípcio. B — Assírio. C — Grego. D — Romano.

É BOM OBSERVADOR?

Os dois desenhos diferem em oito pormenores. Veja se os descobre em menos de cinco minutos. Se o conseguir, considere-se OBSERVADOR REGULAR. Se não ultrapassar 3 minutos, então, classifique-se como BOM OBSERVADOR (Ver solução nesta página)

Quem quer ir «*para a terra*» põe um braço no ar !

Muito bem ! Vocês quatro apresentam-se ao 31 para irem para «aquelas terras» que terão de ficar muito *bem cavadinhas* . . .

CAMISARIA VERSAILLES, L.DA

ARTIGOS PARA HOMEM E SENHORA

MODAS CONFECÇÕES NOVIDADES

AV. DA IGREJA, 1-A
RIO DE JANEIRO, 21-B

LISBOA

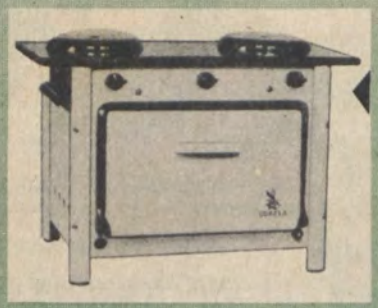
Concurso Leia e Responda!

GANHE UM RÁDIO PHILIPS

Responda, num POSTAL, às 10 perguntas e cole no mesmo o talão situado no canto inferior esquerdo desta página.

Envie as respostas para o «Jornal do Exército», Concurso «LEIA E RESPONDA», Rua da Escola Politécnica, 61, Lisboa, até ao dia 31 de Maio.

O prémio do mês de Abril — UM RÁDIO PHILIPS — será sorteado entre todos os concorrentes que enviem as soluções certas.



PRÉMIO DE MARÇO

ODACLA

UM MODELO POPULAR
QUE COZINHA SEM GASTAR

GAZINA - RUA GENERAL TABORDA, 91 - TEL. 68 38 55 - LISBOA

Perguntas do mês

1 — Os infantes e os carros completam-se; por isso, muitas vezes, aqueles transportam-se nas viaturas até onde a segurança o permite. Os Esquadrões de Carros que normalmente actuam com os RI, estão dotados com M-47, «PATTON» de 49 toneladas. Qual é o calibre do canhão deste carro?

2 — Em que província portuguesa corre o rio Cuanza?

3 — Qual era o mais novo dos quatro filhos de D. João I e de sua mulher a rainha D. Filipa de Lencastre: D. Pedro, D. Fernando, D. Henrique ou D. Duarte?

— Qual é a Unidade de Engenharia a que pertence a divisa: «HONRA E VALOR»?

5 — Quando se diz que um avião ultrapassou a «barreira do som» podemos concluir que atingiu, no mínimo, a velocidade de 850, 1250 ou 1650 Km/h?

6 — O raio de acção da granada de mão defensiva é de cerca de 15, 16 ou 120 m?

7 — Quem foi o primeiro Vice-Rei da Índia?

8 — Em qual das ilhas de Cabo Verde se encontra a maior altitude daquela província?

9 — Portugal sofreu várias invasões por parte dos seus vizinhos na Península. Num dos anos abaixo indicados não houve qualquer invasão:

1385 - 1415 - 1580 - 1640 - 1663 - 1665 - 1762 - 1801. Qual foi?

10 — A que província pertence a localidade onde está aquartelado o Regimento de Cavalaria n.º 8?

Furriel Manuel Cordeiro Valente, do R. I. 2 — Abrantes

Vencedor de Fevereiro

SOLUÇÕES DE FEVEREIRO

1 — A corrente
2 — R. I. 6
3 — 1665
4 — Bússola
5 — Sargento
6 — Português
7 — Taipa
8 — Brasil
9 — Neto
10 — Sete

O prémio de Março — «Cheque-brinde» — bem como o Fogão ODACLA — prémio do trimestre — serão sorteados no dia 30 de Abril.

LIVRARIA HÉLADA

RUA RODRIGO DA FONSECA, 152 — LISBOA — TEL. 68 10 17

LIVROS DE ESTUDO • MATERIAL DIDÁCTICO
NOVIDADES LITERÁRIAS • JORNAIS E REVISTAS

Atende requisições para qualquer parte do País

CONCEDE O DESCONTO DE 10 % AOS ASSINANTES DO «JORNAL DO EXÉRCITO»

CHARADISMO

pelo capitão ISIDRO ANTÓNIO GAYO

Em continuação dos nossos esclarecimentos sobre o modo de compor e decifrar charadas, vamos apresentar neste número um segundo lote de charadas cujas operações são, precisamente, o inverso das do número anterior. Ei-las:

Protéticas, Epentéticas e Paragógicas.

São, respectivamente, baseadas nas figuras gramaticais *prótese, epêntese* e *paragoge*. No primeiro caso, há uma sílaba que se acrescenta no início da palavra escolhida; no segundo, o acrescentamento tem lugar no meio; e no terceiro, no final. Tudo é simples e compreensivo. Mas os exemplos completarão as nossas indicações.

PARAGÓGICA: Quem *determina*, deve saber dar a *ordem*. 2-3.

Pela numeração, ficamos sabendo que deve existir um sinónimo do verbo *determinar*, com duas sílabas o qual conjugado na respectiva pessoa e tempo, e uma vez acrescentada a sílaba final, dê um sinónimo de *ordem*.

A solução do exemplo dado é — MANDADO. Isto é, determina-MANDA; ordem, *MANDADO*.

EPENTÉTICA: Uma *ordem* sem ordem, não é boa ordem. 2-3.
Solução — MAN*DA*DO, isto é MANDO e MAN*DA*DO.

PROTÉTICA: Um *elemento* pernicioso pode provocar a indisciplina onde deve existir a *ordem*. 2-3 Sol. — MANDADO (DADO-MAN*DADO*).

Propositadamente escolhemos o mesmo termo para sobre ele engendrarmos as três espécies diferentes. Isto com o fim de demonstrarmos como a nossa língua se presta a ser moldada no charadismo. Outras espécies hão-de ser aqui tratadas de modo a dar aos nossos leitores uma ideia geral do charadismo, o qual, como referimos, dá um grande contributo para a cultura geral.

Supondo que não restaram dúvidas quanto ao modo de resolver as três produções, passamos a dar alguns exemplos para treino (as soluções serão publicadas no próximo número):

PROTÉTICAS:

1 — Nem todo o corpo *direito* corresponde a carácter *íntegro*. 2-3
2 — Um *gracejo* tem às vezes o condão de atenuar uma *desventura*. 2-3
3 — *Aqui*, quem fala leva com um *cacete*. 1-2

EPENTÉTICAS:

4 — É *uso* haver respeito em minha *casa*. 2-3
5 — Quem muito *diz*, acaba por cair na *mentira*. 2-3
6 — O *canhoto* deambulava só por uma *estrada*. 2-3

PARAGÓGICAS

7 — O *oceano* tanto fustiga como acarinha as *costas* de Portugal. 1-2
8 — *Fica* por aí, deixa-te estar *imóvel*. 2-3
9 — Ainda *existe* quem sinta verdadeiro amor pela *nação*. 2-3

Soluções do número anterior:

1 — Verdura. 2 — Domar. 3 — Namora. 4 — Capoeira. 5 — Elevado. 6 — Macaco. 7 — Verdade. 8 — Caserna. 9 — Corrente. 10 — Falhado. 11 — Pequena. 12 — Mordente. 13 — Sombra. 14 — Idade. 15 — Peta. 16 — Camarada. 17 — Corpo. 18 — Magala.

BREVEMENTE DAREMOS INÍCIO A UM CONCURSO COM PRÉMIOS

PHILIPS

ALEGRIA NO LAR IDEAL

RÁDIOS
TELE-RECEPTORES
FRIGORÍFICOS
E INÚMERAS UTILIDADES
ELECTRO-DOMÉSTICAS PHILIPS,
CONTRIBUEM PELA SUA
ELEVADA QUALIDADE PARA
O CONFORTO DO LAR IDEAL

VENDAS EM EXTRAORDINÁRIAS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO NO AGENTE OFICIAL PHILIPS

A BAIXA NAS AVENIDAS

Av. Duque d'Ávila, 53 — Tel. 4 08 50 — Lisboa

NOTICIÁRIO

(Continuação da pág. 13)

NO passado dia 19 de Março foi distribuída a Circular n.º 7/E da Rep. do Gab. do M. E. que regula o uso de uniformes abertos para os oficiais.

Este tipo de uniforme, de uso facultativo até à publicação do novo Plano de Uniformes, presentemente em estudo, é designado por **uniforme n.º 1-A** e poderá ser utilizado em substituição do actual uniforme n.º 1 nas suas aplicações normais, excepto no comando de tropas e no serviço interno das Unidades.

PLANO DE UNIFORMES

A sua composição e descrição constam da referida Circular que revoga o disposto nas Circulares 9/E e 16/E de 25-4-57 e 2-11-59, respectivamente.

●

PEQUENAS NOTÍCIAS

● Está bastante adiantada a construção da piscina do R. I. 2. A sua inauguração deve efectuar-se durante a corrente estação. Trata-se duma esplêndida piscina de 25×12 m, com uma elegante prancha de saltos de 3 m.

● O B. C. 10 comemorou o seu **DIA FESTIVO,** no dia 25 de Março passado. Durante as cerimónias foi posta em relevo, pelo Aspirante Guimarães, a acção da reconquista da cidade de Chaves pelas tropas do General Silveira, durante a 2.ª Invasão Francesa.

● Acompanhado pelo Comandante da E. P. E., visitou o Castelo de Almourol, no dia 18 de Março findo, o Dr. Frederick Seitz, presidente do Comité Científico da NATO.

● Foi nomeado Comissário Nacional da M. P. o sr. Brigadeiro Raul Pereira de Castro, Director do Colégio Militar.

● Assumiu o Comando do R. I. 10 o sr. Coronel Rodrigues Ricardo que anteriormente prestava serviço no Ultramar.

● Foram nomeados juízes vogais dos 1.º e 2.º Tribunais Militares Territoriais de Lisboa, os srs. Coronéis Teixeira de Almeida e Afra Nozes.

● Promovidas pelos Serviços Religiosos do Governo Militar, tiveram início no dia 26 de Março as Comunhões Pascais dos Oficiais, Sargentos e Praças das Unidades de Lisboa.

● Foi constituída a Comissão Coordenadora da Investigação para a Defesa (C. C. I. D.), órgão superior militar de planeamento e inspecção das actividades da investigação científica e tecnológica para fins de defesa.

● O R. A. L. 2 realizou exercícios de fogos reais na região de Acabideque.

● Em Badajoz, no dia 23 de Março, o sr. Tenente-General Rodrigo impôs, em nome do Ministro do Exército Espanhol, a Grã-Cruz de Mérito Militar, com distintivo branco, ao sr. General Alves de Sousa, comandante da 4.ª R. M.

● Assumiu o Comando do B. C. 6 o sr. Major Oliveira Seguro.

● A cidade de Estremoz despediu-se com o maior carinho do Esquadrão do R. C. 3, expedicionário à Guiné.

● Aprovadas por despacho de 16 de Março, foram publicadas as **«Normas para a colocação de oficiais do Quadro Permanente»** as quais entram desde já em execução a título provisório.

INDIA

● O Batalhão de Caçadores de Moçambique, comemorando o 2.º aniversário da sua chegada à India Portuguesa, levou a efeito uma estafeta pedestre, entre Vasco da Gama e Pangim.

MOÇAMBIQUE

● O Comandante Militar de Moçambique, sr. General Nascimento e Silva deslocou-se à União da África do Sul onde realizou conversações com o Ministro da Defesa deste País.

ANGOLA

● Segundo noticiou a Imprensa, o Ministro da Presidência, Dr. Teotónio Pereira, visitará brevemente esta Província.

NO R. G. S. E. de 1914, nos seus art.os 211.º e 214.º encontramos o assunto intitulado *Juramento de Bandeiras*. Contudo, hoje, ouvimos dizer, lemos nos documentos militares e mesmo nos jornais: *Juramento de Bandeira*. Haverá alguma causa que fundamente a forma do título expresso no R. G. S. E. e que, pelo seu desconhecimento ou esquecimento, tenha caído em desuso?

TENENTE GILBERTO GASPAR — S. C. E.

★ *A nossa opinião é a seguinte:*

Em tempos recuados cada Companhia de Ordenança tinha a sua Bandeira *(Regimento dos Capitães-Mores de 10-12-1570), chegando, portanto, a existir num Terço, pelo menos, um conjunto de* 10 Bandeiras. *Assim o verifica quem ler a «Arte Militar» de Luís Mendes de Vasconcelos, obra clássica publicada em 1612.*

Em meados do século XVIII constata-se que nos Regimentos (sucessores dos Terços) existiam apenas duas Bandeiras, *salvo num ou noutro em que o seu número era de 4 e até de 10. Pela organização militar do Conde de Lippe, no «Regulamento para os Corpos de Infantaria» (1763), indica-se que em cada Corpo desta Arma existiam* 2 Bandeiras *e que se lhes prestava juramento de fidelidade:*

«Todos os Regimentos jurarão de ser fiéis às Bandeiras...»

«...Então todos os Oficiais, Oficiais Inferiores e Soldados levantarão a mão direita e jurarão de ser fiéis às Bandeiras» *(as* Bandeiras *encontravam-se no centro da formatura).*

«Os recrutas que se incorporarem a qualquer Regimento, depois do Juramento Geral tomarão o mesmo Juramento de Fidelidade às Bandeiras *no Quartel do Comandante na presença do Auditor, do Capelão e de um oficial da Companhia a que pertencerem».*

Pelo que se expõe, a cerimónia era um Juramento de Bandeiras.

O Decreto de 19-5-1806, que reorganizou o Exército, estatuiu para cada Regimento de Infantaria e de Artilharia 2 Bandeiras *e para os Regimentos de Cavalaria 4 Estandartes.*

Em 1863 cada Regimento passa a ter uma Bandeira *para, em 1864, voltar a ter duas. Finalmente, em 1884, os Regimentos voltaram a ter uma só* Bandeira, *o que acontece nos nossos dias.*

Estamos pois em crer que a designação JURAMENTO DE BANDEIRAS, impressa no R. G. S. E. (1914), é fruto da tradição dos muitos anos em que foi regra prestar-se o Juramento na presença de duas Bandeiras.

Hoje, tal designação não nos parece lógica visto existir na Unidade apenas uma Bandeira. *Para confirmar o nosso ponto de vista, transcrevemos um extracto da Portaria n.º 9808, de 5-6-941, que na fórmula de juramento para soldados (fórmula que substituiu o art.º 212.º do R. G. S. E. de 1914), regulamenta:*

«...juro defender a Bandeira *até à última gota de sangue...»*

● Pode um militar do Exército, quando uniformizado, transportar, cruzado no braço, o seu capote ou gabardina? Caso afirmativo, que legislação o autoriza?

1.º SARGENTO CARLOS NUNES — Q. G. da 2.ª R. M.

★ O Regulamento de Uniformes para o Exército, *publicado na O. E. n.º 8 — 1.ª Série — 14-12-1948, no seu art.º 85.º, diz:*

«Salvo o que respeita à capa, peliça e jaqueta, os artigos de uniforme *usam-se sempre abotoados».*

Logo, infere-se que não é permitido o uso de artigos de uniforme que não sejam vestidos e devidamente abotoados.

● Como poderei assinar a obra «Armamento» do Coronel Armando Páscoa?

1.º SARGENTO P. DIAS — COLEGIO MILITAR

★ *A obra que indica está esgotada nos primeiros fascículos mas, recentemente, a Revista «Infantaria» (R. de S. José, 26 — Lisboa) está a editar uma série de cadernos de algibeira, por grupos de armas, encontrando-se já à venda: «Armas de repetição (4 espingardas), Pistolas e Pistolas-Metralhadoras».*

● ...com o aparecimento do «Jornal do Exército», seria agradável surgir nas suas colunas uma secção filatélica, e assim ficaria solucionado o problema do soldado-filatelista...

JOSE S. P. DE AZEVEDO — CHEFE DE SEC. DO C. G. DA L. P. — LISBOA

★ *Tencionamos publicar uma Secção filatélica logo que nos seja possível, o que julgamos provável dentro de 2 ou 3 números. O assunto está a ser estudado e por isso agradecemos todas as sugestões que os nossos leitores nos queiram enviar.*

AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA

(S. A. R. L.)

FABRICANTES DE MATERIAL TELEFÓNICO E DE SINALIZAÇÃO

SEDE:
AV. SIDÓNIO PAIS, 18-1.°
Telef. 5 71 46

FÁBRICA:
AV. INFANTE SANTO, 8
(Cabo Ruivo)
Telef. 39 90 19

Teleg. STROWGER

AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA
(S. A. R. L.)
LISBOA
ASSOCIADA AO GRUPO DE COMPANHIAS A. T. E.
INGLATERRA

NA GUERRA!...
O TANK,
MATA INIMIGOS!

NA PAZ!...
O TANK,
MATA BORRÕES!

O melhor mata-borrão para a sua secretária
Distribuidores
PAPELARIA FERNANDES
Largo do Rato, 13 - LISBOA - R. do Ouro, 145

NAVEGADOR DO SÉCULO XVI

Tipo de navegador português, capitão de navio, trajando pelote de veludo forrado de pelo com mangas pendidas sobre gibão cintado; camisa, meias altas, gorra, sapatos entretalhados. Segura um astrolábio na mão esquerda e uma carta ou mapa, enrolado, na outra mão.

MANUTENÇÃO MILITAR

Fundada em 1897

com fábricas de

massas

pão

torrefacção

moagem

bolachas

Sede em Lisboa (Beato). Sucursais em Caxias, Coimbra, Elvas, Entroncamento, Évora, Guarda, Porto, Régua e Viseu. Messes de Oficiais em Lisboa, Porto e Caxias

Órgão abastecedor das Forças Armadas em víveres, forragens, combustíveis e lubrificantes.

OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO

Abastecedora das Forças Armadas

LISBOA — CAMPO DE SANTA CLARA
PORTO — RUA DA BOAVISTA

Secção Comercial: vendas a pronto pagamento e a prestações de artigos de vestuário e de utilidade doméstica. Oficinas de Alfaiataria e fábrica de calçado

arrefecimento por ar...

uma característica do

VOLKSWAGEN

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN S. A. R. L.
PR. DOS RESTAURADORES 74 — TELEF. 366751 (7 LINHAS)

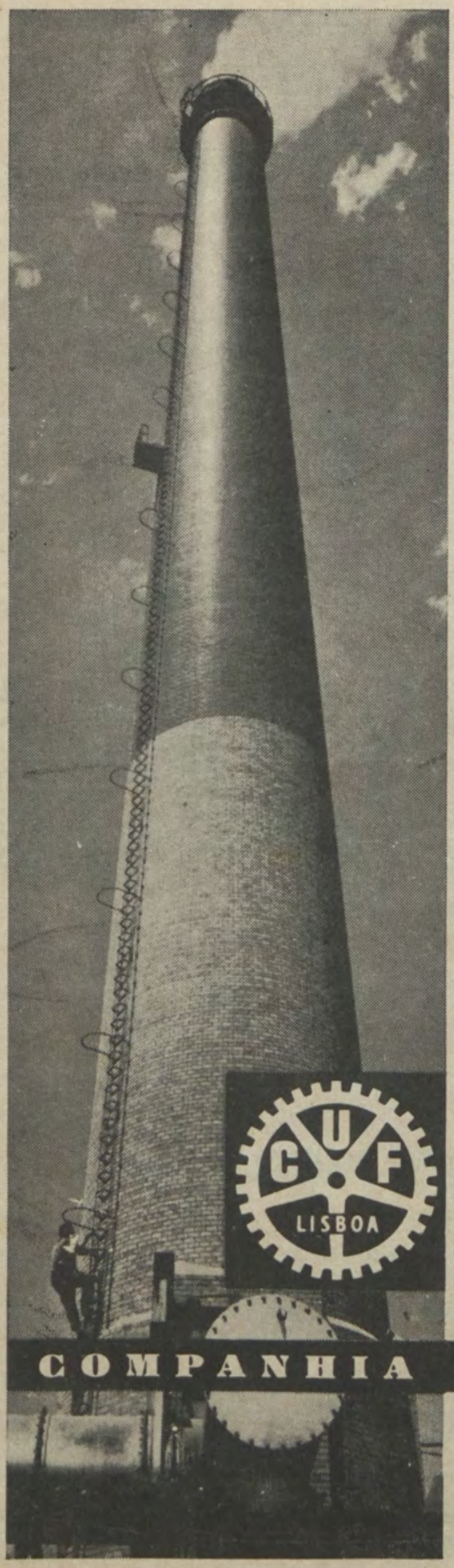
ABRIL						
D.	•	3	10	17	24	•
S.	•	4	11	18	25	•
T.	•	5	12	19	26	•
Q.	•	6	13	20	27	•
Q.	•	7	14	21	28	•
S.	1	8	15	22	29	•
S.	2	9	16	23	30	•

MAIO						
D.	1	8	15	22	29	•
S.	2	9	16	23	30	•
T.	3	10	17	24	31	•
Q.	4	11	18	25	•	•
Q.	5	12	19	26	•	•
S.	6	13	20	27	•	•
S.	7	14	21	28	•	•

Jornal do EXÉRCITO

Maio 1960

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 74 - TELEF. 36 67 51 (7 LINHAS)



INDÚSTRIA QUÍMICA

INDÚSTRIA TÊXTIL

METALURGIA DOS METAIS NÃO FERROSOS

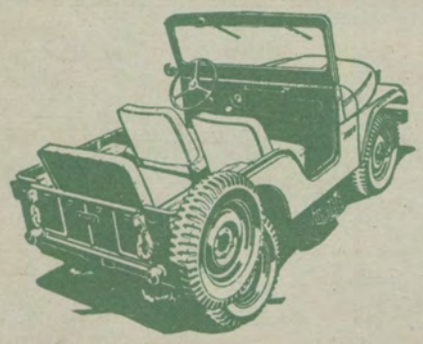
CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES NAVAIS

FUNDIÇÃO DE FERRO E AÇO

CONSTRUÇÕES METALO-MECÂNICAS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

RUA DO COMÉRCIO, 49 - TELEF. 30551 - LISBOA



'Jeep'®

WILLYS

O Veículo para «todo-terreno» construído em maior número em todo o Mundo, e preferido pelos Serviços Armados devido à sua incomparável resistência e versatilidade de aplicação.

ÚNICOS REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES GERAIS

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, LDA.

(I C A L)

AV. DA LIBERDADE, 35, 1.º-LISBOA

Jornal do EXÉRCITO

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Redacção e Administração
Rua da Escola Politécnica, 61, 2.º
Telef. 3 10 45

DIRECTOR E EDITOR
Brigadeiro DAVID DOS SANTOS
Chefe da Redacção — Major BALULA CID
PROPRIEDADE DO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Composição e impressão
CASA PORTUGUESA
R. Gáveas, 109 — Lisboa

Distribuição: Continente, Madeira, Açores, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Índia, Macau e Timor

ANO I — N.º 5 MENSÁRIO — MAIO DE 1960 2 ESCUDOS

AS FORÇAS ARMADAS • RAZÕES E IMPORTÂNCIA DA SUA EXISTÊNCIA

SE bem que, de acordo com modernos conceitos, se pretende que a paz e os cordiais entendimentos entre os Estados devem constituir o princípio único das relações entre os povos, o facto é que os seus interesses não são concordantes em larga medida e, por obstinação de princípio ou por necessidade vital na obtenção ou garantia de determinada posição, são levados, frequentemente, ao recurso à violência, à coacção da vontade do adversário, pela força, à custa das armas, pela guerra.

Às Forças Armadas cabe, como bem sabido é, constituirem-se na força colectiva, organizada, instruída e equipada para a luta pelas armas imposta pela conservação e desenvolvimento da Nação e pela consecução dos fins justos que o Estado se propõe alcançar no campo internacional.

A função que têm a desempenhar é assim da maior responsabilidade e do mais alto valor moral. Condensam o conjunto de virtudes e energias mais representativas de que uma Nação pode dispor e, criando nos que as servem a mística do sacrifício da vida pela Pátria, alçam-se ao ponto mais alto a que conduzem os sentimentos de Honra e do cumprimento do Dever, que, aliás, com elas se identificam.

Não obstante criadas essencialmente para a guerra, desempenham largo e decisivo papel em tempo de paz. Com efeito, não é só a função de se baterem pela imposição da justa vontade nacional, pela consecução (manejando meios de guerra) dos fins fixados pela Política e que a vida e o futuro do País imponham, que as absorve e que justifica a sua existência. Não! Constantemente, em tempo de guerra como em tempo de paz, é também da sua responsabilidade:

— Garantir nas relações externas o respeito pela existência de interesses nacionais, tornando-se factor primordial com que a Política joga;

— Fronteiras adentro, assegurar o equilíbrio do agregado social, actuando como fiel da balança quando as crises sobrevenham, tornadas as Forças Armadas intérpretes idóneas à margem de paixões e dos sentimentos de discórdia que no seio da Nação possam ter-se desenvolvido.

Possuem uma experiência de séculos, aprendida na resolução de graves problemas internos e externos nos quais a acção dos chefes militares, devidamente analisada, pôde, sucessivamente, constituir preciosa lição para o futuro. De há muito estabeleceram princípios que, em larga escala e devidamente adaptados, transbordaram, com o seu carácter de eficiência dentro da maior economia de esforços, para a orgânica social civil dos Estados.

Nas crises sociais ou de valores, às Forças Armadas se vão buscar as reservas profissionais, morais e intelectuais que permitem assegurar com firmeza a continuidade da acção do Estado, assim se constituindo baluarte permanente em face das mais graves perturbações na ordem interna ou externa. Como escreveu Mouzinho de Albuquerque na sua célebre carta ao Príncipe D. Luís «...a classe única em que se encontra quem obedeça sem reticências e mande sem hesitações...». De resto, ainda há muito pouco tempo, numa grande nação europeia, pudemos encontrar a confirmação de que assim é.

No entanto, ainda que com carácter especulativo, existem individualidades que pretendem provar o peso morto que as Forças Armadas representam na Nação — vamos lá que quase sòmente no campo financeiro — considerando que os dinheiros gastos com aquelas, melhor deveriam reverter em investimentos de vária ordem mas com outras caracteristicas e finalidades. A resposta é simples e pode ser imediata. Comporta dois aspectos: o internacional e o nacional.

Quanto ao primeiro, a História nos ensinou que a projecção das nações no Mundo se tem ligado, no correr dos tempos, ao seu poderio militar: Roma, Portugal, Espanha, França, Inglaterra, e hoje os Estados Unidos da América e Rússia, ilustram a afirmação. É em muito pelo valor das suas Forças Armadas que a voz de uma nação tem possibilidades de ser respeitosamente ouvida, sempre que em conferências do mais alto nível se debatam e resolvam assuntos de interesse capital.

Quanto ao aspecto nacional, valerá a pena atentar nos principais benefícios que o Estado colhe nos investimentos que destina às Forças Armadas:

— Valorização física da raça;

— Instilação dos sentimentos de ordem, disciplina e nacionalidade;

— Educação moral, cívica e militar da juventude válida;

— Destrinça, objectividade pelo exemplo, da valia relativa dos sentimentos morais e do materialismo;

— Salvaguarda da memória de heróis, santos e guerreiros que glorificando o passado criam o sentimento de prestígio no presente e ensinam a passar às gerações novas um facho que a todo o transe há que manter aceso;

— Finalmente, bem ajustado aos dias que estamos vivendo e atendendo, em particular ao caso de Portugal, um outro benefício, do mais alto valor, desinteressadamente, as Forças Armadas prestam ao País, benefício que, estamos em crer, ninguém ousará pôr em dúvida: milhares de homens ficariam para toda a vida agarrados à enxada ou a ocupações servis, se no seio das Forças Armadas não viessem a ser valorizados com a aprendizagem de técnicas, as mais diversas. Tornados à vida civil muitas vezes possuidores de alto nível de especialização, servem-se e servem o País da melhor maneira.

Com verdade se pode afirmar que as Forças Armadas, orgulho das próprias nações, guardam sempre o cabedal inestimável dos maiores heroísmos, dos maiores sacrifícios, dos mais puros sentimentos de Honra e do Dever com que se ornam esses símbolos eternos e gloriosos que são as suas Bandeiras, cuja guarda é mais um dos Serviços que prestam. Caberá, sem dúvida, terminar estas linhas com uma nova citação de palavras de Mouzinho de Albuquerque com as quais se referiu à carreira das Armas: «...a profissão entre todas nobre, foi, é e há-de ser sempre a militar, porque nela se envolve tudo o que exige a anulação do interesse individual perante o da colectividade.»

NEVES ADELINO
Major do C. E. M.

A CAMINHO DA SECRETARIA (1.º G. C. A. M.)

EXAME PSICOTÉCNICO (R. I. 7)

RECRUTA – 1960

DURANTE A VACINA (G. A. C. A. 2)

O Soldado Português defende uma Pátria espalhada pelo Mundo e a civilização cristã.

● O Soldado Português tem de se preparar fisicamente para o desempenho da sua missão. Não será um campeão — mas terá de ser um indivíduo apto e destro no manejo das armas.

● O Soldado Português tem de aprender a adaptar-se ao terreno e tem de treinar-se no combate de noite.

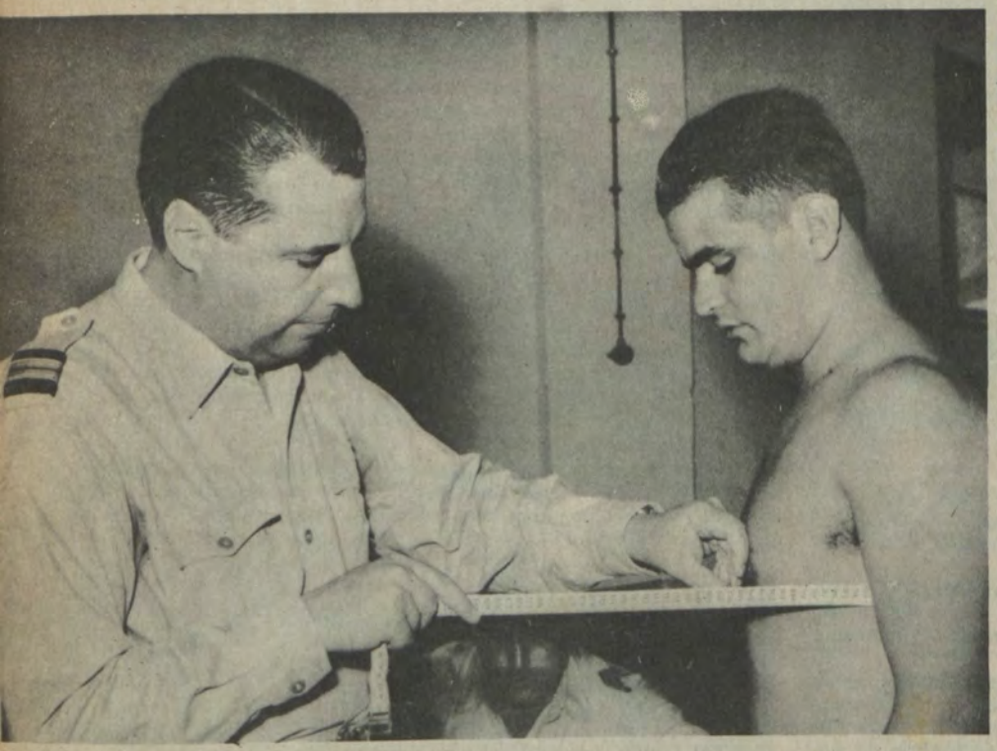
● O Soldado Português tem de saber combater em conjunto com os seus camaradas e estar consciente da cooperação interarmas. O combate, mais do que soma, é convergência de esforços.

O seu êxito depende da tenacidade que se põe na luta, da articulação adequada dos meios e da colaboração das outras Armas do Exército e da Força Aérea.

● O Soldado Português deve viver num ambiente de fraternidade militar. A **honra**, o **brio**, o **aprumo** deverão ser em todas as circunstâncias o seu apanágio.

NOVOS ARTILHEIROS (R. A. L. 4)

A PRIMEIRA INSTRUÇÃO (R. I. 11)



A INCORPORAÇÃO NO GRUPO DE DRAGÕES DE LUANDA

AS GRAVURAS DOCUMENTAM VÁRIOS ASPECTOS DA INCORPORAÇÃO DOS NOVOS RECRUTAS EFECTUADA NO GRUPO DE DRAGÕES DE LUANDA

(Fotos gentilmente cedidas pelo «Diário de Luanda»)

Um transporte larga para O ORIENTE PO

DIA 26 de Abril. Manhã de sol que tudo envolve em reflexos de oiro. O casario alegre de Lisboa é o fundo multicolor de mais uma partida dum transporte de tropas.

Na Estação Marítima de Alcântara o movimento é desusado. Atracada ao cais, a figura imponente do «Niassa» é uma mancha de uniformes de caqui amarelo-torrado.

Há soldados por todo o lado: nos convés, nas amuradas, sobre os ventiladores, cachos encarrapitados nos mastros e até um, possìvelmente ágil telegrafista, arranjou cómodo poiso no topo do mastro da proa, talvez no desejo de lobrigar o campanário da sua aldeia.

No cais, a banda do R. I. n.º 1 executa marchas militares. A plataforma da estação está repleta de familiares, pais, mães, parentes e amigos que agitam lenços, que gritam as últimas recomendações: «Cautela contigo, meu filho!» «Escreve!» «Não percas as laranjas que a Ti Rosa mandou!» Envia um telegrama quando chegares!» Um toque seco de sentido. Entra a bordo o Sr. Subsecretário de Estado do Exército, tenente-coronel Costa Gomes que vem apresentar as suas despedidas. Acompanham-no numerosos oficiais-generais.

No salão do navio, onde se encontram reunidos todos os oficiais e sargentos que partem agora para o Ultramar, S. Ex.ª profere as seguintes palavras:

«Um acontecimento histórico ocorreu no passado dia 12 que fez exultar de alegria todos os portugueses. Refiro-me à decisão do Tribunal Internacional da Haia que reconheceu a nossa legítima e plena soberania sobre os territórios de Dadrá e Nagar-Aveli. Mas para além desse reconhecimento — e é por isso que a decisão da Haia ficou imediatamente inscrita na história como acontecimento da mais transcendente importância — foi internacionalmente reconhecido o princípio histórico proclamado na Constituição e definido na Lei Orgânica do Ultramar Português que as Províncias Ultramarinas constituem parte integrante da Nação Portuguesa.

As acções da Diplomacia, da Jurisprudência e do Exército, cujo esforço foi superiormente dirigido e coordenado por Sua Ex.ª o Presidente do Conselho, foram os três elementos essencialmente operantes em que assenta a nossa fulgurante vitória da Haia.

Julgo que interpreto o pensamento unânime do Exército ao afirmar que a vitória da Haia foi por nós sentida duma forma muito particular e intensa.

O Exército esteve na Índia desde a primeira hora. Sofreu com a população todas as vicissitudes. Teve a honra de organizar e coordenar todas as forças contra a luta traiçoeira que o inimigo nos moveu.

Esta missão não foi fácil e nesta luta sofremos baixas — mortos, feridos e estropiados — mas também se revelaram alguns heróis que regressaram simples e humildemente aos seus lares sem alardearem os seus feitos.

Todos os militares que passaram pela Índia — e nos últimos dez anos o seu número já se conta por milhares — terão cumprido com honra e dignidade a sua missão.

A acção do Exército não se pode, porém, avaliar apenas no campo estritamente militar. O Exército colaborou sempre que foi solicitado em todas as actividades da Província. Nos domínios da Administração, da Engenharia e da Saúde a acção do Exército pode considerar-se relevante e decisiva para o progresso da Índia Portuguesa.

Ao finalizar, formulo sinceros votos para que das Unidades que ora partem para o Ultramar, ao regressarem dentro de dois anos, se possa dizer que continuaram a honrar as brilhantes tradições do nosso Exército.»

Seguidamente S. Ex.ª cumprimentou o Sr. Major do S. A. M., Alexandrino Pinheiro, oficial mais graduado dos que partem, e os capitães de Cavalaria Silva Reis e Helder Matias, capitão de Infantaria Rebelo de Sousa, respectivamente comandantes dos E. Rec. 1 e 3 e da Companhia de Caçadores de Damão e o 1.º sargento Clementino como representante da classe de sargentos.

Novo toque de sentido e o Sr. Subsecretário de Estado abandona o navio. Faltam poucos minutos para o meio-dia, hora da partida. A multidão agita febrilmente milhares de lenços. De bordo lançam-se centenas de garridas serpentinas.

Procuramos obter algumas rápidas entrevistas o que conseguimos, embora com alguma relutância nossa, pois sabemos que vamos roubar minutos preciosos às despedidas familiares. Mas, quando falamos no «Jornal do Exército», obtemos as melhores boas-vontades.

O SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DO EXÉRCITO SAÚDA OS EXPEDICIONÁRIOS

de tropas

RTUGUÊS

Abordamos, em primeiro lugar, o Sr. capitão Helder Matias, comandante do E Rec. 3 do R. L. 1.

— Sr. capitão, é a primeira vez que vai ao Ultramar?

— Sim, e parto com certa curiosidade e grande emoção, pela perspectiva de ir pisar terras sagradas da Índia.

— Qual a missão da sua Unidade?

— Trata-se de uma missão de rotina: rendição normal de outra Unidade equivalente, o que aliás sucede, também, com o E Rec. 1.

— Os seus homens? Moral?

— Os meus soldados são naturais de várias regiões do Continente e, ainda fortemente sensibilizados pela grandiosa e esmagadora despedida que a cidade de Elvas lhes fez, partem para esta missão cheios de moral e eivados de são patriotismo.

— Deseja enviar qualquer mensagem, através do «Jornal do Exército», para as famílias?

— Com o maior prazer: «Ao deixarmos Lisboa, em nome dos elementos que formam o E Rec. 3, saúdo todas as pessoas de família que nos ficam a aguardar, garantindo-lhes que saberemos cumprir o nosso dever. Confiança e patriotismo. Os vossos filhos regressarão.»

•

Na amurada do navio, acenando para terra, um furriel de cavalaria. Aproximamo-nos.

— Bom-dia. Queremos registar para o «Jornal do Exército» umas breves palavras. Diga-nos: como se chama, onde nasceu e para que província vai?

— Sou o furriel mil.º Nave, do R. L. 1, natural da Póvoa de Rio de Moinhos, concelho de Castelo Branco e sigo para a Índia

— Já foi alguma vez ao Ultramar?

— Não. É a primeira viagem que faço e estou desejoso de ver novas terras, novos costumes...

— Saudades?

— Claro, todos as levamos, mas o tempo passa depressa. Qualquer dia cá estamos outra vez!

•

Dirigimo-nos para a ré do «Niassa». A boa disposição é geral. Canta-se, recordam-se episódios do último dia passado na capital. Há quem toque numa gaita de beiços, acompanhado pelo batimento de palmas. Mais a estibordo, um soldado dedilha num inevitável harmónio, o corridinho algarvio.

•

Falamos agora com o 1.º cabo n.º 74/59, Vale, do R. L. 2, natural de Tondela.

— Para onde vai?

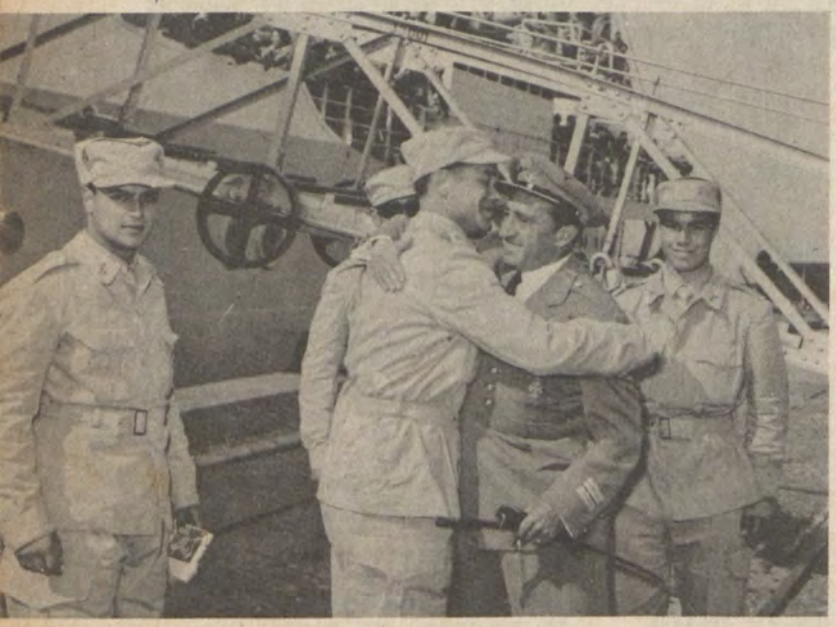
— Para Macau, eu, quatro primeiros cabos e 1 soldado. Todos para a Polícia Militar.

— Disposição?

O CAPITÃO HELDER MATIAS FALA AO «JORNAL DO EXÉRCITO»

O 2.° SARGENTO TEIXEIRA E SUA ESPOSA

OUVINDO O 1.° CABO 74/59 VALE



— Óptima. Macau é uma linda cidade e agrada-me passar lá uns tempos.

— Que fez ontem, véspera da partida?

— Primeiro despedi-me da família e dos amigos. Fui ao cinema com a namorada, fiz algumas compras e o tempo não deu para mais.

— Bem, boa viagem e cautela com as chinesas, sobretudo por causa da namorada...

●

Interrogamos, a seguir, o 1.° cabo 356/60/A, Vicente, do R. I. 11, natural de Setúbal e mobilizado para fazer parte da Companhia de Caçadores de Damão.

— Então, satisfeito com esta possibilidade de ir conhecer a Índia?

— Sim. Tenho amigos que já lá estiveram e que me contaram maravilhas. Alguns até gostariam de voltar.

— Costuma ler o «Jornal do Exército»? Gosta?

— Li todos os números e espero que não nos falte na Índia. É um bom companheiro nas horas de folga. Conto com o n.° 4 quando lá chegar.

●

Subimos ao «deck» superior e falamos com o 2.° sargento de Engenharia, Teixeira, natural do Funchal (Madeira) que, com sua mulher, D. Maria Estela Fernandes e 3 filhinhos, se dirige para Macau, onde vai prestar serviço no Posto-Rádio do Comando Militar.

— É a primeira vez que vai ao Oriente?

— Não. Já estive em Goa durante os anos de 1956-59, nos Batalhões de Caçadores da Índia, das Beiras e do Alentejo.

— Foi aí que conheceu a sua mulher?

— Exactamente. Minha mulher é goesa e em Goa nos casámos.

— Satisfeito por ir conhecer Macau?

— Claro. Tanto eu como minha mulher gostamos de passar lá uns anos.

— Como recebeu a notícia da decisão do Tribunal da Haia?

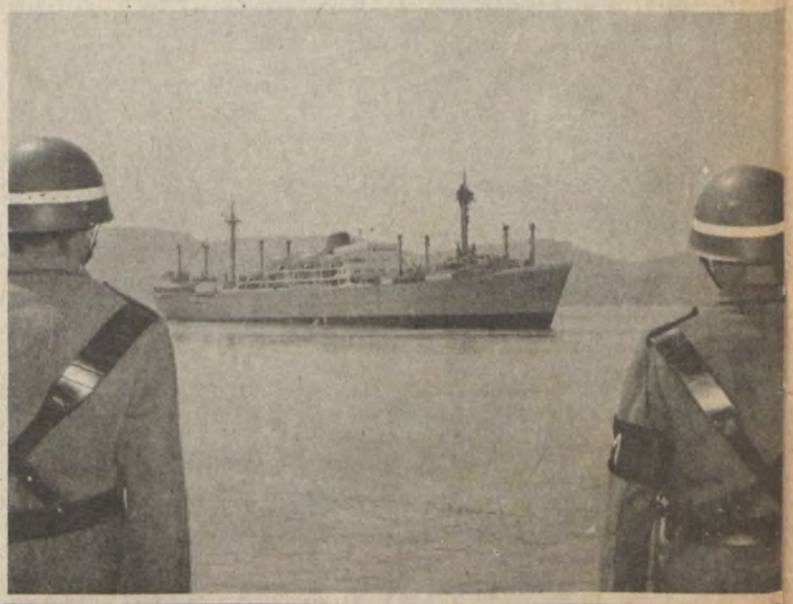
— Ficámos contentíssimos. Nenhum verdadeiro português pode ficar indiferente a tal facto.

— Em nome do «Jornal do Exército» obrigado e votos de óptima viagem. Felicidades e até à vista!

●

E assim terminámos este breve apontamento que pode dar ao leitor uma ideia do ambiente e da disposição a bordo do «Niassa».

Regressámos ao cais. A escada do portaló está prestes a ser levantada. Um silvo estridente e o navio começa lentamente a afastar-se. Cerca de um milhar e meio de soldados portugueses vão a caminho dos seus postos. Ouve-se o Hino Nacional. Perfilamo-nos em continência e, como uma prece, dizemos baixinho:



BOA VIAGEM SOLDADOS. QUE TUDO VOS CORRA BEM!

bastava para tão longe levar as Bandeiras de Portugal.

«Quando se medita no contraste entre as escassas forças deste povo e a obra gigantesca que levou a cabo, sobressaem melhor que em nenhum outro exemplo da história das nações, as excelências da inteligência sobre as forças brutas dos homens e da natureza. Erro crasso foi supor-se, até aos nossos dias, que os descobrimentos e conquistas dos portugueses não excediam um caso, ainda que inaudito, de bravura colectiva. Não foram as lanças, as couraças, as bombardas das naus e a fúria de movê-las; mas sim os regimentos, as cartas, os astrolábios, o método, a disciplina, enfim, a cultura e o espírito organizador, que triunfaram.

«As façanhas dos Portugueses nos séc. XV e XVI representam uma das mais sublimes vitórias do espírito, na História Universal» (História de Portugal—Barcelos).

Não sòmente audácia e ainda menos acaso.

O ERRADO CONCEITO DA AUDÁCIA DOS NOSSOS MAIORES

BASTARÁ ela para explicar tantos sucessos lògicamente encadeados?

— Só por acaso sempre voltavam ao Tejo os marinheiros portugueses?

— Só a audácia venceu os ventos e as correntes que à entrada do hemisfério sul se opunham à marcha das caravelas portuguesas para o mundo desconhecido?

— Só o acaso empurrou para as costas do Brasil os navios que ali buscavam os ventos de feição, para passarem o Cabo das Tormentas e assim vencerem o terrível sopro do Adamastor?

— Certamente, não.

Embora necessária, a audácia, a extraordinária audácia dos navegadores portugueses, por si só não

Mas porque daquela se fez fundamento de uma epopeia, dela surgiu a improvisação, sobrepondo-se ao estudo, ao método, à disciplina, à perseverança, parâmetros certos dum fim a alcançar.

Conceito por de mais vulgarizado e enraizado nos espíritos jovens, aquele da audácia dos nossos maiores, instantemente carece de ser substituído por este outro do método, do estudo, da disciplina, perseverantemente conduzidos.

Coronel do C. E. M., FREITAS SOARES

NOTICIÁRIO

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA INDONÉSIA, EM PORTUGAL

VISITOU oficialmente o nosso País, durante três dias, o Presidente da República da Indonésia, Dr. Ahmed Soekarno, herói da independência indonésia e notável doutrinário político, que sempre se tem revelado sincero amigo de Portugal.

Não foi apenas a sua qualidade de Chefe de Estado que revestiu esta visita de especial significado histórico. A Indonésia e Portugal, vizinhos na nossa Província de Timor, mantêm as melhores relações de amizade, numa inequívoca demonstração de verdadeira coexistência pacífica e sincera fraternidade que pode servir de exemplo ao Mundo conturbado dos nossos dias.

Esta é a razão fundamental da luzida recepção dispensada pelos portugueses da Metrópole ao ilustre estadista e sua comitiva, durante a sua permanência entre nós.

O Presidente Soekarno assiste, acompanhado do Ministro do Exército, ao desfile da guarda de honra, durante a sua visita à histórica vila de Mafra, no dia 8 do corrente.

●

VISITAS ÀS UNIDADES DO G. M. L.

O Sr. Tenente-Coronel Costa Gomes, Subsecretário de Estado do Exército, acompanhado pelos Srs. Generais Alves Veríssimo e Silva Domingues, respectivamente Quartel-Mestre-General e Governador Militar de Lisboa visitou, no passado dia 10, o Centro de Instrução Antiaérea de Costa e a Escola Militar de Electromecânica.

FESTIVAL AÉREO LUSO-FRANCÊS

DE 22 a 25 de Abril passado realizaram-se, em Lisboa, contactos aeronáuticos luso-franceses, manifestação organizada pela «Associação Nacional dos Oficiais de Reserva do Exército do Ar» com o fim de tornar mais íntimas as relações entre os oficiais do activo e da reserva, pertencentes aos países membros da O.T.A.N.

A delegação enviada a Portugal incluia oficiais de todas as idades e patentes, cada um deles encarregado dum papel bem determinado na defesa da sua Pátria e apresentou, num grande festival aéreo realizado no dia 24, no Aeroporto de Lisboa, alguns dos mais modernos modelos de aviões, em serviço na Aviação Militar Francesa: o «Vantour» da 92.ª Brigada de Bombardeamento da Base de Cognac, o «Broussard», «Nord-Atlas» que serviu para a exibição da equipa de pára-quedistas da Escola de Pau, campeã de França, e o «Bréguet» de dois andares.

Por seu turno a Força Aérea Portuguesa apresentou os helicópteros «Alouette II» com que recentemente foi equipada.

As trocas de impressões entre os oficiais dos dois países, tanto no que se refere aos problemas aeronáuticos de cada um deles, como àqueles que resultam duma participação mútua na Aliança Atlântica, tiveram o melhor êxito.

●

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS

FOI criado o Centro de Instrução de Operações Especiais (CIOE), que fica aquartelado em Lamego, nas instalações do extinto Regimento de Infantaria n.º 9, e dependerá, para efeitos de instrução, da D. A. I.

●

BRIGADEIRO TEIXEIRA PINTO

CAUSOU grande consternação no meio militar a notícia do falecimento do Sr. Brigadeiro Ermício Teixeira Pinto, ocorrido no dia 21 de Abril findo.

Oficial distintíssimo do nosso Exército, oriundo da Arma de Engenharia, desempenhava, actualmente, as funções de Chefe da Casa Militar da Presidência da República.

Possuia, entre outras, as seguintes condecorações: Medalhas de Ouro e de Prata de Comportamento Exemplar, Medalhas de Ouro e de Prata dos Serviços Distintos, Medalhas de Mérito Militar (1.ª e 2.ª classes), Comenda e Grande Oficialato da Ordem de Avis e Comenda da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial.

À família enlutada, o «Jornal do Exército» apresenta sentidas condolências.

●

MANUTENÇÃO MILITAR

O director da Manutenção Militar, Coronel Manuel Domingos, foi alvo de merecida homenagem de reconhecimento por parte das crianças internadas na Creche do Bloco Social daquele Estabelecimento, durante uma festa cultural ali realizada.

OS MINISTROS DA DEFESA E DO EXÉRCITO EM ESPANHA

A convite do Ministro do Exército Espanhol deslocaram-se a Espanha, de 26 a 30 de Abril, os Ministros da Defesa e do Exército de Portugal.

Durante a sua estadia no país irmão, visitaram diversas Unidades Militares e assistiram a vários exercícios tácticos.

Os Srs. General Botelho Moniz e Coronel Almeida Fernandes acompanhados dos Srs. Tenentes-Generais António Barroso e Rodrigo, respectivamente Ministro do Exército e Capitão-General da 1.ª Região, assistindo a um exercício táctico de Divisão, na Serra de Hoyo de Manzanares

●

AÇORES

VISITA DE OFICIAIS DAS F. A. ESPANHOLAS

A convite do Chefe do E. M. da Força Aérea, integrado no intercâmbio de visitas de oficiais das Forças Armadas Portuguesas e Espanholas, estiveram, em fins de Março último, nas Ilhas Terceira e de S. Miguel, onde permaneceram alguns dias em franca camaradagem com os Oficiais Portugueses da B. A. n.º 4, do Q. G. e das Unidades da Guarnição de S. Miguel, o Coronel do C. E. M. do Exército Espanhol, José Angosto Gomez Castrillon e o Comandante Fermin Herce Sains, da Força Aérea.

Durante a visita ao Grupo de Artilharia de Guarnição (Ponta Delgada)

ÍNDIA

Foi nomeado Comandante Militar da Índia o Sr. Brigadeiro Martins Leitão, em substituição do Sr. Brigadeiro Cirne Pacheco, que terminou a sua comissão de serviço naquela província ultramarina.

O novo Comandante Militar possui os cursos de Engenharia Militar e do E. M. e desempenhava, actualmente, o cargo de Inspector das Tropas de Sapadores.

●

ANGOLA

Por iniciativa do Chefe de Posto da Môngua, no distrito de Huíla, fundou-se um Museu destinado a recolher e a guardar tudo quanto se relacione com os combates travados em 18, 19 e 20 de Agosto de 1915, quando da ocupação do Cuanhama.

●

MOÇAMBIQUE

— Visitou oficialmente a União da África do Sul, a convite do respectivo Ministro da Defesa, o Sr. General Nascimento e Silva, Comandante Militar da Província de Moçambique.

— Integradas no Programa das Comemorações Henriquinas elaborado pelo Comandante Militar, realizaram-se entre 1 de Abril e 31 de Maio, palestras e conferências em todas as Unidades da Província.

●

PEQUENAS NOTÍCIAS

● O R. I. 15 comemorou no dia 11 de Abril mais um aniversário da sua participação na Batalha de La Lys, onde se bateu valorosamente durante três dias, trazendo de França as condecorações: Medalha de Ouro de Valor Militar, Comenda da Ordem Militar da Torre e Espada, Valor Lealdade e Mérito, e Cruz de Mérito de Guerra de Itália.

● No dia 22 de Abril, na parada do B. C. 9 foi prestada homenagem ao Comandante daquela Unidade, Sr. Ten. Coronel Flamínio da Silveira, promovida pelos Oficiais, Sargentos e Praças, por motivo da sua recente promoção.

● Realizou-se no passado dia 25 de Abril, na Escola do Serviço Veterinário, a sessão de abertura das actividades escolares.

● No dia 26 de Abril realizaram-se, próximo de Santarém, exercícios de adestramento dos efectivos disponíveis dos diferentes postos da 3.ª Companhia do Batalhão N.º 1 da G. N. R., assistindo aos mesmos o Sr. Ministro do Interior, o Comandante-Geral da G. N. R., Sr. General Aníbal Vaz e os 1.º e 2.º Comandantes do 1.º Batalhão, Majores Sousa Pereira e Assunção.

● Foi distribuída a Circular N.º 14/E de 18 de Abril de 1960, da Repartição do Gabinete do Ministério do Exército, que transcreve o Regulamento para a Concessão do Abono de Fardamento bem como o despacho de Sua Ex.ª o Ministro da Defesa que fixa, para os anos de 1959 e 1960, em 800$00 e 700$00 os abonos para Oficiais e Sargentos respectivamente.

● A cidade de Elvas despediu-se com a maior vibração patriótica dos E Rec. n.ºs 1 e 3 do R. L. 1, expedicionários à Índia Portuguesa.

● No Q. G. da 3.ª R. M. foi prestada expressiva homenagem ao Sr. Brigadeiro Duarte Marques, por motivo da sua passagem à situação de reserva. Na sala dos Generais do Q. G., os Comandos das Unidades da Região ofereceram ao homenageado a Medalha de Ouro dos Serviços Distintos com que recentemente foi condecorado.

● No dia 3 de Maio, no R. I. 2, foi apresentada com a maior solenidade, a Bandeira Nacional, à Recruta de 1960.

● A Comissão Organizadora do «Jumping» fez entrega no Departamento da Defesa Nacional da quantia de 5.000$00, proveniente das receitas obtidas, oferecendo-a aos Serviços Sociais das Forças Armadas.

● Na Academia Militar estão abertos concursos para provimento dos lugares de professores catedráticos da 30.ª cadeira (Organização, Táctica e Serviços de Cavalaria), com o encargo de reger a 9.ª cadeira (Elementos de Táctica Geral, Táctica de Cavalaria); e das 43.ª (Armas e Munições, Material de Artilharia) e 44.ª (Balística). Os requerimentos dos candidatos devem dar entrada no Gabinete de Estudos da Academia, até às 15 horas do dia 9 de Junho.

● Na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais realizou-se o concurso para arrematação da empreitada de construção de dois blocos de quatro moradias destinadas a Oficiais da Escola Central de Sargentos.

(Continua na pág. 31)

A BASE DA ALIMENTAÇÃO RACIONAL

RAÇÕES E CONCENTRADOS PARA PORCOS, BOVINOS E AVES

PROVIMI merece a vossa confiança

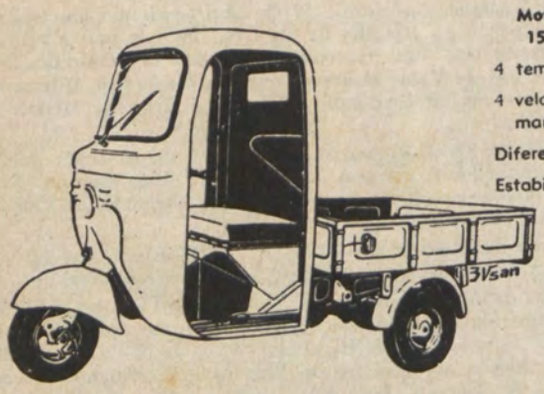
PROVIMI PORTUGUESA — Concentrados para a Alimentação de Animais, Lda.

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA

- FURGONETAS
- MOTOCARROS
- MOTOS

AGUSTA-MV

...A solução do problema de transportes, no congestionado tráfego da cidade



Motocarro 150 c.c.

4 tempos

4 velocidades e marcha-atrás

Diferencial

Estabilizadores

• MODELOS FURGON E PICK-UP •

1 LITRO DE GASOLINA SIMPLES PARA 33 KMS.

OTIMO, LDA.

Rua de Campolide, 37-A — LISBOA — Telef. 68 68 81

Agentes nas principais localidades do País

Ciclomotores «CORPADO» • Automóveis «MESSERSCHMITT»

Gomes & Rodrigues, L.da

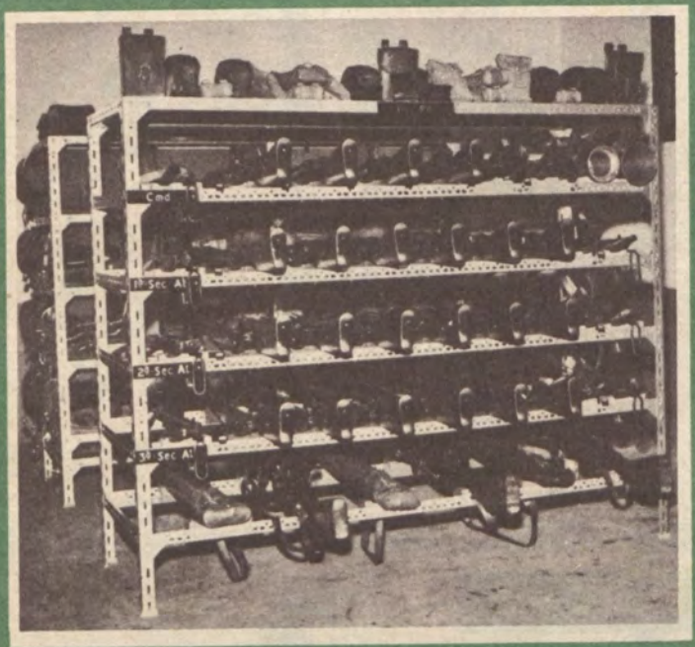
LIVRARIAS — ENCADERNAÇÃO
PAPELARIAS — OFICINAS GRÁFICAS
PAUTAÇÃO — ARTIGOS DE ESCRITÓRIO

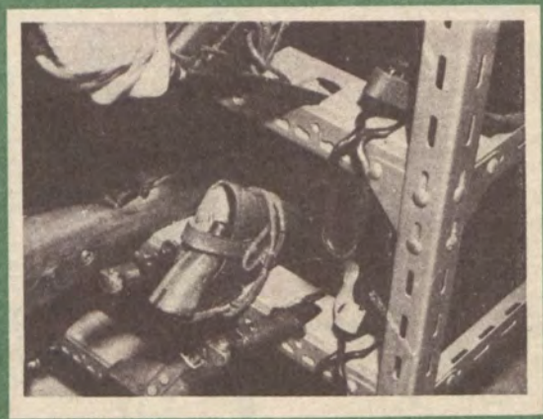
IMPRESSOS MILITARES

LARGO DE D. ESTEFÂNIA, 17 A 22 • RUA ENG.º VIEIRA DA SILVA, 12-A E 12-B • TEL. P.P.C. 49161/65 • LISBOA

SECÇÃO MILITAR: RUA ALEXANDRE BRAGA, 26-A • TEL. EXTENSÃO 16 • LISBOA

PELO MUNDO DA TÉCNICA



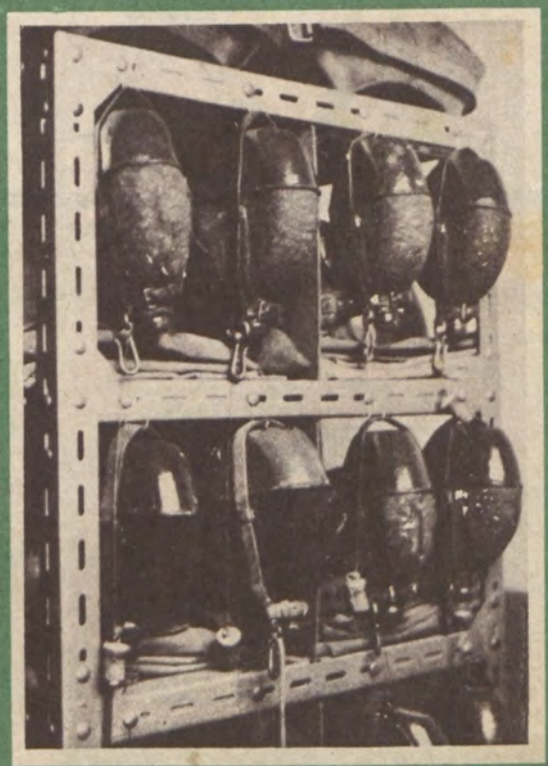


Os armeiros, de estrutura metálica, têm a característica fundamental de serem extremamente versáteis, permitindo uma fácil e rápida adaptação a qualquer orgânica e a qualquer unidade de efectivo semelhante a Pelotão, independentemente da Arma ou Serviço.

Dimensões: Frente - 1,80 m; Altura - 1,52 m; Largura - 0,615 m.

As prateleiras são constituídas por cantoneiras e painéis de aço inoxidável e de «Timberite. As dimensões são idênticas às dos armeiros.

(Fotografias gentilmente cedidas pela revista «Infantaria»)



NOVOS ARMEIROS E PRATELEIRAS PARA EQUIPAMENTOS

O Comando Militar de Moçambique adoptou, recentemente, novos modelos de armeiros e prateleiras para equipamentos, inteiramente concebidos por militares em serviço naquela Província.

BOM HUMOR NA TROPA

PÁGINA DO MAJOR DE INFANTARIA, **JORGE DE CARVALHO**

O RECRUTA

VISTO PELA FAMÍLIA E PELO NAMORO: «AI QUE LINDO»

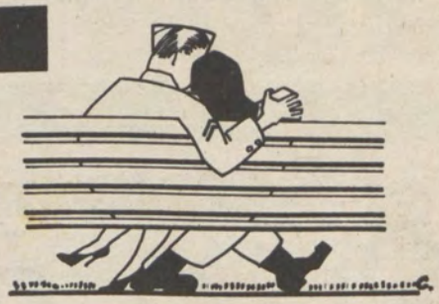
VISTO POR SI MESMO: «UM BURRO DE CARGA»

VISTO PELO «PRONTO»: «O ANJINHO»

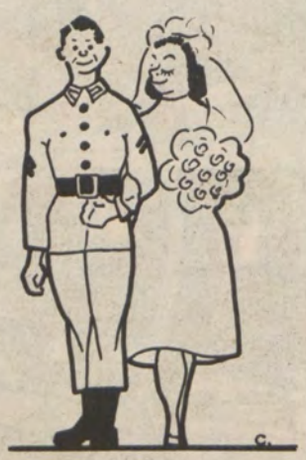
VISTO PELO 1.º SARGENTO: «O HOMEM QUE NÃO CABE NO FARDAMENTO»

A INSTRUÇÃO

INSTRUÇÃO BÁSICA



INSTRUÇÃO COMPLEMENTAR

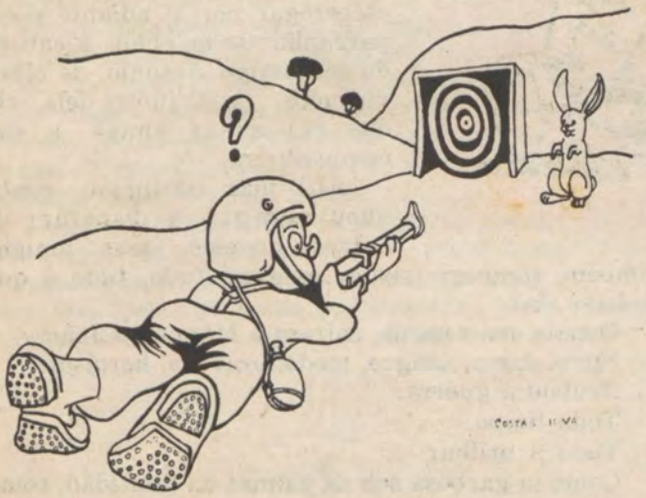


O QUADRO PERMANENTE

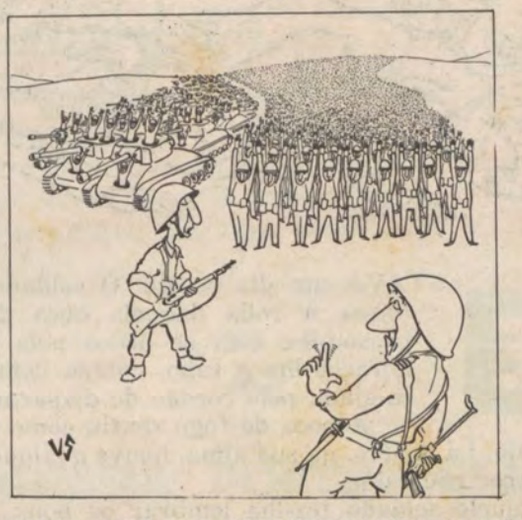
ESCOLA DE CABOS

ERA DISTO QUE PRECISÁVAMOS LÁ PARA A FANFARRA DO BATALHÃO

— EUSÉBIO! QUE VEM A SER ISSO?
— O MEU SARGENTO NÃO MANDOU VESTIR O FATO DE PASSEIO?

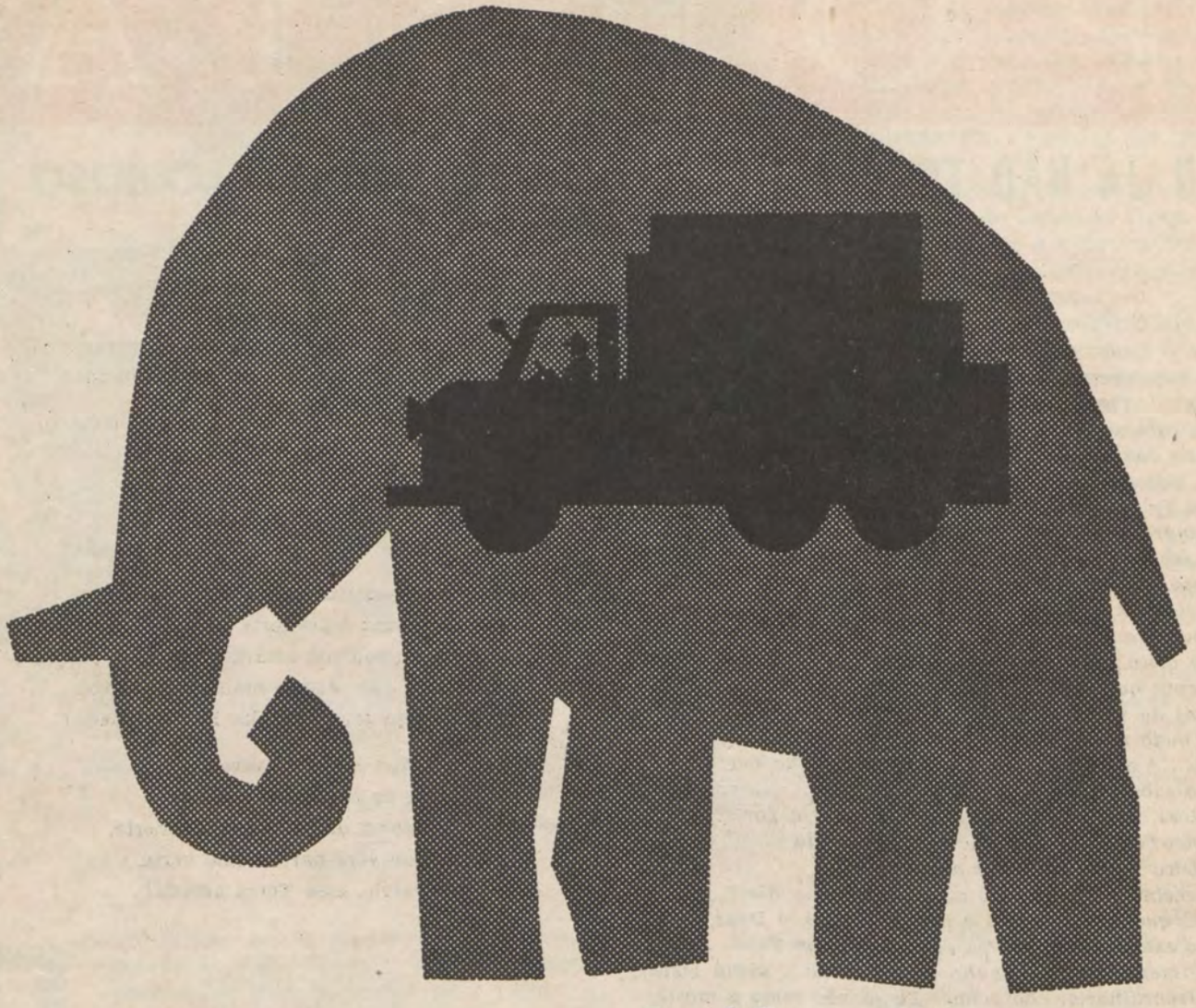


SEM LEGENDA



— AINDA BEM QUE APARECEU MEU CAPITÃO!... APRISIONEI ESTES «TIPOS» E JÁ NÃO SABIA QUE FAZER DELES.

SEM LEGENDA



força e resistência

Para transportar cargas enormes sem o mais ligeiro problema, o carro pesado de carga exige do seu motor diesel um rendimento completo e permanente.

SHELL ROTELLA OIL é a resposta adequada a tais condições de trabalho.

ROTELLA oil

é único!

A ORDEM DO EXÉRCITO DIZ...

CONDECORAÇÕES

Medalha de Prata de Serviços Distintos: Ten. Coronéis de Inf.ª Barroso Hipólito e Humberto Passos.

(O. E. n.ºs 5 e 6 — 2.ª Série — 1 e 16 de Abril de 1960)

Medalha de Mérito Militar: 2.ª Classe — Coronel de Artilharia Teixeira de Almeida; **3.ª Classe** — Capitães de Inf.ª Lopes de Figueiredo; de Cav.ª Pedrosa Curado; de Eng.ª Perry da Câmara.

(O. E. n.º 5 — 2.ª Série — 1-4-1960)

Ordem Militar de Avis: Grande-Oficial — Brigadeiro Pires Barata; **Comendador** — Majores do C. E. M. Lopes dos Santos e Nunes Matias e do S. A. M. Silva Simões.

(O. E. n.º 6 — 2.ª Série — 16-4-1960)

Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar: Coronéis: de Art.ª Carmo Machado; de Cav.ª (Res.) Carlos do Carmo e Silva Leitão; Ten. Coronéis: farmacêutico (Res.) Silva Maia, S. A. M. (Res.) Alves Gomes; Major do Q. S. G. E. Rosado Charrua; Capitães: do Q. S. G. E. Domingues Júnior e João Magro; do Q. S. A. E. (Res.) Costa Calão; do ext. Q. A. E. (Res.) Conceição Travanca; Tenente do Q. S. G. E. Augusto Domingues.

(O. E. n.º 6 — 2.ª Série — 16-4-1960)

1.ºs Sargentos José Ricardo, Ferreira Dias, Alfredo Leitão, Almeida Cruz, Russo Figueira, Gomes Coelho e José da Costa; 2.ºs Sargentos Rosado Guerra, Coelho de Sousa, Santa Júnior, Alfredo Carvalho e Nunes Gonçalves.

(O. E. n.º 11 — 3.ª Série — 20-4-1960)

CHEFIAS

Chefe do D. R. M. n.º 1, o Coronel de Inf.ª Carvalho Durão.

(O. E. n.º 6 — 2.ª Série — 16-4-1960)

COMANDOS

— Cmdt da E. P. A., o Coronel do E. M. Augusto dos Santos.
— Cmdt Int.º do B. C. 6, o Major de Inf.ª Oliveira Seguro.
— Cmdt Int.º do R. A. P. 2, o Ten.-Coronel de Art.ª Soares da Mota.

(O. E. n.º 5 — 2.ª Série — 1-4-1960)

— Cmdt do R. I. 1, o Coronel de Inf.ª Santos Gomes.
— 2.º Cmdt do R. A. L. 2, o Ten.-Coronel de Art.ª Carlos de Sousa.

(O. E. n.º 6 — 2.ª Série — 16-4-1960)

CONCURSOS

— Vai ser aberto concurso para músicos de 3.ª classe, 1.ºs cabos músicos, nos instrumentos a seguir designados:

Clarinete Sib, Clavicorne, Contrabaixo Mib, Fagote, Flauta em Dó, Flautim em Dó, Fliscorne, Oboé, Pratos, Saxofone, Trombone, Trompa de Harmonia, Trompete Sib e Tuba Sib.

As declarações dos candidatos devem ser entregues: — No Continente e Ilhas Adjacentes, por forma que, seguindo as vias competentes, dêm entrada no Q. G. do G. M. L., até ao dia 13 de Junho de 1960; — Nas Províncias Ultramarinas de Angola e Moçambique, nas datas que forem fixadas pelos respectivos Comandantes Militares.

(O. E. n.º 10 — 3.ª Série — 10-4-1960)

DETERMINAÇÕES

— Os Sargentos e Furriéis recrutados no Ultramar e autorizados a regressar à Metrópole, sempre que ulteriormente desejem prestar serviço nas Províncias Ultramarinas, ficam nas mesmas condições que os Sargentos da Metrópole, isto é, só poderão ser nomeados para prestar serviço em Comissão Militar.

(O. E. n.º 11 — 3.ª Série — 20-4-1960)

— São excluídas da nomeação por imposição para Comissão Militar no Ultramar, além das praças de que trata o 2.º do art.º 24.º do Dec. n.º 39.816 de 14-9-1954, aquelas que tenham já irmão nomeado por imposição, para Comissão ou Expedição Militar. (Despacho de 12-4-1960 de S. Ex.ª o Subsecretário de Estado do Exército).

— A primeira parte do n.º 7 da Circular n.º 14.142-P.º 2/1-4, de 2-7-1959, da ext. 3.ª Rep. da 1.ª D. G. M. E., passa a ter a seguinte redacção:

«Os aspirantes a Oficiais Milicianos e os 1.ºs Cabos Milicianos a quem tenha sido deferido requerimento de amparo, passam à disponibilidade após a Escola de Recrutas em que são obrigados a tomar parte, ou após seis meses de serviços nas fileiras depois de terminado o respectivo Curso, salvo determinação em contrário. Porém os mesmos só poderão ser promovidos ao posto imediato, na mesma data em que venham a ser os do respectivo Curso». (Despacho de 20-4-1960).

(O. E. n.º 12 — 3.ª Série — 30-4-1960)

CURSOS

— Teve início no dia 25 de Abril findo, na Escola do Serviço Veterinário Militar, o **Curso de Inspecção de Alimentos.**

(O. E. n.º 9 — 3.ª Série — 30-3-1960)

QUANDO MUDAR DE P. C.
lembre-se de comunicar a sua nova morada ao
«JORNAL DO EXÉRCITO»
Rua da Escola Politécnica, 61-2.º
LISBOA

CONDECORAÇÕES

MEDALHA DA CRUZ DE GUERRA

A medalha da Cruz de Guerra destina-se a galardoar actos e feitos de bravura praticados em campanha por militares do Exército ou da Armada, nacionais ou estrangeiros, e ainda por civis, quando deles não tenha resultado outra recompensa ou distinção.

A concessão de qualquer das classes (1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª) da Cruz de Guerra é feita pelos ministros do Exército ou da Marinha, perante louvores nominais em que se encontrem descritos os actos ou feitos de valor praticados. O Presidente da República pode, no entanto, por sua iniciativa, ou por proposta dos ministros do Exército ou da Marinha, conceder a Cruz de Guerra de qualquer classe a militares ou civis, nacionais ou estrangeiros, sem dependência de publicação em Ordem dos factos que lhe deram origem.

A atribuição de qualquer das classes da Cruz de Guerra depende da posição hierárquica da entidade que confere o louvor, sendo condição essencial, justificativa da concessão de qualquer das classes desta condecoração, que os louvores respectivos refiram actos ou feitos praticados em combate, demonstrativos de coragem, decisão, serena energia debaixo do fogo, sangue-frio e outras qualidades que honrem o militar em frente do inimigo. A Cruz de Guerra de 1.ª classe pode ser conferida à bandeira ou estandarte de unidades de terra, mar e ar com a composição de um batalhão de infantaria ou correspondente de outras armas e ainda a navios e praças de guerra ou quaisquer localidades sitiadas que hajam, colectivamente, praticado feitos de armas de excepcional valor.

A Cruz de Guerra tem por insígnia uma cruz de quatro ramos suspensa de fita vermelha com 5 faixas verdes.

As classes da Cruz de Guerra distinguem-se na insígnia pela seguinte forma:

— Na 1.ª classe a cruz é de prata dourada e sobre a fita é colocada uma cruz do mesmo modelo da insígnia, cercada de palmas, tudo em ouro.

— Na 2.ª classe a cruz é igualmente de prata dourada e, sobre a fita, a cruz é também de prata dourada, sem palmas.

— Na 3.ª classe a insígnia e a cruz da fita são de prata simples.

— Na 4.ª classe a insígnia e a cruz são de bronze.

O militar condecorado com a 1.ª classe da Cruz de Guerra que se encontre privado de meios de subsistência em relação com o nível que ocupa na vida social, tem direito a haver do Estado a pensão legalmente estabelecida como acto de salvaguarda dos valores morais da Nação.

Nas mesmas condições terá direito a uma pensão o condecorado com a 2.ª classe, que for sargento ou praça de pré.

DEFENDA A LÍNGUA PÁTRIA

pelo Professor do Colégio Militar PEIXOTO DA FÔNSECA

ERROS COMUNS: «O» PERSONAGEM

É vulgar ler, ou ouvir, mesmo a pessoas cultas, **o, um personagem.** Esta palavra, bem como todas as outras terminadas em **-agem,** é feminina; as únicas excepções são o vocábulo **pajem,** que reparem, nem com **g** se escreve, e **abencerragem,** este de origem árabe. Este erro deve-se à influência do género masculino a que pertence a quase totalidade das palavras francesas terminadas em **age,** sufixo este que passou para o português sob a forma **-agem.** Ora não há dúvida de que em francês se diz **le personnage,** e de que foi deste termo que veio o nosso correspondente; mas este, assim como vários outros que dessa língua irmã recebemos com esta terminação, submeteu-se ao género das outras palavras assim terminadas, que já possuíamos. Em português arcaico dizia-se, de facto, **o linhagem,** que depois tomou o género feminino. Mas hoje, reparem, por exemplo, em **garagem,** do género feminino, se bem que venha do francês **garage,** que é masculino. Portanto, tal como não passa pela cabeça de ninguém dizer **o garagem,** devemos dizer e escrever sempre, mesmo quando nos referimos a uma pessoa do sexo masculino, **a personagem.**

«FAZER QUE» E «FAZER COM QUE»

Embora sinónimas, é mais correcta a primeira maneira de dizer, apesar de a segunda ser a mais usual.

TENENTE

Do latim **tenente,** particípio presente do verbo **tenere,** «aguentar, segurar», significa, portanto, etimològicamente, «o que segura». A antiga forma foi **teente,** mais popular, e ambas se empregavam também como adjectivos, como se vê, por exemplo, na expressão **mão-tenente** ou **à mão tente.** Eis a mais remota documentação, segundo parece, do termo como substantivo: «...ele enviou chamar o mestre e o **teente:** e o almirante...» **(Crónica do Condestabre,** cap. 68, p. 177, ed. de 1911). A etimologia de **tenente** ressalta no composto **LUGAR-TENENTE,** «o que desempenha funções alheias».

EFEMÉRIDES

MAIO

3 — 1811
O Exército Anglo-Luso trava, contra as tropas francesas, o Combate de Fuentes de Oñoro.

7 — 1562
Os mouros levantam o cerco a Mazagão, tendo sofrido perdas superiores a 25.000 homens.

12 — 1809
O Exército Anglo-Luso passa o Douro e ocupa a cidade do Porto evacuada pelos franceses.

14 — 1809
Combate da Ponte de Alcântara, sustentado pela Leal Legião Lusitana.

16 — 1811
O Exército Anglo-Luso derrota os franceses na memorável Batalha de Albuera.

19 — 1498
A armada de Vasco da Gama aporta a Calicut (Índia).

— 1806
As Unidades militares passam a designar-se por números.

— 1809
O Exército francês, sob o comando do General Soult, retira de Portugal.

26 — 1644
Matias de Albuquerque derrota os espanhóis na Batalha de Montijo.

— 1706
Ciudad Rodrigo rende-se às forças portuguesas sob o mando do Marquês das Minas.

28 — 1357
Morre D. Afonso IV, o vencedor da Batalha do Salado.

30 — 1917
A 1.ª Brigada do Corpo Expedicionário Português ocupa o sector de Neuve Chapelle (França).

IMPRENSA

Tiveram a amabilidade de se referir ao «Jornal do Exército» os seguintes órgãos da Imprensa:

«Diário de Notícias» (Brasil), «Jornal do Algarve», «Jornal do Turismo», «Revista da Marinha», «Revista Infantaria», «Diário Ilustrado», «Notícias da Beira», «Notícias de Portugal», «Gazeta de Paços Ferreira», «Ecos de Belém», «Jornal dos Açores», «Açores» e «Defesa Nacional».

ACADEMIA MILITAR

Este estabelecimento de ensino foi profundamente reorganizado em Fevereiro do ano passado e voltou a denominar-se «Academia Militar».

Na segunda metade do século XVII já assim fora designado o estabelecimento militar de ensino superior, de que a Academia é o actual «descendente directo».

O Governo da Nação, no Decreto 42.151 manteve à Academia as seculares prerrogativas de estabelecimento superior de ensino, e garantiu a equivalência das cadeiras ali professadas às similares das outras Universidades.

A meditação sobre as lições da última guerra mundial, a computação dos resultados de quase 20 anos de experiência e o reconhecimento da acelerada evolução técnico-militar, social e económica do mundo do pós-guerra, aconselharam esta profunda transformação para estruturar a Academia Militar em bases actualizadas que lhe permitissem formar oficiais em condições de desempenharem com eficiência a sua alta missão no tempo presente.

Esta missão exige que o moderno oficial do Quadro Permanente possua sólidas bases morais para poder enfrentar os ataques ideológicos tão utilizados nos dias que correm; exige cuidadosa cultura científica-base e uma constante actualização que o habilitem a trabalhar com os grupos especialistas das Forças Armadas; exige ainda uma resistência física que o não atraiçoe no labor constante, por vezes tão duro e incómodo, que a carreira escolhida não lhe poupará.

As provas de admissão à Academia Militar não podem portanto limitar-se a uma avaliação de nível de conhecimentos, e têm que ser mais completas.

Este assunto será tratado em número próximo do Jornal.

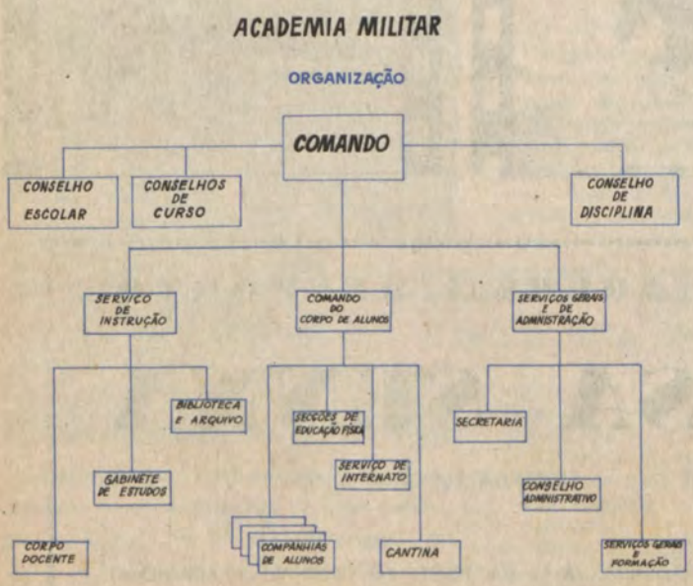
Actualmente funcionam na Academia dez cursos distintos:

— Infantaria — Artilharia — Cavalaria — Engenharia Militar — Administração Militar — Aeronáutica Militar — Engenharia Aeronáutica Militar — Engenharia Electrotécnica Militar — Engenharia Mecânica Militar — Transmissões.

Os cursos de Engenharia têm a duração de oito anos, e os restantes, a duração de cinco.

Em todos os cursos o último ano é de tirocínio em Escolas Práticas, sob a orientação da Academia Militar, e as notas ali obtidas contam para a classificação final do curso respectivo.

Para garantir o complexo funcionamento que impõe a existência de dez cursos superiores diferentes, aos quais se ministra adicionalmente a necessária preparação física, militar, moral e cultural, o Decreto da reorganização deu à Academia a estrutura que esquemàticamente se apresenta no organograma da figura junta.



conquiste simpatias...
...COM A POMADA **LEÃO**

FORNECEDOR DAS CANTINAS MILITARES

ALBERTO MACÁRIO CADETE

POMADA PARA CALÇADO • CERA PARA SOALHOS E MÓVEIS

RUA FILIPE DA MATA, 135, C/V-ESQ.º • LISBOA

MANUAL DE TOPOGRAFIA

UM LIVRO DE PARTICULAR INTERESSE PARA MILITARES

340 PÁGINAS COM 260 GRAVURAS E ILUSTRAÇÕES
PREÇO . . . . . 30$00
PEDIDOS AO «JORNAL DO EXÉRCITO»

SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES DA M.P.

IV SEMANA EQUESTRE MILITAR

A IV Semana Equestre Militar que teve lugar no C. M. E. F. E. D., de 21 a 28 de Abril, foi mais uma prova da enorme vitalidade e força do nosso hipismo.

No Concurso Hípico, 1.ª fase daquela semana, saltaram, diàriamente, para cima de 150 cavalos, apesar da equipa nacional estar a caminho de Nice.

As provas de ensino, revelaram-nos a grande categoria de «Greek-Warrior».

A segunda metade da semana foi preenchida com o Campeonato Equestre, prova máxima de todo o cavaleiro.

À prova de fundo assistiu Sua Ex.ª o Presidente da República. Nos 29 obstáculos que compunham o «cross» houve muita queda, confirmando a magnífica «escola de perigo» que é a equitação.

Pelo interesse demonstrado pelas mais altas esferas militares, estamos em crer que elas continuarão a impulsionar cada vez mais a prática da equitação como um dos melhores meios da formação e conservação das qualidades básicas de todo o militar.

VENCEDORES DAS PROVAS

Obstáculos: 1.º dia — 1.º Sarg. Marques no «Nabão»; Ten. B. da Cruz, no «Cid»; e Cap. X. Brito, no «Anómalo». **2.º dia** — Maj. Sérgio, no «Radioso» e Ten. M. Santos, no «Rético». **3.º dia** — Cap. Graça, no «Barreiro»; Ten. M. Pereira, na «Dália»; e Cap. Albuquerque, no «Adular» (Grande Prémio).

Ensino: Grande Prémio — Ten.-Cor. Reimão Nogueira, em «Greek-Warrior». **Prémio S. Jorge** — Maj. Sérgio, em «Pégaso». **Prémio «Conde de Avranches»** — Cor. Barrento, em «Melody».

Campeonato Equestre: 1.º Grupo — Ten. Morão, com «Rupia». **2.º Grupo** — Major Sérgio, com «Radioso».

TUDO PARA JOGOS E DESPORTOS

CASA SENNA

FUNDADA EM 1834

RUA NOVA DO ALMADA, 48-52 (EM FRENTE DO TRIBUNAL DA BOA-HORA)
TELEFONE 2 34 37 • END TELEG. CASSENNA • LISBOA

Componentes das equipas de Pistola e Espingarda do R. I. 3, vencedoras do Campeonato na duas modalidades.

REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 3

TENENTE NEVES DE OLIVEIRA
FURRIEL J. SUBTIL

CAMPEÕES DE TIRO DO EXÉRCITO

No Campo de Tiro da Serra da Carregueira, de 19 a 22 de Abril, disputou-se o **Campeonato Nacional de Tiro do Exército,** nas modalidades de **Pistola e Espingarda de Guerra,** entre as 6 equipas das Unidades que ganharam os campeonatos do G. M. L., das 4 R. M. e do C. M. dos Açores.

A classificação final foi a seguinte:

Espingarda (Taça Ministério do Exército)

Por equipas: 1.º — R. I. 3; 2.º — B. I. I. 18; 3.º — G. D. C. C.; 4.º — R. I. 6; 5.º — E. P. I.

Individual: 1.º — Ten. Neves Oliveira, do G. D. C. C.; 2.º — Sold. n.º 494/59, J. Luís Miguel, do R. I. 3; 3.º — Sold. n.º 334/59, M. Gomes de Azevedo, do R. I. 6.

Pistola (Taça Direcção da Arma de Infantaria)

Por equipas: 1.º — R. I. 3; 2.º — R. I. 8; 3.º — E. P. A. M.; 4.º — B. I. I. 18; 5.º — R. I. 12; 6.º — G. D. C. C.

Individual: 1.º — Furriel J. Subtil, da E. P. A. M.; 2.º — Sold. n.º 317/59, J. Silva Cruz, do R. I. 8; 3.º — Cap. Amador da Silva, do R. I. 3.

O Ministro do Exército presidiu à cerimónia da entrega dos prémios: Taças e medalhas, às equipas e aos atiradores melhor classificados. Estiveram presentes os Generais Directores das Armas de Inf.ª e de Cav.ª e Comandantes da Academia Militar, do G. M. L. e da 4.ª R. M., Comandante-Geral da P. S. P. e muitos outros oficiais.

O Ministro do Exército felicita um dos vencedores

CAMPEONATO DAS FORÇAS ARMADAS
CORRIDA PELO CAMPO

DANDO início ao cumprimento do Calendário para 1960 dos Campeonatos Desportivos dos 3 ramos das Forças Armadas, disputou-se, em 29 de Abril, no Centro Militar de Mafra, o Campeonato de **Corrida pelo Campo.**

Num percurso de 5 km em terreno variado, as equipas do Exército e da Aeronáutica, constituídas por 6 militares em serviço activo, dos quais só os 4 melhores contavam para a classificação, travaram rija e interessante competição. Vencedores, a equipa do Exército e o 1.º cabo n.º 1/58, António Gomes Leitão do R. I. 2.

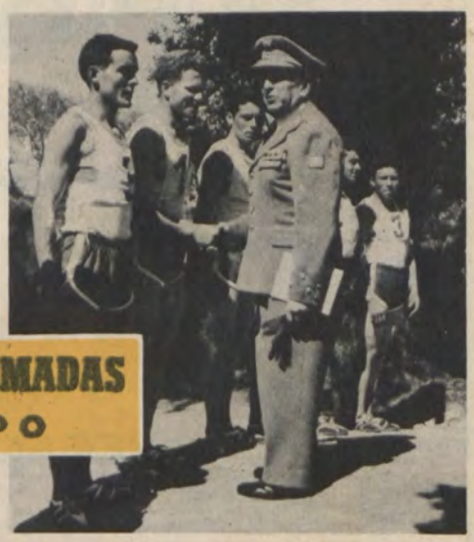
A equipa do Exército foi seleccionada no C. M. E. F. E. D. entre 15 militares — 3 de cada R. M. e do G. M. L.

Classificação:

Individual: 1.º — 1.º cabo n.º 1/58, Leitão do R. I. 2; 2.º — Furriel Cunha, do B. C. Pára-quedistas; 3.º — 1.º cabo n.º 145/59, Rodrigues, do R. C. 6.

Por equipas: 1.º — **Exército,** 17 pontos (1.º, 3.º, 6.º e 7.º); 2.º — **Aeronáutica,** 21 pontos (2.º, 4.º, 5.º e 10.º).

A equipa do Exército, vencedora do Campeonato, constituída pelos: 1.º cabo Leitão, do R. I. 2 (1.º); 1.º cabo Rodrigues, do R. C. 6 (3.º); sold. Galhardo, do B. C. 8 (6.º); 1.º cabo Loureiro, do R. I. 14 (7.º); sold. Tiago, do R. I. 5 (8.º); sold. Parança, do R. I. 16 (9.º)



O presidente da Comissão Directiva da Educação Física das Forças Armadas, Sr. General Correia Leal, felicita a equipa vencedora. Em primeiro plano, o campeão das F. Armadas, 1.º cabo António G. Leitão, do R. I. 2

FUTEBOL campeonato do exército

NO campo da Arregaça, em Coimbra, de 26 de Abril a 6 de Maio, realizou-se a fase Nacional do Campeonato do Exército. Como já informámos, os diversos elementos que praticam futebol no Exército, foram divididos em duas categorias: *Militares inscritos* como jogadores nas Associações e Federação Portuguesa e *Militares não inscritos*.

Na 1.ª categoria (inscritos) o Campeonato foi disputado entre selecções das R. M. e G. M. L., num sistema idêntico ao da «Taça de Portugal».

O G. M. L. eliminou, sucessivamente, a 1.ª R. M. (4-1) e a 4.ª R. M. (5-1); e a 2.ª R. M. a 3.ª R. M. (2-1).

Na final, a 2.ª R. M. bateu o G. M. L. por 3-0, num jogo em que, contra a expectativa, evidenciou nítida superioridade, sobretudo como equipa.

Equipa do R. I. 2, vencedora do campeonato de futebol na 3.ª R. M. e 2.ª classificada na fase Nacional.

No decorrer dum encontro na 3.ª R. M. (Campeonato Regional)

Na 2.ª categoria (não inscritos) a competição está dividida em 3 fases: Guarnição, Regional e Nacional. Apurados os Campeões Regionais: G. M. L. - R. I. 11 (Setúbal); 1.ª R. M. - 1.º G. C. A. M. (P. Varzim); 2.ª R. M. - R. A. L. 2 (Coimbra); 3.ª R. M. - - R. I. 2 (Abrantes); 4.ª R. M. - R. A. L. 3 (Évora), disputou-se a fase Nacional com os seguintes resultados e classificações:

	RI 11	RI 2	RAL 2	1.º GCAM	RAL 3	P	Cl.
R. I. 11	-	3-2	2-0	1-2	7-0	6	1.º
R. I. 2	2-3	-	3-2	2-2	9-0	5	2.º
R. A. L. 2	0-2	1-2	-	6-0	9-2	4	3.º
1.º GCAM	2-1	2-2	0-6	-	0-0	4	4.º
R. A. L. 3 ...	0-7	0-9	2-9	0-0	-	1	5.º

Apurado campeão do Exército, categoria não filiados, o R.I. 11.

A mais antiga Empresa Armadora Portuguesa nas Carreiras de

ÁFRICA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

RUA DO COMÉRCIO, 85 – LISBOA

LIGA PORTUGAL ÀS SUAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS DE ÁFRICA E DO ORIENTE

CONFORTO E RAPIDEZ

Vista Alegre

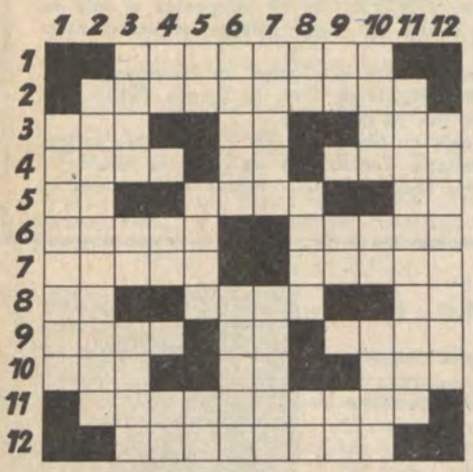
Uma tradição no FABRICO DE PORCELANAS

R. IVENS 19, • LISBOA

R. CÂNDIDO DOS REIS, 18 • PORTO

recreio

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — Esconder das vistas. 2 — Feriras a escorva. 3 — Doce; Regimento de Artilharia; o que o Sol nos dá ao meio-dia (inv.). 4 — Faça alto (inv.); anticarro; graduado. 5 — Formação e Trem (inv.); arma anticarro; numeral. 6 — Arma antiga de origem americana; entusiasme (inv.). 7 — Aparelhos de pontaria; detonações (inv.). 8 — Ali; dê armas; nota musical. 9 — Hospital Militar Principal de Lisboa; pronome pessoal; organização do Tratado do Atlântico Norte. 10 — Anagrama de aro; despido (inv.); saída. 11 — Calma. 12 — Acudia.

VERTICAIS: 1 — Abre fogo de metralhadora. 2 — Alinhamos. 3 — Falha no gume da espada; Formação de Comando; vencimentos. 4 — Aparência; ali; letra grega. 5 — Secção do Comando; tara. 6 — Sarai; junto. 7 — Acomete; abastecer de munições; Regimento de Infantaria; assunto; abrev. de médico. 9 — Atmosfera; pedra de moinho; gemido. 10 — Apoquenta; sair; possuída. 11 — Fracção de Batalhão. 12 — Tomamos nota (inv.).

(2.º Sargento J. Fonseca, do B. 4 da G. N. R.)

PASSATEMPOS

Preencher os traços com letras, de modo a formar:

RIOS DO CONTINENTE

— — J —
— — O
— — — — — R —
N — — — —
A — —
— L — —
D — — — —
— O —
— E — — — —
X — — — — —
— — — É — —
— — — R —
C — — —
— I — —
T — —
— O — — —

POSTOS DO EXÉRCITO E DA ARMADA

— — P — — — —
Á — — — — — —
T — — — — — —
R — — — — — —
— — — I — — — — —
— A — — — — — —
M — — — —
— — — — I — —
— — N — — — —
— — — — — H — —
— A — —
— — — — — A — —
— — — M — — —
— — — — — A — — —
— — — — — D — — — —
— — — — A — —

(1.º Sarg. Coutinho — H. M. R. n.º 1)

SOLUÇÕES

É BOM OBSERVADOR?

As oito diferenças: 1 — Cobra ca-pelo com a cauda ao contrário; 2 — Mangas do soldado desciadas; 3 — Soldado com os dentes de fora; 4 — Goés com bengala; 5 — Rapaz com sandálias; 6 — Menos um andar na torre; 7 — Carga diferente na viatura; 8 — Mais um coqueiro no centro.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1 — Mascarar. 2 — Percutiras. 3 — Mel; Lus. 4 — Erap; A C; Cabo. 5 — T F; Piat; Um. 6 — Rifle; Emina. 7 — Alcas; Sonh. 8 — La; arme; do. 9 — H M P L; Eu; OTAN. 10 — Aor; uni; ida. 11 — Serenidade. 12 — Socorria.

PASSATEMPOS

Rios: Tejo — Dão — Odemira — Nabão — Ave — Alva — Douro — Coa — Zêzere — Xévora — Tamega — Coura — Caia — Lima — Tua — Vouga.

Postos: Capitão — Alferes — Tenente — Recruta — Almirante — Sargento — Major — Furriel — General — Marechal — Cabo — Aroroa-jo — Grumete — Aspirante — Brigadeiro — Soldado.

É BOM OBSERVADOR?

Os dois desenhos diferem em oito pormenores. Veja se os descobre em menos de cinco minutos. Se o conseguir, considere-se OBSERVADOR REGULAR. Se não ultrapassar 3 minutos, então, classifique-se como BOM OBSERVADOR (Ver solução nesta página)

— Estou aqui quase há dois meses e ainda não vi uma cobra!...

CAMISARIA VERSAILLES, L.DA

ARTIGOS PARA HOMEM E SENHORA

MODAS CONFECÇÕES NOVIDADES

AV. DA IGREJA, 1-A
RIO DE JANEIRO, 21-B LISBOA

PRÉMIO DE MAIO

LIVRARIA HÉLADA

R. Rodrigo da Fonseca, 152 - LISBOA - Tel. 681017
LIVROS DE ESTUDO • MATERIAL DIDÁCTICO
NOVIDADES LITERÁRIAS • JORNAIS E REVISTAS
Atende requisições para qualquer parte do País
CONCEDE O DESCONTO DE 10 % AOS ASSINANTES DO «JORNAL DO EXÉRCITO»

Leia e Responda!

MIL ESCUDOS EM COMPRAS

Responda, num POSTAL, às 10 perguntas e cole no mesmo o talão situado no canto inferior esquerdo desta página.

Envie as respostas para o «Jornal do Exército», Concurso «LEIA E RESPONDA», Rua da Escola Politécnica, 61, Lisboa, até ao dia 30 de Junho.

O prémio do mês de Maio — 1.000 Escudos em artigos à escolha na Camisaria Versailles e na Livraria Hélada — será sorteado entre todos os concorrentes que enviem as soluções certas.

O 1.º cabo Gaspar Galvão, recebendo, na Redacção, o Prémio do Trimestre

ODACLA

UM MODELO POPULAR
QUE COZINHA SEM GASTAR

GAZINA - RUA GENERAL TABORDA, 91 - TEL. 68 38 55 - LISBOA

Perguntas do mês

1 — A figura mostra como se deve efectuar o *carregamento* da Espingarda Mauser 7, 9 mm que é feito com uma lâmina para 5 cartuchos que se introduz nas ranhuras respectivas da caixa da culatra.

Qual é o *número máximo* de cartuchos com que se pode carregar esta arma?

2 — Em que ilha do arquipélago dos Açores fica a cidade de *Ponta Delgada?*

3 — A cidade de *Macau* fica situada numa ilha ou numa península?

4 — De Gaulle, Eisenhower, Adenauer, Churchill, Franco.

Alguns destes notáveis estadistas não foi *Oficial do Exército?* Qual?

5 — A que distrito de Portugal pertencem os territórios de *Dadrá e Nagar-Aveli?*

6 — A exportação do minério da nossa Índia dá grande movimento ao porto de Mormugão. A maior parte desse minério é de *Cobre, Ferro* ou *Prata?*

7 — A que *Unidade* pertencem as equipas que ganharam, no presente ano, o Campeonato Nacional de *Tiro* do Exército, tanto em Espingarda como em Pistola?

8 — *«Defenderei da força dura e infesta*
A terra nunca de outrém subjugada.»

É a divisa de honra do Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa.

Quem escreveu aquelas palavras?

9 — Qual foi o rei de Portugal que ficou conhecido na História pelo nome de *Rei-Soldado?*

10 — Qual é a unidade de Infantaria que está aquartelada na cidade conhecida por *Veneza Portuguesa?*

O PRÉMIO DE ABRIL — **UM RÁDIO PHILIPS** — SERÁ SORTEADO NO DIA 31 DE MAIO ENTRE TODOS OS CONCORRENTES COM RESPOSTAS CERTAS ÀS 10 PERGUNTAS DO N.º 4

PRÉMIO DE ABRIL

● O prémio de Março — **«Cheque-Brinde»** — coube, por sorteio entre as respostas certas, ao **Sr. Cap. Henriques dos Santos da Academia Militar.**

● Entre todos os concorrentes que enviaram soluções certas dos n.ºs 1-2 e 3, foi sorteado o prémio do trimestre — **FOGÃO ODACLA** — que foi atribuído ao **1.º Cabo n.º 111/58, Gaspar Cerqueira Galvão da C. D. M. M., Entroncamento.**

Soluções de MARÇO

1 — **Torre de Belém.**
2 — **Infante D. Henrique.**
3 — **Os Descobrimentos.**
4 — **5 vezes menor.**
5 — **Amazonas.**
6 — **Avó.**
7 — **Hipismo.**
8 — **Santarém.**
9 — **R. I. 14.**
10 — **4.500 m.**

CHARADISMO

pelo cap. ISIDRO GAYO

Com vista a pôr os nossos leitores ao corrente das espécies charadísticas mais em uso, vamos explicar a técnica de mais três problemas enigmáticos.

As sete produções, até agora apresentadas, diziam respeito ao manejo das sílabas; as que vamos referir nesta secção, têm por técnica o manejo de letras. Todas estas novas espécies são de invenção relativamente recente e muito fáceis de compor ou de decifrar. São elas: *Metamorfoseadas, tecigramas* e *enigmogramas*.

METAMORFOSEADA:

Consiste na mudança de uma letra em qualquer palavra, a fim de se obter outra nova palavra, sendo indiferente a posição da letra a mudar.

Exemplos: Eis uma *canção* de estilo *puro*. 5(3)
Solução — Canto-casto.
Quem *rouba* nunca se *satisfaz*. 5 (2)
Solução — Furta-farta.
O primeiro número indica as letras da palavra; o segundo, entre parêntesis, indica a letra que foi substituída.

TECIGRAMA

Nesta espécie, em vez de se mudar a letra, é antes eliminada ou acrescentada. Exemplos:
As *nações* não se governam com homens *despresíveis*. 7(-3)6.
Solução — Pátrias-párias.
Os *louros* premeiam os bons *corações*. 6(-1)5
Solução — Palmas-almas.
A *habilidade* não se verifica em todo o *lado*. 4(+1)5
Solução — Arte-parte.
Podemos já observar que o primeiro número indica o de letras da primeira palavra-solução; o número entre parêntesis refere-se à letra a eliminar ou a acrescentar, consoante o sinal menos ou mais. O último número representa o n.º de letras da segunda solução.

ENIGMOGRAMA

Esta espécie, da nossa invenção, presta-se a tratar de numerosas palavras. É no género da antecendente, distinguindo-se apenas pelo facto de manejar mais que uma letra. No entanto a percentagem a tirar ou a apor, não pode exceder 50% da totalidade das letras que compõem a palavra base. Vamos a exemplos, que são sempre os de maior eficácia na compreensão.

É preciso *determinar* bem ao soldado que para o inimigo *corre*. 6(−1,6)4
Sol. — Mandar-anda.
O primeiro algarismo indica o n.º de letras da primeira solução *(mandar)*; os algarismos entre parêntesis, referem-se às letras, na respectiva ordem, que devem ser eliminadas; o derradeiro algarismo, o 4, indica o n.º de letras da segunda solução *(anda)*.
Pode fazer-se *subir* a dicção, quando se empregue um apropriado *termo*. 4(+1,5,7)7
Solução — Alar-palavra.
Verificamos que subir (ALAR) tem 4 letras e que temos de lhe incluir as indicadas entre parêntesis, por sua ordem, para formar um novo vocábulo, sinónimo de termo, ou seja *palavra*. Esclarecemos que as letras podem ser tiradas ou apostas, em qualquer parte da palavra. Mas a técnica exige que *não sejam incluídas ou subtraídas mais que duas letras seguidas*. E também há que observar que a letra ou letras, a movimentar, não constituam sílaba, nos casos em que a operação conduza a qualquer das espécies já descritas. Exemplos: (mudada-muda); tirando as duas letras centrais (DA) iríamos cair numa *sincopada;* Fadado-fada, conduziria a uma apocopada; etc.. Só a prática irá esclarecendo devidamente a técnica destas curiosas espécies.

Para treino:
METAMORFOSEADAS: 1 — A *existência* é uma constante *luta*. 4(1)
2 — Quando há *labareda* de fogo, toda a gente *brada*. 5(2)
3 — Por motivo de forte *vento*, foi-se a *carta de jogar*. 2(2)
TECIGRAMAS: 4 — A *dignidade* tem o seu *momento*. 5(−3)4
5 — A *estampilha* não serve para comprar o *anel*. 4(−1)3
6 — A *luz do dia* inunda toda a *terra*. 3(+4)4
ENIGMOGRAMAS: 7 — No *mercado* travou-se zaragata com grande *sanha*. 5(−1,2)3
8 — A *certeza* a mentira *estanca*. 7 (−3,6,6)4
9 — Na *época* do bom vinho é que na adega se *penetra*. 3(+2,3)5

Soluções do número anterior

1 — Correcto; 2 — Desgraça; 3 — Moca; 4 — Morada; 5 — Fábula; 6 — Caminho; 7 — Margens; 8 — Parado; 9 — Estado.

PHILIPS

ALEGRIA
NO LAR IDEAL

RÁDIOS
TELE-RECEPTORES
FRIGORÍFICOS
E INÚMERAS UTILIDADES
ELECTRO-DOMÉSTICAS PHILIPS,
CONTRIBUEM PELA SUA
ELEVADA QUALIDADE PARA
O CONFORTO DO LAR IDEAL

VENDAS EM EXTRAORDINÁRIAS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO NO AGENTE OFICIAL PHILIPS

A BAIXA NAS AVENIDAS

Av. Duque d'Ávila, 53 – Tel. 4 08 50 – Lisboa

PÁGINA DO SOLDADO

OS GRANDES SOLDADOS 41

VIRIATO

OS ROMANOS, depois das vitórias sobre os CARTAGINESES na 2.ª Guerra Púnica, cerca de 200 anos Antes de Cristo, ficam senhores da PENINSULA HISPANICA. Os povos do interior mostram-se, desde logo, hostis à dominação romana e iniciam a revolta. Os LUSITANOS pegam em armas e, durante vários anos, assolam a parte meridional da HISPANIA até que o general romano Sérgio Galba, fingindo aceitar a paz, os persuade com enganadoras promessas a comparecerem em massa e desarmados perante ele.

Galba aleivosamente, cai com o seu Exército sobre os LUSITANOS e massacra muitos milhares de guerreiros indefesos (150 A. C.). Os sobreviventes não desistem de expulsar da Península as tropas de Roma.

À frente destes, VIRIATO, pastor dos Herminios, jura vingar as atrocidades sofridas. Sob o seu comando, os LUSITANOS lutam durante longos anos, vencendo os melhores generais romanos. Nenhum consegue dominar VIRIATO e os seus denodados companheiros.

ROMA envia, então, à HISPANIA o seu maior general — CIPIÃO — com importantes reforços para desafrontar as águias romanas. Os LUSITANOS, não obstante, prosseguem vitoriosos.

CIPIÃO, procurando sair da situação vergonhosa em que se encontra, compra a peso de oiro três companheiros de VIRIATO, para o assassinarem. VIRIATO é traiçoeiramente crivado de punhaladas enquanto dormia na sua tenda. Só assim os Romanos conseguem derrubar este gigantesco Chefe Militar.

Os seus companheiros, que não puderam defendê-lo, exclamam desesperados: «Glória a Ti, VIRIATO, que pela PÁTRIA morreste! Só pela traição puderam acabar com o teu valor! A nós cabe o dever e a honra de vingar-te!»

O SOLDADO «CALINO»

ESCREVE, num postal dirigido a **Jornal do Exército**, «Página do Soldado», Rua da Escola Politécnica, 61 — Lisboa, quais os cinco principais defeitos que notas no atavio de um dos soldados representados no desenho.

As praças autoras das quatro melhores respostas serão contempladas com: 1 assinatura anual do **Jornal do Exército** e 1 cheque brinde, que permite adquirir artigos de uso pessoal no valor de cem escudos.

IMPORTANTE — Os postais devem dar entrada na Redacção até ao dia 30 de Junho.

responde a este novo concurso

NOTICIÁRIO

PEQUENAS NOTÍCIAS

(Continuação da pág. 13)

● Os 1.os e 2.os Comandantes de todas as Unidades e Chefes dos vários departamentos da 1.ª R. M. homenagearam o Sr. Brigadeiro Gonçalves da Silva, 2.º Comandante da R. M., por motivo da sua passagem à situação de reserva.

● Lamego recebeu com o maior entusiasmo a notícia da criação nesta cidade do **Centro de Instrução de Operações Especiais.**

● O Adido Militar, Naval e Aeronáutico à Embaixada de Portugal nos E. U. do Brasil, Sr. Coronel do C. E. M. Pereira da Conceição, foi distinguido com o título de «Cidadão Carioca».

● Os Adidos Militares Estrangeiros visitaram o R. A. A. F., o R. I. 2 e o C. I. M. onde assistiram a um exercício e a uma demonstração das possibilidades dos carros de combate em campanha.

● No R. I. 1 foi prestada expressiva homenagem ao Sr. Coronel Santos Gomes, por motivo da sua promoção ao actual posto.

● Funcionou, entre 2 e 7 de Maio, um Curso de Simplificação Administrativa e Burocrática dirigido por um técnico estrangeiro, o Sr. Eng.º Salas, e que foi frequentado por Oficiais do E. M. e de outros Serviços.

● Em visita de inspecção deslocou-se no passado dia 5 à E. P. E. o Sr. General Jorge Oom, Director da Arma de Engenharia. Durante a visita, Sua Ex.ª agradeceu a oferta das estrelas que os Oficiais da Escola lhe fizeram, quando da sua recente promoção.

● Pelo Sr. General Alves de Sousa, Comandante da 4.ª R. M., foram louvados os 1.os Cabos n.os 650/59/ECS, Teixeira e 156/EP/ER, Guerreiro e os Soldados n.os 6/59/EP, Botilheiro, 117/60, Rodrigues Teto e 179/60/EAG, Hilário, do B. C. 8, por se terem prestado voluntàriamente a transfusões de sangue com destino a doentes internados no Hospital Civil de Estremoz.

● O Depósito de Tropas do Ultramar e a Companhia de Adidos do G. M. L. foram reunidos num só órgão com a designação de Depósito Geral de Adidos.

● No «Diário do Governo» foi publicado um decreto-lei que reorganiza a Escola Militar de Electromecânica. A E. M. E. fica, para efeitos de administração e disciplina, na dependência do E. M.; para efeitos de instrução e outros de ordem técnica dependerá do Secretariado-Geral da Defesa Nacional, por intermédio dos organismos interessados do Exército e da Força Aérea.

● O dia 11 de Maio — Dia da Unidade — foi comemorado festivamente no R. I. 16 em virtude da passagem do 152.º aniversário do combate de Grijó, travado contra os franceses, no qual esta Unidade teve acção notável.

● Os Serviços Sociais das Forças Armadas foram autorizadas a mandar construir, na Rua do Conde de Sabugosa, em Lisboa, um bloco de habitações para Oficiais.

● A título excepcional, foram dispensados, no corrente ano, de comparecer à revista de inspecção os militares dos vários escalões pertencentes às Unidades e Estabelecimentos Militares.

● Integradas na «Semana do Ultramar» realizaram-se no dia 14 do corrente mês, em todas as Unidades e Estabelecimentos Militares, palestras e conferências versando o tema «Consequências dos Descobrimentos Henriquinos na Expansão Ultramarina».

● Foi criado o Serviço Social da Polícia de Segurança Pública, à semelhança do que já existe na G. N. R. e na G. F.

● O G. A. C. A. N.º 3, aquartelado em Páramos (Espinho) comemorou no dia 7, o Dia da Unidade. Presidiu às cerimónias o Sr. General Valadares Tavares, Comandante da 1.ª R. M.

● Para comemorar meio século da conclusão do curso do Colégio Militar reuniram-se, no dia 14 do corrente mês, naquele Estabelecimento de Ensino, vinte e seis antigos «Meninos da Luz», sobreviventes do curso de saída de 1910, entre os quais se contam os Srs. Marechal Craveiro Lopes, Generais Costa Andrade e Domingos Lemos e Brigadeiro Freitas Júnior.

● RECTIFICAÇÃO — Por lapso, no nosso último **Noticiário** indicou-se o Sr. General Correia Guedes como Ajudante-General do Exército, em lugar do Sr. General Lopes Pires, que exerce actualmente essas altas funções.

O «Jornal do Exército» responderá às cartas que lhe forem dirigidas pelos seus leitores, sobre assuntos de cultura militar e cultura geral, publicando a pergunta, ou perguntas, e respectivas respostas. Cartas anónimas ou com insuficiência de remetente (nome, posto e Unidade), não serão consideradas. — Não faça perguntas cujas respostas podem ser mais fàcilmente obtidas junto dos seus superiores ou nas secretarias da sua Unidade. — O «Jornal do Exército» terá prazer em lhe ser útil. A secção «Cartas à Redacção» está ao seu dispor.

●

● 1) Quais as Unidades de Cavalaria existentes actualmente no Exército Português e em que cidades (localidades) se encontram? Quais são aquelas que se suspeita sejam dissolvidas?

2) Além do «Jornal do Exército», da «Revista Militar» e da «Revista de Artilharia», quais as publicações de carácter militar ou paramilitar existentes em Portugal e as direcções das respectivas Redacções?

3) Qual o preço dum número da «Revista Militar»?

PEDRO DE BRITO — PORTO

★ *1) No Continente: Regimento de Lanceiros n.º 1 (Elvas) e n.º 2 (Lisboa), Regimentos de Cavalaria n.º 3 (Estremoz), n.º 5 (Aveiro — desactivado), n.º 6 (Porto), n.º 7 (Lisboa), n.º 8 (Castelo Branco), Grupo Divisionário de Carros de Combate (Sta. Margarida) e Escola Prática de Cavalaria (Santarém).*

No Ultramar: Grupo de Dragões de Luanda, Grupo de Dragões de Lourenço Marques, Esquadrões de Reconhecimento n.º 1 (Bali), n.º 2 (Mapuçá), n.º 3 (Bicholim), n.º 4 (Pondá), Esquadrão Motorizado de Macau e Esquadrão de Cavalaria de Timor (Bobonaro).

Não temos, por enquanto, qualquer informação sobre as Unidades de Cavalaria que podem ser extintas.

2) São as seguintes:

Revista Militar — *Largo da Anunciada, 9, s/l; Revista* Infantaria — *R. de S. José, 26;* Revista de Artilharia, *R. do Carmo, 43, 2.º;* Revista de Cavalaria, *Direcção da Arma de Cavalaria;* Revista de Engenharia, *Direcção da Arma de Engenharia, Santa Clara;* Revista Portuguesa de Medicina Militar, *Hospital Militar Principal, Estrela; Revista* Serviço de Administração Militar, *Trav. de Sto. António da Sé, 21;* Defesa Nacional, *R. de S. José, 40;* Boletim do Estado-Maior do Exército, *R. Museu de Artilharia;* Revista do Ar, *Av. da Liberdade, 226, 3.º;* Mais Alto, *Av. da Liberdade, 252;* Boletim do E. M. da Força Aérea, *Av. da Liberdade, 252;* Revista da Marinha, *R. do Comércio, 8, 2.º;* Anais do Clube Militar Naval, *Praça do Marquês de Pombal, 2;* Revista da Polícia, *Comando-Geral da P. S. P., Av. António Augusto de Aguiar, 16;* Legião em Marcha, *Av. P.e Manuel da Nóbrega, 4, 4.º;* D. C. T. *(Defesa Civil do Território), Comando-Geral da L. P., R. da Penha de França;* O Colégio Militar, *Largo da Luz;* Boletim da Associação dos Pupilos do Exército, *R. da Misericórdia, 20, 3.º Esq.; todas em Lisboa;* Boletim da E. P. I., *Mafra,* Boletim da E. P. A., *Vendas Novas e* Boletim Militar, *Comando Militar, Luanda, Angola.*

3) O preço dum número avulso é 7$00 ou 9$00 se disser respeito a anos anteriores.

● O talão do Concurso «Leia e Responda!» não poderia ser impresso numa página de anúncios ou num local onde não prejudicasse o Jornal?

1.º SARGENTO PIRES — R. A. P. 1

★ *O assunto foi estudado e julgamos ter encontrado a solução a partir do n.º 4.*

2 razões que justificam as suas preocupações de segurança

Um pneu que assegura a sua tranquilidade na estrada

Pneus MABOR GENERAL

— vão longe para fazer amigos

VISITE O SEU AGENTE MABOR

ROLIM COMERCIAL, S. A. R. L.

MÁQUINAS, MOTORES, FERROS-AÇOS, EQUIP. INDUSTRIAIS

LISBOA-2
Largo Vitorino Damásio, 3
Tel. 668173-666319

PORTO
Rua Sá da Bandeira, 633
Telefone 34433

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS DO SEGUINTE MATERIAL:

- Motoscrapers — CURTISS-WRIGHT (WOOLDRIDGE)
- Escavadoras — PRIESTMAN e LORAIN
- Dumpers — THWAITES e MOGURT
- Carregadores — SCOOPMOBILE e MERTON
- Cilindros vibradores — ABG
- Gruas e Guinchos — MAGUE
- Compressores — BAUSCHER
- Empilhadores — MATBRO
- Vibradores — VIBRO-VERKEN
- Betoneiras — URBAN
- Motores — EFI-HATZ e PENTA-VOLVO
- Bombas de betão — REX
- Máquinas de construção — BLAW-KNOX
- Aparelhos para ensaio de solos — SOILTEST

CASA PORTUGUESA

A CASA QUE IMPRIME O «JORNAL DO EXÉRCITO»

ARTES GRÁFICAS

RUA DAS GÁVEAS, 109 • TELEFS. 26108 / 27817 / 32286 • LISBOA

MOSQUETEIRO DO SÉCULO XVII

Nome dado pela primeira vez aos soldados de duas célebres Companhias da Guarda Real Francesa, armadas de mosquete. Uma criada em 1622 por Luís XIII e outra em 1660, para guarda pessoal do Cardeal Mazarino.

Entre nós o nome generalizou-se para as tropas a pé, armadas de mosquete, integradas, com os arcabuzeiros, nos Terços de Infantaria criados pela reforma militar de D. João IV.

Ao princípio, os soldados armados de mosquete, devido ao seu peso, faziam-no transportar por um escudeiro, mas esse costume foi proibido, embora recebessem um suplemento de soldo, para poderem transportar a arma, a forquilha e as munições.

Usavam trajos garridos — trajos de corte — por serem considerados corpos de elite dentro das unidades e exércitos onde serviam, salientando-se o grande chapéu de abas largas fartamente enfeitado com plumas de cores vistosas dos seus terços.

OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO

Abastecedora das Forças Armadas

LISBOA — CAMPO DE SANTA CLARA
PORTO — RUA DA BOAVISTA

Secção Comercial: vendas a pronto pagamento e a prestações de artigos de vestuário e de utilidade doméstica. Oficinas de Alfaiataria e fábrica de calçado

MANUTENÇÃO MILITAR

Fundada em 1897

com fábricas de

massas

pão

torrefacção

moagem

bolachas

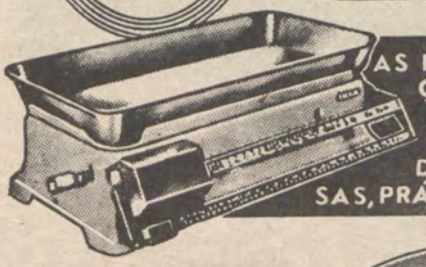
Sede em Lisboa (Beato). Sucursais em Caxias, Coimbra, Elvas, Entroncamento, Évora, Guarda, Porto, Régua e Viseu. Messes de Oficiais em Lisboa, Porto e Caxias

Órgão abastecedor das Forças Armadas em víveres, forragens, combustíveis e lubrificantes.

PARA A ECONOMIA E SAÚDE NO Lar

2 UTENSÍLIOS INDISPENSÁVEIS DA GRANDE MARCA

INCA



AS FAMOSAS BALANÇAS APRECIADAS POR TODAS AS BOAS DONAS DE CASA • RIGOROSAS, PRÁTICAS, ROBUSTAS

O ESPREMEDOR DE FRUTOS MAIS RACIONAL E PERFEITO, DE PREÇO MÓDICO, MAS DE RESULTADOS SURPREENDENTES

À VENDA NAS BOAS LOJAS DE UTILIDADES

Rep. Soc. de Repr. M. SIMÕES JR. LDA.

Tel. 31545 – LISBOA

Não deixe que a idade seja um fardo para si

tome

APISÉRUM

o mais poderoso revigorante natural até hoje conhecido, capaz de restaurar as energias e combater o cansaço físico e mental.

O Apisérum é um produto natural renovador das células orgânicas envelhecidas.

MAIS ENERGIA MELHOR DISPOSIÇÃO

À VENDA NAS FARMÁCIAS PEDIDOS DE LITERATURAS AOS:

ARMAZENISTAS IMPORTADORES

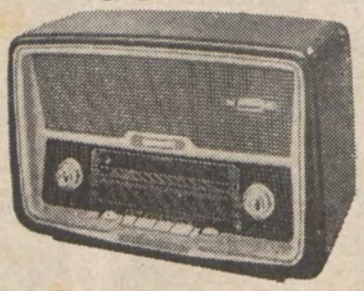
FERNANDO DE OLIVEIRA & C.ª

167 - A, RUA DE D. ESTEFÂNIA, 167 - C — LISBOA - 1

Telefs. 5 24 23, 5 24 26, 4 77 74, 5 05 85

SCHAUB LORENZ

GOLDY



UM DOS MAIS PERFEITOS APARELHOS DA ACTUALIDADE COM 4 ONDAS E REGISTO DE SOM

•

Preço muito vantajoso

ESC. 2.590$00

ROQUE DA FONSECA, LDA.

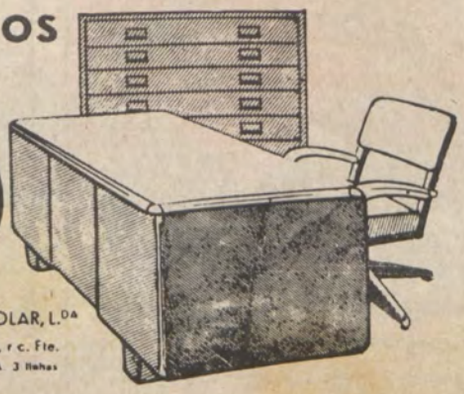
MADEIRAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
SERRAÇÃO E CARPINTARIA MECÂNICAS
CAIXOTARIA

Avenida Visconde Valmor, 70 LISBOA

Telefs. 77 31 91/77 31 92/76 34 63

MÓVEIS METÁLICOS

Mobilaço



REFRIGERAÇÃO POLAR, L.DA

Rua da Emenda, 66, r. c. Fte.

Telef. 29016-7-8 P.P.A. 3 linhas

LISBOA

SILENCIOSOS
ROBUSTOS
HIGIÉNICOS
INDESTRUTÍVEIS
ESPAÇOSOS
CONFORTÁVEIS
ELEGANTES
COLORIDOS

A recente inclusão do DC-8C

na já famosa frota da Pan Am dos Clippers*
a Jacto 707 intercontinental confirma
uma tradição da Pan American em ser
a primeira a apresentar o que há de mais
moderno e de melhor em equipamento e serviço.
A linha aérea de maior experiência oferece-lhe
agora serviços a Jacto entre 5 continentes.

Este é o DC-8C da Pan American:
o maior, mais moderno avião a Jacto
e de maior raio de acção,
da fábrica Douglas, com uma autonomia de
1.000 milhas superior à de qualquer outro DC-8.

PAN AM

* Marca registada da Pan American World Airways, Inc.

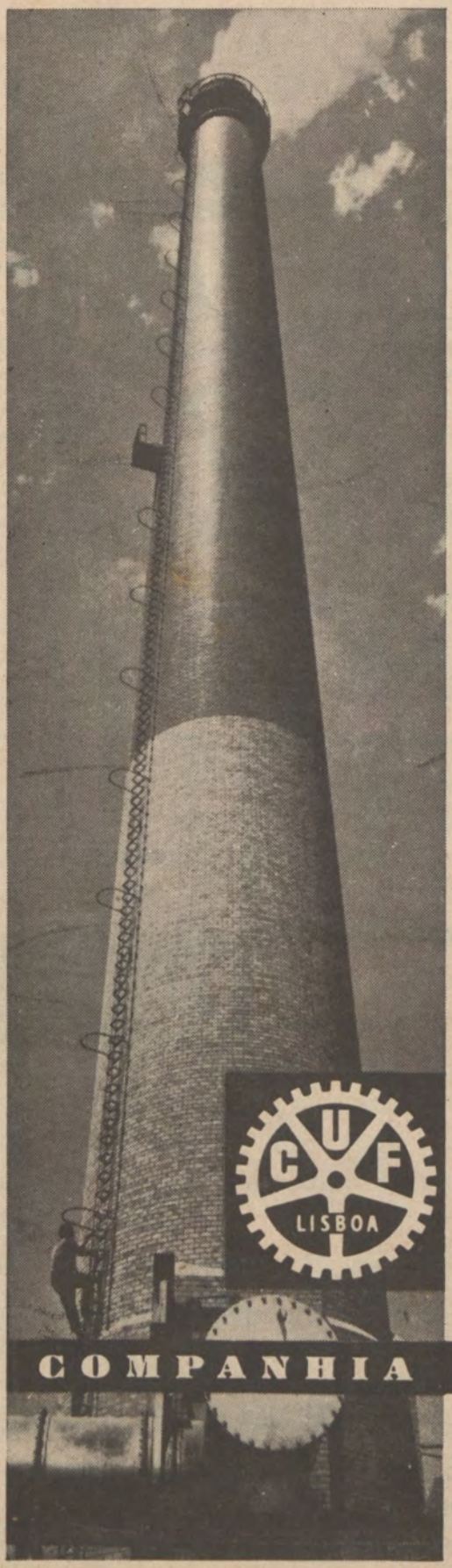
SACOR POSTO DE ABASTECIMENTO DA VIA NORTE PERTO DO PORTO

Jornal do EXÉRCITO
JOSÉ ANTUNES
Junho 1960

a **SACOR**, empresa nacional, garante o abastecimento do exército português em combustíveis e lubrificantes

SACOR

AO SERVIÇO DAS FORÇAS ARMADAS DE PORTUGAL



INDÚSTRIA QUÍMICA

INDÚSTRIA TÊXTIL

METALURGIA DOS METAIS NÃO FERROSOS

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES NAVAIS

FUNDIÇÃO DE FERRO E AÇO

CONSTRUÇÕES METALO-MECÂNICAS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

RUA DO COMÉRCIO, 49 - TELEF. 30551 - LISBOA

SE APRECIA A COMODIDADE ...

COMPRE UM

VOLKSWAGEN

A SUSPENSÃO INDEPENDENTE DE CADA RODA, COM BARRAS DE TORÇÃO E AMORTECEDORES TELESCÓPICOS, GARANTEM-LHE UMA INVULGAR SUAVIDADE DE MARCHA.

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN S. A. R. L.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 74 — TELEF. 36 67 51 (7 LINHAS)

Jornal do EXÉRCITO

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

Redacção e Administração
Rua da Escola Politécnica, 61, 2.º
Telef. 3 10 45

DIRECTOR E EDITOR
Brigadeiro DAVID DOS SANTOS
Chefe da Redacção — Major BALULA CID
PROPRIEDADE DO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO.

Composição e impressão
CASA PORTUGUESA
R. Gáveas, 109 — Lisboa

Distribuição: Continente, Madeira, Açores, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Índia, Macau e Timor

ANO I — N.º 6 MENSÁRIO — JUNHO DE 1960 2 ESCUDOS

SOBRE O DESTINO DE CAMÕES

NO coração do nosso primeiro lírico vibrava a velha corda trovadora de Vasco Pires de Camões, o galego exilado do Transtâmara. Essa poética herança, feita seiva, irrompeu, natural, da alma do Poeta, como água de fonte.

Da placenta materna traria quiçá o orgulho ribatejano do homem da planície, a propensão para remotos ideais, a hipocondria dos horizontes em que o olhar se perde.

Não se sabe onde nem quando nasceu. Como a Homero, o requerem quase sete cidades, as mesmas que o ignoraram, que o deixaram morrer à míngua e tarde pretendem resgatar o erro.

A versão mais corrente dá-o como nascido em Lisboa, embora se suponha que a sua idade juvenil tenha transcorrido nos lugares serenos de Coimbra, vizinhos do Mondego.

Fácil realizador de conjecturas vai mesmo até lhe fixar a data de nascimento: a noite de 4 para 5 de Fevereiro de 1524. Os registos paroquiais obrigatórios não surgem senão lustros depois. O enigma persistirá para sempre, já que é de pouco o confiar certezas a astrologias, como fez Teófilo Braga.

Andou na corte, poetou, foi protegido de grandes, dos Noronhas e Portugais, de Linhares e Vimioso; em África, pagou, como soldado da Pátria, o pesado tributo que o mutilou para sempre.

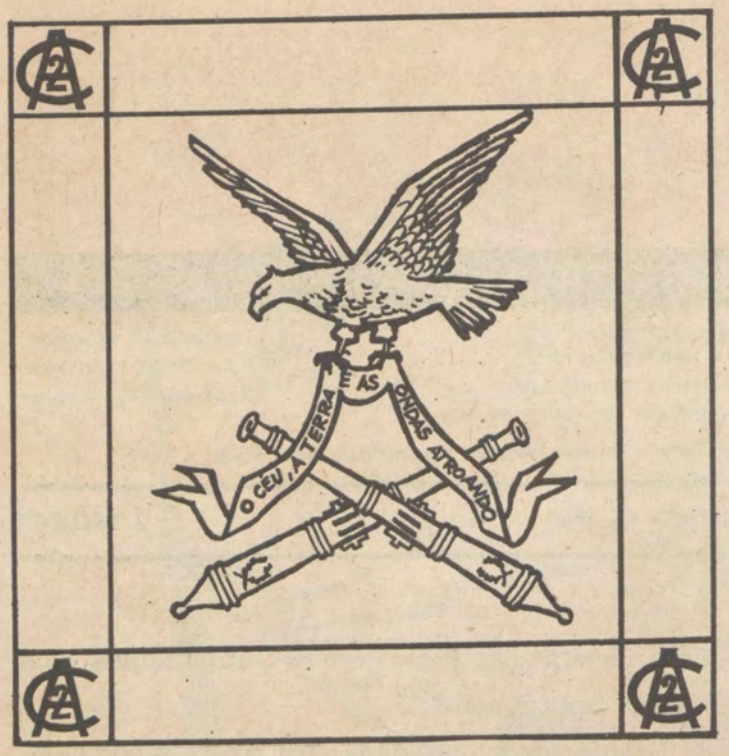
Amou e foi desterrado por esse amor que a lenda sublimou. Para onde foi? Para Santarém? Para Constância? Para Belver? Outros tantos vãos rios de tinta.

Depois, foi a malfadada rixa com o moço Gonçalo Borges, a sua prisão, o seu voluntário degredo para Oriente, as saudades da Pátria, as obrigações da milícia nos cruzeiros ao Mar Vermelho, as dolorosas experiências de quem nasceu sob má estrela: o triste episódio da sua negligência tomada como tendência fraudulenta, o seu naufrágio, a vinda para Moçambique, à custa dos amigos, o seu regresso à Pátria, amodorrado na fatal tristeza vil de que ele fala, a publicação desejada do Poema, a célebre tença paga quando Deus queria e a morte, o *«lençol para Santana»*.

A própria Natureza jogou com os ossos do Poeta uma partida de cartas. Os seus venerandos restos foram dispersos com os pedaços da sua vida.

Dir-se-ia que Destinos inflexíveis se conjuraram para que dele só ficasse a dádiva soberana do seu espírito.

ANTÓNIO DIAS MIGUEL, Cap.



GRUPO DE ARTILHARIA CONTRA AERONAVES N.º 2

O Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 2, criado em 1936, esteve aquartelado durante 21 anos no Castelo de Abrantes, que desde 1876 foi sempre Quartel de Artilheiros.

Do Regimento de Artilharia 8, que aí esteve instalado de 1911 a 1926, herdou as condecorações que hoje, orgulhosamente, ostenta no seu estandarte — a Torre e Espada e a Cruz de Guerra — por feitos distintos em Campanha durante a Grande Guerra, na Flandres e em África.

Tem presentemente a sua sede, em Torres Novas, no edifício onde ùltimamente funcionou a Escola Prática de Cavalaria, e outrora o Regimento de Artilharia n.º 2.

●

O Grupo de Artilharia Contra Aeronaves N.º 2, tem por finalidade a defesa antiaérea territorial de determinados pontos sensíveis e a protecção antiaérea da 3.ª Divisão.

Integrada na instrução do Quadro Permanente, uma bataria do GAAA 3, sob o Comando do Tenente Alfarra Guerreiro, deslocou-se de 29 de Março a 1 de Abril à zona de S. Pedro de Muel a fim de executar exercícios de fogos reais, para manga rebocada.

Realizaram-se fogos de peças de 4 cm, metralhadoras quádruplas de 12,7 m/m, lança-granadas foguetes e metralhadora Bren, de acordo com o programa estabelecido.

Dirigiu este exercício da 3.ª Divisão, o Capitão de Artilharia Luís Manuel Corte Real e estiveram presentes o Brigadeiro Tassara Machado, Comandante da Artilharia Divisionária, o Adjunto Major Augusto Bagôrra, o Major Ventura Roldão, Comandante do GACA 2 e muitos oficiais e sargentos da Unidade em exercício.

ZONA OCUPADA PELO G. A. C. A. N.º 2

DIVISA DE HONRA: O céu, a terra e as ondas atroando

A A.A. treina-se no seguimento de alvos aéreos rebocados

As armas da A.A. fazendo tiro directo

AMIZADE

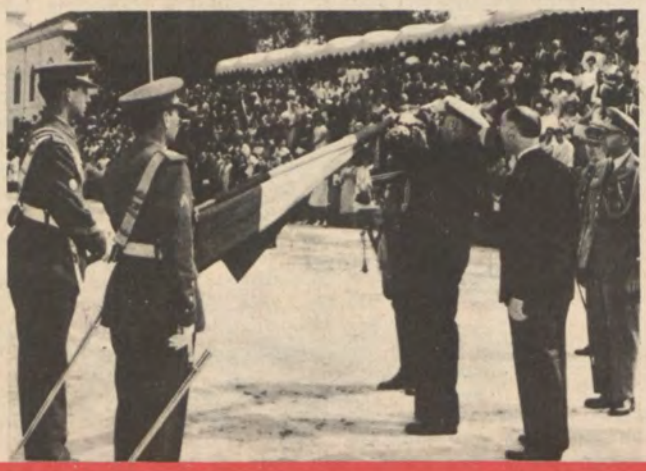
Cor. Cav.ª CEM D. ADOLFO CAMPOS; Gen. BUCETA MARTINS; Gen.-Brig. D. RODOLFO BELLIDO; Cor. Eng.ª D. MANUEL ALEGRÍA

HÓSPEDE de honra da nossa Academia Militar, permaneceu em Portugal, de 1 a 15 de Junho, uma Missão, constituída por delegações de 3 Academias Militares espanholas — **Academia General Militar** (Saragoça), **Academia Especial de Cavalaria** (Valladolid) e **Academia Especial de Engenharia** (Burgos) — representando a juventude militar dum país irmão que, num gesto de fraterna camaradagem e de comunhão nos nobres ideais que norteiam as duas Nações Peninsulares, quis marcar a sua presença nas Comemorações Henriquinas, participando num **Colóquio Luso-Espanhol** onde se debateram temas relacionados com a época dos Descobrimentos.

A intervenção activa dos Cadetes espanhóis em cerimónias — algumas do mais alto valor simbólico, como o Juramento de Bandeira e a cerimónia de Sagres — a sua participação nas competições desportivo-militares, as visitas a Monumentos, Castelos e outros lugares históricos, lado a lado com os Cadetes de Portugal, marcou mais uma data nas boas relações hispano-portuguesas, fortalecendo os laços de camaradagem dos futuros oficiais de dois Exércitos que têm uma mesma e sagrada Missão a cumprir:

A DEFESA DOS VALORES DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL.

TRÊS ACADEMIAS MILITARE



S DE ESPANHA EM PORTUGAL

«Com o intercâmbio da Juventude Militar de Espanha e Portugal estaremos espiritualmente preparados para adquirirmos o potencial bélico necessário para corresponderemos às imposições da Geografia e da História contemporâneas, que nos destinam a combater lado a lado ou costas com costas para a defesa deste valoroso reduto ibérico da civilização cristã ocidental, em que as nossas duas pátrias têm as suas casas vizinhas e amigas.»

General BUCETA MARTINS
Cmdt. da Academia Militar

ELEMENTOS DA MISSÃO

General de Brigada de Infantaria, D. Rodolfo Estella Bellido, Coronel de Cavalaria, C. E. M., D. Adolfo Arteleio Campos, Coronel de Engenharia, D. Manuel Díez Alegría.

Ten.-Coronel de Infantaria, D. Evencio Oliver, Ten.-Coronel S. E. M., Luís Vigiola, Major de Infantaria, D. Fecundo Ruiz, Majores de Cavalaria, D. Luís Alonso e D. Virgílio Barreale, Majores de Engenharia, D. Gaspar Seguí e D. Juan González, Major S. E. M., D. Zénon Ybañes, Major de Intendência, D. Joaquín Lafuente, Capitão de Cavalaria, D. Basilio Paradela, Capitão de Artilharia, D. Luís Alloza.

8 Alferes-alunos.

34 Cadetes.

PORTA PRINCIPAL E ANTIGA PONTE LEVADIÇA

PEDRAS QUE FALAM

O CASTELO DE S. JOÃO BAPTISTA DE ANGRA DO HEROÍSMO

NA ilha Terceira dos Açores, sobranceiro à cidade de Angra do Heroísmo, ergue-se o histórico castelo construído nos fins do século XVI pelos espanhóis, quando, após uma luta de quase três anos, em que os terceirenses opuseram uma resistência heróica, conseguiram dominar as fracas forças da guarnição, apoderando-se da ilha.

A grandiosa traça da Fortaleza, obra de Mestre João de Vilhena, com cinco baluartes e mais de trezentas canhoneiras, ocupa todo o istmo do Monte Brasil, ligando-se por cortinas de muralhas, numa extensão de cerca de quinhentos e setenta metros, aos Fortes que existiam já, mandados construir para defesa das duas baías em que assenta a cidade: — o de Santo António, na baía de Angra e o do Zimbreiro na do Fanal. Na ravina existente na encosta Sul do Monte, há ainda um outro Forte, denominado da Quebrada, para defesa da parte mais baixa da altíssima falésia, no resto do seu todo inacessível.

Obra magnificente, seu traçado abaluartado é, no dizer de competentes, bastante notável para a época em que foi construído, visando a defesa não só dos ataques por via marítima, mas, sobretudo, dos terrestres, certamente pela pouca confiança que aos intrusos merecia a população da ilha, de cujo patriotismo e heroicidade dera já sobejas provas.

Foi, pode bem dizer-se, inteiramente construído pelo esforço açoriano, quer sobrecarregando a todos com pesados tributos, quer argamassando com *«pragas, suor e sangue»* dos vencidos, aquelas muralhas sumptuosas e ameaçadoras.

De facto, rezam todas as crónicas, coevas da construção ou imediatamente posteriores, dos muitos tormentos sofridos por aqueles que na obra trabalharam, em especial os *«mal procedidos»*, os quais, no dizer do Padre Maldonado, dali *«saíam estropeados»*.

Sendo iniciados os trabalhos em 1590, sete anos após a tomada da Terceira, pelo Governador do *«presídio»* D. António de la Puebla, só lhes foi dado notável impulso a partir de 1609, pelo então Governador D. Pedro Sarmiento, favorecida a sua actividade pelos importantes reforços em material que constantemente chegavam nos *«navios de Biscaia, atulhados de ferramentas»*, em tal magnitude que *«estavam muitos armazéns cheios delas de reserva»*. Quanto a madeiras *«vindas da Flandres»*, como no que dizia respeito a *«pólvora e bala, murrão e chumbo»*, estava a ilha tão provida também que *«desde a entrega do castelo até ao ano de 1700,* isto é, durante mais de cinquenta anos, *«não foi necessário proverem-se de mais cousa alguma»*.

Apesar, porém, de todo este poderio, apertado cerco lhe moveram os Terceirenses, após a proclamação de D. João IV feita na Vila da Praia, em 24 de Março de 1641, por Francisco de Ornelas da Câmara, um dos quarenta fidalgos que haviam tomado parte na conspiração de Dezembro, em Lisboa, e que à Terceira viera, por mandado do novo Rei, fomentar a revolta já latente contra o domínio Castelhano.

No dia 25 de Março, depois de breve escaramuça com as forças que guardavam o cais da cidade, e após a tomada do Forte de S. Sebastião que dominava a ponta Leste da baía, Angra secundou com entusiasmo o movimento iniciado naquela vila, pondo cerco ao castelo de S. Filipe do Monte Brasil, cuja guarnição era composta por mais de 2.500 homens, bem armados e municiados, dispondo de mais de 130 peças de artilharia e de boas reservas de víveres, pela força requisitados logo aos primeiros sintomas de revolta e guardados a bom recato sob a protecção das muralhas inacessíveis.

Segundo relata o Padre Leonardo de Saa Soto Mayor, em *«Alegrias de Portugal ou Lágrimas dos Castelhanos»*, obra começada em 16 de Junho de 1641 (a julgar pela data do Prólogo que no manuscrito vem assinado pelo Autor) e escrita dia a dia durante o tempo do cerco, *«tanto que Dom Álvaro de Viveiros castelhano da fortaleza soube parte do intento logo com toda a pressa, e cudado começou a bastecerse mettendo dentro muita cópia de mantimẽtos como vinhos, carnes, aseites touçinhos, arrôs, trigo e ferro... enfim quanto pode se basteceo»*.

Desprezando porém todo este poderio e embora no convencimento de que impossível seria assaltar aqueles baluartes, assentes em muralhas de tão alto porte, circundadas ainda por uma rede de fossos que maiores dificuldades criaria ao assaltante, os Terceirenses não vacilaram no ousado cometimento, estabelecendo à volta da fortaleza uma linha de trincheiras e redutos que permitissem impedir qualquer tentativa de ataque por parte dos sitiados.

De facto, várias sortidas foram intentadas, sem delas resultarem mais que algumas perdas de vidas, de parte a parte, até que, a 4 de Março de 1642, o governador espanhol D. Álvaro de Viveiros assinou a rendição da Fortaleza que passou a denominar-se, desde então, Castelo de S. João Baptista, em homenagem ao Restaurador de Portugal.

Do rigor com que foram punidos muitos dos nossos, falam eloquentemente, a par dos garroteamentos no *«portão dos carros»* e nas *«Cruzinhas»*, a asfixiante atmosfera que ainda hoje sente quem visita a *«Poterna»* ou as masmorras infectas do *«Corpo da Guarda»*, onde muitos pereceram, abertas a picareta no tufo negro em que assentam as muralhas, espessas de 2,5 metros no remate das canhoneiras e com 15 metros de altura média, acima dos fossos.

No século XVII serviu ainda de presídio a D. Afonso VI, que ali esteve recluso desde 19 de Junho de 1669 a 24 de Agosto de 1674.

No século XIX foi baluarte dos partidários de D. Pedro IV, dele tendo saído a maioria das forças que compunham a expedi-

ção que dos Açores partiu para a tomada do Porto, e que ficou conhecida pela designação de *«os 7.500 bravos do Mindelo»* por ter desembarcado próximo daquela praia

BALUARTES DA CORTINA NORTE, VENDO-SE À DIREITA O CAMINHO COBERTO

e por terem os seus componentes praticado, durante o cerco, actos de bravura que muito os distinguiram.

Na sua *«torre de menagem»* foi içada, pela primeira vez, no dia 19 de Outubro de 1830, a bandeira azul e branca, com as armas reais ao centro, adoptada como bandeira nacional por Decreto da Regência do Reino instalada nesta ilha.

Trazida de Dio, por muitos anos fez parte das bocas de fogo instaladas neste castelo, a famosa *«peça da Malaca»*, de bronze, tendo de comprimento *«27 palmos e nove polegadas e de circunferência na culatra 9 palmos e 9 polegadas»*. Foi encontrada entre o espólio deixado pelos espanhóis, tendo recolhido a Lisboa por mandado de D. José I, e sendo hoje pertença do Museu Militar da capital. Tornou-se célebre pelo grande estrondo produzido ao disparar.

A 21 de Dezembro de 1863, o Castelo de S. João Baptista foi elevado, por decreto à categoria de Praça de Guerra de 1.ª classe.

Nos fins do século XIX, após a brilhante vitória de Mouzinho em África, vieram prisioneiros para o castelo de Angra os régulos Gungunhana, Godide, Zixaxa e Molungo, aqui permanecendo todos até à sua morte.

Na primeira Grande Guerra serviu de campo de concentração dos alemães que residiam em Portugal à data do corte de relações com aquele país.

Na última guerra a sua guarnição foi reforçada, procedendo-se actualmente à construção dum novo aquartelamento.

Recebeu a visita de D. Pedro IV, D. Luís I (quando Príncipe Real), D. Carlos I e D. Amélia, Marechais Gomes da Costa e Óscar Carmona, vários Ministros e altas individualidades nacionais e estrangeiras.

A guarnição primitiva tinha a designação de *«pé de castello»*, abolida por alvará de 2 de Agosto de 1765, que mandou regular o serviço *«como o das praças principais do Reino»*, sendo então criado um Regimento de Artilharia e Infantaria e, pouco depois, o *«Batalhão de Artilharia de Angra»*.

Nos fins de 1823, foi nele aquartelado o *«Batalhão de Caçadores 5»*, até 30 de Julho de 1831, em que foi substituído pelo *«Batalhão de Voluntários da Rainha»*.

Depois da partida do *«Exército Libertador»*, serviu de quartel ao *«Batalhão de Leaes Fusileiros»*, ao *«Regimento Provisório de Infanteria»* e aos de Infantaria n.º 21, 5, 18 e 8, e às Baterias de Artilharia anualmente destacadas dos respectivos Regimentos.

Em 18 de Agosto de 1864 chegou a Angra, a bordo da corveta «Estephania», o Batalhão de Caçadores 10, o qual, após a organização militar de 1899, passou a denominar-se Regimento de Infantaria n.º 25.

Actualmente encontra-se aquartelado no Castelo de S. João Baptista o Batalhão Independente de Infantaria n.º 17.

LOPES DA SILVA
Tenente-Coronel

DOIS BALUARTES DA CORTINA NORTE, VENDO-SE A REDE DE FOSSOS JUNTO À ENTRADA PRINCIPAL

HIPISMO

O MAJOR HENRIQUE CALADO É CAMPEÃO DO C. I. S. M.

A equipa hípica portuguesa chefiada pelo Coronel Marquês do Funchal e constituída pelo Major Henrique Calado e pelos capitães Craveiro Lopes, Neto de Almeida e Sabo, participou no C. H. I. O. de Nice que teve lugar de 30 de Março a 8 de Abril, naquela cidade. Houve-se por forma a honrar as tradições do nosso desporto equestre, pois o Major Calado conquistou

quatro triunfos individuais, entre eles o Grande Prémio do C. I. S. M. que lhe concede o título de Campeão Internacional Militar. Nesta prova, onde se disputou o campeonato do C. I. S. M., este ano integrado no Concurso de Nice, só por manifesta pouca sorte não triunfámos colectivamente, pois a nossa equipa, apesar de não poder contar com dois dos melhores cavalos, que adoeceram, esteve à beira do triunfo.

Outra grande prova foi a Taça das Nações em que ficámos em segundo lugar, atrás da Itália e à frente da França, Irlanda, Holanda e Espanha.

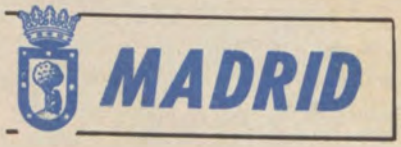
De lamentar o acidente sofrido em pista no primeiro dia do concurso, pelo comandante Martinez, da equipa espanhola, acidente esse de que veio resultar a morte do desditoso cavaleiro.

A EQUIPA NACIONAL GANHA A TAÇA DE OURO

Com a presença da equipa espanhola de que fazia parte o antigo campeão do mundo, Francisco Goyaga, disputou-se, entre 15 e 22 de Maio, o Concurso Internacional.

A equipa militar portuguesa, Major Calado e Capitães Pereira de Almeida, Craveiro Lopes e Sabo, ganhou brilhantemente a Taça de Ouro da Península. Nas restantes provas saíram vencedores: Major Calado (2), Goyoaga (2), Tenente-Coronel Espinosa de los Monteros (2), Capitão P. Almeida, Tenente Lopes Mateus e Cadete Vasco Ramires.

A «Espora de Ouro» do Concurso (prémio destinado ao cavaleiro que totalizou maior número de pontos) e o prémio Coronel Helder Martins foram ganhos pelo Major Calado a quem o Chefe do Estado impôs a Medalha de Ouro de Mérito Desportivo, com que foi agraciado.



O CADETE VASCO RAMIRES VENCEDOR EM DUAS PROVAS

Na capital espanhola, durante a primeira semana de Junho, com a presença de quatro fortes equipas, Alemanha, Espanha, França e Portugal, disputou-se o Concurso Internacional. A nossa representação esteve a cargo duma equipa militar chefiada pelo Ten.-Cor. Reimão Nogueira e constituída por Maj. Calado, Cap. P. de Almeida, Craveiro Lopes e Sabo e Cadete Vasco Ramires. Mais uma vez foi brilhante o comportamento dos nossos cavaleiros. Além de muitas outras classificações, por quatro vezes, em Madrid, a Bandeira das Quinas subiu ao mastro de honra: duas por intermédio do Cadete Ramires que assim teve auspiciosa estreia na equipa nacional, e outras duas pelo Major Calado nas mais importantes provas do concurso — «Taça Generalíssimo» e «Grande Prémio».

TUDO PARA JOGOS E DESPORTOS

CASA SENNA

FUNDADA EM 1834

RUA NOVA DO ALMADA, 48-52 (EM FRENTE DO TRIBUNAL DA BOA-HORA)
TELEFONE 2 34 37 • END TELEG. CASSENNA • LISBOA

CAMPEONATOS DAS FORÇAS ARMADAS

Prosseguindo no cumprimento do calendário das competições desportivas que a Comissão Executiva da Ed. Física das F. A. elaborou para o presente ano, e de acordo com as directrizes estabelecidas pelo Departamento da Defesa Nacional, disputaram-se mais dois campeonatos — **Tiro** e **Futebol** — entre equipas representativas da Armada, Exército e Força Aérea.

TIRO

FURRIEL SUBTIL, CAMPEÃO DO EXÉRCITO E DAS FORÇAS ARMADAS

EXÉRCITO E F. AÉREA IGUALAM-SE EM VITÓRIAS

A organização deste Campeonato esteve a cargo do Exército e disputou-se nos dias 11 e 12 de Maio, no Campo de Tiro da S. da Carregueira, nas modalidades de **Pistola** e **Espingarda** de guerra, entre equipas da Armada, Exército e F. Aérea.

A cerimónia da distribuição dos prémios teve lugar no próprio dia 12 e logo a seguir ao final das provas. A ela presidiu o Sr. General Correia Leal em representação do Sr. Ministro da Defesa Nacional.

Distribuição dos prémios à equipa do Exército vencedora da prova de pistola

ESPINGARDA—(Taça Defesa Nacional) — As equipas eram obrigatòriamente constituídas por 1 of., 1 sarg., 1 cabo e 1 sold.. O Exército esteve representado pelo cap. Ferrand de Almeida (E. P. C.), 2.º sarg. Amaral (C. M. E. F. E. D.), 1.º cabo 1268/E, Serrano (E. P. I.) e sold. 135/58, Santos (R. A. P. 2).

O chefe da equipa da F. Aérea recebe a taça da prova de espingarda

Classificação — Por equipas: 1.ª — F. Aérea (1.462 p.); 2.ª — Exército (1.236 p.) e 3.ª — Armada (928 p.). **Individual:** 1.º cabo C. Dias (F. Aérea); 2.º — Cap. Seixas (F. Aérea); 3.º — 2.º sarg. Sequeira (F. Aérea); 4.º — Cap. F. Almeida (Exército).

Vitória nítida da F. Aérea, colectiva e individual.

PISTOLA (Taça Portugal) — Equipas constituídas por 2 oficiais e 1 sargento. A representação do Exército esteve a cargo do Ten. Bivar (E. P. C.), Ten. M. Vicente (R. I. 4) e Furriel J. Subtil (E. P. A. M.)

Classificação — Por equipas: 1.ª — Exército (922 p.); 2.ª — F. Aérea (914 p.); 3.ª — Armada (868 p.). **Individual:** 1.º — Furriel Subtil (Exército); 2.º — sarg. Simões (F. Aérea); 3.º — 2.º sarg. Oliveira (Armada).

Vitória do Exército, individual e colectiva, depois duma competição disputada quase «taco-a-taco».

O Exército conquistou definitivamente a «Taça Portugal» por ser este o 3.º ano consecutivo em que inscreveu o seu nome.

As equipas do Exército foram seleccionadas no C. de Tiro da S. da Carregueira, sob a orientação técnica do Sr. Cor. Mota Carmo, director daquele Campo.

FUTEBOL

EXÉRCITO, 3-FORÇA AÉREA, 0

No dia 31 de Maio, no Estádio Nacional, disputou-se o Campeonato das Forças Armadas entre as representações do Exército e da Força Aérea. A organização esteve a cargo da Força Aérea que integrou o jogo num festival com a exibição das fanfarras dos 3 ramos das Forças Armadas e da banda da Força Aérea e, no intervalo, curiosas evoluções de um helicóptero.

Uma fase animada junto à baliza de Vital

Alinharam (entre parêntesis indicam-se, por curiosidade, os clubes a que pertencem os militares das duas equipas): pelo **Exército:** Vital (Lusitano); Marta (Académica) e Nunes (Atlético); França (Sporting); Arcanjo (Porto) e Alfredo (Setúbal); Vítor Silva (Belenenses), Hernâni (Porto), Calisto (Beira-Mar), V. Dias (Benfica) e José Pedro (Lusitano) (na 2.ª parte Malta da Silva — Benfica). — Pela **Força Aérea:** Barroca (Benfica); Lino (Sporting) e Jurado (Benfica); Mendes, Morato e Valente (Sporting); José Augusto (Benfica), Mascarenhas (Barreirense), Mendes (Benfica), Abdul (depois Mendes) e Cunha Velho (Belenenses).

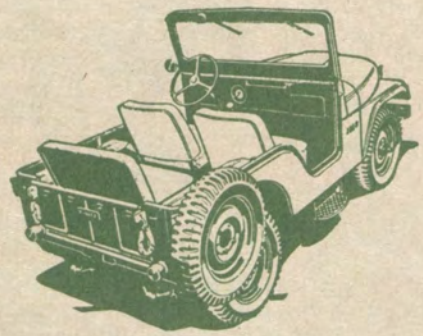
O jogo, muito animado, foi seguido com vivo interesse pela grande assistência que acorreu ao Estádio.

Na tribuna de honra: O Ministro do Exército e Subsecretários da Aeronáutica e da Educação Nacional e muitos Oficiais-Generais.

O Exército ao ataque

Os golos do Exército foram marcados por Calisto (20 m), Hernâni (65 m) e Vieira Dias (85 m). A vitória do Exército foi merecida, pois a equipa superiormente orientada pelo Major Barata do R. A. A. F. onde estagiaram os seleccionados do Exército, foi muito prática a caminhar para a baliza.

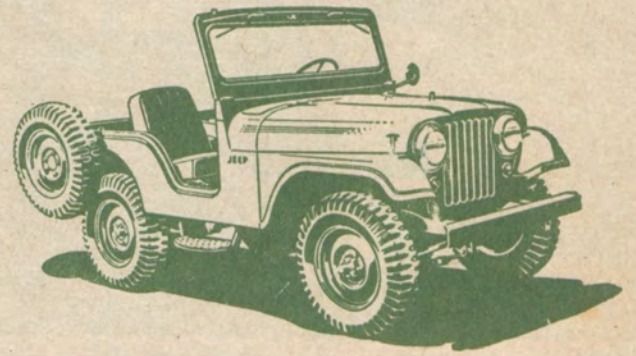
De «penalty», o Exército marca pela segunda vez



'Jeep'®

WILLYS

O Veículo para «todo-terreno» construído em maior número em todo o Mundo, e preferido pelos Serviços Armados devido à sua incomparável resistência e versatilidade de aplicação.



ÚNICOS REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES GERAIS

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, LDA.

(I C A L)

AV. DA LIBERDADE, 35, 1.º-LISBOA

O «MÍSSIL» DOMINANDO O ESPAÇO

Em 1913, na I GUERRA MUNDIAL, surgiu a primeira arma concebida para a luta antiaérea — um pequeno canhão montado a bordo dos submarinos alemães.

Em 1945, após a II GUERRA MUNDIAL, verificou-se que por cada avião abatido se tornara necessário consumir em munições de canhões e de metralhadora um número aproximado a 50.000 tiros!!

As grandes altitudes a que passaram a voar os modernos aviões, bem como as suas elevadas velocidades, obrigaram a concepção de algo mais eficaz que a artilharia antiaérea: **O MÍSSIL ANTIAÉREO** — (superfície-ar).

«NIKE AJAX»
(U. S. Army)
lançado em 1945

900 kg peso
10 m comprim.
56 km alcance
2.400 km/h veloc.
2 andares

Orient. por meio de rádar

«NIKE HERCULES»
(U. S. Army)
lançado em 1958

12,5 m comprim.
120 km alcance
3.500 km/h veloc.
2 andares

Orient. por meio de rádar

«BOMARC»
(U. S. Air Force)

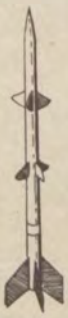
7.500 kg peso
16 m comprim.
400 km alcance
3.000 km/h velo

Orient. por meio d
rádar

«TALOS»
(U. S. Navy)

9 m comprim.
100 km alcance

Orientação inicial por meio de rádar. Na zona do alvo orient. por meio de radiações próprias.



«TERRIER»
(U. S. Navy)

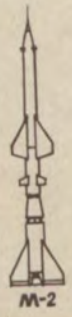
7,5 m comprim.

Orient. por meio de rádar.
Em 1961 será substituído pelo «TARTAR» - idêntico mas 3/4 do comprim.
Orient. inic. p/ rádar e, junto ao alvo, por meio de rad. próprias.

«HAWK»
(U. S. Army)
contra aviões voando baixa altitude

540 kg peso
5 m comprimento
35 km alcance

Orientado por meio de rádar



«M-2»
(U. R. S. S.)

1.800 kg peso
8 m comprim.
25 km alcance
2.500 km/h veloc.
10 kg explosivo de alta potência

Orient. por meio de rádar e infravermelhos

«T-6»
(U. R. S. S.)

1.200 kg peso
6,6 m comprim.
18 km alcance
3.000 km/h veloc.
40 kg explosivo de alta potência
2 andares

Orient. por meio de rádar

«T-8»
(U. R. S. S.)

900 kg peso
2.200 km/h vel
2,5 kg explosiv
de alta potênci

Orient. por meio
raios infravermelh

Estes são os MÍSSEIS SUPERFÍCIE-AR de que se tem conhecimento e, além de aviões, podem alguns também interceptar outros Mísseis tendo sobretudo esse fim, o, por ora secreto, NIKE-ZEUS (USA).

BOM HUMOR NA TROPA

— QUEM TEM CARTA DE PESADOS?
— EU, MEU SARGENTO!
— POIS ENTÃO, AGARRA NESTE CARRINHO DE MÃO E CARREGA COM O LIXO TODO PARA A ESTRUMEIRA!

— NÃO INTERESSA QUE TENHA ESTADO NA CHINA. AQUI, SE NÃO TOCA COMO OS OUTROS SERÁ CASTIGADO!

— ENA PÁ!... ISTO É QUE É «MATERIAL» P'RÓ TIRO!!!

— O QUÊ! QUER MAIS UM ANO DE ADIAMENTO PARA ACABAR OS ESTUDOS?!

O «ZÉ TROPA» NA INSTRUÇÃO

OBJECTOS PERDIDOS

— DESCONFIO QUE SEJA ÁGUA NO CARBURADOR!

SEM LEGENDA

(Adaptação da Revue Militaire — Suíça)

O Coronel acabara de almoçar. A ordenança entregou-lhe um telegrama. O Coronel leu:

«Em vista de se realizarem brevemente as grandes manobras, no próximo sábado, às três horas, irei passar revista ao vosso Regimento».

O Brigadeiro Comandante

Imediatamente o Coronel mandou chamar os Majores do Regimento:

— Meus senhores — explicou o Coronel — acabo de receber, neste instante, um telegrama do nosso Brigadeiro. Vem passar revista ao Regimento, no sábado... no sábado próximo às... às...

O Coronel hesitou um momento. «Eu estou em excelentes relações com o Brigadeiro — pensava. — É evidente que, se ele quiser, pode ajudar-me na minha promoção. Tenho que preparar tudo para que só mereça elogios. Ora eu sei o que são estes oficiaizinhos novatos e sem experiência... São capazes de não ter tudo pronto à hora marcada...»

— Sim... dizia eu — continuou ele — que o nosso Brigadeiro vem passar, revista ao Regimento, sábado... sábado ao meio dia. É preciso que a essa hora, os vossos quatro Batalhões estejam formados na parada do quartel, na máxima força e com o maior aprumo.

Apressadamente retiraram-se os quatro comandantes de Batalhão e logo cada um deles mandou chamar os quatro Capitães das Companhias.

— Meus senhores — declara cada um dos Majores aos seus subordinados — o nosso Coronel acaba de me chamar para prevenir que o nosso Brigadeiro vem passar revista no próximo sábado... sábado às... às...

Cada um dos Majores hesitou um momento:

«O Comandante tem óptima impressão a meu respeito. Ainda a semana passada lhe ouvi alguns elogios... Se ele quiser, pode dar boas informações a meu respeito, para ser promovido a Coronel... É preciso que o Batalhão esteja um brinquinho, mas estes Capitães são ainda muito juvenis... São capazes de não se ralar e... e...» — Bem... então, já sabem — continuou cada um dos comandantes de Batalhão — o nosso Brigadeiro vem cá sábado... sábado... às oito da manhã. É preciso que as vossas Companhias estejam formadas a essa hora em impecável asseio e ordem, na parada do quartel.

Em grande velocidade, os dezasseis Capitães foram para os seus respectivos aquartelamentos. Cada um mandou chamar os Alferes e Tenentes comandantes de Pelotão, e botaram fala:

— Meus senhores — disse cada um dos Capitães aos subalternos sob as suas ordens — venho de estar com o nosso Major que me preveniu de que o nosso Brigadeiro vem passar revista ao Regimento às... às...

Cada um dos Capitães reflectiu alguns segundos: «É preciso manter as boas graças do Major. Foi jantar a minha casa, parece meu amigo, mas tem de ver que eu sou um excelente oficial para poder recomendar a minha promoção. Tenho que preparar tudo para uma revista à altura! O pior são os rapazes, que podem não ligar o suficiente...»

A REVISTA

Adaptação do original
de MAX e ALEX FISCHER

— Dizia eu, então — continuou cada um deles — que o nosso Brigadeiro vem sába... quero dizer na sexta-feira... sexta-feira às quatro da tarde. A essas horas devem os vossos Pelotões estar devidamente uniformizados e em formatura na parada do quartel...

Em acelerado, os trinta e tantos Tenentes e Alferes foram para as suas casernas. Convocaram os Sargentos dos Pelotões, a toda a pressa, e ordenaram:

— Sargentos — dizia cada um deles — o nosso Brigadeiro, oiçam bem, olhem que é um Brigadeiro em pessoa, vem passar revista ao Regimento sexta-feira, às... às...

Cada um deles vacilou uns segundos:

«Nada de brincadeiras com o Capitão! Ele parece simpatizar comigo; para umas licenças ou um bom relatório, é preciso ser-lhe agradável. Temos que apresentar a Companhia aprumada... o pior são estes rapazolas que não têm prática...»

— Eu torno a repetir; o nosso Brigadeiro vem cá às dez horas da manhã, sexta-feira! Os vossos homens têm de estar, com os uniformes de revista e armamento limpos, formados na parada...

Os Sargentos subiram e desceram escadas a correr, e nas casernas gritaram pelos Cabos:

— Abram bem esses ouvidos, e vejam se percebem o que vou dizer. O nosso Brigadeiro, olhem que é ele mesmo em pessoa, vem pessoalmente e não manda ninguém por ele, passar revista à gente, na sexta...»

Cada um dos cento e vinte Sargentos, parou a coçar a cabeça «Agora é que calha botar figura perante o nosso Tenente. Sempre me arranja umas dispensas. É preciso que esta malta se apresente toda catita. O pior é que estes marotos, com a lazeira, são capazes de me deixar ficar mal. Vamos tomar precauções...»

— Silêncio! E tomem bem atenção. Quinta-feira... ouviram... quinta-feira à uma da tarde vem o nosso Brigadeiro... Há revista para todos... toca a reunir na parada...

Os Cabos imediatamente mandaram formar os seus homens:

— Reunião! Toca a aviar! Eh! Seus anjinhos! Ouçam! Vem aí o nosso Brigadeiro, quase o General! Vem passar revista... Quinta-feira... amanhã... amanhã de manhã... às cinco menos um quarto toca a alvorada... é melhor às quatro e meia... Quero todos prontos, todos escovados, armas e correame limpo e engraxado. Quem não estiver na afinação apanha uma talhada... É melhor começarem já a preparar-se... toca a andar... Aviem-se... Despachem-se...

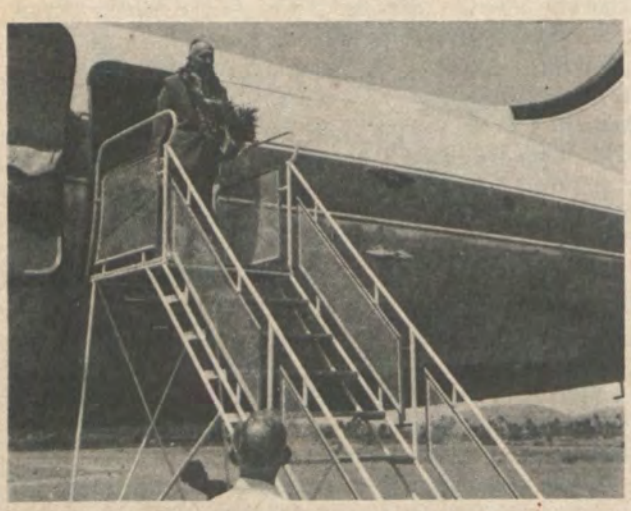
E foi assim que naquele sábado, o Brigadeiro se fartou de praguejar, enquanto passava revista às tropas que estavam formadas na parada do quartel, havia três dias e duas noites, ao sol e à chuva, com as armas e equipamento às costas, e ofereciam um aspecto idêntico ao dos granadeiros de Napoleão na retirada da campanha da Rússia:

— Mas, que tropa fandanga! Com mil raios! É uma vergonha! Parecem maltrapilhos e vadios!!! Nem ar marcial, nem aspecto de guerreiros! Que relaxamento! Não tenho remédio senão comunicar ao nosso General o estado de desleixo dos seus homens, senhor Coronel! Mas que tropa esta! Que falta de aprumo militar!!!

MAIS uma vez tivemos o prazer de ter entre nós o Governador-Geral do Estado da Índia, Brigadeiro Vassalo e Silva.

Esperado no Aeroporto de Damão pelas altas individualidades militares e civis, foi-lhe tributada uma calorosa recepção por parte de uma enorme multidão de damanenses que acorreu ao Aeroporto.

Durante a sua estada em Damão, conferenciou com as entidades militares e visitou as Unidades aquarteladas neste Distrito (Bataria de Artilharia de Évora, Companhia de



Caçadores de S. Miguel e Companhia de Caçadores da Estremadura) tendo palavras de estímulo para todos aqueles

O GOVERNADOR GERAL DO ESTADO DA ÍNDIA EM DAMÃO

REPORTAGEM, FOTOGRAFIAS E DESENHO DOS SOLDADOS N.os 425/57, RIBEIRO E 11/58, MATOS (BATARIA DE ARTILHARIA DE ÉVORA — DAMÃO)

que longe da Mãe-Pátria e dos entes queridos, se encontram em terras de Vasco da Gama, mantendo a soberania

portuguesa no Oriente e honrando as nobres tradições de que os nossos antepassados tantas provas deram.

De regresso a Goa foi acompanhado desde a Ponte Cais de Damão Pequeno, por uma escolta de motociclistas da Polícia, até ao Aeroporto, onde era aguardado pelas entidades militares e civis, bem como pelos chefes das colónias Persa, Corjá, Moura, Hindu, etc., que muito embora

tenham costumes e professem religiões diferentes, se encontram irmanados por uma só vontade: «LEVANTAR BEM ALTO O NOME DE PORTUGAL».

À despedida, colocaram-lhe um colar de flores, assim como ao Governador do Distrito, Sr. Major de Infantaria Garrido Borges.

Estamos certos de que o Sr. Governador Vassalo e Silva levou as melhores recordações de todos os damanenses pelo elevado espírito de portuguesismo de que têm dado provas e que em nada deslustram os versos de Camões:

«E aqueles que por obras [valorosas
Se vão da Lei da morte li- [bertando»

A ORDEM DO EXÉRCITO DIZ...

Condecorações

Medalha de Cobre de Serviços Distintos com Palma: Furriel de Engenharia Manuel Alves e soldado do R. E. 1, Serrenho Prego.

(O. E. n.º 13 — 3.ª Série — 10-5-1960).

Determinações

— As designações abreviadas do Serviço de Reconhecimento das Transmissões são as seguintes:

CHERET — Chefia do Serviço de Reconhecimento das Transmissões.

SRT — Serviço de Reconhecimento das Transmissões.

Estas novas designações deverão substituir a de Chefia do Serviço de Cifra do Exército (CHECIE) em toda a regulamentação publicada.

(O. E. n.º 1 — 1.ª Série — 29-2-1960).

— O julgamento dos processos disciplinares instaurados a militares por condução na via pública de veículos automóveis militares, não estando habilitados com documento comprovativo da sua aptidão, é da competência exclusiva do Ministro do Exército.

(Despacho de S. Ex.ª o Subsecretário de Estado do Exército de 16-1-1960).

(O. E. n.º 1 — 1.ª Série — 29-2-1960).

— As praças com a especialidade de escriturário da classe de 1960 e seguintes, podem ser promovidas a 1.ºs ou 2.ºs cabos logo após a Escola de Recrutas respectiva, ficando com a antiguidade do final da E. R. que tenham frequentado. Na promoção observar-se-á o disposto no § 1.º do art. 123.º do R. G. I. E., tendo em atenção a classificação obtida pelas praças.

Todos os 1.ºs e 2.ºs cabos ou soldados escriturários passam à disponibilidade no posto de 1.º cabo, contando a antiguidade desde a data da E. R. que tenham frequentado, e em caso de mobilização os 2.ºs cabos ou soldados serão promovidos a 1.ºs cabos, contando também a antiguidade da mesma forma.

(Despacho de 14-3-1960, de S. Ex.ª o Ministro do Exército, comunicado nas notas 940/PM, de 16-3-1960 e 1899/PM, de 13-4-1960, da 1.ª Rep. do E. M. E.)

(O. E. n.º 13 — 3.ª Série — 10-5-1960).

Despachos

— São considerados integrados nos Serviços Sociais das F. A., desde 1 de Janeiro do corrente ano, o Cofre de Previdência dos Oficiais do Exército Metropolitano e o Cofre de Previdência dos Sargentos de Terra e Mar, com os seus valores activos e passivos.

(De S. Ex.ª o Ministro da Defesa, de 31-1-1960).

(O. E. n.º 1 — 1.ª Série — 29-2-1960).

Declarações

— Foi extinta a Direcção dos Serviços do Ultramar do M. E.

(O. E. n.º 1 — 1.ª Série — 29-2-1960).

Sargentos ajudantes

— O corpo do art. 66.º do Decreto - Lei n.º 36.304, de 24-5-1947 (Estatuto do Oficial do Exército), passa a ter a seguinte redacção: «Art. 66.º Serão promovidos a alferes para as vagas abertas no quadro do serviço geral do Exército, pela ordem de classificação obtida no respectivo curso da Escola Central de Sargentos, os sargentos-ajudantes que neste posto tenham prestado, pelo menos, seis meses de serviço efectivo com boas informações.»

(Decreto-Lei n.º 42.834, de 8-2-1960).

L. A. F. O. S.

— O Lar Académico de Filhos de Oficiais e o Lar Académico de Filhos de Sargentos, em funcionamento em Oeiras, reunem-se num único estabelecimento, que passará a denominar-se **Lar Académico de Filhos de Oficiais e de Sargentos.**

(Decreto-Lei n.º 42.851, de 17-2-1960).

Direcção do Serviço de Transportes

— É criada com a organização e as atribuições que constam do Decreto-Lei n.º 42564, de 7-10-1959, sendo provida com o pessoal das extintas Inspecção do Serviço Automóvel do Exército, 4.ª Secção da 3.ª Rep. da 2.ª D. G. do M. E. e 3.ª Secção da 4.ª Rep. da mesma D. G. (Portaria n.º 17571, de 3-2-1960).

Majores do Q. S. G. E.

— É regulamentado o disposto no Decreto-Lei n.º 42.314, de 15-6-1959, sobre os programas das provas especiais a prestar pelos capitães do Q. S. G. E. para a promoção ao posto de major.

(Portaria de 12-2-1960).

Caixa Económica das Forças Armadas

— É publicado o seu Regulamento, nos termos da alínea **d)** do art. 15.º do Decreto-Lei n.º 42.072 de 31-12-1958.

(Portaria n.º 17.609 de 26-2-1960).

(O. E. n.º 1 — 1.ª Série — 29-2-1960).

Concursos

— Vai ser aberto **Concurso Ordinário para o posto de Furriel do Q. P. da Arma de Cavalaria,** nos termos do n.º 2 da Port. n.º 15330 de 1955. A abertura do Concurso no Continente e Ilhas Adjacentes, terá lugar no dia 11 de Junho. As declarações dos candidatos devem ser entregues com a prévia antecedência para que dêm entrada na Secretaria da Unidade até ao dia 27 do referido mês. No Ultramar a abertura do concurso será marcada pelos comandos militares.

(O. E. n.º 14 — 3.ª Série — 20-5-1960).

LIVROS RECEBIDOS

AMOR DA PÁTRIA, por A. Pereira da Conceição.

Como contribuição para as comemorações do V Centenário do Infante D. Henrique, publicou o sr. coronel A. Pereira da Conceição, nosso Adido Militar, Naval e Aeronáutico à Embaixada no Brasil, um livro cujas páginas relatam episódios históricos de Portugal e do Brasil.

Este seu admirável livro lê-se com crescente interesse e entusiasmo, encontrando-se nele, em comoventes capítulos, grandes exemplos da nossa História.

De alto sentido patriótico, a sua leitura constitui não só um prazer espiritual, mas também uma grande lição de História, de Moral e de Civismo. É pois um livro que deve ser lido e meditado por todos nós, tendo vindo ocupar um lugar de honra na literatura portuguesa.

●

CAMPANHA DE INTERCAMBIO MILITAR LUSO-BRASILEIRO — Iniciativa da Revista «DEFESA NACIONAL».

Acaba a revista «Defesa Nacional» de ter a iniciativa de editar um livro, destinado a exaltar o valor e o alto significado moral do estreitamento das relações militares Luso-Brasileiras.

Reune notáveis declarações das mais altas individualidades militares de Portugal e do Brasil e está ilustrado com inúmeras fotografias de cerimónias relacionadas com tão patriótica iniciativa.

●

MANUAL DE LEGISLAÇÃO MILITAR — Boletim de Alterações, 1959-1960, pelo Tenente Mário de Figueiredo.

Recebemos este Boletim que permite, com a maior economia de tempo e até à publicação da 10.ª edição do Manual, ter sempre à mão uma sinopse actualizada para a consulta de informações sobre a legislação.

●

REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 6 — Alguns elementos da sua história.

Com um excelente aspecto gráfico e ilustrado com fotografias do seu actual aquartelamento, recebemos do Sr. Comandante do R. I. 6, a obra em epígrafe.

Ao longo das suas páginas são relatados os principais feitos históricos dos 300 anos de existência desta gloriosa Unidade de Infantaria, como preito de homenagem aos que combateram e morreram nas suas fileiras e para exemplo dos seus actuais e futuros soldados.

CONDECORAÇÕES

A Medalha de Serviços Distintos é destinada a galardoar serviços de carácter militar relevantes e extraordinários ou actos notáveis de qualquer natureza, ligados à vida do Exército ou da Armada, de que resulte, em qualquer dos casos, honra e lustre para a Pátria ou para as Instituições Militares do País.

A atribuição de cada uma das medalhas de Ouro, Prata e Cobre de Serviços Distintos é feita de harmonia com o disposto no art. 14.º e seguintes do Regulamento da Medalha Militar.

A posição hierárquica, a natureza das funções desempenhadas pelo militar e a natureza dos serviços prestados são, resumidamente, os elementos de apreciação que determinam a atribuição de cada uma das medalhas referidas. O militar que tiver sido agraciado por duas vezes com a Medalha de Prata de Serviços Distintos e houver adquirido direito a terceira medalha será agraciado com a Medalha de Ouro.

MEDALHA DE SERVIÇOS DISTINTOS

O mesmo acontece relativamente à Medalha de Prata com o militar que tiver sido agraciado, por duas vezes, com a Medalha de Cobre de Serviços Distintos.

Esta última medalha é concedida, exclusivamente, a Sargentos e Praças de pré.

A concessão de cada uma das medalhas referidas depende, ainda, do documento (decreto, portaria, Ordem do Exército ou da Armada, Ordem de Divisão ou equivalente, Ordem de navio ou regimento), que publicar o louvor em que são descritas as acções ou serviços que lhe deram origem e ainda dos termos em que o mesmo for redigido.

O artigo 22.º do Regulamento enumera os serviços que são considerados distintos para efeitos da concessão desta medalha e prescreve que os mesmos deverão ter merecido louvor em Ordem de Divisão, equivalente, ou superior. A Medalha de Serviços Distintos concedida por feitos em campanha contra o inimigo externo terá na fivela e no centro uma palma de prata dourada.

FURRIEL FRANCISCO ALVES

SOLDADO JOÃO PREGO

DOIS BRAVOS DA INDIA CONDECORADOS COM A MEDALHA DE SERVIÇOS DISTINTOS

LOUVORES

MANDA o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, louvar o Furriel de Engenharia n.º 155/ /57/E. P., do R. E. 1, Francisco Manuel Alves porque no Estado da Índia onde prestou serviço em zonas fronteiriças consideradas perigosas e em que deu o melhor do seu esforço e boa vontade, já em vésperas de regressar à Metrópole, — 27 de Novembro de 1957 — quando se encontrava em serviço no mercado de Mapuçá com um Soldado condutor-auto, ao tomar conhecimento de que o trânsito estava interrompido na ponte Moirá, onde os terroristas tinham colocado uma bomba de relógio, espontâneamente se dirigiu àquele local acompanhado do mesmo Soldado e sob o risco de explosão iminente, procedeu ao seu levantamento e neutralização; trabalho de grande risco pela posição em que o traiçoeiro engenho se encontrava, pela impossibilidade de saber o tempo que ainda demoraria para a explosão e pela poderosa carga de cerca de 29 quilos de explosivos.

Com a sua arrojada iniciativa e elevado espírito de abnegação, conseguiu evitar que a ponte fosse destruída e, consequentemente, poder ser normalizado o trânsito, serviços estes que devem ser considerados extraordinários e importantes. (Despacho de 13 de Abril de 1960).

•

MANDA o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, louvar o Soldado condutor-auto n.º 770/55, do R. E. 1, João Manuel Serrenho Prego, porque em 27 de Novembro de 1957, quando se encontrava em serviço no mercado de Mapuçá, onde teve conhecimento que o trânsito estava interrompido na ponte de Moirá, por aí ter sido colocada por terroristas da União Indiana uma bomba de relógio, imediata e espontâneamente ofereceu a sua colaboração ao Furriel sob cujas ordens se encontrava e, embora não fosse da sua especialidade, tomou parte activa nos trabalhos de levantamento e neutralização do engenho, sendo perfeitamente conhecedor do risco iminente que corria, pois o relógio trabalhava e não era possível, pela posição em que se encontrava, saber o tempo que ainda demoraria a dar-se a explosão de cerca de 29 quilos de explosivos. Com a sua decisão procurou e conseguiu evitar que uma ponte fosse destruída.

O seu elevado espírito de abnegação ficou ainda demonstrado quando, na manhã de 6 de Fevereiro de 1958, seguia com mais pessoal do destacamento de engenharia, da Índia, numa viatura, a mesma foi atingida pelo rebentamento duma armadilha posta no caminho Maulinguem-Curchirem e logo em seguida atacada a tiro e por granadas de mão lançadas de engenhos por elementos terroristas vindos da União Indiana e emboscados nas proximidades desta. Apesar de atingido pela onda explosiva nos ouvidos (pelo que teve de baixar ao hospital para tratamento após a ocorrência) sob as ordens do seu chefe de viatura, respondeu, vigorosamente, com fogo da sua arma, contribuindo para manter o inimigo a distância e mais tarde o pôr em fuga pela actuação deste grupo e doutro pessoal que acorreu em auxílio.

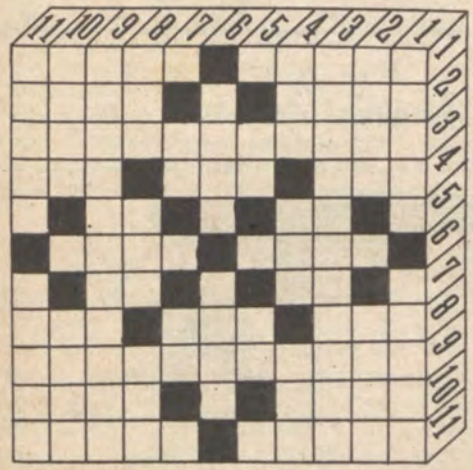
Com a sua decidida coragem prestou serviços que devem ser considerados extraordinários e importantes. (Despacho de 13 de Abril de 1960).

•

POR despacho de 13 de Abril de 1960, nos termos da alínea a) do art.º 18, com referência ao § 2.º do art.º 51 do Regulamento da Medalha Militar, de 28-5-946, foram condecorados com a **Medalha de Cobre de Serviços Distintos com Palma** o Furriel de Engenharia, Francisco Manuel Alves e o Soldado condutor-auto n.º 770/55 João Manuel Serrenho Prego, do Regimento de Engenharia n.º 1.

recreio

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — Mesquinho; venera. 2 — Irmão; ternura. 3 — Talhada a pique. 4 — Torrente; portanto; sofrimento. 5 — Letra grega; despido. 6 — Qualquer; feroz. 7 — Preposição; voz do carneiro. 8 — Amo; perverso; acredita. 9 — Direitos ou vantagens exclusivas. 10 — Pese o continente...; do mesmo modo. 11 — Perfume; ajeitara.

VERTICAIS: 1 — Bemquisera; atrai, empregando meios capciosos. 2 — Tive certo mérito; irritar. 3 — Lugar onde o navio lança âncora. 4 — Gaste; poema; chega. 5 — Dificuldade; notei. 6 — Negro; fileira. 7 — Vagueava; compreende o sentido de. 8 — Óxido de cal; advérbio; variedade de carbonato de cálcio. 9 — Sazonada. 10 — Completo; desgastar. 11 — Peta; pessoa sem actividade.

PROBLEMAS

1 — Dividir 15 escudos por dois pais e dois filhos, de modo que cada pai e cada filho receba cinco escudos.

2 — Tirando 1 a 19, ficam 20. Como?

PASSATEMPOS

HISTÓRIA

Escreva, à frente dos seguintes vocábulos o seu significado, de modo a que as letras centrais dêem o sobrenome de um grande português:

Evidente — — — — —
Floresta — — — — —
Conhecer — — — — —
Desumano — — — — —
Pilhagem — — — — —
Motivo — — — — —
Levanta — — — — —
Quebra — — — — —
Abano — — — — —
Chuvas — — — — —
Rápido — — — — —

Observação: Todos os termos são de 5 letras.

OROGRAFIA

Escreva nomes de serras portuguesas, de modo a preencher os traços onde faltam letras:

— A — — —
B — — — — — —
— E — — — —
M — — — — —
— — — D —
A — — — —
— — P —
Á — — —
— — — T — —
— — — R — — —
— I — —
— A — — — — —

SOLUÇÕES

É BOM OBSERVADOR?

As oito diferenças: 1 — Cavalo da esquerda vai a trote; 2 — Cavalo caído, à esquerda, com a cabeça para a frente; 3 — Cavalo central sem uma orelha; 4 — No mesmo há manta sob o arreio; 5 — Ao fundo há dois cavalos; 6 — Soldado na árvore tem o braço elevado; 7 — Soldado com espingarda na mão; 8 — Cavalo da direita sem peitoral.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1 — Avaro; acata. 2 — Mano; a; amor. 3 — Alcantilada. 4 — Rio; ora; dor. 5 — A; ro; o; nu;

a. 6 — Cada; fero. 7 — C; de; f; me; l. — 8 Aio; vil; cré. 9 — Privilégios. 10 — Taro; a; idem. 11 — Aroma; azara.

PASSATEMPOS

História: Claro — selva — saber — cruel — saque — causa — eleva — parte — leque — águas — breve.

Orografia: Marão — Barroso — Leomil — Marofa — Arada — Arga — Lapa — Aire — Sintra — Estrela — Sicó — Larouco.

PROBLEMAS

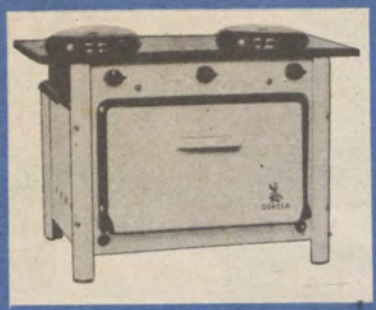
1 — Trata-se de avô, filho e neto.

2 — Escrevendo em romano XIX; tirando o I (I) fica 20.

É BOM OBSERVADOR?

Os dois desenhos diferem em oito pormenores. Veja se os descobre em menos de cinco minutos. Se o conseguir, considere-se OBSERVADOR REGULAR. Se não ultrapassar 3 minutos, então, classifique-se como BOM OBSERVADOR (Ver solução nesta página)

... Alto é p'ra parar!



ODACLA

FORNECEDOR DAS CANTINAS DO EXÉRCITO, G.N.R. e P.S.P.

GAZINA - RUA GENERAL TAROUCA, 91 - TEL. 68 38 55 - LISBOA

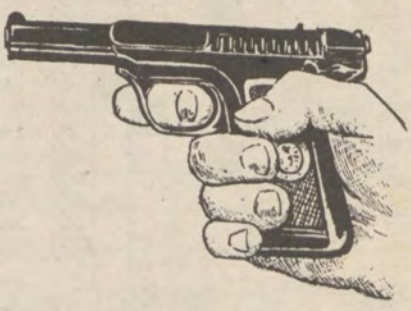
Leia e Responda!

GANHE UM FOGÃO A GÁS

Responda, num POSTAL, às 10 perguntas e envie as respostas para o «Jornal do Exército», Concurso «LEIA E RESPONDA», Rua da Escola Politécnica, 61, Lisboa, até ao dia 31 de Julho.

O prémio do mês de Junho — um fogão a gás da marca ODACLA — será sorteado entre todos os concorrentes que enviem as soluções certas.

Perguntas do mês



1 — A figura mostra a maneira correcta como se deve empunhar uma arma:
Pistola Parabellum, Pistola Savage ou Revólver Abadie?
De que arma se trata?

2 — Qual é o *Santo* patrono do Serviço de Saúde Militar:
Santo António — S. João de Deus ou *S. Jorge?*

3 — Qual foi a *Unidade* que ganhou o Campeonato de Futebol do Exército em 1960 (categoria não filiados)?

4 — Qual é o *posto* do Exército que corresponde ao de *Capitão-de-Fragata* na Marinha?

5 — *Requinta:* É um instrumento musical de sopro, uma ave pernalta do Brasil ou uma ferramenta?

6 — O que equivale na *Artilharia* a um *Batalhão* de *Infantaria?*

7 — Qual é a capital da ilha portuguesa conhecida por *«A Pérola do Atlântico»?*

8 — Em qual das quatro *províncias ultramarinas* portuguesas, não banhadas pelo Oceano Atlântico, não consta ter estado o grande poeta Luís de Camões?

9 — O «31» tem dentro da mala 6 pares de meias pretas e 5 pares de meias brancas. De noite, sem luz, o «31» deseja um par da mesma cor. Qual o menor número de meias que necessita tirar da mala para ter um par igual?

10 — A antiga designação de «Sargento-mor» era dada a um militar de categoria *igual, superior* ou *inferior* à de *capitão?*

O PRÉMIO DE JUNHO

Um fogão ODACLA — será sorteado no dia 31 de Julho entre todos os concorrentes com respostas certas às 10 perguntas do n.º 6.

CAMISARIA VERSAILLES, L.DA

ARTIGOS PARA HOMEM E SENHORA — MODAS CONFECÇÕES NOVIDADES

AV. DA IGREJA, 1-A
RIO DE JANEIRO, 21-B — LISBOA

LIVRARIA HÉLADA

R. Rodrigo da Fonseca, 152 - LISBOA - Tel. 681017
LIVROS DE ESTUDO • MATERIAL DIDÁCTICO
NOVIDADES LITERÁRIAS • JORNAIS E REVISTAS
Atende requisições para qualquer parte do País
CONCEDE O DESCONTO DE 10 % AOS ASSINANTES DO «JORNAL DO EXÉRCITO»

● O prémio de Abril — **UM RÁDIO PHILIPS** — coube, por sorteio entre todos os concorrentes com respostas certas, ao **Furriel Manuel Cordeiro Valente** do **R. I. 2, de Abrantes** — assinante n.º 7.969 do «Jornal do Exército».

Soluções de ABRIL

1 — **9 cm ou 90 mm.**
2 — **Angola.**
3 — **D. Fernando.**
4 — **R. E. 2.**
5 — **1.250 km/h.**
6 — **120 m.**
7 — **D. Francisco de Almeida.**
8 — **Ilha do Fogo.**
9 — **1415.**
10 — **Beira Baixa.**

Charadismo

LOGOGRIFOS

No prosseguimento das nossas lições sobre charadismo, vamos, neste número, indicar a maneira como se decifra esta nova espécie. Trata-se de um problema charadístico dos mais antigos e dos mais curiosos. Pode ser elaborado em verso ou prosa. Vamos apresentar um, em verso.

Dos meus amores tive sempre um *rol*, — 1, 4, 3, 5, 6
escolhendo os da minha simpatia;
Amo as flores, o céu, a luz do Sol,
tudo o que me liberta da *agonia*. — 9, 7, 3, 8, 6

Amo o Berço, essa estância mais *sagrada*, — 3, 9, 7, 5, 6
que me deu a existência sem debates,
para depois, por vezes, em *combates*, — 1, 2, 5, 9, 3
a ter que defender do muito ou nada...

Dos meus amores, há um sem igual!
Está comigo sempre! É *Portugal!*

Vamos decifrar esta produção. Ficamos sabendo que a solução tem 9 letras e é um sinónimo de *Portugal*.

A primeira coisa a fazer é escrever, ordenadamente, os números que entram no logogrifo. O mais elevado é 9. Portanto:

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Posto isto, vamos tentar por partes. Por exemplo, o sinónimo de *combates*. Terá 5 letras no plural. Deverá ser *lutas*. Então, coloquemos na respectiva ordem as letras:

1	2	3	4	5	6	7	8	9
L	U	S		T				A

Vamos experimentar agora outro sinónimo, escolhendo de preferência aquele que possua mais letras comuns. Pode ser o respeitante a *rol*. O que obtemos?

L — ST —

Estamos a ver que se trata de *lista*, sinónimo de *rol*. Então, vamos colocar nos seus lugares mais duas letras, obtendo:

1	2	3	4	5	6	7	8	9
L	U	S	I	T	A			A

De tal modo estamos adiantados, que não necessitamos das outras parciais para achar a solução. Esta tem que ser LUSITÂNIA. Mas podemos confirmá-la, encontrando as duas restantes parciais: agonia — *ânsia;* sagrada — *santa*.

Esta espécie, sendo um pouco mais complexa do que outras, é das mais interessantes.

Devemos observar o seguinte: Na construção de um logogrifo é regra que, pelo menos, metade das letras totais tem que ser repetida. O número de parciais é ilimitado; a sua colocação na prosa ou no verso é indiferente. No exemplo referido, colocámo-las com certa simetria; mas isto não é obrigatório. Também o número de letras de cada parcial é variável, conforme se queira. Também pode ser uma locução o conceito ou a decifração.

Vamos agora a um exemplo, para treino de decifração. Vai em prosa, para economia de espaço:

Os vícios da *corrupção* ou *desmando*, devem ser reprimidos num tom *elevado* e jamais *brando*, mesmo pelo mais simples *subordinado*.

1, 2, 3, 10, 8, 9, 10 — 4, 3, 2, 1, 10 — 4, 5, 6, 10 — 6, 7, 8, 9, 10

Colocámos, como não podia deixar de ser, a numeração no final da frase. O mesmo podíamos ter feito no trabalho em verso. A prática nos fará mestres.

I TORNEIO CHARADÍSTICO

De harmonia com o que já enunciámos, vamos, finalmente, pôr em execução o nosso primeiro torneio charadístico, que constará apenas de decifração.

1 — O torneio constará de 4 etapas, correspondentes a outros tantos números do nosso jornal, tendo início no próximo número.

2 — Após a publicação da última etapa, terão os concorrentes o prazo de 2 meses para elaborarem as suas listas e as fazerem chegar à nossa Redacção.

3 — Os trabalhos a publicar serão respeitantes às espécies de que se fez já a devida explicação de urdidura.

4 — As listas devem ser, de preferência, dactilografadas, colocando-se o número da produção à esquerda e a solução à direita, em coluna vertical. No final da lista deve indicar-se o posto, nome e morada, em letra bem legível, quando for manuscrita.

PRÉMIOS: Serão indicados no próximo número.

Soluções do número anterior

1 — Vida — lida; 2 — Chama — clama; 3 — Ar — ás; 4 — Honra — hora; 5 — Selo — elo; 6 — Sol — solo; 7 — Feira — ira; 8 — Verdade — veda; 9 — Era — entra.

PHILIPS

ALEGRIA
NO LAR IDEAL

RÁDIOS
TELE-RECEPTORES
FRIGORÍFICOS
E INÚMERAS UTILIDADES
ELECTRO-DOMÉSTICAS PHILIPS,
CONTRIBUEM PELA SUA
ELEVADA QUALIDADE PARA
O CONFORTO DO LAR IDEAL

VENDAS EM EXTRAORDINÁRIAS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO NO AGENTE OFICIAL PHILIPS

A BAIXA NAS AVENIDAS

DE FERNANDO DA SILVA «LAIRES»
Av. Duque d'Ávila, 53 – Tel. 4 08 50 – Lisboa

O «Jornal do Exército» responderá às cartas que lhe forem dirigidas pelos seus leitores, sobre assuntos de cultura militar e cultura geral, publicando a pergunta, ou perguntas, e respectivas respostas. Cartas anónimas ou com insuficiência de remetente (nome, posto e Unidade), não serão consideradas. — Não faça perguntas cujas respostas podem ser mais fàcilmente obtidas junto dos seus superiores ou nas secretarias da sua Unidade. — O «Jornal do Exército» terá prazer em lhe ser útil. A secção «Cartas à Redacção» está ao seu dispor.

●

● No «Jornal do Exército» do mês de Abril foram publicadas as soluções do mês de Fevereiro do concurso *«Leia e Responda»*.

Tendo concorrido e enviado as soluções, verifico que não acertei na pergunta n.º 5 a qual, salvo erro, pretendia que se dissesse qual o posto que, durante a 1.ª G. G., tinha atingido o actual Papa.

A minha resposta foi *Tenente*. A resposta correcta, segundo o «Jornal do Exército», é *Sargento*.

Tendo baseado a minha resposta numa informação colhida na revista brasileira «O Cruzeiro» cuja página 30 do número de 15-11-58 envio, solicito esclarecimento deste assunto.

Major LÚCIO AVELINO — Base Aérea 2 — OTA

★ *Embora a nossa intenção, quando fizemos a pergunta, fosse para obter a resposta* «Sargento», *ficámos na dúvida, depois de termos recebido algumas respostas como a sua. Por isso* não **eliminámos** *do sorteio aqueles concorrentes que responderam* «Tenente».

A solução indicada por nós — «Sargento» — *foi a da maioria dos concorrentes, e baseada no seguinte:*

1) Num artigo do «Herald Tribune» de Nova Iorque, condensado no número de Março de 1960 das «Selecções do Reader's Digest» (pág. 34) que transcrevemos na parte que interessa:

«...um dia recebeu um grupo de prelados italianos. Entre eles estava o Bispo Arrigo Pintonello, chefe dos capelães do Exército Italiano, que usava as insígnias de General.

O Papa João seguiu por entre os bispos a fim de que todos lhe pudessem beijar o anel, mas quando chegou ao Bispo Pintonello perfilou-se, fez a continência, e disse: «Sargento Roncalli *às suas ordens, General».*

2) Quando o ano passado (1959), os alunos finalistas do Colégio Militar, de regresso da Índia, visitaram o Papa, Sua Santidade dirigiu-lhes algumas palavras e a todos (alunos e oficiais presentes) contou que também tinha sido militar com o posto de Sargento.

Nas palavras que João XXIII dirigiu ao General Eisenhower, quando o Presidente dos E. U. A. o visitou:

«Presidente, o senhor é um homem com sorte — de General chegou a Presidente da República, mas eu ainda tive mais sorte — de Sargento *cheguei a Papa». (Este episódio vem lembrado no «Diário de Notícias» de 20 de Maio do corrente ano).*

Porém, a dar razão à sua resposta — Tenente — *além do artigo que nos enviou da revista «O Cruzeiro» há ainda, entre outras fontes:*

— Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira — *Volume 39.º, pág. 878*

«João XXIII — Durante a 1.ª G. G., foi o primeiro sacerdote da diocese de Bérgamo a ser mobilizado e, de 1915 a 1918, esteve na frente de combate, primeiro como Sargento-enfermeiro *e depois como* Tenente-capelão.

— Almanaque Bertrand, *1960 (pág. 67):*

«Ao rebentar a 1.ª G. G., Angelo Roncalli foi recrutado e serviu no Exército Italiano, durante um ano, como Sargento, *e, depois, como capelão militar, nos diversos hospitais da frente, já com a patente de* Tenente.

● Onde posso adquirir os seguintes livros: *Regulamento do Serviço Interno* e *Compêndio de Vencimentos*, actualizado?

1.º cabo n.º 281, PEREIRA — PAÇO D'ARCOS

★ *O* Compêndio de Vencimentos *que podemos recomendar é o «Código de Vencimentos» que, de momento, se encontra esgotado.*

Quanto ao **Regulamento** *de Serviço Interno* **supomos** *que se quer referir ao «Guia do Serviço Interno» da autoria do Major Abílio Gonçalves Dias e Cadete de engenharia António Carlos Arnão Metello.*

Pode obtê-lo escrevendo para qualquer das seguintes moradas: Avenida Rio de Janeiro n.º 40 rés-do-chão, direito; Avenida Marquês de Tomar n.º 44, 5.º Dt.º — Lisboa.

FÁBRICA PORTUGAL

prefira
produtos Portugal

material de escritório

EFEMÉRIDES

JUNHO

1 — 1722
Vitória alcançada pelos Portugueses em Colabo (Índia).

5 — 1443
Morre no cativeiro, em Fez, o Infante D. Fernando, filho de D. João I.

7 — 1494
É assinado o Tratado de Tordesilhas.

8 — 1663
O Exército Português, sob o Comando do General Conde de Vila Flor, derrota os espanhóis na Batalha do Ameixial.

10 — 1580
Morre o grande épico Luís de Camões.

15 — 1836
É criada a Escola de Equitação.

17 — 1665
Trava-se a Batalha de Montes Claros que põe termo às Campanhas da Restauração.

18 — 1808
A cidade do Porto revolta-se contra a dominação francesa.

21 — 1813
O Exército Anglo-Luso derrota os franceses na Batalha de Vitória. Dia festivo do R. I. n.º 11 e do B. C. n.º 8.

24 — 1360
Nasce, em Cernache do Bonjardim, D. Nuno Álvares Pereira.

27 — 1706
O General Marquês das Minas entra em Madrid, à testa do Exército Aliado Português e Inglês.

28 — 1880
É estabelecida em Tancos a Escola Regimental Prática de Engenharia, hoje E. P. E.

30 — 1657
D. Afonso VI declara-se Capitão-General do Exército do Alentejo.

DEFENDA A LÍNGUA PÁTRIA

pelo Professor do Colégio Militar PEIXOTO DA FONSECA

CORONEL

Do francês **colonel,** e este do italiano **colonello,** de **colonna,** «tropas em coluna». **Colonna,** como a nossa **COLUNA,** provém do latim **columna-,** com os mesmos sentidos da nossa palavra e, figuradamente, «apoio, protecção». Segundo J. P. Machado, documenta-se **CORONEL,** embora como nome próprio, já no século XV: «...cercou dom Afonso Fernandes **Coronel,** na vila d'Aguilar... e Pero **Coronel,** seu sobrinho...» (Fernão Lopes, **Crónica de D. Pedro,** cap. 16, p. 49, ed. de 1932).

MAJOR

Do latim **maiore-,** pelo francês **majeur,** primitivamente (séc. XII) termo culto de direito, hoje «de maior idade». O nosso **maior** tem o mesmo étimo latino. O francês actual possui ainda **major,** que significa «oficial médico»; o posto correspondente ao nosso **MAJOR** é **commandant.** De **major** há o derivado **MAJORIA.**

ESPINGARDA

Do italiano **spingarda,** e este do francês arcaico **espringarde, espingale, espringale,** originados no frâncico (língua germânica) **springen,** «saltar», ainda hoje existente em alemão. Os termos franceses usaram-se dos séculos XIII ao XIV, e, além de significarem «dança acompanhada de saltos», designavam uma máquina de guerra, pròpriamente uma grande besta de sarilho, montada num carro, e que lançava virotes ou pelouros de chumbo. O vocábulo italiano, que igualmente quer dizer máquina de guerra que lançava grandes pedras para ruir muralhas, também se aplica a uma pequena e curta peça de artilharia. Neste último sentido e ainda no de grossa espingarda muito curta, de cano largo desde o meio até à boca, usada no século XVI, diz-se em francês **espingole,** com a mesma origem. Em português, o vocábulo encontra-se já no séc. XV: «...e trazia muitos tambores e anafis e charamelas e ũa **espingarda** a qual ia tirando ante nós...» (**«Diário da Viagem de Vasco da Gama»,** fl. 41, ed. de 1945).

PISTOLA

Escreve J. P. Machado, no seu **Dic. Etimológico,** acerca do nome desta arma: «Do alemão **pistole** e este do checo **pistal,** «pequena arma de fogo», provàvelmente pelo fr. **pistole** ou pelo esp. **pistola.** O mesmo autor já o documenta no séc. XVII, na **Arte de Furtar,** cap. 18: «ladrões, que furtam metendo espingardas no rostro, desparando **pistolas...».** **PISTOLETA** vem do italiano **pistoletta,** e data do séc. XVII, igualmente. O derivado **PISTOLETE,** do francês **pistolet,** parece ser o mais antigo dos três termos, pois que se lê no **Itinerário,** de Frei Pantaleão de Aveiro, no século XVI: «As armas que levava eram dous **pistoletes...»** (cap. 88, p. 481, ed. de 1721).

NOTICIÁRIO

EM visita oficial de amizade e cortesia, deslocou-se a Portugal, no passado mês de Maio, o Presidente dos E. U. A., General DWIGHT EISENHOWER.

O Supremo Magistrado da grande Nação do Novo Mundo, que já visitara Portugal em 1951 quando, como famoso cabo de guerra, esteve investido nas altas funções de comandante supremo da NATO, afirmou acerca da sua estada entre nós: «Foi um dia maravilhoso o de hoje. Após as decepções resultantes do insucesso dos nossos esforços para levar a bom termo uma conferência de Alto Nível, o acolhimento que me dispensaram na minha visita a Portugal constitui um verdadeiro antídoto».

Durante a sua permanência entre nós, o Presidente Eisenhower

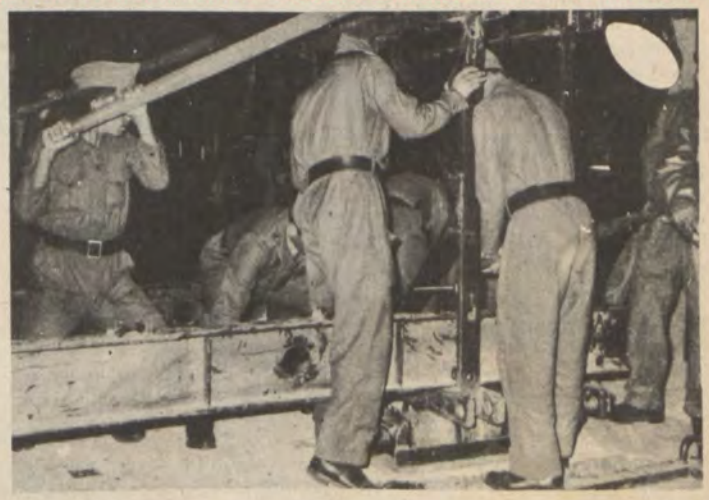
foi alvo de duas manifestações grandiosas: a do povo português, que, no momento de crise que o Mundo passava, soube compreender o verdadeiro significado da sua honrosa presença, imprimindo às cerimónias da recepção e despedida àquele paladino da Paz, um cunho de vibrante entusiasmo e a das Forças Armadas que mereceram do ilustre visitante as seguintes referências:

«Gostaria que V. Ex.ª me permitisse exteriorizar os meus especiais agradecimentos às Forças Armadas de Portugal pela esplêndida cerimónia da chegada, e esta da partida. Posso afirmar com toda a sinceridade que das centenas de cerimónias desta natureza a que tenho assistido, nunca presenciei uma que fosse superior a estas que, aqui, me foram feitas em Portugal.»

A ENGENHARIA MILITAR, no prosseguimento de uma política posta em prática nos últimos tempos, pelo Ministério do Exército, de estreita colaboração com o Ministério das Obras Públicas na execução de trabalhos de incontestável interesse geral, procedeu à montagem no Rossio de dois passadiços «BAILEY» que permitem a continuação do trânsito de viaturas durante o prosseguimento das obras de escavação necessárias ao Metropolitano de Lisboa.

É certo que nos últimos anos foram pedidos à Engenharia Militar alguns trabalhos de relevo, como sejam os da construção do Campo de Instrução Militar de Santa Margarida, e de numerosos aquartelamentos na Índia e noutras Províncias Ultramarinas.

Contudo, o emprego de Companhias de Construção de Engenharia, em obras de interesse público, constituíndo verdadeiras Unidades de trabalho e levando a cabo tarefas de fomento, em proveito directo das populações, reatando uma antiga tradição da Arma de Engenharia, só foi, na verdade, realizado nos últimos meses, com as obras de defesa da Costa da Caparica, de destruições impostas pela construção da Ponte da Arrábida, no Porto, de alargamento do porto de Lagos e há dias com o «lançamento» dos passadiços na Praça de D. Pedro IV.



Trabalhando por Unidades constituídas, enquadradas por pessoal técnico especializado e utilizando o moderno equipamento com que se acha dotada, permitiu evitar à população maiores incómodos, dada a rapidez das operações de montagem dos passadiços que garantem a circulação normal não só de viaturas ligeiras, mas também das pesadas, hoje utilizadas nos transportes colectivos da Capital.

Estas obras saem da rotina da nossa vida diária e por isso o assinalamos nas nossas colunas.

Está arreigada no espírito do M. E. uma cada vez mais íntima e estreita colaboração entre a Engenharia Militar e as Obras Públicas, colaboração essa que visará em especial o Ultramar onde a Engenharia Militar poderá intervir no planeamento e execução de uma gama apreciável de trabalhos tais como: estradas, caminhos e pontes, pistas e aeródromos e quaisquer outros empreendimentos de reconhecida utilidade para a Nação.

OS CAÇADORES ESPECIAIS juraram Bandeira, no passado dia 4, na presença dos Ministros e Subsecretário de Estado do Exército, Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina e altas patentes do Exército. Na parada do Quartel do B. C. 5 formaram as quatro Companhias de Caçadores Especiais envergando o seu novo uniforme de campanha, confeccionado de fazenda de tons variegados e boina castanha.

Proferiu uma patriótica alocução, o comandante do Batalhão, Sr. Tenente-Coronel Pinto Soares.

Em seguida, os membros do Governo presentes entregaram os Guiões às três Companhias que vão prestar serviço na Província de Angola.

• No dia 6, ao embarque desta Força Expedicionária, assistiram os Srs. Ministro e Subsecretário do Exército, oficiais-generais, além de outros oficiais e famílias dos expedicionários.

Perante a formatura, momentos antes do embarque, o Sr. Coronel Almeida Fernandes dirigindo-se aos soldados que iam partir para terras portuguesas de além-mar, afirmou:

«Repete-se hoje aqui, neste local, um acto idêntico a tantos outros a que os portugueses têm assistido, número incontável de vezes, através da história, neste maravilhoso cenário do Tejo».

Prosseguindo, disse:

«Ides, repito, no cumprimento de uma elevada missão.

Na vossa preparação como soldados, foi dada particular atenção, quase ainda mais do que ao uso das técnicas pròpriamente militares, a tudo o que respeita ao aperfeiçoamento das vossas capacidades como elementos construtivos de civilização, prontos a dar valiosa colaboração nas actividades relacionadas com o desenvolvimento e o progresso dos territórios nacionais onde tivésseis de servir».

A concluir:

«Tenho a certeza de que os princípios de conduta, o heroísmo, a firme determinação e a larga generosidade que caracterizaram o esforço dos portugueses de antanho, estão fortemente arreigados no mais fundo das vossas almas e da vossa vontade.

O Ministro do Exército, em seu nome, e no do Sr. Subsecretário de Estado, e em nome dos vossos chefes e camaradas, deseja-vos boa viagem e as maiores felicidades na missão que ides desempenhar nas terras sagradas de Angola».

O INSTITUTO TÉCNICO MILITAR DOS PUPILOS DO EXÉRCITO comemorou no dia 25 de Maio o 49.º aniversário da sua fundação.

Assinalando esta data, o Batalhão Escolar, constituído por cerca de 400 alunos, desfilou pela Avenida da Liberdade e dirigiu-se para a Sé Patriarcal onde foi celebrada missa de sufrágio pela alma dos oficiais, alunos e outro pessoal que prestou serviço no Instituto. Assistiram à cerimónia religiosa o Sr. Ministro do Exército, Oficiais Generais, Adido Militar espanhol, etc.

Antes do desfile, os Srs. Coronel Ferreira Gonçalves e Major Brito Subtil, respectivamente Director e Subdirector do Instituto, depuseram uma palma junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

CERNACHE DO BONJARDIM, viveu os seus dias mais gloriosos inaugurando solenemente as Comemorações do Centenário do Santo Condestável.

Há seis séculos, no dia 24 de Junho de 1360, nasceu no Castelo Bonjardim daquela vila, D. Nuno Álvares Pereira, cujas relíquias foram agora depositadas na sua igreja Matriz.

As cerimónias ali realizadas que se revestiram de significado nacional, culminaram no dia 5 com a presença do Chefe do Estado, Cardeal Patriarca de Lisboa e vários membros do Governo.

BRASIL

• A BIBLIOTECA DO EXÉRCITO em colaboração com o Serviço Geográfico do Exército promoveu no Clube Militar uma exposição cartográfica e bibliográfica integrada nas Comemorações Henriquinas. No acto inaugural, que teve lugar no dia 9 do corrente, pronunciou uma conferência o Adido Militar de Portugal Sr. Coronel Pereira da Conceição que foi saudado pelo Sr. Major Arivaldo Fontes.

• DA FUNDAÇÃO OSÓRIO recebemos o n.º 6 de «O Nosso Jornalzinho». Neste número as alunas deste Estabelecimento de Ensino do Rio de Janeiro, fazem simpáticas referências à sua recente visita a Portugal.

(Continua na pág. seguinte)

NOTICIÁRIO

(Continuação da pág. anterior)

FALECEU o General Manuel Lopes Pires. Faleceu um homem impoluto, um Chefe de Família exemplar e devotado, um Militar de gema, um prestimoso e honrado português.

Como Homem, que era antes do mais, o General Manuel Lopes Pires, no quotidiano da ressaca da Vida, punha ao serviço dos outros toda a generosidade de que era potencialmente capaz, com consciência plena e alto sentido de humanidade, sem demissões no rigoroso cumprimento do seu dever. Como chefe de Família, raras vezes se assistirá a exemplo tão vivo de conjugação da ternura com a dignidade austera e respeitosa.

Como militar, podemos todos testemunhar a sua perfeita lealdade, o sentido exacto das responsabilidades que nobre e espontaneamente assumia sempre, a sua firmeza de carácter, temperada por uma bondade e afabilidade extremas e a meticulosidade com que punha, face aos problemas que tinha de resolver a sua brilhante inteligência e a sua inesgotável capacidade de trabalho. Como português era bem evidente o seu equilíbrio, a sua visão ajustada, o seu repúdio por tudo o que representasse violência ou deflagração de paixões recalcadas. Com a sua morte perde a Nação um devotado Servidor, perde o Exército um expoente de límpida qualificação e perde o «Jornal do Exército» um Amigo e Conselheiro de todas as horas.

Paz à sua alma.

À família enlutada apresenta o «Jornal do Exército» sentidas condolências.

Açores

A cidade de Ponta Delgada viveu com profunda fé as cerimónias das Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Na procissão em que a comparticipação militar é já tradição que remonta ao século XVI quando S. Sebastião era ainda o patrono da Cidade, incorporaram-se, além do Governador Militar, representações de Oficiais de todas as Unidades, a Banda de Música do Q. G., uma Companhia do B. I. I. 18 e uma Bataria do G. A. G.

A passagem do andor frente ao Q. G., no Forte de S. Brás, foi saudada com uma salva de 14 tiros enquanto, nas muralhas, eram hasteadas as bandeiras Nacional, Henriquinas, de D. João I e da Fundação.

FESTAS DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES

Madeira

— No mês passado teve lugar no B. I. I. 19 a cerimónia da «Apresentação da Bandeira», aos recrutas da Unidade.

— No dia 23 de Maio chegou ao Funchal uma Missão presidida pelo Sr. General José Esquível, da qual fazem parte os Srs. Coronel Freitas Soares, Major Vicente Pessoa Cardoso e Capitão Soares Ogando.

ULTRAMAR

Moçambique

Com destino a Macau, seguiu no «Niassa» um contingente do R. I. da Beira, bem como especialistas do G. A. C. do mesmo Comando Militar. Assistiu ao embarque o Governador do Distrito, Sr. Coronel Macedo Pinto, que estava acompanhado dos srs. Ten.-Coronéis Mendes Correia e Guapo de Almeida e Majores Milreu e Graça.

●

Regressou da Índia um contingente da Guarnição Militar da Beira. Após o desembarque, a força militar desfilou em continência junto ao Monumento a Caldas Xavier onde se encontrava o Comandante Militar da Beira, Sr. Ten.Coronel Mendes Correia, acompanhado de numerosas personalidades civis e militares.

●

Tomou posse do cargo de Comandante do Corpo de Polícia de Moçambique, o sr. Major Aires de Abreu.

●

A guarnição militar de Nampula prestou homenagem às tropas Expedicionárias regressadas da Índia.

A cerimónia constou de formatura geral frente ao monumento a Neutel de Abreu, continência às Bandeiras das Unidades Expedicionárias e desfile.

Comandou o contingente em parada, o sr. Major Duarte Silva.

Índia

A Companhia de S. Miguel, aquartelada em Damão, comemorou com grande solenidade a Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

À cerimónia que se desenrolou durante os dias 21 e 22 de Maio assistiu o Governador de Damão, Sr. Major Garrido Borges bem como todas as altas individualidades civis e militares da Cidade.

O Dia de Portugal foi celebrado com grande brilho. Com a presença do Sr. Brigadeiro Vassalo e Silva, Governador da Índia Portuguesa, Ten.-Coronel do C. E. M. Marques de Andrade e altas individualidades realizaram-se no dia 10, solenes comemorações.

Além de uma festa desportiva levada a efeito pela Mocidade Portuguesa, efectuou-se uma sessão solene na Sala dos Vice-Reis e procedeu-se à inauguração da estátua de Luís de Camões no solo sagrado de Velha Goa.

Macau

Assumiu as funções de Chefe do E. M. do Comando Militar de Macau, o Sr. Ten.-Coronel do C. E. M. Rogério Castro Nascimento.

PEQUENAS NOTÍCIAS

— O R. I. 8 prestou significativa homenagem ao Sr. Capitão Rui Vasques de Mendonça que deixou a Unidade para ir exercer as funções de Comandante da P. S. P. de Braga.

— No R. I. 10 realizou-se no passado dia 12 de Maio a cerimónia da apresentação da Bandeira aos novos soldados recrutas.

— Comemora-se no dia 26 do corrente, no Regimento de Infantaria n.º 7, o «Dia da Unidade».

—Em diversos Comandos Distritais da Legião Portuguesa efectuou-se no passado dia 29 de Maio, o Juramento de Bandeira dos novos recrutas legionários.

— Encontram-se em activo período de instrução 300 novas praças da Guarda Fiscal, ex-furriéis, cabos e soldados do Exército, que serão especialmente treinados na condução de lanchas, motocicletas e auto-ligeiros destinados a constituir brigadas móveis de patrulha permanente da orla marítima.

— Os Serviços Sociais das Forças Armadas vão celebrar contrato para a construção de cinco blocos de habitações, no Alfeite, com 24 fogos cada e destinadas a Sargentos e Praças.

— Assumiu o comando do R. I. 4, o Sr. Coronel do C. E. M. Jorge da Fonseca.

PÁGINA DO SOLDADO

Luís de Camões

Acerca da vida do nosso poeta — LUÍS DE CAMÕES — há poucos factos documentados.

Não se sabe com precisão onde nasceu nem em que ano (em 1553 era mancebo). No entanto, com tradições e conjecturas, as lacunas da sua vida são preenchidas e a sua biografia surge mais ou menos envolvida em lenda.

Por meados do século XVI, Coimbra era o paraíso da gente nova. Luís de Camões destacava-se dos camaradas e fàcilmente cativava as atenções das tricanas que o escutavam enlevadas, com o improviso das suas trovas.

Mas Camões sonhava partir, trocar Coimbra pela capital, pelo esplendor da corte onde queria ver brilhar a sua glória de poeta. Já em Lisboa, Camões bem depressa granjeou amigos entre os nobres. Na corte, aos serões, recitava versos sublimes dirigidos a nobre dama, cujo nome não revelava. Essa paixão foi, talvez, a perdição de Camões. Quiseram afastá-lo da corte e desterraram-no.

Mais tarde partiu para África, onde serviu como soldado.

Em África, a moirama assaltava frequentemente as nossas praças e obrigava os Portugueses a lutas encarniçadas. Camões combatia valorosamente. Num combate é ferido e perde um dos olhos.

Resolveu voltar a Lisboa. Um dia travou-se de razões com um moço da Casa Real e feriu-o à espadeirada. Apanhado pelos guardas, foi encerrado na prisão, sendo solto por carta de perdão de 7 de Março de 1563.

O Oriente era uma fascinação... e assim, é que nos fins do mesmo mês e ano, embarcou para a Índia, na Armada de Fernão Álvares Cabral. Segundo reza a tradição Camões, mais tarde, foi nomeado para um cargo em Macau. Foi aí que se apaixonou por uma chinesa e que, no sossego duma gruta, escreveu a epopeia que o imortalizou — «Os Luziadas».

Recebendo ordem para regressar a Goa, fê-lo numa pequena caravela, que naufragou, assolada por forte tempestade. A muito custo conseguiu salvar-se, livrando das águas a sua obra.

Finalmente, regressou à Pátria. O seu grande poema, dedicado a D. Sebastião, foi publicado no começo de Julho de 1572, tendo recebido o egrégio poeta a módica «tença» de 15 mil reais por ano (o avaliado em meia dúzia de contos actuais). Segundo a lenda, o nosso grande épico veio a morrer em Lisboa, num prédio para os lados do Convento de Sant'Ana.

O SOLDADO «CALINO»

ESCREVE, num postal dirigido a **Jornal do Exército**, «Página do Soldado», Rua da Escola Politécnica, 61 — Lisboa, quais os cinco principais defeitos que notas no atavio do Cabo representado no desenho.

As praças autoras das quatro melhores respostas serão contempladas com: 1 assinatura anual do **Jornal do Exército** e 1 cheque brinde, que permite adquirir artigos de uso pessoal no valor de cem escudos.

IMPORTANTE — Os postais devem dar entrada na Redacção até ao dia 31 de Julho.

responde a este novo concurso

2 razões que justificam as suas preocupações de segurança

Um pneu que assegura a sua tranquilidade na estrada

Pneus MABOR GENERAL

— vão longe para fazer amigos

VISITE O SEU AGENTE MABOR

Vista Alegre

Uma tradição no FABRICO DE PORCELANAS

R. IVENS 19, • LISBOA
R. CÂNDIDO DOS REIS, 18 • PORTO

CASA PORTUGUESA

A CASA QUE IMPRIME O «JORNAL DO EXÉRCITO»

ARTES GRÁFICAS

RUA DAS GÁVEAS, 109 • TELEFS. 26108 / 27817 / 32286 • LISBOA

GRANADEIRO

1721

SOLDADO PORTADOR E LANÇADOR DE GRANADAS

Os granadeiros apareceram em França, em 1667. Eram soldados escolhidos, destros, robustos e valentes que instruídos no arremesso de granadas, na guerra de trincheiras de ataque e defesa de praças se lançavam ao assalto às fortificações.

O seu fardamento era constituído por uma barretina de pele, colete, casaco largo e comprido, calção, meias e sapatos. Como armamento possuíam, além de 12 a 15 granadas de dotação, uma espingarda de pederneira, baioneta e espada. Além do morrão que servia para acender a granada, transportavam a tiracolo uma bolsa de coiro onde se guardavam as granadas.

Em 1670 em cada Batalhão de Infantaria já existia uma Companhia de Granadeiros.

Entre nós, a tradição da Companhia de Granadeiros, tomada em especial no seu sentido honorífico e de escolha, manteve-se no Exército até à reorganização de 1884. Como unidade ou corpo independente, só tivemos o Regimento de Granadeiros da Rainha, no tempo de D. Maria II.

OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO

Abastecedora das Forças Armadas

LISBOA — CAMPO DE SANTA CLARA
PORTO — RUA DA BOAVISTA

Secção Comercial: vendas a pronto pagamento e a prestações de artigos de vestuário e de utilidade doméstica. Oficinas de Alfaiataria e fábrica de calçado

MANUTENÇÃO MILITAR

Fundada em 1897

com fábricas de

massas

pão

torrefacção

moagem

bolachas

Sede em Lisboa (Beato). Sucursais em Caxias, Coimbra, Elvas, Entroncamento, Évora, Guarda, Porto, Régua e Viseu. Messes de Oficiais em Lisboa, Porto e Caxias

Órgão abastecedor das Forças Armadas em víveres, forragens, combustíveis e lubrificantes.

Gomes & Rodrigues, L.da

LIVRARIAS — ENCADERNAÇÃO
PAPELARIAS — OFICINAS GRÁFICAS
PAUTAÇÃO — ARTIGOS DE ESCRITÓRIO

IMPRESSOS MILITARES

LARGO DE D. ESTEFÂNIA, 17 A 22 • RUA ENG.° VIEIRA DA SILVA, 12-A E 12-B • TEL. P.P.C. 4 91 61/65 • LISBOA
SECÇÃO MILITAR: RUA ALEXANDRE BRAGA, 26-A • TEL. EXTENSÃO 16 • LISBOA

A mais antiga Empresa Armadora Portuguesa nas Carreiras de

ÁFRICA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

RUA DO COMÉRCIO, 85 – LISBOA

LIGA PORTUGAL ÀS SUAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS DE ÁFRICA E DO ORIENTE

CONFORTO E RAPIDEZ

A BASE DA ALIMENTAÇÃO RACIONAL

RAÇÕES E CONCENTRADOS PARA PORCOS, BOVINOS E AVES

PROVIMI merece a vossa confiança

PROVIMI PORTUGUESA – Concentrados para a Alimentação de Animais, Lda.

Rua do Machado, 47 — Carnide – LISBOA

DC-8C

A recente inclusão do DC-8C na já famosa frota da Pan Am dos Clippers* a Jacto 707 intercontinental confirma uma tradição da Pan American em ser a primeira a apresentar o que há de mais moderno e de melhor em equipamento e serviço. A linha aérea de maior experiência oferece-lhe agora serviços a Jacto entre 5 continentes.

Este é o DC-8C da Pan American: o maior, mais moderno avião a Jacto e de maior raio de acção, da fábrica Douglas, com uma autonomia de 1.000 milhas superior à de qualquer outro DC-8.

PAN AM

* Marca registada da Pan American World Airways, Inc.